

KATY REGNERY

O Silencioso Canto da Sereia

Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM A PEQUENA SEREIA



bezz
EDITORIA



KATY REGNERY

*O Silencioso
Canto da Sereia*

Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM A PEQUENA SEREIA

Copyright © 2017 Katharine Gilliam Regnery

Copyright © 2017 Editora Bezz

Título original: *Don't Speak*

Tradução: Bianca Carvalho

Revisão Final: Vânia Nunes

Diagramação e capa: Denis Lenzi

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações - exceto no caso de trechos breves ou citações incorporadas em revisão ou escritos críticos, sem a permissão expressa do autor e editora.

Os personagens e eventos deste livro são fictícios ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência e não pretendida pelo autor.

Regnery, Katy

O Silencioso Canto da Sereia (Contos de Fada Modernos)/ Katy Regnery;

Tradução: Bianca Carvalho. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2017.

ISBN -

1. Romance estrangeiro. 2. Ficção 3. Erotismo. I. Carvalho, Bianca II. Título III. Série

----- CONTEÚDO ADULTO -----

Aviso sobre a tradução: algumas expressões e piadas são quase impossíveis de serem traduzidas *ipsis litteris* para o Português. Portanto, a tradução foi feita para manter a expressão/sentença o mais próximo possível do idioma original.

Índice

PRIMEIRA PARTE

Capítulo1

Capítulo2

Capítulo3

Capítulo4

Capítulo5

Capítulo6

Capítulo7

Capítulo8

Capítulo9

Capítulo10

Capítulo11

Capítulo12

Capítulo13

Capítulo14

Capítulo15

Capítulo16

INTERLÚDIO

SEGUNDA PARTE

A tempestade pós-natal atinge OBX

Capítulo17

Capítulo18

Capítulo19

Capítulo20

Capítulo21

Capítulo22

Capítulo23

Capítulo24

Capítulo25

EPÍLOGO

CARTA PARA MEUS LEITORES

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

NOTAS

PRIMEIRA PARTE



Capítulo 1

— Fique quieta ou vou acabar te furando outra vez.

Com três alfinetes presos entre os lábios, Laire entortava as palavras, mas sua irmã mais velha, Kyrstin, entendeu o significado e parou de mexer.

— Você é tão desagradável quando está trabalhando.

Laire encolheu os ombros, puxando um alfinete de sua boca e segurando a bairha que tinha apenas dobrado. O cetim branco estava escorregadio sob seus dedos ágeis, mas os alfinetes o mantinham no lugar.

— Laire, quando você vai fazer algo bonito para mim? — perguntou Isalde, a outra irmã de Laire que, grávida de quarenta e uma semanas, sentava-se como uma baleia encalhada no sofá de seu pai, folheando uma revista de casamento.

Laire virou-se para Isalde, olhando secamente para sua barriga antes de erguer os olhos para o rosto de sua irmã, com uma expressão muito própria.

— Quando o Junior finalmente nascer.

— Estou cansada de estar grávida — disse Isolde, virando uma página.
— Quero ficar gostosa novamente.

Kyrstin olhou para Laire, e ambas riram suavemente, provocando um olhar repreendedor em Isolde.

— Espere só, Kyrstin — disse ela, jogando a revista na mesa de café, que foi improvisada de uma antiga armadilha para caranguejos de madeira com um pedaço de vidro oval colocado no topo. — Eu aposto que Remy vai engravidá-la em um mês.

— De jeito nenhum — disse Kyrstin, afofando as mangas que Laire copiou de uma das dezenas de revistas que elas compraram no Walmart de Jacksonville há dois meses. — Sem ofensa, mas eu sou mais esperta do que isso, Issy. Estou tomando anticoncepcional. Ainda não estou pronta para ser mãe. De jeito nenhum.

— Humph — grunhiu Isolde, sentando-se e colocando as mãos nos joelhos. — Então você será uma mãe velha, com seios flácidos. Acho que você não vai gostar disso.

— Falando em seios — disse Laire, levantando-se para verificar a linha do busto do vestido branco. — Os seus cresceram um número desde o mês passado?

Kyrstin estreitou os olhos.

— Planejar um casamento é estressante. A mãe de Remy é uma bruxa, e todos sabem disso.

— Isso é o que você ganha por se casar com um forasteiro — disse Isolde, levantando-se do sofá com um suspiro. — Tem o chá de papai, Laire?

— Na geladeira — disse Laire, arrancando um alfinete de uma almofada de pelúcia que ela encontrou na cesta de costura abandonada de sua mãe. Ela gostava de se lembrar da mãe que havia morrido há dez anos, quando Laire tinha apenas oito. Segurando a almofada em suas mãos, enquanto também segurava o

traje de Halloween de Laire, lembrou-se do que ela dizia: *Você vai ser a mais linda sereia que Corey Island já viu, Pequena Laire*. Ela piscou, contendo algumas lágrimas e gritou por cima do ombro para a irmã mais velha: — Não beba tudo. Papai vai chegar em casa cansado.

Kyrstin puxou o corpete do vestido, enquanto Isolde marchava em direção à cozinha.

— Não é justo chamar Remy de forasteiro. Ele já mora aqui há dez anos ou mais.

Laire riu suavemente, balançando a cabeça. Qualquer um que não tivesse vivido em Corey por mais de três ou quatro gerações provavelmente seria chamado de forasteiro, e sua irmã sabia disso.

— Deixa para lá, Issy — disse Laire, que amava suas irmãs apesar das constantes brigas. — Ela só está cheia de hormônios agora.

— Por favor, Senhor, faça com que o bebê nasça logo.

— Ela vai amanhã — disse Laire. Ela tentou deslizar dois dedos por dentro do corpete, mas estava muito apertado contra a pele da sua irmã. — Você quer que eu alargue ou quer perder alguns quilos antes de julho?

— Só temos três semanas até o casamento — criticou Kyrstin. — Melhor alargar.

Laire assentiu.

— Tire, então. Não vou conseguir ajeitá-lo sem te machucar, e não teremos tempo para conseguir mais tecido se você manchá-lo.

Kyrstin bufou suavemente, descendo do caixote de leite no qual ela estava no centro da sala de estar da casa do pai. Pouco antes de sair, ela se virou para olhar sua irmãzinha.

— É um lindo vestido, Laire. De princesa. Você fez um bom trabalho. Mama... — Sua voz falhou, mas ela pigarreou para encontrá-lo novamente. — Ficaria muito orgulhosa.

As lágrimas contra as quais Laire tinha acabado de lutar voltaram vingativas, então, ela revirou os olhos, grata pela bondade de sua irmã.

— Você acha?

— *Eu sei que sim* — disse Kyrstin com um sorriso triste. — Volto já.

Laire a observou sair, inclinando-se para pegar o caixote e colocá-lo no armário ao lado da porta da frente. As pegadas de areia e sal sob seus pés descalços lembraram-lhe que ainda precisava aspirar a casa antes que seu pai voltasse de um longo dia de pesca. Tirou, portanto, o velho Electrolux do armário e arrastou o fio enrolado até a tomada, encaixando-o. Encaixou o bico na mangueira e ligou-o, empurrando-o para frente e para trás sobre o tapete desgastado e desbotado, enquanto ponderava se Remy e sua família ainda deveriam ser chamados de forasteiros, embora já morassem na ilha há mais de uma década.

Sendo da décima geração de Corey Island, Laire Cornish era uma das “veteranas” da cidade, como eles costumavam chamar, e ela tinha o sotaque para provar. Sua mãe, que tinha feito algumas aulas de turismo na Faculdade Comunitária, certificara-se de que suas garotas estivessem cientes da pronúncia carregada de sua fala e tomassem cuidado para mitigá-la em seus discursos com forasteiros. Ilhas como Corey, Harkers e Ocracoke, nos Outer Banks da Carolina do Norte, foram descobertas pelos ingleses centenas de anos atrás, mas permaneceram isoladas por muito tempo depois, o que significava que os padrões de fala dos marinheiros no século XVII nunca mudaram. Laire já perdera a conta do número de vezes em que os turistas lhe perguntavam se ela era australiana ou escocesa. Não era, é claro. Mas seu sotaque, uma mistura de inglês Elizabetano e americano sulista, criou uma combinação muito incomum, que nem sempre era compreensível por forasteiros.

Assim que limpou toda a areia do tapete, desligou o velho aspirador.

— Você é boa para papai, Laire — disse Isolde, que estava na entrada da cozinha segurando um copo de chá, apoiado em sua barriga arredondada. — Como ele tem se sentido ultimamente?

Seu pai, que sofreu um leve ataque cardíaco logo após o Natal, voltou a trabalhar, pescando caranguejos com seu irmão e sobrinho, exatamente como faziam nove gerações de antepassados.

— Bem, eu acho — disse ela. — Eu o faço comer aveia todas as manhãs.

— E ele odeia?

Laire sorriu.

— Claro.

— Ele come?

— Resmungando.

— Mama teria...

Assim como Kyrstin, a voz de Isolde falhou, como se falar sobre a mãe delas fosse algo que não deveriam fazer. Ou talvez, pensou Laire, apenas doesse demais.

Isolde, que tinha vinte e quatro anos, casou-se com o seu namorado, Paul Hyde, no verão passado e descobriu que estava grávida três meses depois. Era tradição em Corey Island casar-se e ter filhos ainda jovem, mas Laire suspeitava que era extremamente difícil para a irmã não ter a mãe em um momento como esse.

Laire guardou o aspirador de pó e virou-se para a irmã.

— É bom falar sobre ela, Issy.

— Por que seria bom? — perguntou Isolde, cheirando o líquido antes de tomar outro gole de chá. — Não a trará de volta.

— Eu também sinto falta dela — disse Laire, encarando os olhos verdes de sua irmã, sentindo ciúmes das memórias que ela possuía e desejando que se abrisse e falasse mais sobre sua mãe.

— Aqui está! — disse Kyrstin, segurando o vestido de noiva cuidadosamente em seus antebraços conforme voltava para a sala de estar.

Laire pegou o vestido e sentou-se no sofá xadrez marrom, avaliando o corpete para descobrir onde abri-lo, enquanto Kyrstin tirava o chá das mãos de

Isolde e terminava de bebê-lo.

— Você sabe o que eu acho, Issy?

— Diga-me, Kyr.

Laire revirou os olhos. Pelo som das vozes de suas irmãs, ela sabia o que estava por vir.

— Agora que nossa pequena Laire se formou no Ensino Médio, acho que é hora de ela descobrir quando vai deixar Brodie entrar em suas calcinhas.

— Pobre Brodie — disse Isolde, rindo.

Kyrstin riu.

— O que está escondendo de nós, Laire? Tem outra pessoa em vista?

Laire puxou a costura do lado esquerdo com mais força do que deveria, fazendo várias contas espalharem-se pelo tapete, então, olhou para elas.

— Você são duas loucas, é tudo o que sei.

— Ooh! Parem com isso! — disse Isolde, virando-se para Kyrstin. — Vá pegar mais chá para mim. Você bebeu todo o meu.

— Pegue você mesmo — disse Kyrstin. — Quero saber quando Laire vai sossegar com alguém.

Nunca, pensou ela, inclinando-se para frente para abrir a caixa de costura sobre a mesa de café, tirando de lá uma tesoura para ajudá-la a terminar o trabalho.

Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca.

A palavra se repetia dentro da cabeça de Laire como uma promessa, como um juramento.

Eu nunca vou sossegar, não em Corey Island. Também não quero ter meia dúzia de filhos com um cara local antes de fazer trinta anos. Há um mundo inteiro lá fora, longe daqui, longe de Corey, longe dos Outer Banks, e eu

pretendo conhecê-lo.

— ...tocar seus seios, hein, Laire?

Ela ergueu os olhos do vestido que estava em seu colo.

— O quê?

— Brodie contou a Remy que você o deixou tocar seus seios. Depois do baile de formatura.

O rosto de Laire enrubescou enquanto piscava para a irmã.

— Isso é mentira!

Sim, ela fora ao baile de formatura com Brodie Walsh, mas só isso! No momento em que ele tentou beijá-la, ela o socou bem no nariz e correu para casa. Tocou seus seios? De jeito nenhum! Eles nunca sequer se beijaram!

Kyrstin deu de ombros e franziu o cenho.

— Por que ele inventaria isso?

Para me prender, pensou Laire, tirando o tecido branco do colo e levantando-se. Afastou-se de suas irmãs, para olhar pela janela. A casa de um andar e dois quartos de seu pai ficava diretamente sobre a água, e ela tinha vista para o porto. Barcos de pesca, vindos de um longo dia de trabalho, apontados na direção da ilha. Um desses barcos pertencia a seu pai. Será que ele tinha ouvido o rumor de que Brodie a tocara de forma íntima? Respirou fundo, de forma horrorizada.

Seu pai era um nativo conservador, religioso e antiquado. Amava suas garotas mais do que qualquer coisa, mas era orgulhoso e não suportaria esse tipo de fofoca, a menos que incluísse algum tipo de compromisso respeitável entre os participantes — um compromisso que Laire não queria, nem com Brodie, nem com qualquer outro rapaz da ilha.

— É uma mentira — disse ela novamente.

Não seria a primeira vez que um garoto local decidia comprometer a

reputação de uma menina da ilha para prendê-la em um relacionamento. Mas Laire jamais deixaria que isso acontecesse com ela.

— Acho que Brodie é um fofo. Cheio de si e muito legal. E o barco do pai dele é mais novo do que a maioria dos...

— Não! — grunhiu Laire, ainda olhando pela janela. *Não quero ficar presa aqui para sempre!*

— Acho melhor que a pequena Laire pare de esperar pelo príncipe encantado — aconselhou Isolde, assumindo um tom de voz de conselho. — Dezoito anos e nunca teve namorado. Poderia conseguir coisa muito pior do que Brodie.

Maldito Brodie Walsh. Que ele fosse para o inferno!

Uma vez que a escola onde Laire estudava contava com apenas vinte e um alunos, sendo apenas seis de sua classe de graduação, as escolhas para companhia ao baile de formatura eram escassas. Sem mencionar que ela via os meninos da ilha, que conhecia desde a infância, como um bando de bobocas. Pelo menos Brodie, cuja mãe era filha do pastor, parecia ter alguma personalidade. Na época, ela o considerara a menos desagradável das escolhas, mas agora? Eca! Poderia simplesmente matá-lo por espalhar aqueles rumores, depois de ela ter mantido uma reputação impecável durante dezoito longos anos.

Laire olhou por cima do ombro, disparando um olhar sombrio na direção de sua irmã mais velha.

— Eu não deixei que ele me tocasse. Não temos um relacionamento. Ele contou uma mentira, só isso.

— Espero que papai não fique sabendo — disse Kyrstin, sorrindo a Laire por cima da xícara de chá.

Elas não conseguem entender, pensou Laire, indo até o armário para pegar um cabide para o vestido. *Pensam que tudo é um jogo.*

Ela pendurou o vestido cuidadosamente nos fundos do armário, atrás do velho casaco de inverno de Mama, e fechou a porta. Trabalharia nele mais tarde. Não confiava em si mesma naquele momento para manusear o material delicado.

Suas mãos tremiam com a fúria.

Laire amava suas irmãs, mas ambas se contentaram em se casar com rapazes locais e se tornarem esposas de pescadores. Teriam um monte de filhos — que seriam a décima primeira geração de Cornish —, que cresceriam juntos em Corey, que tinha uma população de pouco menos de novecentas almas. Isolde e Kyrstin acabariam participando da Noite do Bingo na Igreja Metodista e enfeitariam o altar com laços de fitas verdes no Natal. No décimo aniversário de casamento, seus maridos as levariam para passar um fim de semana em Raleigh ou Myrtle Beach, e elas comentariam sobre a viagem por décadas.

Remy nos levou até Myrtle, mas eu fiquei enjoada com todas aquelas luzes e cheiros.

Você quer falar sobre cheiros?, ela imaginou Isolde indagando. *Imagine lá em Raleigh com toda aquela fumaça de ônibus?*

E todas as outras mulheres que separam cestos de roupas para serem vendidas na loja de segunda mão da cidade, no bazar anual, assentiriam e concordariam: sair da ilha pode ser interessante para um passeio, mas Corey era a sua casa.

E não era mesmo?

Era uma vida boa. Respeitável. Uma vida plena. Droga, fora a ilha onde sua mãe morara, e Laire amava sua mãe mais do que qualquer outra pessoa no mundo, viva ou morta.

Mas não era a vida que Laire queria.

Ela tinha um plano muito diferente para seu futuro, e isso incluía ser parte de um mundo fora da ilha. Especificamente, o mundo da moda.

Não só fizera o vestido de noiva de Kyrstin, mas também, no verão passado, fizera o de Isolde. Sua paixão pela moda começara quando ela tinha nove ou dez anos, depois que a mãe morrera. Suas irmãs não se interessavam pela velha máquina de costura Singer que lhe fora deixada de herança, mas Laire, que passara muitas horas felizes a escutá-la costurando, encontrara um profundo conforto ao aprender a usá-la. Ela imaginava os dedos de sua mãe na bobina, enfiando a agulha, alinhando o pé no pedal, sentindo sua presença de

forma intensa.

Aos 12 anos já começara a fazer shorts e blusas para si mesma e suas irmãs. E aos quinze, fora convidada para ajudar colegas de classe com vestidos de formatura. Agora, aos dezoito, trabalhava em cinco ou seis encomendas de cada vez, costurando vestidos, saias, calças e blusas para amigos e familiares da ilha, além dos trajes de Kyrstin e de todas as damas de honra de sua irmã para o casamento em julho.

E um dia? Bem, um dia ela gostaria de fazer isso na Parsons School, em Nova York, ou na RISD[\[1\]](#), em Rhode Island. Queria ir para a faculdade, estudar design de moda e aprender com os melhores. Queria começar sua própria coleção, inspirada no verde da água e azul do céu de Corey. Ela queria ter sua própria casa, uma que não cheirasse a caranguejos, com tapetes que não estivessem sempre cobertos por aquela poeira terrosa de sal e areia seca. Queria uma vida diferente do que Corey Island poderia lhe oferecer.

Contudo, a faculdade não era barata. Precisaria trabalhar por três ou quatro anos, costurando roupas, para bancar a mensalidade do primeiro ano, mesmo com assistência financeira. E trabalhar sem receber, como para o casamento de sua irmã, não lhe ajudava em nada.

Quando ergueu os olhos, percebeu que suas irmãs estavam olhando para ela.

— E então? — perguntou Isolde. — O que você vai fazer em relação a Brodie?

— Vou até a casa dele, me colocarei de pé em frente à sua porta e o chamarei de mentiroso para toda a ilha ouvir — disse ela, levantando o queixo.

Isolde ofegou.

— Você não vai fazer uma cena, Laire Maiden Cornish.

— Oh, eu vou sim! Ah, se vou! Que se foda!

O uso do verbo “foder” fez com que os olhos de sua irmã se tornassem mais redondos do que uma lua cheia. Naquela família não se usava palavras de xingamento, a não ser um “maldito”, “burro” ou “inferno”.

— Melhor não beijar o papai com essa boca! — exclamou Kyrstin, balançando a cabeça em desaprovação.

Isolde entregou o chá para Kyrstin e colocou a mão sobre a barriga, enquanto dava um passo irritado em direção à Laire.

— Não quero que meu bebê ouça esse tipo de conversa imunda. Vou para casa.

— Ótimo! — Laire colocou as mãos nos quadris. — Não deixe a porta bater na sua bunda enquanto estiver saindo!

Isolde acabara de chegar à porta da frente quando esta se abriu, escancarada, revelando seu pai, Howard “Hook” Cornish, o melhor pescador de caranguejos dos Outer Banks.

— Onde vai, Issy?

Isolde inclinou-se na ponta dos pés e beijou a bochecha suja de seu pai.

— Laire está de mau humor, e Kyrstin tomou todo o seu chá. Vejo você amanhã na missa.

— Amém — disse Hook, enquanto ela se afastava. — Tome cuidado. Mantenha meu netinho seguro, ouviu?

— Entendido! — Veio a resposta abafada de Isolde, conforme ela marchava para fora da casa e dava a partida em seu carro.

Hook virou-se para as outras duas filhas, lançando a Kyrstin um olhar irritado.

— Você bebeu todo o meu chá, hein?

— Vou fazer mais, papai — disse Kyrstin com um sorriso tímido, levando seu copo vazio para a cozinha.

— Sim — ele se dirigiu para si mesmo —, mas tenho certeza que vai ficar fraco. — Em seguida, virou-se para Laire, observando seu rosto com aqueles olhos azuis afiados. — E você está de mau humor? Por quê?

Laire deu de ombros.

— É Issy quem está de mau humor.

Ele olhou pela janela para ver a filha sair da garagem, amassando cascalhos com os pneus.

— Pode ser. Mas ela está redonda como uma bola, Laire. Dê-lhe uma folga.

Ele estava certo. Issy estava redonda como uma bola, com uma sogra amorosa mas mandona, e sem a mãe para acompanhá-la durante o aterrador mistério do parto.

— Vou fazer isso — disse ela. — Você está *mommou*, papai?

Mommou era uma palavra local que significava “exausto”. Era o tipo de termo que sua mãe teria exigido que não usasse fora da ilha, mas ali, em casa, era a palavra certa.

— Um pouco. Tivemos que transportar quatrocentos quilos de iscas, e abri minhas costas agarrando uma boia. Foi um dia longo. — Ele tirou as botas de borracha e a capa amarela antiga na varanda, mas seu jeans estava imundo, e ele cheirava fortemente a peixe e mar. Fazer o quê?

Como se pudesse ler a mente da filha, ele a tocou no queixo e sorriu.

— Melhor tomar banho antes desse chá. — Ele se virou para o corredor que levava ao banheiro e aos dois quartos, depois voltou-se na direção dela com um gemido baixo. — Ah, puxa! Quase me esqueci. Tenho uma entrega em Buxton. — Franziu os lábios depois de um longo suspiro. — Mas estou tão cansado.

— Buxton? — disse Laire, lembrando-se das casas de verão dos milionários, que mais pareciam castelos, alinhadas por toda a costa.

Buxton, tal como Frisco, Avon, Rodanthe e Nags Head, eram os locais onde os milionários de Raleigh, Charlotte e até lugares distantes como a cidade de Nova York, passavam seus verões. Não era uma área que Laire conseguisse ver de perto com muita frequência, mas as poucas vezes em que seu pai a levou

em uma entrega, ela ficou fascinada por um mundo totalmente diferente, tão perto de casa.

— Ei! — Ele colocou uma mão em seu quadril e esfregou a testa com a outra. — Imagino que só tomarei banho mais tarde. Preciso levar seis caixas de caranguejos para uma casa lá em cima.

— Você está cansado — disse Laire. — Eu posso ajudar. Não me importo de fazer isso por você.

Seu pai ergueu os olhos.

— Você é uma garota. Como vai carregar seis caixas do cais até a casa?

— Papai — ela disse, cruzando os braços sobre o peito e sorrindo como se o que ele disse não fizesse o menor sentido. —, eu carrego caixotes desde que era menor que o bebê que Issy carrega.

Seu pai inclinou a cabeça para o lado e olhou-a longamente, depois riu.

— Justo. Acho que você consegue. — Ele verificou o relógio. — São três horas agora. Prometi entregar por volta de quatro e meia.

— Então já vou saindo — disse Laire, sentindo o coração bater com urgência e entusiasmo. — Lado da costa ou lado do oceano?

— Costa. Lugar chamado Utopia Manor — disse seu pai, que explicou a localização exata da casa para a qual os caranguejos que pescara foram prometidos para uma festa naquela noite.

Com suas instruções, ela sabia aproximadamente onde encontraria a casa.

— Devo ancorar o barco e caminhar até a porta da frente?

Seu pai balançou a cabeça.

— Há uma entrada de serviço no lado esquerdo da casa. Uma senhora chamada Judith Sebastian é a responsável. Encontre-a primeiro e, em seguida, leve as caixas. Já foram pagos. — Ele ergueu o queixo e olhou firme. — Nada de gorjeta.

— Não, papai — disse ela. — Alguma outra coisa?

— Só isso. — Ele sorriu para ela, com seu rosto bronzeado, depois de um longo dia, e com seus bigodes cobertos de sal do mar. — Você é uma boa garota, Pequena Laire.

— Tome um bom banho quente e não se preocupe com nada. Vou dar conta de tudo.

Correndo para o quarto que ainda compartilhava com Kyrstin, Laire tirou o short branco e vestiu um *jeans*. Em seguida, prendeu os cabelos louros avermelhados, que antes estavam presos em um rabo de cavalo bagunçado, de forma mais elegante. Trocou sua camiseta cinza Corey HS por uma preta de mangas compridas que ela fizera para si mesma, e afivelou um cinto preto de couro na cintura. Pegou suas botas pretas no fundo do seu closet, colocou-as sobre o *jeans* até os joelhos. Dando uma olhada para seu reflexo no espelho, decidiu que parecia alguém muito fashion para uma pessoa que teria que carregar caixas de caranguejo fresco, mas mesmo assim seguiu em frente.

Parando um momento para despedir-se de Kyrstin, ela pegou as chaves extras do barco no gancho na cozinha e saiu porta afora.



Capítulo 2

Laire estava pilotando o barco de seu pai com o vento nos cabelos e seis caixas térmicas de caranguejos no gelo atrás dela. Seu pai lhe passara os detalhes, mas ela descobrira que as pessoas em Buxton estavam dando uma festa extravagante e pediram aquelas pescas frescas entregues para o mesmo dia.

Caranguejos azuis.

Desde que se entendia por gente, os caranguejos azuis eram o sustento de sua família.

Ambos os seus avós tinham pescado em Pamlico Sound.

Seu pai e seu irmão, o tio Franklin de Laire, chamado Fox por amigos e familiares, pescavam desde que tinham idade suficiente para andar.

Mas tio Fox também fora abençoado com uma experiência profissional e, há cerca de dez anos, ele e o pai de Laire abriram King Triton Seafood, uma peixaria comercial em Corey Island, que vendia produtos frescos para

restaurantes, estabelecimentos e hotéis locais. Como eram pescadores comerciais, passavam confiança para pescadores locais e compradores externos, e construíram um negócio respeitável em curto prazo. A maioria das suas ações vinha diretamente de embarcações de pesca todas as tardes, e eles eram exigentes sobre o que vendiam, tornando-os o fornecedor favorito de hotéis e pousadas e até de algumas pessoas que vinham do continente.

Pamlico Sound, a maior lagoa do leste dos Estados Unidos, era o nome do corpo de água entre os Outer Banks e o continente da Carolina do Norte. Três entradas, na Ilha Bodie, Hatteras e Ocracoke, alimentavam a água salgada do Oceano Atlântico e dois rios do oeste, o Neuse e Pamlico, proporcionavam-lhe água fresca, o que significava que era uma mistura de ambos: água do mar e água doce.

Alinhadas ao longo do lado oriental da Costa, estavam as cidades dos Outer Banks: no sul, Ocracoke e Corey, que eram ilhas fechadas; depois, movendo-se para o norte, Hatteras, Buxton e Avon; o conjunto de Salvo, Waves e Rodanthe; e, finalmente, nos Banks do norte, Nags Head, um nome grosseiro para a joia mais brilhante dos Outer Banks.

No norte de Hatteras, o turismo prevalecera desde a Guerra Civil, embora o Caminho do Milionário em Nags Head tenha sofrido uma explosão em vendas de casas de veraneio entre as décadas de 1920 e 1950. Esse *boom* nunca incluía as ilhas do sul de Ocracoke e Corey, onde a pesca comercial ainda era uma forma de sustento, e o turismo havia começado a atuar com seriedade cerca de vinte anos atrás. Era uma indústria em crescimento ainda emancipada pelas cidades do norte, e Ocracoke, cinco vezes maior do que Corey, com uma balsa regular saindo de Hatteras, precisou de um esforço dez vezes maior para alcançar Corey.

Laire passou em frente à movimentada cidade de Hatteras, espiando um par de golfinhos brincando e rindo de suas palhaçadas. De Hatteras, ela passou por Frisco, depois desacelerou enquanto se aproximava de Buxton, não querendo perder a casa que esperava pela entrega de seu pai. Ao verificar o relógio, ficou satisfeita por ver que estava adiantada. Eram quase quatro horas, o que significava que ela não precisaria se apressar.

Ela passou por Brooks Point, que abraçava a costa de Buxton em Brigand Bay, tomando cuidado, uma vez que sua chegada tão perto da costa estava sem

vigilância. A primeira casa que viu tinha uma torre retangular de quatro andares, algo que reconheceu pelas instruções de seu pai. Além disso, havia outra casa grande, depois outra. Então, posicionada um pouco além das outras três mansões e maior do que ela imaginava, Laire reconheceu seu destino: Utopia Manor.

Com três andares, cinco arestas pronunciadas na linha do telhado, um gramado verde, uma piscina e um longo calçadão que levava diretamente da casa para a Costa. Ela não poderia tê-la perdido de vista, nem se tentasse. Era a casa mais bonita que já havia visto.

No gramado entre a casa e a piscina, podia enxergar a equipe contratada para arrumar mesas sob o sol do final da tarde, com suas cadeiras, toalhas e a porcelana. Seu pai não a havia informado que festividades estariam ocorrendo em Utopia Manor naquela noite, mas só de olhar para os preparativos já imaginava que, fosse o que fosse, seria espetacular.

Lançando as boias, ela diminuiu a velocidade, desligando o motor para se deslocar ao lado da doca intocada, feita de madeira nova. Segurando a corda, ela atou-a em um grampo de cromo brilhante, então, pulou de volta para a popa e fez o mesmo. Uma vez que estava estava seguramente amarrada na doca, ela pegou a papelada do bolso, desdobrando as faturas enquanto se voltava em direção ao barco. Passou uma mão rapidamente por seus cabelos bagunçados pelo vento e endireitou a camisa antes de dirigir-se à casa.

Não era uma curta caminhada no calçadão sinuoso, sobre as águas rasas e dunas de areia, e incluía vários lances de escadas da borda da água para a casa. De repente, Laire se perguntou o quão pouco inteligente fora em insistir que poderia levar as seis caixas por conta própria.

Bom, ela estava adiantada. Poderia demorar quanto tempo precisasse.

Suspirou com prazer quando atravessou o gramado bem cuidado e quando passou em torno da área de piscina lindamente ajardinada, dando a volta na casa como seu pai havia instruído.

— Ei!

Ela ouviu sua voz antes de vê-lo.

Se ela soubesse o custo final dessa simples olhada para o céu, talvez não

tivesse parado. Talvez fosse melhor que ela simplesmente tivesse caminhado com a cabeça baixa. Mas o destino não dava avisos para Laire Maiden Cornish.

Protegendo os olhos, olhou para o segundo andar da mansão, esperando um momento para que seus olhos se ajustassem à luz e ele entrasse à vista.

Lá, na luz do sol brilhante... um garoto.

Não, um homem.

Um jovem, um pouco mais velho do que ela, alto e musculoso, com cabelos negros e um maxilar quadrado, olhos castanhos escuros e um bronzeado intenso. Usava uma sunga azul, com palmeiras verdes e um par de óculos de sol enterrados em seus cabelos grossos. Numa mão, segurava um telefone colado à orelha e, na outra, girava lentamente um copo cheio de gelo e um líquido transparente. Olhava para a costa, concentrando-se em sua ligação.

— Ei! — ele gritou. — Consegue me ouvir agora? — Ele bufou com aborrecimento, afastando o telefone de sua orelha e revirando os olhos antes de tentar de novo. — Pete? É Erik. Consegue me ouvir? — Ele colocou o copo no parapeito de madeira da varanda e dedicou sua atenção ao telefone. Olhando fixamente para o aparelho, ele murmurou: — Merda. Sem recepção.

É Erik.

Erik.

O nome dele é Erik.

Sentindo seus pulmões queimarem de forma acentuada, Laire percebeu que estava segurando a respiração e que tinha sugado um enorme gole de ar enquanto olhava fixamente para ele, congelada no momento, completamente hipnotizada.

Nunca vira uma pessoa mais perfeita e mais bonita em toda a sua vida.

O sol brilhava em seus cabelos escuros e refletia em seu corpo como fios de ouro, fazendo-o parecer tão divino, muito acima dela. Se fosse do tipo que desmaia, Laire imaginou que teria se tornado uma poça no chão bem abaixo dele, feliz em sacrificar seu orgulho só para poder vislumbrar sua beleza.

— Erik, querido? Você pode vir aqui, por favor?

Uma voz alta perto de sua orelha surpreendeu Laire, que virou a cabeça para encontrar uma mulher diretamente atrás dela, olhando para Erik. Ela era alta e elegante, com cabelos castanhos muito escuros em um coque arrumado. Usando um maiô preto chique e um sarong padronizado, ela poderia ter saído de uma revista.

— Mãe, não há recepção aqui!

— Estamos na selva — disse ela, tirando os óculos de sol para revelar profundos olhos castanhos com cílios escuros. — Eu preciso saber em qual mesa você quer que eu coloque você, Hillary, Peter e Van hoje à noite. Por favor, venha aqui por um momento.

A mãe de Erik voltou-se para o gramado, com as brilhantes pulseiras de ouro em seu pulso tilintando enquanto se afastava.

Olhando para suas botas pretas terríveis, que tinham adquirido um brilho de sal seco sobre elas durante a viagem, Laire percebeu o quão incrivelmente fora de contexto estava e o quanto suas bochechas estavam coradas por isso. Ela não teria qualquer chance com o *príncipe Erik*. Mantendo a cabeça baixa, ela começou a caminhar em direção à lateral da casa, mas outra voz a parou mais uma vez.

— Ei!

Ela inclinou a cabeça para trás, protegendo os olhos. Seus pés não queriam continuar se afastando se houvesse a menor chance de ele estar falando com ela.

Seria um milagre?

Ele era um milagre.

— Ei — ele disse de novo, descansando os cotovelos no parapeito e sorrindo para ela.

— É co-comigo?

— Sim. Você — ele disse, acenando com a cabeça para ela. — Ei.

— Oi — ela gritou, chocada, finalmente conseguindo responder.

— Você está trabalhando na festa?

— Um... — *Ele está falando comigo. Ele está falando comigo.* — N-não. Eu tenho os bichinhos[2].

Eu tenho bichinhos.

Meu Deus.

Eu não disse isso.

Suas sobrancelhas se ergueram, e seu sorriso se alargou, acompanhado de uma risada suave.

— Você tem, hein? Bem, isso é muito ruim.

Por favor, terra, abra e engula-me por inteiro.

Infelizmente, não aconteceu.

— N-não! Eu quis dizer... Quis dizer que estou entregando. Eu não os tenho! São caranguejos!

Ele riu novamente, desta vez uma risada quente que fez com que as entranhas de Laire se revirassem.

— Fico feliz em ouvir isso, Sardas — disse ele, pegando o copo e tomando um gole.

As sardas mencionadas começaram a queimar tanto que ela pôde jurar que suas bochechas tinham corado ao ponto de ficarem marrons.

— Eu tenho que ir.

— Para onde? — ele perguntou.

Ela apontou para o canto da casa.

— 'zinha.

— Espere, onde? — ele inclinou a cabeça para o lado como se estivesse tendo dificuldade em ouvi-la.

... ou entendê-la.

Seu sotaque. Estava forte porque sentia-se muito nervosa.

— A cozinha — ela articulou cuidadosamente.

— Ahhhhh. Certo. Para entregar os *bichinhos*? — Ele mal conseguiu terminar a pergunta porque começou a rir de novo.

Ela respirou fundo e sacudiu a cabeça, desejando que toda aquela situação fosse de alguma forma banida da linha do tempo. Exceto...

Exceto... não.

Ela não trocava nada daquele encontro. Nem um segundo, nem os bichinhos nem tudo o mais.

Olhando de volta para ele, permitiu-se — apenas por um momento — traçar as linhas perfeitas de seu rosto, memorizá-lo, para mantê-lo seguro dentro de seu coração para que pudesse guardar na memória a imagem que mais gostava: o belo Erik, o príncipe de cabelos negros de Utopia Manor, sorrindo para ela.

— Tchau — ela murmurou, forçando os pés a começarem a se mexer de novo.

Agitada por uma combinação de humilhação, perplexidade e luxúria, assim que ela deu a volta até a lateral da casa, ela parou e inclinou a cabeça contra a parede, fechando os olhos e apertando as mãos em suas bochechas. Ela suspirou, evocando imediatamente a lembrança do sorriso de Erik e saboreando-o antes de afastar-se com segurança.

E então, em um choque de realidade, ela abriu os olhos e lembrou a si mesma quem era: Laire Cornish, de Corey Island, que estava entregando caranguejos em uma mansão para uma festa elegante. Uma entregadora. A filha

de um pescador. Nada mais do que isso. E não combinava com alguém tão rico e bonito quanto o jovem na varanda.

Eles tinham compartilhado um momento, com certeza. Mas isso fora tudo: um momento que já havia desaparecido.

Assim, consciente, ela se afastou da casa e entrou pela porta aberta da cozinha para encontrar a responsável pelo recebimento e fazer a entrega do pai.

Erik Rexford riu quando viu a linda menina desaparecer de vista, dirigindo-se para a “’zinha”. Ele a notou quando sua mãe o chamou — reparou em seu pequeno corpo quando ela se afastou dele e no balanço de seu rabo de cavalo ruivo e longo, descendo em linha reta contra a camisa preta. Ela não se encaixava, vestindo uma camisa de manga comprida, de cor escura, *jeans* e botas de borracha longas em um dia quente e ensolarado. Mas isso o deixou curioso em relação a ela. Muito curioso. Na verdade, sentira uma compulsão feroz e súbita para ver seu rosto.

E quando ela se virou? Quase lhe roubou o ar.

Ela era bonita.

Cara, ela era linda, com os lábios vermelhos abertos em surpresa e salpicos no nariz, que mais pareciam beijos de anjo. Ele sempre foi parcial com esse tipo de beleza da garota da casa ao lado, e aquela ali era exatamente deste tipo. Exceto que ela não morava ao lado. Ele duvidava que ela sequer vivesse em Buxton. A julgar pelo sotaque, ela provavelmente vinha de uma das ilhas ao sul, onde ainda se pescava para viver. Talvez fosse a filha de um pescador. *Uma pequena sereia*, pensou com uma risada, *de um mundo totalmente diferente do meu*.

Afastando-se da varanda, voltou para o quarto, jogando seu telefone inútil na cama e pegando uma blusa polo verde do chão. Quando a colocou por sobre a cabeça, lembrou-se do olhar horrorizado em seu rosto bonito ao dizer: “Eu não tenho bichinhos!”. E Erik começou a rir de novo.

— Fiquei sabendo que rir do nada é o primeiro sinal de insanidade.

Erik virou-se para ver sua irmãzinha, Hillary, parada em sua porta. Com quase dezessete anos, ela era quatro anos mais nova do que ele, mas uma de suas amigas mais próximas.

— Eu acho que você deve saber bem disso, psicopata. — Ele pegou o telefone, segurando-o. — Você tem algum sinal aqui?

— Tenho sim — disse ela, pegando seu próprio telefone, o último modelo de *iPhone*, do bolso do quadril.

— Pode enviar uma mensagem para Pete? Pergunte a que horas ele e Van vão chegar.

Hillary baixou os olhos rapidamente. Sua voz era macia quando respondeu.

— Não. Só... ande pela casa. Você vai encontrar sinal em algum lugar.

Os ombros de Erik caíram.

— Vamos, Hills. Só envie uma mensagem.

Ela olhou para ele com seus olhos azuis cautelosos.

— É estranho.

— Só é estranho porque você faz com que seja.

A pequena irmã de Erik tinha uma quedinha por seu melhor amigo, Pete. Não importava que Pete fosse quatro anos mais velho e não tivesse qualquer interesse nela. Hillary sempre gostou dele, independentemente do fato de que seu afeto não era correspondido e provavelmente permaneceria sempre assim.

Na verdade, provavelmente o fato de ela e Pete terem compartilhado um rápido beijo de Ano Novo seis meses atrás não ajudara suas expectativas irrealistas. Isso parecera encorajar suas falsas esperanças. Mas, novamente, Pete não lhe prometera nada, e fora só um selinho, afinal. Ele também dera um em Vanessa. E, da mesma forma, nada mudara em sua amizade. Era apenas diversão

de Ano Novo. Nada mais. E Hillary fora tola por esperar mais do que isso.

Hillary ergueu o queixo e deu uma gargalhada, depois começou a digitar uma mensagem no telefone.

— Erik quer saber quando você e Van vão chegar. — O telefone apitou quando ela enviou a mensagem. Em seguida, olhou para o irmão. — Feliz agora, aniversariante?

— Eufórico — disse ele, saindo do quarto.

Hillary o seguiu.

— Quem virá hoje à noite?

— Você conhece Fancy muito bem — disse Erik, chamando a mãe pelo primeiro nome, como sempre fazia quando conversava com Hillary sobre ela. — Não virá ninguém com menos de quarenta anos, com exceção de você, eu, Pete e Van.

— Um vigésimo primeiro aniversário para o príncipe herdeiro da Carolina do Norte não é uma ocasião para jovens — acrescentou Hillary, com uma dose espessa de sarcasmo.

— Muito menos para a ralé.

— Ou para qualquer pessoa que remotamente goste de... *diversão*.

Erik parou ao pé da escada e se virou para a irmã, espalmando a mão no peito.

— Diversão? Você falou *diversão*? Limpe a boca, Hillary Anne Rexford! Não haverá diversão nessa festa, minha filha! Haverá uma ampla oportunidade para contatos, mas, em nenhuma circunstância você deve se divertir.

— Certo. — Hillary assentiu com a cabeça, incapaz de segurar um pequeno sorriso, que ela rapidamente escondeu. — Tudo será perfeito...

— ... e delicioso... — disse ele.

— Os vinhos mais caros...

— ...os caranguejos mais suculentos — disse ele, sorrindo para si mesmo.

— Simplesmente — disse ela — o melhor de tudo.

— Não há espaço para o segundo melhor — disse Erik. — Os perdedores não precisam se candidatar.

De repente, eles pararam com a brincadeira e se olharam por um longo momento: os olhos azuis iguais aos do pai olhando para os castanhos escuros de sua mãe.

— Nós estamos brincando, mas é verdade — disse Hillary com um suspiro. — Graças a Deus que temos Pete e Van.

— Os Donaldsons e os Osborns são *sempre* convidados aceitáveis nos eventos dos Rexford — disse Erik, referindo-se às famílias antigas e de grande influência de Pete e Vanessa. Seus pais também estariam presentes, é claro.

Hillary olhou para o relógio.

— Tenho cabelo marcado na cidade com mamãe. É melhor eu me apressar. — Ela se virou para voltar para o andar de cima, depois parou. — Ei, Erik.

Ele estava indo para a cozinha, mas voltou-se para olhá-la por cima do ombro.

— Hã?

— Você alguma vez desejou que as coisas fossem diferentes?

— O quê? Que não fôssemos filhos do governador Brady Rexford e da ex-debutante Ursula “Fancy” Rexford, o rei e a rainha da Carolina do Norte? — Ele deu de ombros. — Para que desejar algo diferente? As coisas são como são.

Hillary passou a mão por seu cabelo quase preto.

— Eu não sei. Mas você não gostaria de ir a um bar usando *jeans* e camiseta, e ficar bêbado em seu vigésimo primeiro aniversário? Como todas as outras pessoas normais do mundo?

Ele virou-se para encará-la, falando com sua voz gentil:

— Não somos normais, Hills. Nunca fomos. Somos Rexfords.

— Sim — ela disse, forçando um sorriso, embora seus olhos continuassem perturbados. — Eu sei.

Ele segurou o braço da irmã e o apertou.

— É uma festa, maninha. Anime-se.

— Certo.

— Vejo você mais tarde?

— Sim — ela disse, dando-lhe um olhar pensativo antes de subir as escadas.

Ele a observou por um momento antes de navegar pelo *hall* de entrada da mansão, continuando pela sala de estar oeste, para a sala de jantar, depois pelas portas giratórias e para a cozinha. No interior, havia uma enxurrada de atividade: doze vasos estavam alinhados sobre a mesa, com uma dúzia de arranjos feitos com esmero. Os estabelecimentos providenciaram cestas de pães que preenchiam os fornos duplos. Quando a mãe de Erik herdara esta casa de seus pais, ela tinha a metade do tamanho e estava equipada para as necessidades de uma única família em férias. Mas depois que seu pai fora eleito, Fancy a renovara, equipando-a com uma cozinha industrial que poderia lidar com eventos enormes.

O que era uma boa coisa, Erik pensou secamente. Desde a ascensão de seu pai a governador, em novembro passado, os esforços de Fancy para entreter a todos tornaram-se astronômicos. Ela parecia estar celebrando ou realizando eventos de arrecadação de fundos a cada duas semanas. A festa de aniversário daquela noite, por exemplo, não tinha nada a ver com ele. Era apenas um meio para seus pais socializarem. Com a possibilidade de dois mandatos no cargo antes que ele se tornasse inelegível para a reeleição, Erik sabia que seu pai

estava pleiteando a Casa Branca para dali a oito anos, e precisaria de muito apoio. Presidente dos Estados Unidos. O sonho de vida de Brady Rexford.

Erik examinou toda a equipe de organização da festa, procurando por um rabo de cavalo ruivo. Não encontrando nenhum, estava prestes a sair, quando foi distraído por uma voz alta, que gritava por sobre o zumbido de toda aquela atividade:

— Querida, essas caixas parecem pesadas! Deixe-me chamar algumas pessoas para ajudá-la!

Virando-se, viu a filha do pescador sardenta perto da porta da cozinha, segurando uma caixa branca que era maior do que ela.

— Oh, não, senhora — ela disse, sua voz sem fôlego quando ela pousou seu fardo no chão. — Faltam só quatro. Não é grande coisa. — Embora estivesse cansada e suada, ela sorriu. — É um bom exercício.

— Vocês do sul são muito atenciosos — observou a mulher, que usava um jaleco branco de *chef*. — Se precisar de um emprego, venha me encontrar.

A menina sorriu, com seus olhos verdes brilhando.

— Obrigada, senhora. Vou pegar o resto agora.

Ela desapareceu porta afora, e Erik começou a correr para alcançá-la, dando a volta na casa.

— Ei! Espere!

Ela parou em seu caminho e virou-se. Seus olhos se alargaram quando olhou para ele.

— Você.

— Eu — disse ele. — Da cena da varanda, lembra-se?

Ela assentiu lentamente, depois se afastou dele, gesticulando para o calçadão.

— Eu tenho que...

— Entregar caranguejos. Eu sei.

Observando-o, ela começou a examinar seu rosto, e ele conseguiu, pela primeira vez, olhar realmente para ela... e rapidamente percebeu que sua pequena sereia não era apenas bonita. Ela era deslumbrante.

Sua pele pálida e delicada era toda salpicada de sardas, e seus olhos verde-marinhos estavam ainda mais verdes: da cor do mar sob o sol. Seus cabelos, puxados para trás em um rabo de cavalo, tinham aquele tom de louro avermelhado, e mechas macias e retas escapavam para moldar seu rosto. Ela era pequena — talvez medisse um metro e sessenta e dois —, mas era fácil dizer que era atlética e esguia, o que ele gostava. Seu olhar caiu em seus seios, que subiam e desciam sob a camisa preta. O vão branco entre os seus seios chamava sua atenção, e a boca de Erik se encheu de água, enquanto ele segurava o lábio inferior entre os dentes, incapaz de desviar o olhar.

— Eu... — disse ela, em uma voz sussurrada. — Eu tenho que...

Ele olhou para cima, e seus olhos esbarraram nos dela.

Por um segundo, ele teve uma noção selvagem de que deveria beijá-la.

Esse desejo surgiu como um trem de carga, e ele não se lembrava de nenhum momento em que tivesse que lutar tão forte contra um impulso. Seu olhar deslizou loucamente dos olhos dela para os lábios e de volta aos olhos, fazendo com que parecesse fascinado.

— Eu vou ajudá-la — ele murmurou.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Certo. Se cada um de nós carregar uma, só serão mais duas viagens.

— Não — ela disse novamente, afastando-se dele para acelerar a caminhada ao redor da piscina.

Erik ficou parado, confuso com sua reação.

Não estava acostumado a receber recusas de alguém, e esta situação era especialmente intrigante porque ele estava apenas tentando ajudar. Será que ela achou que ele tinha segundas intenções? Ele inclinou a cabeça para o lado, verificando a bunda da garota naquelas calças muito apertadas que, de alguma forma, não pareciam tão vulgares porque estavam combinadas com botas de borracha. Ele balançou a cabeça e sorriu. Maldita fosse, mas ela era a coisa mais fofa que ele via em muito, muito tempo.

Então, claro, talvez ele tivesse segundas intenções, mas ele era jovem. Ela também era... Será que era algo assim tão errado?

Aquele era seu último verão de liberdade: o verão entre os anos de calouro e veterano da faculdade, sua última chance. No próximo verão, ele seria um membro lucrativo da força de trabalho de Raleigh, contratado por um escritório de advocacia da escolha de seu pai. Mas naquele verão? Naquele verão ainda estava livre.

E aquela garota, que caminhava tão decidida em direção a um velho e pesado barco de pesca? Com seus cabelos cheios de vento, grandes olhos verdes e sardas? De alguma forma, ela tinha gosto de liberdade.

— Erik! — chamou sua mãe, perto de um conjunto de mesas no centro do gramado. — *Por favor*, não me faça esperar!

Dever chamando.

E Erik Rexford, que conhecia seu lugar, se afastou de sua doce e pequena sereia ruiva e respondeu ao chamado da mãe.



Capítulo 3

Laire ouviu a mãe de Erik chamando e voltou para o barco de seu pai enquanto uma mistura de alívio e desapontamento inundava seu coração. Alívio, porque não importava o quanto ele tivesse feito seu coração tropeçar, garotas inteligentes não se envolviam com visitantes de veraneio. E desapontamento, porque não se achava assim tão inteligente. Sentia vontade de olhar para os olhos castanhos escuros de Erik Rexford para sempre.

Rexford. Erik... *Rexford*.

Ela quase caiu para trás quando percebeu na cozinha de quem estava. Pertencia a Brady Rexford. *Governador* Brady Rexford.

Teve que assinar algo chamado de *acordo de confidencialidade* antes de pisar na cozinha de Rexford. Judith Sebastian resumiu o termo: Laire estava proibida de tirar fotos enquanto estivesse na propriedade de Rexfords ou publicar informações sobre as instalações nas mídias sociais, o que realmente

não seria um problema, uma vez que Laire não tinha um telefone celular nem uma conta no Facebook.

Vasculhando a memória para lembrar o que sabia sobre o filho mais velho do governador, encontrou praticamente nada exceto pela lembrança de Kyrstin exclamando que ele era gato e outra de que ele frequentava a Duke University, o que o tornava pelo menos dois ou três anos mais velho do que ela.

Mais velho, e ainda mais fora de alcance do que parecia quando era apenas um cara gostoso em uma casa grande sorrindo para ela de uma varanda.

Erik Rexford fazia parte da realeza da Carolina do Norte.

Agarrando a terceira caixa términa pelas alças, ela a levantou do barco e a colocou sobre a doca com um baque. Pisando nas tábuas de madeira, ergueu-a e caminhou lenta e cuidadosamente ao longo do calçadão, com suas costas doloridas e as mãos queimando pela carga pesada.

Deixe-me chamar alguém para ajudá-la!

Não.

Absolutamente não.

Os Cornishes não aceitavam ajuda (ou gorjetas pelo trabalho) de veranistas.

Nós fazemos o nosso trabalho. Fazemos com orgulho. Fazemos por nossa própria conta.

Ela podia ouvir as palavras do pai em sua cabeça.

Era assim que sua mãe havia explicado há muito tempo, os ilhéus conseguiam manter sua dignidade, apesar dos altos e baixos de uma vida construída dentro da indústria de pesca comercial às vezes não confiável. Eles recebiam os turistas, trabalhavam para eles, pescavam por eles e vendiam para eles, mas não se envolviam com eles. Ganhavam dinheiro por um produto decente ou um trabalho bem feito, mas os ilhéus se voltavam para seus amigos e familiares quando tinham problemas ou precisavam de ajuda. *É nós certamente não pedimos ajuda a forasteiros.*

Além da barreira física — dez milhas náuticas — que mantinha Corey separada das outras ilhas, e aquele sotaque, que, especialmente quando se falava rápido era difícil para os estrangeiros entenderem, a mentalidade antiquada dos ilhéus mantinha o resto do mundo a uma certa distância.

E embora Laire desejasse mais do que a vida na ilha, ela se perguntava se poderia mascarar seus maneirismos tão profundamente arraigados. E isso permaneceria dessa forma, até que ela experimentasse algo substancialmente diferente sobre o mundo, o que ela sabia que dificilmente aconteceria.

Ainda assim, não pôde deixar de lançar a Erik Rexford um olhar melancólico enquanto caminhava, sentindo as bochechas corarem instantaneamente quando o fitou exatamente no momento certo em que ele também começou a observá-la, chegando a dar uma piscadinha.

Droga! Ela virou o pescoço, voltando-se para frente. *Faça a entrega e saia daqui!*

Quando chegou à casa, encontrou a Sra. Sebastian esperando por ela fora da porta da cozinha com um copo de água gelada.

— É só água — disse Sra. Sebastian, segurando o copo suado. — Nada de especial.

Laire colocou a caixa dentro da cozinha e aceitou o copo com gratidão, tomando um enorme gole antes de secar os lábios e entregar o copo de volta.

— Obrigada, senhora.

— Eu acho que você é da sexta, não, da sétima geração de Corey?

— Décima, senhora.

— Décima! Meu Deus.

Laire sorriu.

— A senhora já foi a Corey?

— Várias vezes. Eu sou de New Bern.

— Lá no Neuse? — perguntou Laire, referindo-se ao estuário que alimentava a Costa de Pamlico e identificava a localização de outros seres humanos na Terra de Deus, como sempre fazia, pelo corpo de água mais próximo deles.

— Meu marido foi do Corpo da Marinha no Cherry Point.

Isso dizia a Laire duas coisas sobre a Sra. Sebastian: uma, ela era local, mas uma *woodser*; do continente, não das ilhas. E dois, ela era de uma família trabalhadora; não uma turista.

— Foi, senhora?

— Ele morreu alguns anos atrás.

— Eu sinto muito.

— Obrigada. — A Sra. Sebastian inclinou a cabeça para o lado. — Você trabalha duro.

— Sim, senhora.

— Sabe, eu estava falando sério sobre você começar a trabalhar para mim. Algum interesse?

Ela baixou os olhos.

— Eu não...

— Não diga não. Pense nisso primeiro — disse ela, girando o gelo no copo, o que lembrou a Laire de Erik na varanda e fez com que o coração se entristecesse ante a memória. — Eu trabalho no restaurante Pamlico House aqui em Buxton. Você conhece?

Laire assentiu com a cabeça. Eles eram clientes do King Triton Seafood.

— Se você decidir que quer um emprego, venha me procurar. Seria bom ter alguém que trabalhe duro neste verão para limpar as mesas, ou ajudar como garçone. Eu pagaria dez dólares por hora para começar.

Ela ofegou silenciosamente. Dez dólares por hora? Se ela trabalhasse de quatro a meia-noite em uma festa, seriam oitenta dólares em algumas noites. Quase cem dólares em um dia.

Para não mencionar a ideia de poder ir e vir livremente naquele mundo: ver as roupas que as senhoras vestiam em suas férias de verão e aprender como pessoas como Erik Rexford viviam... Era uma fantasia. Quase esquisito estar ao seu alcance e ser uma possibilidade.

— Eu teria que perguntar ao meu pai, senhora.

— Então pergunte a ele. — A Sra. Sebastian inclinou a cabeça para o lado. — Quantos anos você tem?

— Dezoito.

— Bom. — Inclinou a cabeça para o lado, olhando atentamente para o rosto de Laire. — Você é muito bonita, Srta...

— Cornish. Laire Cornish, senhora.

— Laire — ela repetiu e sorriu. — Espero que seu pai diga sim. — Então ela se virou e voltou para a cozinha.

Um emprego.

Um emprego *real*, no mundo *real*.

Não era como ajudar seu pai no barco ou trabalhar atrás da caixa registradora para o tio Fox na loja. Nem mesmo como fazer roupas para as mulheres na ilha, mas um trabalho fora de Corey Island, com um salário real.

Ela desenvolveu algumas imagens em sua cabeça, perguntando-se o quanto conseguiria economizar para Parsons ou RISD se comesse a trabalhar como garçonne durante a temporada de verão. Nunca tinha lhe ocorrido a ideia de procurar um emprego adequado. Mas agora era uma possibilidade. Então, ela voltou para o barco, para pegar o quarto isopor, sua cabeça estava girando com a promessa de trabalho.

Mas meu pai...

Seu coração afundou no peito. Seu pai nunca permitiria. Ele não gostaria que ela saísse de Corey todos os dias. Insistiria para que ela trabalhasse em um dos cafés ou restaurantes de sua ilha, ou, se insistisse muito, na Ocracoke. Ela respirou fundo enquanto suas botas caminhavam pelo calçadão. Como poderia convencê-lo?

— Ei!

Desta vez, ela não parou. Ela continuou andando. Ela tinha assuntos importantes para pensar.

— Ei!

Os chinelos brincavam contra a calçada enquanto ele a alcançava.

— Estou trabalhando — disse ela, sem lhe dirigir o olhar. Se ela olhasse para ele, se distrairia novamente, e agora precisava terminar sua entrega e descobrir uma maneira de convencer o pai para que pudesse trabalhar com a Sra. Sebastian e começar a ganhar mais dinheiro.

— Você está me evitando. Não gosta de mim, Sardas!

Sardas.

Ai, meu coração.

Ela parou de caminhar e virou a cabeça para encará-lo.

— Não *gostar* de você? — *Como se isso fosse sequer uma possibilidade.*
— Não! Eu só...

Laire voltou a caminhar, e de repente o calçadão começou a parecer muito estreito quando ele deu dois passos em direção a ela, encurtando a distância entre eles e parando diretamente em frente a ela. Ele encostou os cotovelos na grade oposta, o que deixou apenas poucos centímetros a separá-los.

— Só o quê?

— Eu não conheço você — ela sussurrou, olhando para seus olhos que tinham a cor de grãos de café.

Estes baixaram-se, encarando os lábios de Laire, como tinha feito quando falara com ela fora da cozinha há alguns minutos.

— Mas podemos remediar isso.

— Por quê? — ela murmurou, seu peito subindo e descendo rapidamente por razões que não tinham nada a ver com o transporte das caixas.

— Por que não? — ele perguntou, seus lábios perfeitos se inclinando em um sorriso. — A menos que você seja casada. É casada?

Seus lábios se contraíram.

— Tenho apenas dezoito anos.

— Então... Isso é um sim ou um não?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Eu não sou casada.

— Hmm. — Os olhos de Erik caíram sobre a mão esquerda de Laire. — Sem anel de noivado também.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Já terminamos?

— Não estou nem perto disso — ele disse, sua voz grave e baixa. — Você está prestes a entrar em um convento?

— P-para me tornar freira? — Ela riu baixinho. — Não!

— Você está prestes a se afastar para uma terra distante onde seria impossível para mim encontrá-la?

— Não.

— Solteira. Não está noiva. Nem prestes a entrar em um convento. Não vai se mudar para longe. — Seus olhos se estreitaram, e ele se endireitou. — Namorado?

Ela ergueu o queixo, pensando nas mentiras de Brodie.

— Absolutamente não.

— É meu aniversário amanhã — disse ele, relaxando o corpo. — Saia comigo.

— Eu... Eu não posso — disse ela, suspirando fortemente e voltando-se para o barco do pai.

— Por que não?

Ela respondeu por sobre o ombro.

— Porque não faz sentido.

— Não faz sentido sair comigo? Uau. Isso é estranho.

— Você é um forastei... quero dizer... — Ela suspirou, olhando para a mansão antes de olhar nos olhos dele. — Você é do povo que vem para cá no verão. E é filho do governador.

— Ahhh — disse ele. — Agora eu entendo. Você é uma esnobe.

Eles chegaram ao cais, e Laire virou-se para encará-lo, com os olhos ardendo de indignação.

— O que você quer dizer com... Não! Não, não sou uma esnobe. Você é o... Quero dizer...

— Você não vai sair comigo porque só estou aqui para o verão e me chamou de forasteiro.

Ele parecia tão ofendido que ela não pôde deixar de rir.

— Eu não te chamei de forasteiro de forma pejorativa — disse ela, pisando no barco de seu pai.

— Isso deveria fazer com que me sinta melhor?

Erik colocou as mãos nos quadris, olhando-a, e ela sentiu que ele fingia-

se de magoado, mas, na realidade, estava se divertindo muito.

Ela ergueu a quarta caixa e colocou-a de forma deselegante no *deck*, depois saiu do barco.

— Um forasteiro é só alguém que não mora nas ilhas. Especificamente alguém que não é de Corey ou Ocracoke. Não significa nada de ruim. Mesmo as pessoas que vivem lá há cinquenta anos são chamadas de forasteiras por não terem nascido nas ilhas.

— Quer saber de uma coisa? Seu sotaque é selvagem — ele disse, seus lábios se contraindo novamente, como se um sorriso estivesse prestes a sair e não houvesse nada que ele pudesse fazer a respeito, nem se tentasse.

— Isso é o que eles nos falam — disse ela, alcançando a caixa e virando as costas para ele quando começou a voltar para o calçadão em direção à casa.

O espaço era muito estreito para ele caminhar ao lado dela, mas com certeza decidira manter a conversa, mesmo depois de andarem vários metros em silêncio.

— É um pouco escocês. Escocês das Highlands.

— Uh-huh. Alguns dizem australiano também — ela disse, enquanto sua mão começava a doer muito. — Os primeiros a virem para Ocracoke e Corey eram escoceses e irlandeses, ingleses e galeses. Dizem que nosso sotaque ficou congelado por um feitiço em um momento antes de os *woodsers* saírem do continente e começarem a adaptá-lo ao estilo do sul.

— Também ouço um sotaque do sul na sua fala — disse ele.

— Mas não igual ao seu — ela respondeu.

O dele era como um sonho, como o de um herói de um filme de romance. Como o rapaz de o “Diário de uma Paixão” que se apaixonou pela garota rica de Charleston. Ele parecia um cavalheiro do sul. Como uma estrela de cinema.

— O que há de diferente no meu? — ele perguntou, seus passos pesados atrás dela.

— É elegante.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou ele. — Quem é meu pai?

Ela saiu do calçadão e entrou no gramado, decidida a não parar ou não fazia ideia de como iria erguer novamente aquela caixa. Cada uma era mais pesada do que a anterior.

— O filho do governador — disse ela simplesmente. — Erik Rexford.

— Bem, então, isso significa que estou em desvantagem, Sardas, porque tudo o que sei sobre você é que é uma garota da ilha que entrega caranguejos e que não vai sair comigo.

Ele era lindo demais. Ela poderia morrer e ir ao céu naquele momento.

— Meu nome é Laire — disse ela.

— Laire, o quê? — perguntou.

Ela deu a volta na piscina, aliviada ao ver que a lateral da casa estava mais próxima. *Sou a Laire que não deveria estar falando com você.*

— Laire Cornish.

— Bem... sem dúvida é... um prazer conhecê-la, Laire... Cornish.

Ele soou um pouco ofegante, o que era bastante lisonjeiro, considerando que seu nome era bastante comum em Corey.

— Você também, Erik Rexford.

Ela virou a esquina da casa e quase correu para a entrada da cozinha, deixando cair a caixa pesada dentro da porta com um grunhido de satisfação. Descansando as mãos sobre os joelhos por um momento, ela precisou respirar bem fundo.

— Aham — disse Erik por trás dela. — Você se importa?

Endireitando-se e colocando as mãos nos quadris, ela se virou para encará-lo e o encontrou de pé, atrás dela, com um enorme sorriso naquele rosto

lindo e as duas últimas caixas em seus braços fortes.

Foi naquele momento que Erik Rexford decidiu, sem sombra de dúvida, que não podia permitir que aquela fosse a única vez que se veriam. Os olhos dela se arregalaram, seus lábios se separaram, e a mente suja dele foi direto para seu pau, perguntando-se se seria assim que Laire Cornish olharia quando a penetrasse com seu pênis ou sua língua.

E ele pensou que seria melhor morrer ali, naquele momento, do que nunca descobrir, enquanto sorria para ela.

— Eu não... Eu não pedi a sua ajuda — ela disse suavemente quando ele passou por ela e colocou as duas últimas caixas na cozinha.

— Não disse que pedi. Mas, às vezes, Sardas, às vezes você pode ajudar alguém só porque quer, não porque há uma arma apontada para a sua cabeça.

Ele não estava certo de como conseguira construir essa frase, porque as imagens sujas e fantásticas em sua cabeça eram muito menos sensíveis do que as palavras que saíam da boca. Mas ele descobriu que estava falando a verdade — havia espaço para desejá-la e para ajudá-la. Ambos os objetivos reuniram-se em sua consciência.

— Estes isopores são pesados — disse ele. — Eu não sei como você conseguiu carregar os primeiros quatro.

— Para começar — disse ela — não carreguei dois de uma vez.

— Impressionada? — ele perguntou, piscando para ela.

O meio sorriso em seus lábios dizia que ela estava, mas a maneira como ela sacudiu a cabeça, como se ele fosse incorrigível, provava que ela não queria admitir.

— Você poderia agradecer — ele disse, erguendo as sobrancelhas para ela. — Se quiser, é claro.

— Obrigada — disse ela suavemente.

— Você terminou rápido, Laire — disse uma mulher mais velha. Ele estava bastante certo de que era a chefe do *buffet*, que olhava para Laire com admiração. — Acho que isso termina seu trabalho por hoje, querida. Eu te ofereceria uma gorjeta, mas...

— Não, obrigada, senhora.

A mulher assentiu com a cabeça como se tivesse entendido, mas Erik não conseguia entender por que eles não dariam uma gorjeta à pequena sereia por seu trabalho. Em um mundo onde todo mundo queria tirar vantagem em tudo, ela tinha realmente se esforçado no trabalho e não iria ganhar nada extra por isso? Não parecia justo, mas só de olhar para o rosto de Laire, ele já conseguiu compreender que ela não compartilhava de seus sentimentos, então, ficou em silêncio.

— Você se lembra da minha oferta, Laire? — perguntou a mulher.

— Sim, senhora.

— Espero vê-la no Pamlico House em breve.

— Obrigada, senhora.

— Vá para casa agora antes que seu pai fique preocupado, ok?

— Sim, senhora.

A mulher acenou com a cabeça para Laire, com olhos amistosos, depois virou-se para Erik, de modo profissional.

— Posso ajudá-lo em algo, Sr. Rexford?

Ele franziu a testa para ela. Sim, ele estava acostumado que as pessoas que trabalhavam para seus pais o chamassem de “Senhor”, mas parecia muito formal na frente de Laire... e ele começou a suspeitar que era exatamente esse o problema.

Despedindo-se, Laire acenou para a mulher, depois se virou, afastando-se

da cozinha com as mãos nos bolsos traseiros, caminhando mais lentamente do que quando marchara anteriormente da casa até o barco de seu pai. Ele a observou partir, maravilhado com a maneira como o sol parecia capturar os fios de cobre de seus cabelos.

— Sr. Rexford?

— Uhhh... não. Não, obrigado.

— Sr. Rexford — ela disse novamente, desta vez tentando chamar sua atenção com um pouco mais de urgência no tom de voz. Ele afastou os olhos de Laire para encará-la, achando os olhos da mulher muito menos ternos do que pareceram um momento atrás. — Ela é uma menina da ilha.

— Sim. Eu sei.

— Você não está interessado nela, está?

Ele estreitou os olhos para ela. Não gostou nem um pouco do aviso não tão sutil em sua voz.

— E se eu estiver?

Seus lábios se apertaram, e ele esperava que seu tom se tornasse duro ou julgador. Surpreendeu-se ao perceber que não. Na verdade, era suave e suplicante.

— Esqueça-a, filho.

Ela lhe lançou um sorriso triste, depois virou-se e voltou para a cozinha, deixando a porta de serviço se fechar lentamente atrás de si.

Esquecê-la.

Por quê? Por que deveria?

Esquecê-la.

Ele se virou para observar Laire, que, a cada passo, se distanciava mais e mais dele.

Esquecê-la.

Ela estava no gramado agora. Mais alguns passos e ela estaria no calçadão.

Droga. Ele não podia deixá-la partir.

Ele acelerou em uma corrida, largando os chinelos na passarela decorativa entre o *deck* da piscina e o gramado, alcançando-a na metade do caminho até o calçadão.

— Ei!

Ele ouviu seu suspiro antes que ela se virasse para encará-lo.

— Você não desiste fácil.

— Não, senhorita, eu não desisto.

— Deveria.

— Mas não vou — disse ele.

Ela continuou andando, mas ele apressou o passo, colocando-se ao lado dela, seus braços encostando um no outro e enviando descargas elétricas a todo momento.

Ele pigarreou. Concentrado.

— Me dê seu número.

— Para você ligar para a minha casa e me trazer problemas? De jeito nenhum.

— E a seu celular?

Ela olhou para ele pouco antes de entrar no barco.

— Não tenho um.

— Como isso é possível?

— Não preciso — ela disse enquanto se inclinava para soltar o barco.

Completamente surpreendido, ele congelou, olhando a parte de trás da cabeça dela enquanto ela se curvava. Ele nunca conheceu ninguém que não tivesse um telefone celular. Era estranho.

E totalmente fascinante.

Ela levantou-se e abriu caminho.

Pense, Erik. Descubra outra maneira de conquistá-la ou você a perderá.

— Seu nome é Laire Cornish, e você é de Corey Island.

— Isso mesmo.

— Então, mesmo se você se recusar a sair comigo, eu sei onde encontrá-la.

Ela se debruçou para desamarrar a corda na parte de trás do barco, mas se virou para olhar para ele, sem nenhum resquício de humor em seu rosto.

— Você não faria isso!

Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Não?

— Por favor, não venha me procurar — disse ela.

— Por que não?

Ela balançou a cabeça, parecendo exasperada quando se abaixou e finalmente desamarrou a corda.

— Isso vai me causar problemas.

— Problema? Sou o filho do governador! Não tenho *permissão* para entrar em problemas. Você estará segura como um cordeirinho... com um...

— Um lobo — ela murmurou, jogando a corda no barco e lançando-lhe

um olhar enquanto ela dava a volta ao redor dele e inclinava-se sobre o arco.

— Se é sua última palavra — ele disse, sentindo o gosto desconhecido do desespero, tornando sua voz mais aguda do que o habitual —, você não me deixará escolha. Vou ser forçado a procurá-la.

— Por favor, não — ela disse novamente, com seus olhos preocupados.

Ela franziu a testa para ele, então, jogou a linha do arco e pulou no barco.

— Vou começar pela agência de correios — disse ele, aproximando-se do barco —, porque eles têm o endereço de todos. E se eles não tiverem o seu por algum motivo, eu irei ao...

— Não — disse ela, colocando a chave no compartimento no volante e ligando o motor.

Ele sentiu-se quase frenético. Isso não podia ser o fim. Não. Absolutamente não. Ele queria ouvir sua voz novamente — o estranho e adorável sotaque incomum. Ele queria saber mais sobre ela: quem ela era, como era a sua vida. Queria descobrir por que se sentia tão atraído por ela. Queria tocá-la, fazê-la sorrir, fazê-la rir. Havia muito coisas que queria, mas sem um número de celular, como poderia entrar em contato com ela? *Porra!* Não *podia* simplesmente esquecê-la.

— Eu vou te encontrar! — Gritou por cima do rugido do motor. — Essa é uma promessa, Laire Cornish!

— Mas que droga de inferno! — ela gritou. — Tudo bem! Você venceu!

Ele se aproximou, inclinando-se para pegar o trilho de cromo manchado de sal na lateral do barco.

— Espera, isso é um sim?

— Amanhã à noite — disse ela, franzindo o cenho para ele. — Eu estarei no Pamlico House. Às oito.

— Hah! Sim! — ele gritou, erguendo um punho triunfante. — Está bem então!

Ele não pôde evitar o sorriso que curvou seus lábios até o ponto de doer e se tornar uma risada. Esta não seria a última vez em que a veria. O barco começou a se afastar, e ele soltou a grade antes que isso o jogasse dentro da água. Ergueu a mão para acenar para ela, excitado ao ponto de chegar a sentir vertigens.

— Até amanhã, Sardas!

Ela assentiu com a cabeça, sentindo os olhos ao mesmo tempo irritados e incomodados enquanto partia sem se despedir.



Capítulo 4

O pai de Laire tinha dois barcos: o barco de pesca comercial e um barco de lazer, menor e mais bonito, que eles usavam para fazerem cruzeiros ocasionais em tardes de domingo, quando Hook não estava trabalhando, ou para viagens a Ocracoke para agradáveis ceias em um dos cafés da região. Ela nunca tivera problemas para pegar o barco emprestado, se tivesse uma boa razão, porém, pegá-lo emprestado para ir ao Restaurante Pamlico House, encontrar-se com Erik Rexford e aceitar um emprego de verão não seria algo muito simples.

Dito isso, Laire tinha dois bons motivos para descobrir uma maneira de fazer seu plano funcionar.

Um, ela queria o trabalho que a Sra. Sebastian estava oferecendo. Se trabalhasse todos os dias dali até o Dia do Trabalho, ela acumularia uma pequena fortuna até o final do verão. E se pudesse manter o emprego até o final do próximo verão? Teria dinheiro suficiente para começar a faculdade em setembro.

E dois, a ameaça de Erik era real. Ela podia dizer pelo brilho louco em

seus olhos. Se ela não aparecesse no Pamlico House às oito horas da noite como prometera, não tinha dúvidas de que ele surgiria em Corey bem cedo na manhã de segunda-feira, assim que a agência dos correios abrisse. E a última coisa que ela precisava era o turbilhão de rumores — principalmente por já haver uma história falsa sobre ela e Brodie — que explodiria com a notícia de que Laire Cornish estava saindo com um forasteiro. Não, obrigada.

Seu pai não estaria em casa antes do final da tarde, o que lhe deixava a maior parte do dia para que encontrasse o melhor argumento possível para sua causa. Ela esvaziou o cinzeiro do pai ao lado da cadeira reclinada e colocou as duas garrafas de cerveja vazias na lixeira de reciclagem. Preparou uma caçarola de frango e arroz para o jantar, depois esfregou o chão da cozinha, a pia e as bancadas até que a antiga fórmica comesçasse a brilhar. Com vinagre e jornal, fez brilhar a cozinha e o vidro do forno, da mesma forma como sua mãe fazia tantos anos antes.

— Você fez café? — perguntou uma Kyrstin sonolenta, entrando na pequena cozinha por volta das onze e sentando-se à mesa para quatro pessoas, próxima à janela que fora limpa recentemente. Sua própria mãe tinha feito as cortinas com tecidos alegres quando suas filhas eram pequenas e, embora estivessem desbotadas pela tempo, nenhuma das meninas Cornish tinha coragem para substituí-las.

— Três horas atrás, sim. Agora, não. — Laire olhou para o relógio. — Já é quase meio-dia!

— Prepara uma xícara para mim?

— Faça você mesma.

— Minha cabeça está doendo como o diabo — disse sua irmã. — A que horas eu cheguei na noite passada?

— Umas duas, até onde eu sei.

— Remy e o irmão fizeram uma fogueira na praia — disse Kyrstin. — Você poderia ter se juntado a nós, Laire.

— Brodie estava lá?

— Claro.

— Então que bom que eu não estava.

— Maddie Dunlop estava se jogando em cima dele como louca.

— Maddie Dunlop é mais que bem-vinda a fazer isso. Ele não é meu.

— Você diz como se não o amasse! — provocou Kyrstin. Rindo sozinha por um momento, ficou sóbria no momento em que olhou para cima e captou a expressão no rosto da irmã mais nova. — Ok, ok. Faça-me uma xícara de café que eu paro de implicar.

Parte dela queria dizer a Kyrstin para ir para o inferno, mas precisava da opinião de sua irmã e, possivelmente, de sua ajuda. Não era hora de começar uma briga ou ser implicante.

Laire virou-se na direção do balcão e pegou a cafeteira. Abriu o armário, pegou o pó, encheu o filtro de papel e, em seguida, encheu o recipiente com água e apertou o botão, voltando para enfrentar sua irmã.

— Eu preciso de uma coisa.

Kyrstin ergueu os olhos e os estreitou, afastando uma mecha de cabelo de seu rosto.

— Sério?

Laire assentiu com a cabeça.

— Uh-huh.

— E o que seria?

Ela se sentou à mesa, entrelaçando as mãos ao lado de um pote de manteiga em forma de casca de caranguejo.

— O que você acha que papai diria sobre eu conseguir um emprego?

— Você já tem empregos — disse Kyrstin. — Você cuida da casa e ajuda na loja. Além disso, ganha dinheiro com sua costura.

— Eu quero dizer um trabalho estável — esclareceu Laire. — Um trabalho real.

— Como no Hen's Nest? Eu ouvi dizer que estão contratando.

O Hen's Nest era a creche local para crianças da ilha, que ficava especialmente cheia no verão, quando os ilhéus pegavam trabalhos sazonais.

— Não. Quero dizer... — Ela estremeceu. Não havia uma boa maneira de tocar no assunto. — Em Buxton. No Restaurante Pamlico House.

Kyrstin ergueu as sobrancelhas, sentando-se na cadeira.

— Fora da ilha?

Laire assentiu, levantando-se para pegar uma xícara de café limpa sobre a pia, entregando-a para a irmã mais velha.

— Sim. Você sabe aquela entrega da noite passada? Conheci uma senhora que gerencia o restaurante. Ela me ofereceu um emprego.

— Assim, do nada?

Laire derramou o café na xícara, rapidamente, ouvindo enquanto o café borbulhava no fundo cerâmico.

— Sim.

Kyrstin observou sua irmã com suspeita.

— Você confia nela?

— Ela é uma *woodser* de Cherry Point.

— Hmm — ela zumbiu, sua postura relaxando. — Quanto ela oferece?

— Dez por hora.

— Nossa! — Kyrstin assobiou baixo, acenando com a cabeça em concordância. — É muita coisa.

Laire virou-se para a irmã, colocando a caneca de café fumegante na mesa diante dela.

— Nem me fale.

Krystin a olhou pensativa.

— Quanto você se lembra sobre mamãe ter estudado na faculdade em Carteret?

— Não muito — admitiu Laire. No entanto, admirava desesperadamente sua mãe por ser uma das poucas ilhéus na época com uma educação universitária parcial no currículo.

— Sim, você era muito pequena. Mas eu me lembro. Ela lutou com unhas e dentes por isso.

Laire assentiu com a cabeça. Não ficou surpresa.

Ir para Carteret consistia em uma viagem de três horas de Corey Island, primeiro uma travessia de balsa para Cedar Island, depois pela rodovia ao longo da margem do continente. Ela imaginava que seu pai não fosse um grande fã de sua esposa estar ausente o dia todo, muito menos que viajasse tão longa distância de um lado para o outro, sozinha, com três crianças pequenas em casa.

— Mas, ainda assim, ela foi, não foi? — perguntou Laire. — Por dois anos?

Kyrstin assentiu.

— Ela foi. E quer minha opinião honesta? Ela deu vários conselhos a Tio Fox quando ele e o papai montaram a King Triton Seafood. Sabia muito sobre os turistas do verão, ajustou os preços, divulgou para hotéis e restaurantes próximos. Ela era uma mulher inteligente, nossa mãe.

— Eu lembro que ela era inteligente — disse Laire melancolicamente, sofrendo pela falta que sentia de sua mãe.

— Para que você precisa desse dinheiro todo, Laire?

— Você não pode falar para o papai.

Kyrstin deu uma olhada.

— Talvez eu diga, talvez não.

Laire revirou os olhos. Kyrstin tinha uma boca grande, mas não contaria se Laire pedisse que não fizesse.

— Eu quero ir para a faculdade, como Mama foi. Eu quero aprender alguma coisa.

— Sim. Mas eu vi os folhetos, Laire — disse Kyrstin, cruzando os braços sobre o peito, desaprovando-a. — Você não está sondando Carteret ou Beaufort, nem mesmo uma faculdade elegante de quatro anos como a UNC. Você quer ir para o norte.

Laire suspirou profundamente, balançando a cabeça para a irmã.

— Será que é tão errado assim?

Kyrstin deu de ombros, com uma voz esperançosa.

— Brodie é muito legal. Você acabou de se formar no colégio. Ele poderia te ajudar a montar uma pequena boutique agradável, talvez até em Ocracoke, nas balsas, onde chegam cada vez mais turistas a cada verão. Você poderia vender suas roupas. Ele e o pai têm bastante dinheiro. Você poderia ter alguns filhos. Morar nas proximidades...

Suas palavras estavam esmagando a alma de Laire, e Kyrstin deve ter percebido, porque sua voz murchou.

— Não — disse ela, tomando seu café pensativamente. — Eu acho que não. Você sempre foi mais como a Mama do que o resto de nós.

— Kyrstin — disse ela, estendendo a mão para tocar o braço de sua irmã. — Amo Corey Island. Eu amo você e Issy e papai. Mas eu... Não posso ficar aqui para sempre. Eu quero ver mais. Eu quero saber mais. Há um mundo enorme lá fora, e eu quero fazer parte disso. — Ela olhou para a mão sardenta sobre o braço de Kyrstin. Então, era difícil dizer onde a pele da sua irmã

terminava e a dela começava. — Eu sempre serei sua irmã. Mas... Sinto que essa é a minha chance. O primeiro passo para o meu sonho. E como você trabalha em um café em Ocracoke, pensei que talvez...

— Pudessemos aprovar todo o esquema?

Laire assentiu, tentando um sorriso esperançoso, dizendo:

— Se conversarmos com ele juntas, talvez possamos explicar que o meu trabalho em Buxton não é tão diferente do seu em Ocracoke. Apenas um emprego de verão por um dinheiro extra.

— Buxton não é Ocracoke, Laire, e você sabe disso — Kyrstin lembrou-a secamente.

— Por favor — disse Laire suavemente.

Enquanto observava o rosto de sua irmã suavizar, pensou em Erik Rexford, e seu coração se comprimiu com a culpa. Quando Kyrstin a ajudasse a convencer seu pai naquela tarde, ela também estaria inconscientemente ajudando Laire a ter seu encontro com o filho do governador — um fato que mudaria a opinião de Kyrstin em ajudar. Um trabalho era uma coisa. Encontrar um forasteiro era outro, e não havia forma de Kyrstin, que era feliz vivendo em Corey, aprovar.

— Eu vou ajudar — disse Kyrstin, surpreendendo Laire com sua afirmação rápida e súbita — com uma condição.

Laire prendeu a respiração. *Lá vem...*

— Se você costurar algo muito sexy para a minha noite de núpcias.

Lançando os braços em torno de sua irmã mais velha, Laire prometeu fazer algo tão sensual que colocaria Remiel Poisson de joelhos.

Muito brilhante.

O sol estava muito brilhante.

Erik gemeu e inclinou-se, olhando para o convés de concreto, onde ficavam as espreguiçadeiras e desejando que sua cabeça parasse de doer.

— Alguém tem um *Advil*? — ele murmurou.

Hillary riu duas cadeiras abaixo.

— Pobre Erik.

— Não brinque com isso — disse Vanessa ao lado dele. Uma mão suave e quente pousou em suas costas, massageando-as suavemente, e ele sabia que pertencia a ela. Era o tipo de coisa que ela sempre fazia — massagear as costas ou segurar seu braço. Van era do tipo que gostava de tocar nas pessoas. Não significava nada. Além disso, era agradável. — O aniversariante aqui bebeu o equivalente a seu peso em Champanhe! Não estou surpresa por sua pobre cabecinha estar um pouquinho dolorida.

Pete, que se debruçou do outro lado de Erik, perguntou:

— Onde está sua compaixão, Van? Minha cabeça também está doendo.

— Você é o aniversariante, Peter Donaldson? Não, acho que não. Então terá que se virar sozinho.

— Droga! — exclamou Pete, rindo tristemente. — Sua mulher fria!

— Você precisa de alguém para esfregar suas costas? — Hillary perguntou a Pete, seu tom soando brincalhão, mas, ao mesmo tempo, esperançoso demais para conseguir disfarçar.

— Por quê? Você está oferecendo? Ha-ha. Não, obrigado, Hills — disse Pete, ainda rindo. — Acho que vou me sentar na banheira e tentar um feitiço para me aquecer nesse frio.

— Seja como for — disse Vanessa, seus dedos ainda deslizando para cima e para baixo nas costas de Erik. — Por que não se senta em sua própria sujeira?

— Ha! Como se Fancy Rexford fosse permitir qualquer sujeira em Utopia Manor.

— Ela permite *você* — disse Vanessa em voz baixa.

— Eu ouvi isso, Van — disse Pete. — Mas, querida, ambos sabemos que os Donaldsons estão há mais tempo na Carolina do Norte do que os Osborns, então, lide com isso.

— Lide com isso — murmurou Vanessa imitando um sotaque do sul. — Tão cavalheiresco. Você é grosseiro, Peter Donaldson.

— Aw, Van, você pode dar um beijo na parte mais grossa da minha...

A palavra *bunda* foi engolida pelos respingos de um corpo entrando na banheira de hidromassagem.

— Ele é tão babaca — disse Van com um grunhido, seus dedos massageando os nós na parte inferior das costas de Erik.

Erik, Pete e Vanessa se conheceram na pré-escola, no Lutheran de Saint Paul, em Raleigh, frequentaram a Academia Branchbrook na escola secundária e completaram o Ensino Médio juntos na Escola Cristã Asheville, um internato onde pelo menos um dos pais de cada estudou. Conheciam-se desde o berço: três mosqueteiros que tanto defendiam um ao outro quanto brigavam como irmãos.

Mas nos últimos três anos, o relacionamento entre eles mudou um pouco, tornando-se mais matizado e complicado. Em primeiro lugar, pela primeira vez em suas vidas, viviam separados. Erik frequentava a graduação em Duke, enquanto Vanessa estava na Wake Forest, e Pete estava na UNC-Chapel Hill. Eles ainda se viam durante as férias e passavam tempo juntos no Outer Banks todo verão, mas algo indefinível mudou entre eles.

Vanessa, que sempre foi uma linda morena de olhos azuis, floresceu em uma beleza estonteante. Tinha seios fenomenais e uma bunda arredondada, mas também era magra e alta, atlética e elegante.

Pete, que era loiro, com os olhos azuis e tão corpulento como um jogador de rugby, gostava de discutir com Vanessa em qualquer chance que tivesse, mas a maneira como a olhava mudara, e até Erik percebera. Pete sempre tivera um

ponto fraco por Van, mas esse ponto fraco se transformou em algo maior e mais possessivo nos últimos anos.

Erik percebeu que Van tinha mudado, é claro, mas seus sentimentos por ela nunca foram além da amizade. Ele ainda a via como uma pseudoirmã. Uma irmã realmente bonita, sim, mas, ainda assim... uma irmã. Ele não sentia atração sexual por ela. Ela era apenas... Van, sua amiga de infância.

— Você precisa de um *Advil*, querido? — perguntou Van, perto de sua orelha. — Posso pegar um para você.

— Você não se importaria em fazer isso?

— Nem um pouco — disse ela, acariciando as costas dele pela última vez. — Volto em um segundo.

Ele suspirou, perguntando-se que horas seria e imaginando que deveria ser cerca de meio-dia. Porra, o dia estava rastejando quando tudo o que queria era que fosse logo oito, para que pudesse pôr os olhos na sereia novamente e confirmar que era tão adorável pessoalmente como parecera em seus sonhos na noite passada.

O som do sussurro interrompeu seus pensamentos agradáveis, e de repente a voz de Hillary surgiu perto de sua orelha.

— Você a tem nas mãos, Erik.

— Quem? — *A pequena sereia?*

— Van. É a pessoa a quem me refiro.

Ele se apoiou em um cotovelo, cerrando os olhos para olhar o rosto de sua irmãzinha. Hillary estava sentada à beira da espreguiçadeira abandonada de Pete, com um chapéu preto que protegia sua pele pálida do sol enquanto olhava para ele com os lábios franzidos.

— Sem chance — disse ele, revirando os olhos. — Van e eu não somos assim.

— Meu cu que não. Mesmo que você não esteja interessado, *ela* está. —

Hillary colocou seus óculos de sol de volta e os pés sobre a cadeira, recostando-se com um suspiro. — Você está entrando em água fervendo e nem está se sentindo queimar.

Erik sacudiu a cabeça, o que a fez doer ainda mais, prejudicando seu humor já precário.

— Nós seremos amigos para sempre, Hills. Você está criando uma situação que não existe. — Ele decidiu, então, que seria uma boa ideia usar um golpe baixo para fazê-la calar a boca. — Como aquela que você criou no Ano Novo, imaginando que o beijo de Pete significava algo mais do que isso.

Ela ofegou ligeiramente ao lado dele, depois pigarreou.

— Golpe baixo.

Ele amava sua irmã e ouvir a dor em sua voz fez com que sentisse um remorso instantâneo.

— Desculpe, maninha. Eu sou um idiota.

— E será ainda mais idiota se não vir o que está bem debaixo do seu nariz.

Ele se acomodou de novo na cadeira com um grunhido indignado, deixando sua cabeça cair de volta sobre o vinil quente.

— Por que você não pode apenas nos deixar ser amigos? Por que tem que ser mais?

— Porque é mais. Para ela. E você sabe disso.

— Mesmo que seja assim, e não estou dizendo que é... não é minha culpa que eu não sinta o mesmo. Nós não podemos sempre ter o que queremos, não importa o quanto desejemos. — Sua voz tornou-se suave quando ele acrescentou. — Você sabe disso mais do que eu.

— Eu acho que sim — ela disse, sem qualquer resquício de provocação em seu tom de voz. — Mas eu também sei exatamente como ela se sente, Erik. Posso ver tudo em seu rosto. Ela está pensando que se apenas se mantiver ao seu

lado, um dia você irá enxergá-la. Acha que você a escolherá porque a conhece desde sempre, porque estão destinados.

A dor na voz dela o fez se encolher.

Hillary estava falando sobre Pete, porque estava mais do que claro que ele não estava interessado nela. Nunca estivera. Pete queria Van. E Erik respeitava isso. Porra, na sua cabeça, Van era a garota de Pete, quer quisesse ser ou não.

Aquela situação estava toda fodida. Como eles iam passar o verão inteiro juntos com Hills gostando de Pete, Pete gostando de Van, Van gostando dele e ele gostando...

Os pensamentos de uma bela moça de cabelo vermelho foram interrompidos pelo som das portas abrindo e fechando novamente.

— Eu só tinha *Tylenol* — falou Vanessa, com suas sandálias batendo no *deck* da piscina. — Será que vai servir?

Ele se inclinou para olhar para ela e a viu aproximar-se com um vidro vermelho e branco em uma mão e um copo de água gelada na outra.

— Você é um anjo de misericórdia — ele falou.

Seus olhos, profundamente azuis e grandes, suavizaram-se instantaneamente quando ela se aproximou, e Erik desviou o olhar rapidamente, mantendo o aviso de Hillary fresco em sua cabeça.

— Eu avisei — sua irmã resmungou ao seu lado, observando a interação entre eles sobre as bordas de seus óculos de sol.

Erik girou o corpo e sentou-se na borda da cadeira enquanto Vanessa se afastava. Ela lhe entregou o copo e os dois comprimidos, que ele engoliu rapidamente.

— Obrigado, querida — ele disse, piscando para ela.

— Faço qualquer coisa por você. Você sabe disso — ela respondeu, em um tom pesado nas entrelinhas. De repente, ela sorriu docemente, colocando-se

ao lado de sua espreguiçadeira com uma embalagem de protetor solar. — Pode passar nas minhas costas?

Ele olhou para a embalagem, depois para Van.

— Pete! — ele gritou, ainda mantendo os olhos nos dela para que o significado da mensagem fosse tão claro quanto poderia ser. — Você pode dar a Van uma mão com o protetor solar? Acho que vou entrar e tirar uma soneca.

Vanessa se encolheu, suas bochechas coradas de vergonha, mas abriu um sorriso no rosto gelado quando Pete saltou ansiosamente da banheira de hidromassagem e deu a volta no *deck* da piscina para servi-la.

— Claro — disse ele, pegando a embalagem logo que chegou às cadeiras.

— Encontro vocês mais tarde, hein? — disse Erik, levantando-se e entrando na casa.

— Erik!

Ele voltou-se para Vanessa, que o olhou ansiosamente.

— Vamos todos sair juntos esta noite, certo? — ela perguntou, sentando-se no topo da espreguiçadeira enquanto Pete despejava um pouco de creme nas palmas de suas mãos.

Erik sacudiu a cabeça quando uma imagem súbita de Laire Cornish fez com que ele sentisse a mesma urgência que vira nos olhos de Vanessa. Hillary estava certa. Esta situação era mais pegajosa do que imaginara. Talvez devesse parar de sair com Van... e aquela noite era o momento perfeito para começar.

— Desculpe, querida — ele disse gentilmente. — Vocês terão que sair sozinhos. Tenho planos.

O rosto de Vanessa murchou quando Pete sugeriu que eles fossem ver um filme, e Hillary, que poderia ou não ter sido intencionalmente incluída em seu convite, concordou com entusiasmo.



Capítulo 5

Em meados de junho, o sol não se punha na costa de Pamlico até quase 20h30, o que significava que Laire fazia um passeio lindo e dourado para Buxton naquela noite.

Houve momentos, pensou, enquanto o vento varria seus cabelos para trás e gotas de água salgada salpicavam em sua pele, que o mundo lhe pareceu perfeito. E conforme avançava para o norte, em direção a Buxton, onde estava prestes a aceitar um lucrativo emprego de verão e se encontrar com um jovem que fazia seu coração tremer como gelatina, estava determinada a saborear o momento.

Não que a conversa com seu pai tivesse sido doce como chocolates e cerejas.

Quando ela pediu para usar seu barco, ele disse que sim, e, por um momento, quase pensou que ele iria conceder o empréstimo sem entrar em detalhes sobre seu destino. Mas então, quando ele abriu uma cerveja e sentou-se

na poltrona, perguntou casualmente onde estava planejando ir.

Ela lançou um olhar preocupado na direção de Kyrstin, que estava sentada no apoio para os pés do pai e lembrou-se de suas objeções iniciais em relação ao trabalho em Ocracoke. Ele ouviu, balançando a cabeça, antes de virar os olhos e perguntar a Laire se ela não queria trabalhar com a irmã no Ocracoke Bistrô.

— E se eu quiser? — perguntou Laire.

— Não posso dizer que eu adoraria, com todos os turistas que se atiram nas meninas locais, mas você teria sua irmã mais velha para cuidar de você, e Bernard Mathers é um chefe justo. Eu acho... — Ele coçou a barba. — Não gosto nem um pouco disso, Laire, mas se você quiser ganhar um pouco de dinheiro extra neste verão, não vou me opor.

Ele tomou um longo gole de cerveja.

— Mas pensando nisso, por que você precisa da lancha? Você não pode pegar carona para Ocracoke com Kyrst e Remy?

Quando estava prestes a dizer a seu pai que ela não tinha intenção de trabalhar em Ocracoke, Kyrstin a interrompeu.

— O problema é que Bernie precisa de Laire no turno de seis à meia-noite. E meu horário vai mudar das oito às duas.

— Hã. Por que isso?

— Bem, foi uma espécie de promoção — disse Kyrstin, sua atenção totalmente fixa em seu pai.

Laire cutucou sua irmã nas costas com o joelho. *O que você está fazendo? E quanto a Buxton?*

Kyrstin inclinou-se para a frente, ignorando Laire.

— Eu vou ficar no bar, e Laire vai assumir meu turno.

Os olhos do pai se arregalaram e ele colocou a cerveja sobre a mesa.

— No bar?

Kyrstin assentiu.

— Paga melhor, papai. Mais gorjetas.

— Fazendo drinques?

Laire finalmente entendeu o que estava acontecendo e por que Kyrstin fora tão rápida em “ajudar” Laire: ela tinha seus próprios planos. Ela precisava de uma desculpa para assumir uma posição diferente no Ocracoke Bistrô, e Laire conseguindo um emprego lhe proporcionava uma boa razão.

— Não gosto de pensar em uma das minhas garotas atrás de um bar.

— O que há de errado com isso? — perguntou Kyrstin defensivamente.

— Parece errado.

— Você é antiquado. Minhas gorjetas serão duplicadas.

Seu pai sacudiu a cabeça, parecendo preocupado.

— Não tem nada de errado em ser antiquado, garota. Você acha que este é um bom exemplo para a sua irmãzinha?

— Trabalho duro e dinheiro honesto? — disse Kyrstin, erguendo o queixo. — Sim, senhor, acredito que seja um bom exemplo.

— Tudo isso tem a ver com dinheiro. Você precisa de dinheiro? Parece que Remy está bem de vida. Pensei que talvez você deixasse o emprego de garçonne quando se casasse, não que fosse trabalhar mais horas.

Kyrstin colocou a mão no joelho de seu pai.

— Papai? Você conhece a velha casa dos Carver?

A casa dos Carver era uma mansão centenária perto do porto da Ilha Corey. Fora casa de um capitão do mar nos anos 1800, depois uma pousada, depois um restaurante, mas há quinze bons anos estava desabitada, maltratada pela natureza e recebia apenas cuidados mínimos por parte de um escritório

imobiliário local.

— Claro — disse seu pai, franzindo as sobrancelhas. — E daí?

— Estamos comprando — disse Kyrstin. — Eu e Remy. Nós vamos reformá-la e reabri-la como uma pousada.

— Uma o quê?

— Uma pousada.

— Para quem? Ninguém em Corey precisa de pousada.

— Para turistas, papai.

— Turistas em Corey? — ele desdenhou. — Deixe isso para o pessoal de Ocracoke. Não precisamos de turistas aqui.

— É o que eu e Remy queremos. Nosso próprio negócio.

E esse foi o momento em que Laire soube que não poderia dizer outra palavra e que precisaria ser cúmplice na pequena mentira de sua irmã. Todos tinham sonhos, e aquele pertencia a Kyrstin. Laire faria o que fosse para garantir que se tornasse realidade para ela.

Os olhos de seu pai se deslocaram para ela.

— O que você acha de tudo isso?

— Eu realmente quero o emprego de garçonne — disse Laire.

— Quero dizer, a respeito da casa dos Carver.

— Château le Poisson — disse Kyrstin baixinho, com as bochechas coradas. — Significa Casa do Peixe... em francês.

— Ch-Château le Poisson. — Laire assentiu com a cabeça. — É uma boa ideia, papai. Já está mais do que na hora de termos uma pousada em Corey. Ocracoke tem pelo menos seis ou sete. — Ela acrescentou calmamente, principalmente pelo benefício de Kyrstin. — E acho que deixaria Mama orgulhosa.

Kyrstin virou-se para olhar para sua irmãzinha, falando “obrigado” quando ela pousou os olhos nela.

Hook Cornish percebeu que estava derrotado quando viu aqueles olhos verdes na frente dele.

— Bem... Faça algum dinheiro extra para sua Casa do Peixe — disse ele a Kyrstin. Virando-se para Laire, ele acrescentou: — Quer que eu converse com Mathers antes de você começar? Peça-lhe que fique de olho em você?

— Não! — gritou Laire.

— Não — disse Kyrstin, um pouco mais suavemente. — Eu vou fazer isso, papai. E, além disso, estarei lá para cuidar dela. Ela ficará bem.

— Bem, então — ele suspirou, olhando para Laire, derrotado. — Acho que você pode usar a lancha. Mantenha-a abastecida, Laire. E se eu precisar dela de vez em quando, você terá que pegar carona com sua irmã e Remy, sim?

Laire assentiu com a cabeça.

— Claro, papai.

— Agora me deixem em paz por um tempo, garotas — ele disse, fechando os olhos e recostando-se na cadeira. — Estou *mommou*.

Laire confrontou sua irmã mais tarde, em seu quarto compartilhado, enquanto ela vestia uma roupa para seu encontro secreto.

— Por que você não me contou? — ela exigiu. — Sobre o bar e a casa Carver... e tudo o mais?

— A casa era um segredo. E eu só tive a ideia do bar esta manhã, depois de conversar com você. Bernie recebeu a notícia de que Monica vai sair. Liguei para ele e me ofereci para assumir o bar. Ele disse que sim e, com o dinheiro extra, Remy e eu decidimos que finalmente poderíamos fazer uma oferta na propriedade dos Carver.

— Isso é realmente o que você quer fazer? Abrir uma pousada?

Kyrstin assentiu.

— Você sabe que sempre foi o sonho de Mama, não sabe? Eu li isso em um de seus cadernos da escola. — Seu sorriso era melancólico enquanto encolhia os ombros. — Você não é a única com sonhos, Laire.

— O sonho de Mama era abrir uma pousada?

Kyrstin assentiu.

— Ela esboçou todo o plano: comprar a casa Carver, reformá-la, adicionar um restaurante. Tudo estava lá. Mostrei para Remy, e ele quase caiu para trás, ficou tão animado quanto eu. Nós podemos fazer isso, Laire. Podemos fazer o sonho de Mama acontecer. — Ela sorriu. — E você nos ajudou. Muito.

Kyrstin beijou Laire na bochecha e correu para contar a Remy as boas notícias.

E Laire sentiu tanta satisfação em ajudar sua irmã e, indiretamente, sua mãe, que isso atenuou toda a sua culpa imediata pela mentira que contara ao pai.

Mas agora, enquanto se aproximava de Buxton, começava a ter dúvidas.

E se o pai dela aparecesse no Bistrô Ocracoke para verificar se ela estava lá? E se Bernie Mathers aparecesse no King Triton para fazer um pedido especial e se encontrasse com seu pai? Certamente ele perguntaria como suas *filhas* estavam se saindo. Ela suspirou. Este não era o tipo de mentira que poderia permanecer intacta para sempre. Ela e Kyrstin teriam que encontrar uma maneira de se livrar dela.

Mas não ainda.

Por enquanto, sua irmã teria o direito de seguir seu sonho, e Laire poderia começar a trabalhar na Pamlico House. Algum dia, muito em breve, elas poderiam falar a verdade.

Ela sorriu para o vento, sentindo-se feliz por Kyrstin — e por si mesma. *Estamos perseguindo nossos sonhos!* Parecia tão bom... e de alguma forma isso diminuía o nervosismo por ver Erik Rexford novamente naquela noite.

Com toda a luta que precisara travar para fazer aquela noite acontecer, conseguira manter Erik Rexford longe de sua mente, mas naquele momento? Sabendo que o veria em pouco tempo? Seu coração começou a retumbar, e ela se perguntou — pela milésima vez — o que um garoto como ele poderia querer com uma garota como ela. Ela não poderia responder a essa pergunta nem se dela dependesse a sua vida, nem podia se recusar a oportunidade de descobrir.

Manter-se fora de alcance dos meninos da ilha concedera a Laire uma reputação de ser fria e tímida, mas essa era apenas uma fachada que ela usava para garantir que seu nome nunca estivesse na boca de outras pessoas. Por dentro, ela era tão quente e curiosa quanto qualquer outra garota adolescente, que ficara curiosa quando pegou Kyrstin e Remy seminus, ou quando via um filme onde um rapaz e uma garota se apaixonavam loucamente e se moviam um contra o outro, pele com pele, gemendo e se contorcendo com necessidade e paixão.

Como os pais de outras três garotas de sua classe, seu pai a retirou da escola no primeiro dia na sexta série, quando começaram a ensinar educação sexual, pedindo a Isolda que conversasse com Laire “em algum momento”. Isolda, mesmo sendo veterana no Ensino Médio na época, namorada de Paul há muito tempo, ficou com o rosto vermelho como uma maçã e nunca abordou o assunto com sua irmãzinha. Não houve conversa oficial. Qualquer informação que Laire tivera sobre meninos e sexo viera de suas irmãs quando falavam sobre seus namorados e tudo o que pudesse aprender de programas de TV e filmes. Em suma, ela conhecia os fatos sobre a vida, mas achava que deveria ser muito diferente da experiência prática.

Pela primeira vez em sua vida, *queria* essa experiência. Na noite passada, sonhara que estava em uma dessas cenas de sexo de filme com Erik Rexford, pele com pele, com o corpo dele se movendo sobre o dela, o que gerou uma dor profunda dentro de seu corpo e que durara o dia todo. Isso lhe dizia algo muito importante: queria que Erik Rexford sorrisse para ela, que a tocasse, talvez até — apenas em seus sonhos mais selvagens —, é claro, fizesse as coisas que Brodie Walsh se gabara que tinha feito. Mas mais do que tudo...

...ela queria que ele a beijasse.

Ela simplesmente não tinha muita certeza de como fazer isso acontecer.

Para os padrões de fora da ilha, Laire sabia que era lamentavelmente inexperiente, mas até agora, isso não fora um problema, porque ela não tinha interesse em nenhum dos meninos com quem crescera. Naquele momento, ela mordida o lábio inferior, desejando saber mais ou ter um pouco mais de experiência. Por um momento, lembrou-se de que Erik Rexford olhara para sua boca com fome tão cruel que incendiara todo o seu corpo. Isso significava que ele queria beijá-la também? Tinha que significar algo, certo?

Ela soltou o lábio de forma determinada.

Não importa o que mais poderia acontecer naquela noite, Laire queria seu primeiro beijo, e queria que acontecesse com Erik Rexford, o mais próximo que ela conhecia de um Príncipe Encantado. E então, não importava o que iria acontecer em sua vida dali em diante, ela teria a lembrança do beijo de Erik. Ela saberia, pelo resto dos dias, qual era a sensação de ser desejada por alguém como ele.

Ignorando o bando de borboletas que invadia seu estômago, acelerou o barco e seguiu o caminho até Buxton.

Inclinando o pulso para checar as horas, enquanto chegava em Pamlico House, Laire descobriu que eram sete e quarenta e ela rapidamente calçou os sapatos de camurça que comprara para usar no casamento de Kyrstin. Eram os melhores sapatos que tinha, mas precisaria ter cuidado para não estragá-los, ou sua irmã certamente se queixaria.

Eram tão novos e bonitos que calçá-los deu-lhe o pequeno impulso de confiança que precisava desesperadamente. Usava *jeans skinny* e uma blusa de seda. A blusa era uma peça que a deixara orgulhosa. Copiara descaradamente de um design da Foundrae. Era um top decorado, de seda em camadas, com franjas e um belo decote, e as ligeiras ondas em seus seios eram perfeitas. Era, de longe, a peça mais sofisticada que possuía e mostrava o contorno de seu barriga sob o tecido.

Ela lavou o cabelo depois de conversar com Kyrstin na cozinha, secou-o e depois torceu-o cuidadosamente para conseguir alguns cachos. Enquanto caminhava da doca até Pamlico House, tirou os grampos que os prendiam e sacudiu as mechas, sentindo as ondas macias caírem em torno de seus ombros antes de se estabelecerem.

No final da passarela, ela encontrou uma calçada, mas parou abruptamente. Ela olhou para o lindo restaurante e respirou profundamente, sentindo um momento de pânico ao pensar na Sra. Sebastian... e em Erik Rexford. De repente, sentiu que tudo aquilo era demais para ela, que não conhecia nada do mundo além da ilha Corey. Estaria louca por aceitar esse emprego? Por querer conhecer aquele homem? Quem ela estava pensando que era?

— Tive medo que você não viesse.

Virando-se para a esquerda, ofegou quando um sorriso explodiu em seu rosto.

— Oi — ela disse sem fôlego, colocando uma das mãos no bolso de trás e passando a outra no cabelo.

— Oi — ele disse, começando com um sorriso suave, que logo cresceu para combinar com o dela. — Eu tenho uma confissão. Estou aqui desde às seis.

— Seis? Mas eu disse...

— Eu sei — ele disse, alcançando a mão livre e entrelaçando os dedos nos dela sem permissão. — Você disse oito. Acho que sim... — Ele deu de ombros. — Eu não queria me atrasar.

O fato de ele estar segurando sua mão confundia seu cérebro e fazia com que todo o ar de seus pulmões escapasse por seus lábios até que ela se sentisse lúcida e conseguisse lembrar de respirar.

— Estou aqui agora — ela disse, sua voz suave e gentil.

Ele aproximou-se de Laire, colocando-se tão perto que seus peitos passaram a se tocar a cada respiração profunda que ele dava. Seus olhos escuros se apoderaram dos dela.

— Não consegui parar de pensar em você. Não podia esperar para te ver de novo — disse ele.

Seu olhar deslizava para seus lábios, como tinha ocorrido na noite anterior, e ela ouviu as palavras em sua cabeça: um primeiro beijo. *Você quer*

que ele seja seu primeiro, não é?

Laire inclinou a cabeça para olhar para o rosto dele, que estava retroiluminado pelos redemoinhos rosa, dourados e lavanda do sol moribundo, e seu coração preencher-se de tanta ternura que não havia maneira de um único órgão segurar tudo. Esse sentimento se espalhou por seu peito, e ela respirou fundo, mantendo o rosto erguido, relutando em perder um único segundo daquele momento.

Seu coração acelerou no momento em que teve consciência — de si mesma, dele, de estar sozinha com ele, longe de sua ilha.

Continue. Beije-o. Beije o garoto.

— Laire... — ele sussurrou, deixando que um suspiro caísse suavemente em seus lábios quando ela se inclinou na ponta dos pés e pressionou sua boca virgem contra a dele.

Seus dedos não se afastaram dos dela, e ele encaixou os dois braços em volta da cintura, puxando-a para perto, até que seu tórax fosse pressionado contra o dela, os botões de sua camisa colados na fina seda de sua camisa.

A mão que ela tinha escondido em seu bolso traseiro deslizou livre, rastreando a pele quente e musculosa de seu antebraço, seu cotovelo, as dobras de sua manga enrolada e o algodão engomado sobre seu bíceps, que se curvava debaixo dos dedos. Seus lábios escovavam os dela suavemente, de forma tentadora, e, por um momento, ela entrou em pânico, perguntando-se se ele estava sendo apenas legal, se talvez a maneira como ele tinha olhado para a sua boca não tivesse qualquer significado de interesse no final das contas.

Mas quando a ponta dos dedos, que escorregou silenciosamente sobre o cume do ombro, entrou em contato com a pele nua da garganta, o beijo mudou. Aproximando-se dela, o joelho dele abriu-lhe as pernas e inclinou-a para a frente, segurando atrás de seu pescoço com a palma da mão e apertando-a, enquanto a língua varria a costura de seus lábios. Estes se separaram, convidando-o a entrar.

Ele gemeu, deixando sua língua deslizar de forma erótica sobre a dela enquanto a abraçava. Sua mão livre deslizou para o outro lado da garganta, os dedos firmes atrás do pescoço para manter seu rosto perto do dela, seus lábios

colados aos dela, seu corpo inflado, quente e rígido.

Timidamente, ela tocou a ponta da língua na lateral macia, úmida e arredondada da dele, e ela se encolheu com a reação em sua pélvis, o calor repentino que inundou sua calcinha de algodão branco quando Eric empurrou a coxa entre as pernas dela. Enquanto a segurava contra ele com braços fortes ao redor de suas costas, Laire perdeu-se na sensação de suas línguas emaranhadas e dançando, o que a provocava como chamas e lâminas lânguidas.

Mais. Mais. Mais, por favor, pensou. Mais por agora, e para mais tarde, e pelos anos que esperei, e para os próximos anos, quando não estaremos mais juntos. Mais.

Ele a puxou mais para si violentamente, enquanto seus dedos se fechavam em punhos contra a parte mais baixa de suas costas, os nódulos agarrando a seda que separava sua pele da dela. Seus mamilos, rígidos em pontos sensíveis, encontraram uma parede de músculos atrás da camisa. Os botões rosados estavam estranhamente intumescidos sob o sutiã de algodão, doendo com um anseio que nunca experimentara e não tinha ideia de poderia existir — apenas o instinto de que beijar Erik seria a chave para seu alívio.

— Laire, Laire, Laire. Querida, estamos em público — ele sussurrou contra seus lábios antes de enfiar a língua novamente em sua boca. Uma frase tão inútil quanto tentar esfriar o calor entre eles.

Ela choramingou, passando as mãos do pescoço até chegarem às bochechas e inclinando a cabeça para um ângulo melhor, suspirando de prazer quando a boca de Erik se fechou sobre a dela, invadindo mais uma vez com um rosnado de fome.

As mãos na parte inferior de suas costas deslizaram para debaixo da blusa, as palmas da mão se grudaram na pele de suas costas e empurraram a pélvis para a frente dele, onde um longo e musculoso músculo latejava contra o ápice de suas coxas.

E a sensação era tão boa... tão boa... Então, então, então...

E-espere!

Seus olhos se arregalaram, e sua língua, que estava deslizando contra a

dele, acalmou-se.

Oh Deus. Esse é o...

Seus lábios se afastaram dele vagarosamente, e as mãos que seguravam seu rosto afrouxaram o aperto.

Será que isso significa que ele quer...

— Laire? Você está bem?

Essas palavras foram proferidas de forma macia e delicada, bem próximo de sua orelha, como se ela estivesse ouvindo através de uma concha, enviando uma sensação direto para sua virilha e fazendo-a suspirar com desespero quando abriu os olhos.

— Eu, eu... Eu não quero...

Ele esfregou a pele do pescoço, e sua voz soou um pouco bêbada.

— Não quer... o quê?

Ela se recostou apenas o suficiente para quebrar o contato, para fazê-lo levantar a cabeça para que ela pudesse ver seus olhos, que pareciam ainda mais negros, as íris marrom escuro obliteradas pela amplitude de suas pupilas.

— Você quer fazer sexo comigo — ela disse sem rodeios, olhando-o nos olhos.

Seus lábios se separaram de surpresa, e ele piscou para ela, respirando profundamente, o que fez seu peito ser pressionado contra o dela novamente.

— O que você... — Suas sobrancelhas se franziram. — Quero dizer...

— Eu estou sentindo — disse ela com franqueza. — Sei que você quer. Não pode negar...

— Eu não... — Ele pigarreou. — Quero dizer, eu não estava tentando...

— Nós *não* vamos fazer sexo — ela disse com veemência. Seus braços se afrouxaram um pouco, e ela se afastou dele, terminando seu íntimo contato de

virilha com virilha.

— Não achei que iríamos fazer. — Suas palavras foram ditas devagar e com cuidado, falando como se ela fosse uma criança assustada.

— Você tem certeza disso? — Olhando para o membro dele de forma significativa antes de olhar para seu rosto, ela acrescentou: — Porque parte de você parece estar pensando que vamos.

Ele olhou para ela como se estivesse tentando descobrir algo importante e ficar calmo enquanto fazia isso.

— Sim, tenho certeza de que não estou tentando fazer sexo com você. Estávamos apenas nos beijando.

Laire ergueu o queixo. Não, ela não era a pessoa mais experiente no planeta, mas sabia muito bem que estavam fazendo muito mais do que “apenas” se beijando porque sentia o negócio dele... aquele negócio que ele havia pressionado contra ela e, ao contrário de Kyrstin, ela não estava tomando anticoncepcionais. Sem mencionar, ela não era o tipo de garota que fazia mais do que beijar. Uma vez que se compartilhava mais do que um beijo, as coisas ficavam sérias rapidamente. Ela sabia disso, e fazia com que seu coração corresse em pânico.

— Eu não vou me casar e... e nem fazer bebês! — ela falou. — Eu sou nova demais!

— Ei! O quê? — ele disse, soltando-a e erguendo as palmas das mãos defensivamente. Deu um passo para trás, olhando-a com choque. — Sobre o que você está falando?

— Tenho planos para a minha vida! — ela disse, cobrindo o peito com os braços cruzados enquanto olhava para ele.

— Mas que inferno! — Parecendo completamente desconcertado, Erik franziu os lábios e colocou as mãos nos quadris. — Eu também!



Capítulo 6

Porra, ela o estava confundindo!

Eles tinham se cumprimentado, ele pegou sua mão, e, antes que pudesse entender, ela começara a beijá-lo. Então, do nada, dissera que não iria fazer sexo, casar-se, nem fazer bebês com ele.

Que diabos?!

O que exatamente ela achava que estava acontecendo entre eles? De alguma forma fora levada a acreditar que estavam se comprometendo um com o outro só por jantarem naquela noite? Para não mencionar... *Merda!*, ela o beijara, não o contrário.

Além da confusão esmagadora sobre como e por que ela saltara de um beijo apaixonado para lhe dizer que não iria fazer sexo com ele — Cristo! Ele não queria se casar e nem ter bebês aos vinte e um anos de idade! Ela parecia estar ofendida. Não importava quão fora de controle pudesse ter se sentido, Erik

Rexford era, antes de tudo, um cavalheiro. Embora alguns de seus colegas fossem idiotas agressivos com mulheres, Erik não o era. Certamente não iria jogá-la na calçada em frente à Pamlico House e tentar algo mais ousado, se era isso o que ela estava pensando.

A expressão dela era horivelmente sombria, embora seus lábios, que tinham um gosto mais doce do que qualquer um que ele conhecesse, estavam rígidos e tornaram-se proibidos. E, *merda!*, mas ela era mais do que linda, parada ali, sob a luz do luar. Sua atração por ela, desde o primeiro segundo em que a vira, era feroz, e ele queria aplacar aquela atração que existia entre eles antes que se transformasse em algo significativo.

— Podemos, hum... podemos nos recuperar um pouco? Talvez possamos nos sentar por um segundo e falar disso? — ele perguntou, gesticulando para um grupo vazio de cadeiras em um gramado verde, que parecia ignorar as águas.

Ela assentiu bruscamente, tomando a dianteira em uma marcha sem sentido, a mesma que usara para carregar os isopores até a cozinha. Mas daquela vez ela não estava usando botas. Calçava pequenos sapatos de salto brancos, que faziam seu bumbum balançar de um lado ao outro, parecendo a porra de um sonho.

Seu pênis, que ainda estava duro como uma pedra, se contraiu dentro de sua bermuda *khaki*, e ele pigarreou, tentando desesperadamente pensar em hóquei, para manter a sanidade. Esforçou-se bastante, e quando chegaram às cadeiras, já não estava mais tão excitado.

— Vamos só... sentar — disse ele, ainda confuso sobre o que acabara de acontecer.

A postura dela era rígida enquanto se sentava na beira da cadeira, brilhantemente pintada, que o restaurante colocara no gramado para os clientes que procuravam um momento calmo e uma bela vista. Erik sentou-se ao lado dela, observando-a de perfil e reparando — mesmo naquele momento incrivelmente estranho — no quão bonita ela era. Seus cabelos arruivados ondulavam ao redor de seus ombros e pareciam tão macios e convidativos, que ele tinha que se forçar para não estender a mão e tocá-los. Por que não passara os dedos por eles quando a estava beijando? Quando ele teria a chance? Ele se encolheu, rezando silenciosamente para que tivesse outra oportunidade, porque,

por Deus, se, de alguma forma, aquele tivesse sido o primeiro e último beijo, acabaria morrendo de desespero.

Ele precisava tocá-la novamente, o instinto chegava ao seu ápice de forma quase cegante.

Não faça isso, pensou ele, encarando o rosto muito sério de Laire. *Agora não é a hora.*

Ele pigarreou.

— Tenho a sensação de que você queria me beijar, Sardas.

Ela se virou para ele, os olhos arregalados e honestos.

— Eu queria.

— Tem certeza disso? — ele perguntou, tentando manter a voz calma.

— Sim — ela disse, seu tom livre de astúcia ou incerteza.

— Bom — disse ele —, porque eu queria te beijar também.

— Mas era só isso que eu queria — ela rapidamente acrescentou, olhando para ele diretamente.

A decepção esmagadora que ele sentiu pela perspectiva de não poder ir além de um beijo foi diminuída pela noção reconfortante de que beijá-la era algo fodidamente espetacular.

— Foi um bom beijo? — ela perguntou, sua voz muito mais suave e mais incerta do que um segundo atrás.

— Sim — ele disse, acenando com a cabeça para ela. — Entrou para o top dez, com certeza.

Seus lábios se contraíram e suas sobrancelhas se arquearam.

— O nono melhor, hein?

— Não, na verdade — ele disse, olhando para ela quase sem sorrir. —

Retiro o que eu disse: não teve nenhum melhor. Esse foi o número um.

O sorriso dela tornou-se súbito e cego.

— Mesmo? Tem certeza?

— Sim, é verdade. Melhor beijo que já recebi — admitiu com uma risada suave, encantado com o sorriso dela, encantado por ser ele quem a deixara tão feliz. — E você?

— Foi o melhor para mim também. — Ela segurou o lábio inferior entre os dentes, seu sorriso desaparecendo, embora a cor em suas bochechas tivesse se aprofundado. — Foi o *único* para mim, na verdade. Nunca tinha beijado ninguém antes de você.

Espera aí. Porra! O quê?

— Espere. Aquele foi... — Sua voz se apagou quando ele processou o que ela estava dizendo. — Aquele foi o seu primeiro beijo?

Ela olhou para ele e assentiu com a cabeça, seus olhos verde-marinheiros não demonstrando remorso. Também não sairia nenhum pedido de desculpas de seus lábios.

Ele ficou surpreso no dia anterior, quando ela disse que não tinha um telefone celular, mas aquela admissão foi a primeira visão real para Erik Rexford sobre o quanto ela vivia em uma redoma. Aos dezoito anos, Erik já tinha perdido a noção de quantas mulheres beijara em sua vida, mas Laire, aos dezoito, guardara seu primeiro beijo... para ele.

— Eu fui o seu primeiro — ele murmurou.

— Uh-huh.

— Por que eu? — ele perguntou suavemente, surpreso com as palavras.

— Eu não sei. Eu só... Eu queria que fosse você. — Ela riu, balançando a cabeça quando desviou o olhar. — Talvez porque você seja tão diferente.

Aquela confissão, feita sem pretextos ou tentativas de flerte, o deixou tão

feliz que ele não conseguiu se lembrar quando se sentiu tão honrado por qualquer outra coisa. Sua vida estava cheia de afetação e insinceridade: uma festa de aniversário cheia de convidados importantes que ele não conhecia, cerimônias de reconhecimento de seu pai para qualquer legislação que apelasse para os interesses especiais de certos grupos, convites para bailes de gala, onde todos tentavam arrancar da pessoa ao lado grandes ideias e impressionar a todos com planos de férias e citações de nomes.

Era tudo mentira.

Mas aquilo era real. *Real*.

Por nenhuma boa razão, a garota que ele mal conhecia tinha acabado de lhe dar algo extremamente valioso.

E merda, o que ele fez? Esfregou seu pau nela como se fosse morrer se não a comesse. Erik se encolheu. Não era de se admirar que ela tivesse ficado assustada.

— Eu não sabia, Sardas. Me desculpe por ter ficado tão... animado.

Ela lançou um olhar para ele, e duas manchas rosa apareceram em suas bochechas, mas ela não disse nada.

Ele suspirou, respirando profunda e pesadamente enquanto passava uma mão pelo cabelo.

— Será que, uh... atingiu suas expectativas? O beijo?

— Sim — ela disse, mas ainda estava olhando para suas mãos, entrelaçadas no colo. — Exceto...

Ele ficou tenso.

— Exceto...?

— Eu pensei que seria apenas a boca. E, bem, línguas, talvez. Como nos filmes. Eu não sabia sobre as mãos. Ou seu, seu membro, pressionado contra o meu, hum... você sabe. O seu, seu... — Ela olhou para a virilha dele, e suas bochechas coraram ainda mais quando ela tomou o lábio inferior entre os dentes.

— Eu sei o que acontece entre homens e mulheres na cama. Eu só... Eu não sabia que tudo acontecia tão rápido depois de um beijo.

— Nem todos os beijos são assim — disse ele, esperando que aquele não tivesse sido o último beijo entre eles. — Aquele foi... muito bom.

— Você tem mais experiência do que eu. — ela gemeu, olhando para ele. — Deve pensar que sou muito estúpida.

— Não! — ele exclamou, sua voz baixa e séria. — Não. Eu não acho que você seja estúpida. — Ele finalmente se arriscou em tocá-la novamente, pegando sua mão e segurando-a suavemente. — De modo algum.

Mas você é a garota mais inexperiente que já conheci, e não tenho certeza de como me sinto em relação a isso.

Ela respirou fundo, mas não largou a mão dele, fazendo-o sentir-se profundamente grato por poder segurar sua mão, o que rapidamente e firmemente resolvia o problema de como se sentia a respeito da inexperiência dela: ele não se importava. Ela era diferente de todas que conhecia. Em um mundo onde ele sentia como se já tivesse visto de tudo, algo novo surgia, e um feroz senso de proteção avolumou-se dentro dele por tudo o que ela não vira e não sabia.

Ela riu suavemente.

— Pensei que era preciso ficar se beijando por muito mais tempo antes de querer fazer sexo.

— Laire — ele disse, esperando até que ela olhasse para ele —, eu posso ser brutalmente honesto com você?

Os olhos dela se arregalaram nervosamente, mas ela assentiu.

— Às vezes você nem precisa beijar antes de querer alguém. — Ele sorriu, entrelaçando os dedos nos dela. — A verdade é que... eu a desejei no segundo em que coloquei meus olhos em você.

O suspiro rouco que ela soltou fez suas bolas se apertarem.

— É verdade?

— Sim. Claro.

— Mas... Eu nem sequer... Eu não estava tentando...

— Você não *precisava* fazer nada. — Seu sorriso tornou-se ainda mais vívido, e ele inclinou a cabeça para o lado, totalmente cativado por sua inocência. Com a mão livre, ele pegou um fio de cabelo e o prendeu atrás de sua orelha, segurando o rosto dela quando Laire se inclinou em sua direção. — Você acha que *eu* sou diferente? *Você* é diferente, querida. Você é linda, honesta e interessante, e quer saber a verdade? A maneira como me fez persegui-la por um encontro foi... Eu não sei. Mas gostei. Estou atraído por você. *Realmente* atraído por você.

— Sim. — Seu rosto ficou instantaneamente sombrio novamente, e ela se afastou de seu toque. — Eu sei.

— Espera aí. Isso não é ruim. Não significa... — Droga, mas era estranho. Ela não tinha uma mãe que pudesse explicar aquelas coisas para ela? Que beijar alguém fazia com que se sentisse certas coisas, mas que essas coisas nem sempre conduziam ao sexo? Não imediatamente. Ele pigarreou. — Laire, não posso evitar me sentir atraído por você. Mas isso não significa que espero ter relações sexuais agora ou que vou te pressionar por algo mais do que você esteja disposta a dar. E para ser claro, não procuro uma esposa ou família. Isso não está na minha lista de prioridades agora. Porra, estou na faculdade. Estou a alguns anos de distância de tudo isso.

Os olhos dela se estreitaram, e seus lábios se abriram surpresos.

— Anos?

— Uh-huh.

Ela sorriu para ele, todo o medo desaparecendo de seu rosto tão rapidamente quanto havia pousado lá.

— Anos.

— Pelo menos — disse ele. — Eu preciso terminar a faculdade, quero

começar outra de Direito, encontrar um emprego, trabalhar por alguns anos para me estabelecer. Então, eu vou pensar em me estabelecer. Quero dizer, algum dia, sim, eu vou querer ter uma esposa e uma família. Mas certamente não agora.

— Mas você tem vinte e um anos — ela disse com naturalidade, porque todos os que conhecia pensavam em se estabelecer aos vinte e um, o que era bem estranho.

— De onde eu venho, a maioria das pessoas não se casa antes de terminar a faculdade. Eu duvido que me case antes dos trinta. Talvez depois disso.

— Uau. Dez anos — ela murmurou com admiração, olhando em seus olhos. Ela parecia animada ao acrescentar: — Porque você tem sonhos para sua vida e quer torná-los realidade primeiro, antes de se estabelecer, certo?

Sonhos. Eu não sei nada sobre isso. Erik nunca teve seus próprios sonhos. Seu futuro fora decidido por terceiros.

— São mais como planos. Há muitos planos para mim.

— É assim que eu também me sinto — disse Laire, parecendo feliz e aliviada. Então ela estremeceu, e seus olhos se voltaram para a virilha dele e retornaram ao local onde estavam antes. — Mas eu senti o seu...

— Claro que você sentiu. Se nos beijássemos novamente, você sentiria de novo. Isso significa que eu estou excitado. Significa...

— Que você quer sexo.

— Sim. Não, quero dizer... — disse ele, se contorcendo um pouco e se perguntando como diabos acabaram naquele assunto. — Nós acabamos de nos conhecer, sabe? Sexo? Isso tem que vir depois.

— Mas você disse que já quer.

Porra, era como estar de volta em uma das aulas de pré-escola em Duke. Ela não permitiria que uma única lacuna não fosse examinada.

— Ok. Isso é verdade. Mas primeiro eu quero conhecer você. E nós

definitivamente não faríamos sexo, a menos que você quisesse.

— Mas se fizéssemos, e o nosso futuro? E quanto aos seus planos e meus sonhos?

— O que tem eles?

Os ombros dela caíram.

— Se fizéssemos sexo, teríamos que nos casar.

O quê. Mas. Que. Merda!

O fato de seus globos oculares não terem pulado de sua cabeça e pousado na grama diante dele era um maldito milagre.

Ok. Ok. Respire, Erik. Respire.

Ele começava a entender os valores dela — e pelo que ele conseguia concluir, eram antiquados e incrivelmente conservadores, quase como um retrocesso para a década de 1950. Nunca conhecera alguém como ela, como se aquela filha de pescador tivesse vindo de um mundo que, de alguma forma, estava congelado no tempo.

Ele tentou se lembrar o que sabia sobre as ilhas mais remotas nos Outer Banks, mas passara seus verões em Buxton, que era elegante e, principalmente, nem sequer sabiam sobre os ilhéus. O conhecimento que tinha sobre suas maneiras era dolorosamente escasso. Ele sabia por seu sotaque que aquela garota fora criada em um lugar bastante isolado. Ela não o deixava ir até a ilha para visitá-la, por medo de “causar problemas”. Não tinha telefone celular e, francamente, não se surpreenderia se não tivesse internet, ou seja, o que significava que o mundo dele — o mundo moderno, como ele conhecia — não era exatamente uma zona de conforto para Laire.

Seu mundo era estranho para ela... o que significava que ele era estranho para ela também.

Sua mente voltou-se para a Sra. Sebastian, na noite passada, quando lhe disse que deveria “esquecê-la”. Ele estava começando a entender por que ela havia dito isso e por que havia avisado Erik sobre não se aproximar de garotas

da ilha.

Mas era só olhar para Laire para saber que era exatamente isso o que iria fazer.

Não importava se cem pessoas o alertassem para ficar longe dela, porque aquela garota da ilha, tão peculiar, o fascinava. Desde que se viram pela primeira vez, ele não conseguira pensar em nada além dela — nada além de encontrar uma maneira de vê-la novamente, conhecê-la. E agora? Depois de um beijo que deixou seu mundo de pernas para o ar? Ele queria mais. Precisava de mais.

Erik era um estudante de Direito, não de Arquitetura, mas estava pronto para arregaçar as mangas e começar a construir uma ponte entre seus mundos, se fosse necessário, para poder conhecê-la melhor. E, para fazer isso, ele precisaria tratar suas palavras e ideias com respeito, mesmo que parecessem estrangeiras e antiquadas para ele.

Se tivéssemos feito sexo, teríamos que nos casar.

— Hum. Não, Laire. Para ser honesto com você, eu não... Quero dizer, eu não me casaria com uma mulher só porque dormi com ela — disse ele. — Não é necessário. No mundo de onde eu venho, as pessoas podem apenas... se divertir, se quiserem... sem, você sabe, selar um compromisso vitalício. — Ele observou o rosto dela, esperando que suas palavras não a assustassem. — Vamos colocar desta forma: eu dormiria com alguém que amo e com quem gostaria de me casar. Mas também dormiria com alguém que não amo e com quem não quero me casar... desde que ela também quisesse.

— Você fez isso? — ela perguntou, com o cenho franzido e em um sussurro. — Dormiu com alguém?

Ele odiava o fato de ter que assentir, mas não queria mentir para ela. Estava no meio da conversa mais estranha que já tivera com alguém, mas quem está na chuva é para se molhar. Estava determinado a ver onde isso iria chegar.

— Oh — ela disse, suas bochechas corando com uma nova onda de cor. — Garotas direitas não fazem isso de onde eu venho. Se você deixar um rapaz tocar o seu corpo, você acabará se comprometendo. É assim que é. Todo mundo sabe o acontece, mas não se importam, desde que haja planos para corrigir.

Corrigir. O que, aparentemente, significava casamento. Uau.

Ele soltou um ar pesado, que não percebeu que estava segurando.

— Ok, eu entendi. Boas garotas não fazem sexo antes de casarem-se ou, hum, estarem noivas.

— Elas não deveriam — disse ela. — E se elas fizerem, merecem a reputação que recebem.

— *Merecem?*

Ela assentiu de forma séria.

— Sim. Elas conheciam as consequências e fizeram suas escolhas de qualquer maneira.

— E quais são exatamente as consequências?

Ela desviou o olhar, para o mar, refletindo sobre a pergunta por um momento antes de voltar os olhos na direção dele.

— Uma garota assim acabaria tendo que se afastar de Corey, eu acho.

— Uau. — Ele assentiu, um calafrio passando por seu corpo diante de uma sugestão tão insensível. — Entendo.

— Mas você não concorda. — Ela inclinou a cabeça para o lado, examinando seu rosto com curiosidade. — Você acha que uma garota pode entregar-se a alguém, não se casar e ainda ser... boa?

— Sim. Eu acho que sim... Quero dizer, é minha opinião...

Porra, o que ele *poderia* achar?

No mundo real, em seu mundo, ele não considerava sexo algo tão importante. Não era do tipo que fazia a todo o momento, mas Erik perdera sua virgindade aos dezesseis anos, como a maioria dos seus amigos. Estivera com várias meninas desde então, especialmente sua namorada da faculdade, que durara dois anos, Alexa, com quem ele havia terminado em março.

Mas — ali, naquele momento — ele e Laire não estavam no seu mundo. Ali, sentados em cadeiras de vime, olhando para a Costa Pamlico, em Buxton, fora da ilha dela e da mansão dele, de alguma forma sentia que ambos tinham um pé em cada um dos mundos. Será que ele achava que uma garota que dormia com um homem antes do casamento era “errada”? Não. Ele não achava. No entanto, ele não queria desrespeitar os valores dela promovendo sua própria opinião como a mais certa.

Ele suspirou, apertando os dedos entre os dela, olhando seu rosto lindo e imaginando o que será que ela tinha que o havia encantado tão fácil. Aquela conversa estava estranha — muito mais estranha do que o normal — e, de alguma forma, ele sentia que valia a pena. Na verdade, era impensável abandoná-la e afastar-se dela. Podia perceber os sentimentos por ela se enraizando em seu coração — proteção e ternura desenvolvendo-se dentro dele em conjunto, tornando-se ainda mais poderosos do que a luxúria quase cegante que sentia por ela.

Concentrar-se em seus sentimentos em vez de sua atração por ela o ajudou a escolher suas palavras cuidadosamente.

— Eu acho que nós viemos de diferentes lugares e vemos o mundo de maneira diferente.

— Ou talvez você seja apenas um homem — ela disse, seu tom no caminho da defensiva. — Os impulsos dos homens os incitam a querer mais do que uma garota deve dar.

Erik estreitou os olhos para ela. Havia alguma verdade no que ela estava dizendo, mas ele poderia passar uma meia hora tentando compreendê-la, levando em consideração de onde viera. Seria condenado se fosse convencido a entrar em um debate sobre desigualdade de gênero. Suas palavras não eram justas, e ele não a deixaria sair impune com elas.

— Eu sou uma pessoa — ele disse, levantando o queixo — E eu acredito que, se duas pessoas gostam uma da outra e querem estar juntas, não é do interesse de ninguém mais o que elas fazem quando estão sozinhas. É privado. Cabe a elas fazerem suas próprias regras.

Seus olhos se arregalaram novamente, e ela buscou seu rosto com uma expressão tão dolorosa que fez suas tripas se revirarem com algo indefinível e

insondável. Se Erik tivesse entendido a força do que começou entre eles naquele momento, do que agora começava a crescer profundamente dentro de seu coração, ele poderia ter fugido.

Mas ele não sabia e não correu. E, como se fosse uma passagem da vida para a eternidade, ou como se estivesse sobre uma ponte, prestes a seguir para uma rua sem saída, ele a encarou, esperando que respondesse, esperando saber se havia um futuro para eles ou se aquilo era simplesmente uma despedida.

— Eu gosto disso, Erik — ela disse, inclinando os lábios para cima com admiração, enquanto um brilho acolhedor surgia em seus olhos.

A forma como ela olhou para ele. *Caralho!*

Ele sentiu sua respiração assumir seu poder máximo, como se tudo fosse parecer — não, *ser* — certo. Inclinou-se para frente e pressionou a testa contra a dela, fechando os olhos quando a escuridão passou a protegê-los do resto do mundo, como se fosse uma pequena bolha criada por eles mesmos.

— Nós podemos fazer nossas próprias regras — ela sussurrou contra seus lábios. — Eu gosto tanto disso.

Ele sentiu seu coração abrir como um livro, como uma canção, como as asas de uma gaivota, nuvens de chuva ou o ponto suave entre as pernas dela que ele poderia — talvez — vir a conhecer. Como portas, janelas, espíritos, os céus e aquelas portas firmemente trancadas que são portais para algum lugar, pelas quais um homem pode querer passar para chegar à eternidade.

O coração abriu-se, e ele se inclinou para a frente para tocar os lábios dela com os dele, uma profunda sensação de que *algum dia* iria recuperar o fôlego que perdera depois de olhar naqueles olhos maravilhosos.

— Eu também, Laire. Eu também gosto muito.

Sentada em frente a Erik, em uma mesa de madeira próxima às janelas, Laire olhou para o menu com aprovação. A Pamlico House não comprava frutos

do mar de seu pai e tio, mas tinham uma boa seleção de pescada, e com uma rápida olhada na parte de trás do menu, ela reconheceu o fornecedor como alguém do norte de Ocracoke, sobre quem seu pai tinha falado com respeito.

Ela sentiu um forte aperto no fundo do estômago ao pensar no pai. Ela estava traindo sua confiança ao sentar-se naquela elegante mesa à luz de velas com Erik Rexford, mas nem se fosse para salvar sua vida ela se imaginaria saindo dali.

Em um ponto durante a conversa, Erik dissera que estava excitado por ela, e de uma forma muito real, Laire sentiu que algo profundo dentro de seu corpo fora ativado naquela noite quando o beijou. Como uma luz, ou um botão de ignição, sentia-se viva de uma maneira como nunca sentira antes, ligada a ele de uma maneira que não poderia ter imaginado antes desta noite. Isso a fez sentir-se assustada e sem fôlego em um primeiro momento, mas excitada e invencível no seguinte, como se estivesse começando uma aventura desconhecida com a pessoa perfeita — e ela não queria que esse sentimento desaparecesse.

— Gostou de alguma coisa? — perguntou para ela por cima do menu.

— Muitas — disse ela. — Quer uma recomendação?

Ele pareceu surpreso, mas assentiu.

— Claro.

— Estamos no final de junho. Fim da primavera, início do verão — explicou. — O caranguejo azul está presente tanto na estação da primavera quanto do verão, então, não há erro na escolha dele. Mas está vendo o peixe-azul aqui? — Ele assentiu. — Pesca de primavera. Assim como a truta. Sua melhor escolha seria a cavala, porque é uma...

— Pesca de verão?

Ela assentiu.

— Jovem, mas fresco.

Ele colocou o cardápio na mesa.

— Qual é a melhor pesca de inverno?

— Peixes pescados na rede, no lado leste do oceano — disse ela. — Peixe azul, pescada, trutas do mar, linguado. Qualquer um desses.

— Eu não pesco muito, mas quando faço, é em uma doca com vara e alguns vermes.

— Ah — disse ela, inclinando a cabeça para o lado e dando-lhe um sorriso sacana — Que fofo.

Ele riu suavemente.

— Por que de repente me sinto como um menino de cinco anos?

— Porque é assim que um menino de cinco anos de idade pesca? — Sugeriu com uma risada. — Nãããõoo. Estou brincando. Vara e linha também estão de bom tamanho. Dá para pegar uns sete ou oito no momento em que se movem.

— Sete ou oito? Como assim? — ele perguntou.

— Pesca comercial. Uma linha, oito anzóis — disse ela. — Se conseguir pescá-los rápido, você pode ter um bom dia.

— Você sabe muito sobre isso — disse ele.

Ela assentiu.

— Todos em Corey sabem muito sobre peixes. É um estilo de vida.

— Então, por que você não escolhe um para nós?

Ela balançou a cabeça. Por mais que ela entendesse tudo sobre os peixes do menu, os pratos de acompanhamento lhe eram estranhos. Refogados? *Edamame*? Enrolado de passas? Esses itens eram realmente alimentos?

— Eu não acho que seja uma boa ideia — disse ela, sentindo suas bochechas aquecerem enquanto mantinha seus olhos colados às palavras estranhas que lia.

— Por que não?

Ela se inclinou para frente, olhando para ele.

— Eu não sei o que são metade dessas coisas.

— Como o quê?

— Refogados?

— Um molho.

— *Edamame*?

— Ervilhas japonesas.

— Enrolado de passas? — perguntou ela.

Ele riu.

— Me pegou nessa. Não faço ideia. Talvez um bolo de uvas passas amassadas?

Ela riu com ele e depois assentiu.

— Vamos fazer assim: vou pedir o peixe, você pede o resto. Combinado?

Ele acenou com a cabeça para ela.

— Combinado. Nós criamos nossas próprias regras, Sardas.

Suas palavras tocaram direto o coração dela como um tiro selvagem de algo que era tão maravilhoso, que fazia seu corpo inteiro corar em resposta. De repente ela estava se lembrando de seu beijo — o jeito como ele pressionara suas partes íntimas contra as dela, como a língua dele deslizara sobre a dela.

— Seja lá o que você está pensando, também quero pensar na mesma coisa — ele disse suavemente, seus olhos escuros e sérios quando ela olhou para ele.

— Estou pensando em você — ela admitiu sem fôlego.

Ele se remexeu em seu assento.

— E o que exatamente você está pensando, querida?

— No quanto eu quero te beijar novamente — ela sussurrou.

— Eu também — ele disse, sua voz baixa e intensa, enviando arrepios de ansiedade por sua espinha dorsal.

Ela deu uma olhada no restaurante rapidamente. Casais bem vestidos conversavam suavemente um com o outro, seus rostos banhados à luz de velas. As mulheres usavam colares de pérolas e camisas de gola alta Ralph Lauren e Izod, e os homens falavam suavemente, riam sem muito ruído. Ali não era a Corey Fish Pot, onde Remy tomava Kyrstin em seus braços e a beijava avidamente no bar. Este era um lugar elegante, e ela precisava parar de olhar para Erik Rexford como se quisesse comê-lo com um garfo e uma colher.

Talvez jogar água gelada nas bochechas ajudasse.

Dobrando cuidadosamente o guardanapo, colocou-o sobre a mesa.

— Eu voltarei em um segundo.

— Laire — ele chamou, e os olhos dela deslizaram para os dele, cativados pelo olhar faminto que encontrou. —, você está me convidando para segui-la?

— Para o banheiro feminino? — ela perguntou, sentindo seus olhos se alargarem de surpresa. — N-não!

— Ah — ele disse, recostando-se na cadeira e pegando seu copo de vinho tinto. — Desculpa. Eu achei que... — Ele balançou a cabeça e tomou um gole de vinho.

— As pessoas *fazem* isso? — ela sussurrou, inclinando-se para ele. — Encontram-se no banheiro feminino para se beijarem?

Ele sorriu para ela quando colocou o copo de volta na mesa.

— Sim, senhora. Às vezes fazem.

— Que ousado — ela disse, sorrindo para ele ao se levantar. — Você pode esperar até depois do jantar para me beijar de novo?

— Se for necessário — disse, embora seus olhos estivessem percorrendo vagorosamente o corpo de Laire, deixando-a quente, ansiosa e impaciente.

Ela suspirou com desejo, perguntando-se se bons restaurantes embrulhavam o jantar para viagem.

— Eu volto já.

No banheiro, ela lavou as mãos com a água mais fria possível e lembrou-se de comportar-se. Quando saiu, encontrou a Sra. Sebastian, que estava indo para a cozinha.

— Laire!

— Sra. Sebastian!

A mulher mais velha alcançou Laire, abraçando-a como uma amiga cheia de saudade, e embora Laire estivesse surpresa com o gesto, sentiu-se tão bem em ser abraçada, ela aproveitou um pouco o contato antes de se afastar.

— Estou feliz em vê-la novamente tão cedo.

— Eu vim dizer que quero o trabalho — disse Laire.

— Mesmo? Seu pai concordou?

Laire respirou fundo.

— Mais ou menos. Ele pensa que estou trabalhando em um restaurante em Ocracoke por enquanto.

O rosto da Sra. Sebastian perdeu um pouco do rubor.

— Você mentiu para ele?

— Minha irmã mentiu — disse ela. — Ela precisa que ele pense que eu estou ocupando sua vaga para que ela possa ser promovida ao bar.

— Você tem certeza que vale a pena enganá-lo assim?

Laire sacudiu a cabeça.

— Não, Senhora. Mas eu amo a minha irmã, e ela tem seus motivos. Vou esclarecer tudo assim que puder.

— Promete?

Laire assentiu com a cabeça.

— Sim, senhora. Kyrstin vai se casar na semana que vem. Então, ela poderá fazer o que bem entender, e eu vou lhe contar a verdade.

O rosto da Sra. Sebastian ficou relaxado, e ela assentiu.

— Parece bom para mim. Você pode vir ao meu escritório e preencher uma papelada?

— Oh — disse Laire, olhando para a sala de jantar. — Posso preencher os documentos amanhã à noite, quando eu vier para o trabalho? Eu estou...

— Você está... — a Sra. Sebastian incentivou-a a continuar.

— Estou meio que em um encontro esta noite.

Os olhos da Sra. Sebastian esfriaram, e ela buscou por cima do ombro de Laire, encontrando Erik sem esforço, que estava sentado sozinho em uma mesa junto às janelas. Quando olhou de volta para Laire, sua expressão demonstrava algum sentimento entre desaprovação e preocupação.

— Aquele é Erik Rexford?

— Sim, senhora.

— Você está em um encontro com o filho do governador?

Nós fazemos nossas próprias regras. Laire ergueu o queixo.

— Sim, senhora.

— Eu acho que você deve saber o que está fazendo, não é?

— Eu acho que sim — disse ela, desejando poder demonstrar mais convicção em suas palavras.

— Então não é da minha conta. — A Sra. Sebastian assentiu com firmeza. — Você tem calças pretas e uma camiseta branca?

— Sim, senhora.

— Bem. Vista-as amanhã. Vejo você às quatro.

— Quatro, senhora?

A Sra. Sebastian assentiu.

— Para a arrumação das mesas antes que a multidão do jantar comece a chegar. Isso é um problema, Laire?

— Não, Senhora. E quando eu estarei liberada?

— A cozinha fecha às nove. O restaurante fecha às dez.

De quatro às dez. Sessenta dólares por noite. Era uma pequena fortuna.

Ela sorriu para a nova chefe.

— Obrigada, senhora. Não vou decepcioná-la.

Com um último e sombrio olhar para Erik, a Sra. Sebastian virou-se para a cozinha.

— Te vejo amanhã.

Eu consegui o emprego!

Ficou observando a Sra. Sebastian afastar-se, então, voltou para o encontro com Erik saltitante, rezando para o bom Jesus e pedindo que seu encontro terminasse com outro beijo maravilhoso e muito menos conversa.



Capítulo 7

Laire já trabalhava há quase uma semana no restaurante Pamlico House, e Erik a beijara pelo menos mais uma dúzia de vezes — sempre fora do restaurante, sob as estrelas, geralmente por volta das dez, quando finalmente terminava seu turno, e ela já estava prestes a se dirigir para casa.

Chegava todas as noites entre nove e dez, e sentava-se no bar bebendo vinho tinto ou cerveja, esperando que ela terminasse o turno, depois, ele a encontraria atrás do restaurante, a acompanharia até a doca e a beijaria sem sentido por tanto tempo quanto ela o deixasse. Então, diria adeus enquanto ela entrava no barco e voltava para casa. Ele ficava afastado enquanto ela trabalhava, apenas observando-a quando ela atendia uma mesa nas proximidades, ou dando uma piscadela quando ela pegava um pedido de bebida para um garçom ocupado.

Em público, ele era seu admirador secreto.

Em particular, ele era sua paixão.

Quando acordava todas as manhãs para limpar a casa, preparar o jantar do pai e trabalhar com uma nova ideia para uma blusa ou uma saia, pensava nele constantemente. Na forma como segurava seu rosto enquanto a beijava, em como se sentia ao ter aquele músculo sendo pressionado contra suas partes mais íntimas e molhadas através do tecido da calça todas as noites. Ela sorria, lembrando-se do ruído doce e baixo de sua voz perto de sua orelha, ou do gosto de sua língua depois que ele terminava o copo de vinho.

Se seu turno acabasse mais cedo e tivessem um pouco de tempo extra, às vezes caminhavam devagar, da porta dos fundos da cozinha até as cadeiras de vime, onde conversaram naquela primeira noite. Ela se sentava em seu colo, e Erik a abraçava forte, seus lábios tocando sua orelha e pescoço enquanto ele falava sobre seu dia. Outras vezes, eles se sentavam na doca, ao lado do barco, abraçados, as pernas penduradas na água, enquanto roubavam alguns minutos para se beijarem ou conversarem.

Laire começava a se familiarizar com os principais membros da vida de Erik: sua mãe e seu pai, sua irmã, Hillary e os bons amigos Pete e Van, que cada um tinha uma casa de verão nos Banks do norte. Imaginou que eles deveriam ser um quarteto feliz quando se encontravam na praia ou à beira da piscina, e pensava no quanto Hillary deveria ser afortunada, a única garota entre três meninos bonitos que se conheceram no jardim de infância e se formaram na escola. Laire não sabia nada sobre Pete, e ainda menos sobre Van, a quem Erik mencionava apenas no contexto de todo o grupo, mas isso provavelmente era culpa dela, pois focava suas perguntas principalmente em sua família.

Seu pai, o governador, era ambicioso e exigente, suas expectativas para Erik muito mais onerosas do que as de seu próprio pai. E sua mãe, Ursula, a quem ele chamava de Fancy, parecia muito mais preocupada com seus compromissos sociais e em promover seu círculo social (seja lá o que fosse isso!) do que com a felicidade de seu filho. Juntando as partes não ditas de sua narrativa, ela descobriu que Erik realmente não queria ser advogado e não tinha fortes aspirações políticas como seu pai. O que ele parecia mais gostar era de jogar hóquei e lacrosse, tênis e golfe, competir em vela e natação. Ela ainda precisava descobrir o que ele queria da vida; só sabia que seguir seu pai na posição do governo não era o sonho dele.

Mas esses trechos de conversa aconteciam entre beijos capazes de fazer a alma tremer e que roubavam seu ar e seu coração, incitando desejos que boas

garotas não deveriam sentir antes de receberem um anel de noivado. Muitas vezes pegava-se reconsiderando as palavras de Erik na noite de seu primeiro beijo: *se duas pessoas gostam uma da outra, cabe a elas fazerem suas próprias regras*. Mais e mais, Laire se perguntava se seus sentimentos por Erik Rexford — que era a primeira coisa na qual pensava pela manhã e a última antes de dormir —, eram, de fato, amor. De que outra forma poderia explicar as ondas de ansiedade dolorida que sentia sempre que estava longe dele, e o doce alívio quando ele finalmente a abraçava? Se estavam apaixonados, quais regras ela e Erik poderiam criar por si mesmos? Seria capaz de conciliar essas escolhas e ainda ser a pessoa que fora criada para ser? Porque ela queria mais com ele. Oh, Deus, todos os dias, ela queria mais.

Na noite de sexta-feira, Erik sentou-se no bar com uma única rosa vermelha diante de si, e quando ele a encontrou após o turno, presenteou-a com a flor e com um sorriso.

Nunca tendo recebido uma flor de um rapaz, Laire ergueu-a até o nariz e inalou seu aroma profundamente enquanto caminhavam para suas cadeiras favoritas. Uma vez lá, ele a puxou para o colo com um suspiro feliz.

— Por que isso? — perguntou, olhando em seus olhos escuros com um sorriso tímido.

Ele deixou os lábios recaírem sobre os dela num doce beijo.

— É o nosso aniversário de uma semana. Hoje faz uma semana que nos conhecemos.

Ela riu, balançando a cabeça.

— Acho que sim.

— Você tinha bichinhos, lembra?

— Oh, Senhor — ela gemeu. — Você sempre vai me fazer lembrar disso?

— Provavelmente, não — ele disse, acariciando o nariz dela com o dele. — Embora eu tenha curiosidade em saber como você sabe tanto sobre esse tipo de bicho.

— Hah — disse ela. — Não se pode viver em uma cidade que pesca caranguejos e não ouvir piadas sobre paralelos deles e outros desde o berço.

Ele riu, encostando os lábios nos dela.

— Faz sentido, eu acho. — Ele inclinou a cabeça, encostando-a na parte de trás da cadeira e olhou para ela. — Ah! Tenho uma coisa para te perguntar.

— O quê?

— Olha, isso é bom, sabe? Te encontrar depois do seu trabalho todas as noites...

— Hum-hum — ela murmurou, remexendo-se em seu colo para colar ainda mais o corpo contra o dele e entrelaçar seus dedos em seus cabelos. — É, sim.

Os lábios de Laire estavam muito perto da orelha de Erik, tanto que tocavam sua pele com cada palavra.

— Só que não é o suficiente, Sardas. Não para mim. Eu sei que você trabalha na maioria das noites, mas eu estava pensando o que você acharia de passar um dia comigo.

Ela congelou.

— Um dia?

— Sim. O dia inteiro, até você ter que vir trabalhar. Você e eu. Beijos à luz do sol, nadarmos no mar... tudo o que quisermos fazer.

— Hmm — disse ela, franzindo os lábios e olhando para baixo.

Isto seria um problema, é claro. Um que ela tinha *medo* de resolver, e, ao mesmo tempo, que *morria de vontade* de resolver. Estar com Erik por apenas alguns minutos roubados todas as noites antes de voltar para casa também não era suficiente para ela, mas a estrutura de seu relacionamento — encontros às sombras de Buxton, onde ninguém a conhecia — lhe proporcionara uma falsa sensação de segurança. Estavam se conhecendo um pouco mais, ficavam de mãos dadas, flertavam e se beijavam, enquanto se apaixonavam mais e mais...

tudo sem terem que envolver seus mundos.

Mas sair em um encontro durante o dia poderia ser arriscado. Aonde eles iriam? Quem poderia vê-los? Como no mundo ela explicaria o que estava fazendo com Erik Rexford se fosse pega? E se o pai ou as irmãs de alguma forma descobrissem?

Ele colocou os dedos abaixo do queixo dela e a fez erguer a cabeça para que olhasse em seus olhos.

— Laire, eu só quero mais tempo com você.

— Eu sei. — *Eu também.*

— Bem, vamos fazer isso acontecer. Em que dias você está livre?

Qualquer dia, honestamente. Ela estava livre todos os dias das nove às três, ocasionalmente ajudando a irmã com os planos do casamento ou trabalhando durante algumas horas no King Triton. Encontrar tempo para ficar com Erik não seria um problema. Onde e como ela o encontraria eram coisas muito mais preocupantes.

— Eu tenho que ajudar a minha irmã esta semana — disse ela, evadindo a questão.

— Kyrstin, certo? Aquela que vai se casar?

Ela assentiu.

— Em uma semana.

— Bem, tem algum dia onde você esteja mais livre? Seja qual for, eu dou um jeito. Vou buscá-la em sua casa, digo oi para seu pai e irmãs para que eles saibam que você está em boas mãos e, então, vamos passar o dia juntos.

Seu sangue esfriou e o ar lhe faltou. Seu pai e irmãs? *Fora de questão.* Eles iriam proibi-la de vê-lo, e ela seria forçada a abandonar o trabalho imediatamente. *Pegá-la em casa?* Não. *Absolutamente, não.* Ele não poderia ir buscá-la em sua linda lancha. Mesmo que seu pai estivesse trabalhando e suas irmãs não estivessem por perto, alguém os veria. Perguntas seriam feitas.

Rumores seriam iniciados.

— Não.

Ela soltou os cabelos dele e se afastou, pegando a rosa no braço da cadeira.

— Não? — Sua voz era gentil, mas confusa. — O que você quer dizer com isso? Eu pensei...

— Não. Você não pode ir a Corey — disse ela, inclinando-se um pouco mais, concentrando-se nas delicadas pétalas vermelhas e ignorando a picada dos espinhos.

— Claro que eu posso.

— Não — ela insistiu, olhando para ele. Um dos espinhos da rosa picava sua pele enquanto ela a apertava ainda mais em seu punho. — Você não entende. Não pode, Erik. Haveria perguntas e rumores e...

— Ei! Ei, ei, ei — ele disse suavemente, segurando suas bochechas e forçando-a a olhar para ele. — Eu gosto de você. Gosto mesmo. Sei que nos conhecemos há apenas uma semana, mas só quero passar o verão com você. Com ninguém mais.

Embora aquela conversa fosse complicada e perturbadora, ela se permitiu um momento de prazer por ele querer estar com ela, principalmente porque não podia imaginar estar com alguém além dele.

— Você quer passar um tempo comigo, Laire?

— Sim — ela sussurrou, incapaz de olhar para ele.

— Então, por que não posso ir a Corey te pegar para um encontro?

— Porque é... é complicado.

— Espere um segundo — disse Erik. — Sua família sabe sobre mim? Eles sabem que estamos nos vendo?

Ela engoliu em seco, obrigando-se a olhar para ele enquanto sacudia a cabeça.

— Ah — ele disse suavemente. Soltou um suspiro, e ela ouviu um resquício de dor em sua voz quando disse: — Eu sou um segredo, hein?

— Sim — ela disse, com o coração acelerado e os seus dedos apertando o caule espinhoso da flor. Ele era um de seus muitos segredos.

Ela ainda não tinha tido a chance de contar ao seu pai que ela estava trabalhando em Hatteras, não em Ocracoke, embora Kyrstin, que estava muito feliz trabalhando como bartender, estivesse se tornando uma mestre da mentira, contando inverdades para o pai com uma delicadeza que deveria pôr medo em Laire. Mas elas teriam que falar a verdade mais cedo ou mais tarde, não é? Prometera a si mesmo que faria isso após o casamento de Kyrstin e Remy na próxima semana. Seria complicado, mas talvez pudesse convencê-lo a deixá-la manter o emprego quando entendesse a quantidade de dinheiro que ela estava ganhando.

Dito isto, cada vez mais, manter seu emprego era a menor das suas preocupações.

Ele explodiria se descobrisse que ela estava namorando um forasteiro... e beijando-o em todas as oportunidades que encontrava, cruzando a linha entre o que era permitido e o que era indecente. Sem contar que um forasteiro já era ruim o suficiente, mas um forasteiro que também era o filho do governador? Seu pai era um homem de poucas palavras, mas nenhuma das que falava era em favor do governo e nem da maneira como as regras de Raleigh afetavam as pessoas que se ocupavam de seus negócios nos Outer Banks.

Seu coração começava a explodir enquanto pensava sobre a reação de seu pai ao namoro com Erik Rexford. Seria um desastre de proporções épicas.

— ...não tenho certeza de como me sinto por ser mantido em segredo — ele disse, sua voz pensativa, com um tom inequivocamente amargo. — Isso faz com que eu sinta como se estivéssemos fazendo algo de errado quando não estamos.

A julgar pela forma como Laire pensava e pelos valores com os quais crescera, eles estavam, sim. Estavam fazendo algo *muito* errado. Só que... ela

não conseguia evitar. Seus sentimentos por Erik eram cada vez mais intensos.

— Me desculpe — ela disse, remexendo-se para desprender-se de seus braços, perdendo algumas pétalas da rosa enquanto a aconchegava contra seu peito. Sentou-se na ponta do joelho de Erik, com as costas retas, afastando-se dele ao máximo, olhando para o mar. — Não vai funcionar.

— O encontro? — Ele mordeu o lábio. — Ou... nós?

Ela encolheu os ombros miseravelmente enquanto um fio de sangue escorria por seu dedo.

— Você está sangrando — disse Erik, colocando as mãos em sua cintura e girando-a sem esforço para fazê-la encará-lo novamente. Sua expressão era séria, sua voz ferida. Ele pegou a mão dela e gentilmente desdobrou seus dedos. Pegando a rosa, jogou-a no chão, ao lado deles, e ergueu a palma da mão até a boca, selando os lábios sobre a ferida e sugando.

Sua língua girou ao redor do pequeno ferimento, enquanto tentava beijar sua dor, sem sucesso. Finalmente olhou para ela, seu polegar selando a pequena punção quando procurava seus olhos e falava suavemente:

— Querida, eu venho aqui todas as noites para estar perto de você. Vivo para o pôr-do-sol como um vampiro, porque é quando meu coração começa a bater todos os dias, quando pego as chaves do carro ou do barco e corro para cá, para ficar com você. Fico louco o dia inteiro por estar longe de você, porque quero mais. Quero conversar por horas, te beijar e descobrir o que te faz rir e... Caramba, Laire, isso não é suficiente.

Um momento de pânico a atravessou, e ela se perguntou, por um breve momento, se ele estava prestes a dizer que não iria mais vê-la. E, naquele instante, ela soube que não importava o medo que sentia de sua família descobrir que estava se encontrando com Erik Rexford, ela arriscaria. Não podia perdê-lo. Não permitiria que isso acontecesse, e se tivesse que implorar, se tivesse que fazer algo que tanto a assustava, ela faria.

Aqueles momentos roubados todas as noites também não eram suficientes para ela. Queria mais tempo, tanto quanto ele. *Nossas próprias regras*. Eles poderiam resolver aquele problema juntos, não podiam?

Antes que perdesse a coragem, ela se inclinou, pressionando os seios doloridos contra o peito de Erik, aproximando-se para acariciar sua bochecha.

— Eu poderia te encontrar no domingo após o trabalho. Vou trabalhar apenas no horário do *brunch*, de sete à uma. Estarei livre pelo resto do dia, e meu pai não vai esperar que eu chegue em casa até às onze.

— Eu tenho carro — ele disse, seus olhos iluminando-se de felicidade, fazendo o coração dela se apertar e cantar, por saber que suas palavras, suas ações, o tinham feito sorrir daquela forma. — Posso ir aonde quer que você vá.

— Vou ter que levar o barco para Hatteras Landing — ela disse, sua mente acelerada, tentando descobrir a melhor maneira de encobrir seus rastros. — Não posso deixá-lo aqui o dia todo.

— Vou providenciar uma vaga para ele e pagarei por isso — ele ofereceu.

Ela levantou o queixo.

— Não, não vai.

— Laire, eu te chamei para um encontro. Pretendo pagar.

— O encontro começará quando você me pegar na marina à uma e meia.

— Você é bem difícil na hora da barganha, querida — disse ele, inclinando-se para beijá-la. — Mas vou me contentar com o que tenho.

— Ok, então — ela suspirou, seus olhos movendo-se com fúria na direção de seus lábios.

— Graças a Deus — ele murmurou.

Ela passou os braços ao redor de seu pescoço e deixou que ele a puxasse para si, derretendo-se em um beijo quente e se divertindo com a sensação de seu peito pressionado contra o dela, movendo-se a cada respiração pesada que ele dava. Seus mamilos eriçaram-se como se estivessem sob comando, e ela arqueou suas costas para aproximar-se o máximo possível dele. Colocando os dedos em seus cabelos escuros e grossos, ela gemeu quando ele massageou sua língua

antes de mudar o ângulo da cabeça e revirar os lábios sobre os dela.

Seu estômago se encheu de borboletas, enquanto suas mãos se moviam por suas costas, suas palmas pousavam em seu traseiro e o apertavam suavemente conforme sua língua deslizava lentamente contra a dela antes de beliscar seu lábio superior entre os dele. Ela ficou sem fôlego quando de repente percebeu que ele havia se afastado.

Abrindo os olhos lentamente, ela piscou para o rosto sorridente, sentindo-se quente, incomodada e necessitada.

— Mais — ela murmurou, acariciando o nariz dele com o dela.

— Abra seus olhos, Sardas — ele disse, sua respiração ofegante contra sua pele. Ela abriu, e os dele, escuros e grandes, encontraram-se com os dela. — Não me diga que isso não funcionará. Nunca mais me diga isso.

Ela chegou a perder o ar, mas assentiu com a cabeça.

— Não direi.

Seus olhos se fecharam, e ele estendeu a mão para cobrir cada lado de seu rosto.

— *Nossas regras*, Laire.

Ela apoiou a testa contra a dele.

— *Nossas regras*, Erik.

— *Nossas regras* — ele sussurrou novamente, então abriu um suave sorriso de felicidade, e ela sorriu com ele, vibrando de admiração, inclinando-se para pressionar seus lábios contra os dele e cumprir sua promessa.

Logo depois de tomar banho, fazer a barba e vestir-se com uma bermuda vermelha Nantucket, uma camisa listrada azul e branca, com mangas enroladas,

e mocassins, Erik pulou os dois últimos degraus como se houvesse uma mola em seus pés. Era uma da tarde, de um dia ensolarado, e ele ia passar várias horas com sua garota favorita.

— Uau, meu Deus, lá vem o Sr. Bonitão! Acordou tarde hoje!

Ele virou-se para encontrar sua mãe se aproximando da sala de estar, segurando um enorme vaso de flores azuis e brancas nas mãos.

— Bom dia, mãe.

Ela ofereceu sua bochecha, e ele a beijou.

— Está tarde.

— Dormi demais.

— Você sabe que isso irrita o seu pai.

— Então, que bom que ele está passando a maior parte do verão em Raleigh.

Ela sorriu com indulgência.

— Deu uma olhada nos livros de Direito que ele deixou para você?

Não.

— Dei uma espiada.

— Melhor dar mais do que uma espiada quando ele chegar aqui no próximo fim de semana — disse ela, em tom de repreensão. — Só mais um ano na Duke, e então você estará na faculdade de Direito. Não custaria nada tentar preparar-se um pouco agora, não é?

Ocultando uma careta, ele se afastou dela, pegando as chaves do carro de uma tigela no aparador junto à escada.

— Vai a algum lugar? — perguntou ela.

— Sim. Tenho planos.

— Vai aonde? — Ele se virou para sorrir e ela assentiu conscientemente.
— Eu aposto que tem uma garota envolvida.

— Você ganharia essa aposta, mãe.

— Planos secretos todas as noites. Hoje também — ela zumbiu. — Faz com que uma mãe comece a questionar.

Ele deu uma olhada para ela.

— O que você quer saber exatamente?

— Quem é a menina que faz meu lindo filho se despencar para encontrá-la a tantas horas do dia e da noite. — Ela riu como uma adolescente. — Eu só posso esperar que seja... Van?

— Van? — ele perguntou, tão chateado que acabou dizendo o nome da garota como se não a conhecesse. Sua mãe achava que ele estava se encontrando com Van?

— Srta. Vanessa Osborn, seu pilantra.

— Ah.

— Você a está cortejando, Erik? Espero que esteja agindo como um cavalheiro. Tillie e Reginald são velhos amigos.

Ela usou uma palavra antiga e formal como cortejar para soar encantadora, mas a lembrança de sua amizade de uma vida inteira com os Osborns continha um aviso. *Vá fundo*. Ela realmente estava pensando nisso. Melhor cortar o mal pela raiz antes que saísse do controle.

— Não, mãe, eu não estou saindo com Van. Eu estou...

Enquanto olhava para os enormes olhos castanhos escuros de sua mãe, sua voz se apagou e o resto da frase foi dito apenas dentro da sua cabeça... *Estou namorando uma filha de pescador local que conheci enquanto ela fazia uma entrega de caranguejos para a minha festa de aniversário.*

Seu peito encheu-se de dúvidas.

Caralho. Não.

Que cena ela faria. Proibiria Erik de ver Laire novamente. Falaria sobre o lugar dele no mundo e o que esperavam dele. Diria que, em termos inequívocos, o filho do governador não deveria se rebaixar com trabalhadores locais. E, sim, tudo isso machucaria seus ouvidos, mas ele poderia lidar com sua mãe. Não era isso o que o preocupava.

O que fazia seu sangue de repente gelar era pensar que Fancy descobriria uma maneira de invadir a privacidade e a discrição de Laire, iria caçá-la em sua pequena ilha e fazer uma cena, constrangê-la e envergonhá-la. Um instinto protetor esmagador — sem dúvida deixado por seus ancestrais *Neanderthal* — surgiu dentro dele, quente e urgente. Não importava o que aconteceria, ele nunca, jamais, sujeitaria Laire ao julgamento e ao desprezo de sua mãe.

De jeito nenhum.

— E então? — ela perguntou, sua expressão cautelosa, mas ainda curiosa. — Se não é Van, quem é? Katie Healy? Stephanie Reynolds-Jones?

Duas outras filhas bem nascidas da Carolina do Norte que tinham casas naquela área. *Porra*. Ela estava olhando para ele, esperando por uma resposta, e como ele não conseguia encontrar nada melhor de forma tão súbita, ele disse:

— Promete que não vai dizer nada?

Para proteger Laire, ele teria que deixar sua mãe achar que estava namorando Van, mas a última coisa que precisava era que Van descobrisse que ele havia dito à sua mãe que estavam namorando. Ela não precisava desse tipo de encorajamento, e tentar explicar-lhe que a estava usando como uma desculpa não soaria muito bem.

— Eu ficarei tão silenciosa quanto um túmulo — prometeu sua mãe, seus olhos brilhando de antecipação.

Ele se inclinou para a frente e beijou sua bochecha, falando suavemente como se estivesse compartilhando um segredo com ela.

— É Vanessa. Você adivinhou. Mas queremos manter segredo por enquanto e ver como as coisas acontecem.

— Oh, eu sabia disso!

Ele se encolheu por dentro, por conta daquele entusiasmo, mas abriu um sorriso.

— Estamos indo devagar, mãe. Agora, não estrague tudo contando para alguém, está ouvindo?

— Estou — ela disse, sorrindo para ele como um gato que acabou de tomar leite.

Dando alguns passos para trás, ele lançou-lhe um olhar severo.

— Lembre-se de sua promessa, ok?

— Não vou dizer nada... Mas, Erik! — Ela estendeu a mão e tocou seu braço. — Ela é perfeita para você. Vanessa Osborn e Erik Rexford — disse ela, com os olhos refletindo um olhar sonhador enquanto se dirigia para a cozinha para regar suas flores. — Perfeição absoluta.

— Eu sou um homem de sorte, mãe — ele falou enquanto ela se afastava, permitindo-se estremecer pela mentira.

— Sim, você é. — Ela suspirou alegremente. — Trate muito bem essa garota!

A porta da cozinha se fechou, e Erik virou-se para encontrar Hillary de pé na escada atrás dele.

— Que garota?

Merda.

— Ninguém.

— Bem, eu não sou surda, e se não me engano, nossa mãe exclamou seu nome com Vanessa e disse as palavras “perfeição absoluta”, o que realmente seria, suponho, para Fancy Rexford, se vocês estivessem juntos. Mas eu sei que você não está saindo com Vanessa Osborn.

— Shh.

— Por quê? — perguntou, aumentando o tom da voz em uma oitava. — Não quer que Fancy saiba que você está mentindo?

— Talvez eu não esteja — ele rebateu.

— Sim, Erik querido, você definitivamente está. Porque enquanto você está fazendo sabe Deus o quê, todas as noites, por volta das nove horas, meu coração está sendo arrancado em várias festas e luaus com nossos amigos.

— Hã? O que você quer dizer com isso?

— Você está passando um bom momento enquanto eu assisto Pete praticamente se humilhar para Van e ouço Van se queixar de desaparecimento do meu irmão. — Hillary desceu mais um degrau, colocando as mãos nos quadris. — Então... quem é ela?

Ele estava dividido entre sua lealdade para com Laire e seu surpreendente desespero por compartilhar sua felicidade com a irmã.

— Você não pode contar a ninguém.

— Hum. Isso é intrigante.

— Estou falando sério, Hills.

Ela assentiu lentamente, seus olhos fechados nos dele.

— Ok. Eu prometo.

— Tudo bem. Venha, então. Aqui não.

Ele gesticulou para que ela o seguisse e saiu pela porta da frente, com sua irmã atrás, até chegarem à segurança da garagem. Digitou o código para abrir a porta e observou conforme esta se abria lentamente.

Colocando-se do lado do motorista, ele deslizou no assento de seu Mercedes conversível, e Hillary sentou-se ao lado dele. Ele deu partida no motor, criando uma boa quantidade de barulho antes de virar-se para ela.

— Você não a conhece. Ela é uma garota local.

— Uma... Você está louco?

Erik apertou as mãos no volante e suspirou.

— Não. Eu só... Eu gosto dela.

— Onde diabos você a conheceu?

— Ela entregou frutos do mar para minha festa de aniversário.

— Ela é uma entregadora de frutos do mar? — Hillary bufou. — Oh, Erik, Fancy vai ficar pirada com isso.

Seus olhos se arregalaram.

— Você jurou que não contaria!

Hillary respirou fundo.

— Acalme-se. Eu não vou contar. Mas ela vai descobrir.

— Como?

Ela deu de ombros.

— Eu não sei. De alguma forma. Você não assiste filmes? Essas coisas nunca funcionam bem. E você está usando Vanessa como bode expiatório? Erik, Erik, Erik. Isso não é bom.

— Talvez eu a apresente à Fancy e espere pelo melhor.

— Ela? A garota local? — Hillary o olhou com reprovação. — Seria melhor escolher uma morte misericordiosa.

— Por isso quero manter em segredo.

— Boa sorte com isso. Principalmente porque ela fala com Tillie Osborn todos os dias. Quanto tempo você acha que ela manterá as boas notícias para si mesma?

— Ela prometeu.

— Ah! E Fancy Rexford nunca quebrou uma promessa — disse Hillary, em um tom tão afiado, que ele quase podia sentir o cheiro do sarcasmo.

— Não vou terminar com Laire. Eu gosto dela. Este é o meu último verão, e eu quero passá-lo com ela.

— Laire? Que tipo de nome é esse?

— Escocês.

Hillary soltou um longo suspiro, olhando para ele com preocupação.

— Vou fazer o possível para te ajudar.

Ele colocou a mão debaixo do queixo dela com um sorriso aliviado.

— Obrigado, mana.

— Mas, Erik, você sabe que não pode ter um relacionamento sério com ela, não sabe? — Sua irmã engoliu em seco suavemente. — Mais um ano no Duke. Três na Chapel Hill. Estágio para praticar o Direito. Senado. Congresso. Governo. Papai está apenas esquentando a cadeira para você, conforme sua ascensão. — Ela pausou por um momento, sua voz suave e cheia de pesar ao prosseguir. — A filha de um pescador não pode fazer parte desse plano. Você não pode...

— Porra! Eu não... — Ele bufou, batendo o punho no volante. — Merda!

Ficaram em silêncio por um tempo até Hillary virar-se para ele.

— Desculpe, Erik.

Ele suspirou, virando-se para encará-la.

— Lembra da semana passada? Quando você me perguntou se eu desejava que as coisas fossem diferentes?

Ela assentiu.

— Eu desejo. Às vezes eu queria que as coisas fossem diferentes.

— Como o quê? Que coisas?

— Como o fato de eu não estar interessado em política! — Ele falou. E sentiu-se bem em finalmente dizer isso.

— Você diz isso como se fosse uma opção — ela murmurou.

— E eu não quero namorar Van, muito menos me casar com ela!

— Mas isso deve ser esclarecido para ela em algum momento — disse Hillary.

— Eu só... Deus! Eu gosto dessa menina.

— Laire, a filha do pescador local que entrega frutos do mar?

— Ela também é garçonete.

— Cristo!

Ele zombou dela.

— Por que isso é ruim? Por que *nós* somos uns esnobes?

— *Não somos*. Não me importo se sua nova namorada é uma garçonete ou uma entregadora de frutos do mar. Tenho certeza de que ela é uma pessoa legal, mas Fancy...

— Ela é muito mais do que uma pessoa legal, Hills. Ela é atenciosa, divertida... Ela é diferente, realmente diferente, do que qualquer garota que conhecemos. Além disso, ela é super gata...

— Já entendi — disse Hillary. — Você realmente gosta dela.

— Muito.

Hillary tocou seu braço.

— Então mantenha-a em segredo. A sete chaves. Não se arrisque. Porque

se Fancy descobrir? Acabou.

Ele respirou profundamente e acenou com a cabeça para sua irmã.

— Farei isso. Obrigado, Hills.

Ela deu um pequeno sorriso, alcançando a maçaneta da porta.

— Ei — ele disse, pegando seu braço antes que ela pudesse partir. — Que Pete se foda. Esqueça-o. Encontre outra pessoa. Se ele não vê o quão incrível você é, Hills, ele não te merece.

Ela deu um sorriso triste.

— Eu queria conseguir. Eu queria conseguir esquecê-lo e seguir em frente.

— Mas você não consegue.

Ela suspirou.

— Não é uma opção.

— Mas você vai ter que fazer alguma coisa em algum momento. Você sabe disso, não sabe? Pete é quase tão lento quanto dizem que ele é. Quero dizer, ele é incrível, divertido e leal, mas ele não vai reparar em você enquanto não fizer alguma coisa.

— Van é uma sombra para mim — disse Hillary. — Eu sei disso.

Erik sorriu para ela.

— Obrigado pela conversa.

Ela saiu do carro e fechou a porta, mantendo as mãos na janela antes de olhar para ele, com uma expressão curiosa em seus olhos.

— Há quanto tempo exatamente você sabe que não quer entrar para a política? E quando exatamente você está planejando compartilhar esse delicioso apanhado de notícias com Fancy e papai? Quero ter certeza de que não faltarão fogos de artifício.

— Desde sempre — disse Erik com um longo suspiro. — Não tenho nenhum interesse nisso.

— E o Direito? — perguntou ela.

— Não me importo — disse Erik. — Mas o que eu gostaria de fazer era entrar em Direito do Entretenimento e trabalhar com uma equipe de esporte profissional.

— Uma equipe de esportes. Oh, Senhor! — disse Hillary, dando-lhe um último olhar enquanto saía da garagem, resmungando ao léu. — Este vai ser um *senhor* verão.



Capítulo 8

— Ei! — chamou Erik, acenando para ela do alto do píer, com um sorriso radiante que fazia com que seu coração, e a maioria de suas preocupações, se derretesse.

Laire tinha verificado todos os barcos na marina quando chegou lá, aliviada por não ver nenhum de alguém que reconhecesse, mas ela ainda temia ser vista, então ela escolheu usar um chapéu de praia e óculos de sol para seu encontro. Ambos pertenceram à mãe, muito tempo atrás, o que lhe dava um pouco de coragem extra ao caminhar em direção ao seu namorado... No meio do dia... em público.

A lancha de seu pai não tinha uma cabine dianteira onde ela pudesse se trocar, então, preparou-se no banheiro feminino da Pamlico House, escovando o cabelo e passando um pouco de maquiagem. Cortando um *jeans*, conseguiu um short bonito e moderno. Ela o combinou com uma camisa polo de verão, feita com o material que sobrara de um vestido de grávida que costurara para Issy.

Usava chinelos comprados na loja de presentes da Pamlico House, com uma fita rosa, além de um grosso cinto combinando com eles e completando sua roupa. Todas aquelas moças que ela notou na primeira noite em que jantara com Erik passaram por sua mente quando se aproximou dele: estava preparada para competir com qualquer uma delas agora. Só esperava que Erik gostasse de sua aparência, o que, a julgar pelo sorriso no rosto dele, já era certo.

— Ei — ela disse, tirando os óculos de sol quando chegou à beira do píer.

— Maldição, mulher. Você está tão linda que estou com vontade de te devorar — ele disse, alcançando-a e puxando-a para dentro de seus braços. Ele selou seus lábios com um beijo. — Mal consigo decidir se quero exibi-la ou levá-la a um lugar isolado e escondê-la pelo resto do dia!

— Mal posso acreditar que temos o dia inteiro — disse ela, sem respirar por excitação e por estar tão perto de Erik novamente.

— Eu trouxe minha carruagem — ele disse, olhando para o estacionamento. — Quer ver o meu reino?

— Seu reino? — ela disse. — Os Banks são mais meus do que seus!

Ele riu.

— Justo, mas estamos proibidos de ir à sua parte.

Verdade.

— Então, o que você tem em mente?

— Já estive no Elizabethan Gardens, em Manteo?

— Nunca sequer ouvi falar! — ela disse, sorrindo com deleite genuíno. Enquanto ele planejasse ir para o norte em vez do sul, ela poderia relaxar. King Triton não fazia entregas ao norte de Avon, e Manteo ficava ao norte. Ela não conhecia absolutamente ninguém lá, e, mais importante, ninguém a conheceria.

— Bem — ele disse, olhando para o relógio —, levaremos uma hora e meia até lá. Quer parar em Rodanthe para o almoço primeiro?

Ela assentiu ansiosamente. Nunca tinha ido a Rodanthe.

— Eu conheço um local decente chamado Good Winds Café, e chequei o menu on-line; eles têm mahi-mahi, caranguejos e ostras hoje.

— Online? Tipo, você verificou o menu na internet? — perguntou ela, tocada por sua consideração.

Ele assentiu.

— Por favor, diga-me que você sabe o que é internet.

Ela riu, socando-o no braço.

— Eu não sou tão atrasada! Tem um computador no King Triton, e sei como usá-lo.

— Então prometa que não irá buscar o meu nome no *Google*.

Ela encostou o nariz no dele. Para ser sincera, não sabia o que ele quis dizer com aquilo, então, mudou de assunto.

— O mahi deve ser fresco, mas as ostras são cultivadas, não são uma pesca fresca.

— Então será mahi!

Uma onda de felicidade desenfreada se apossou de seu ser, e ela se colocou na ponta dos pés, fechando os olhos quando seus lábios entraram em contato com os dele. Arqueou as costas, pressionando o corpo contra o dele e entrelaçando seus braços ao redor de seu pescoço. Havia aprendido a beijá-lo, como provocar aquele suave gemido de prazer que o fazia segurá-la mais forte, que fazia seus músculos — todos eles — endurecerem contra ela. Sua respiração ofegou quando sua língua encontrou a dele e um milhão de borboletas revoaram em seu estômago. Mas ele, de repente, se afastou, e ela olhou para ele, abrindo os olhos confusos.

— Vou acabar ficando constrangido — disse ele, lambendo os lábios, dando a entender que a beijaria o dia todo se eles não estivessem em público.

Ela podia sentir a forma como seu membro a estava cutucando e olhou para baixo só para descobrir sua bermuda dramaticamente inchada.

— Oh — ela disse, rindo para ele. — Desculpa.

Ele balançou a cabeça, seus lábios franzidos e azedos.

— Agora ela diz que está arrependida... Estou tão excitado que poderia mudar as marés de um lado para o outro.

Os ombros dela tremeram quando riu silenciosamente.

— Eu vou dar uma volta e te dar um minuto para...

— Para quê? Para eu olhar para essa sua bunda linda? Não vai ajudar. — Ele olhou para a ereção e suspirou. — Vamos logo com isso.

Pegando a mão dela, ele correu para o estacionamento, puxando-a até chegarem a um carro preto brilhante. Ele abriu a porta para ela e esperou que se sentasse no suave assento de couro e apertasse o cinto de segurança. Em seguida deu a volta e sentou-se ao lado dela.

Ela nunca entrara em um conversível, muito menos em um carro tão limpo e sofisticado. Então, virou-se para encará-lo.

— Este é o seu carro?

Ele assentiu.

— Meu presente de vigésimo primeiro aniversário.

O décimo oitavo aniversário de Laire fora no mês passado, e ela ganhara do pai um pedaço de tecido novo, carretéis de linhas e bobinas de substituição, e todas as últimas revistas de moda de Kyrstin. Com um bolo caseiro de Issy para completar as festividades, sentiu-se como a garota mais afortunada de todas.

Mal conseguia imaginar-se em um mundo onde alguém ganhava um carro de luxo como presente de aniversário. E, no entanto, ali estava ela, experimentando aquele mundo para si mesma.

— É muito bonito.

— Você é muito bonita — Ele pressionou um botão, então, inclinou-se por sobre o apoio de braço para beijá-la quando o motor iniciou sem o uso da chave.

Ela estava muito distraída ao beijá-lo, mas começou a olhar fixamente, boquiaberta, para o console do carro.

— Como foi que seu carro simplesmente iniciou?

Ele se inclinou, apontando para uma coisa de plástico no utensílio entre eles.

— Enquanto isso estiver no carro, eu posso só pressionar um botão para iniciar a ignição.

— Uau! — Ela olhou para ele, balançando a cabeça com admiração. — Isso é incrível!

Ele riu suavemente, dando marcha ré.

— Você é incrível.

— E você parece um disco quebrado — disse ela. — Eu não sou tão bonita ou incrível assim.

O carro parou e ele olhou para ela, todo ar de brincadeira desaparecendo de seu rosto, seus lábios franzidos.

— Sim, você é.

— Erik — ela disse gentilmente —, não me coloque em um pedestal só porque sou diferente de você. Sou apenas uma garota de uma ilha pequena. Sei quem eu sou e não tem nada de especial nisso. Conheço meu lugar no mundo.

— Seu lugar, agora mesmo — ele disse, seu rosto ainda sombrio —, é sentada ao meu lado. E eu digo que você é a garota mais linda que já vi...

— Erik...

— E incrível. E especial.

Inclinou a cabeça para o lado.

— Quanto mais você me elevar, mais íngreme vou cair.

— Apenas por hoje — ele disse, com sua voz profunda e cheia de desejo —, você é minha. E para mim, Laire, você é perfeita.

Laire respirou fundo, balançando a cabeça com desaprovação enquanto seus lábios se inclinavam contra sua vontade.

— Tudo bem. Não vou discutir com você, já que quer manter a teimosia.

— Excelente. Ainda bem que conseguimos resolver isso — ele disse, ajeitando os óculos de sol no nariz e ligando novamente o carro. — Agora, conte-me tudo sobre você. Cada detalhe, e não deixe nada escapar, está ouvindo?

— Sim — disse ela. — Mas primeiro, como foi o jantar com Pete e Van na noite passada? Nós desviamos do assunto quando você me encontrou, e eu não consegui perguntar.

Ele pigarrou, saindo do estacionamento de Hatteras Landing e seguindo para a Rota 12 ao norte.

— Bom. Para variar, Van dificultou as coisas para Pete.

— Como assim? — ela perguntou.

— Pete gosta de Van, mas não vai dar em nada.

Laire pensou isso por um segundo, tentando descobrir o significado do que Erik tinha dito, então, de repente, compreendeu:

— Oh, Deus! Não sabia que Pete era homossexual!

Erik quase desviou da estrada enquanto a olhava.

— O quê?

— O irmão da namorada do meu primo também é homossexual, mas,

honestamente, não temos muitos em Corey.

— O quê? Por que você acha que Pete é gay?

— Porque ele tem interesse em Van.

— Ceeeeerto... e...?

Ela certamente não esperava ter que explicar aquilo a Erik, que era muito mais experiente do que ela.

— Quando um homem tem interesse em outro homem, isso é chamado de homossexualidade.

— Mas Van não...

— Não está afim de Pete? — Ela deu de ombros. — Pobre rapaz. Acho que Pete não pode evitar gostar de quem gosta.

— Espera aí. Você acha que Van é... Oh, Deus. Acho que entendi agora. — Erik tomou o lábio inferior entre os dentes. — Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— Você se incomodaria se eu tivesse muito contato com outra garota?

Laire engoliu em seco, uma onda de ciúme fazendo com que ela se sentisse nervosa por um segundo.

— Sim.

— Mesmo que ela fosse apenas uma amiga?

Ela olhou para ele, para seu perfil, que era tão bonito, e isso fez seu estômago vibrar como um louco. Como uma mulher podia ser amiga de um rapaz como Erik Rexford? Ela acabaria se apaixonando por ele, não é? Claro. Ele era tudo o que uma mulher poderia desejar — bonito, atencioso, doce, maravilhoso. Sim, isso a incomodaria. Muito. Porque ela sabia algo que Erik não sabia: ele nunca poderia ter uma amiga que não o desejasse. No que dizia respeito a Laire, era impossível.

— Sim — admitiu ela.

Ele assentiu lentamente.

— Ok.

— Ok... o quê?

— Ok, Pete é gay, e ele está realmente interessado em Van — ele disse rapidamente.

— Sim, eu sei. Percebi isso. — Algo parecia estranho, mas ela preferiu não mencionar. — Então, por que você me perguntou sobre outras meninas?

— Porque eu não tinha certeza se minha pequena sereia sentia ciúme de mim ou não.

Ciúme. Humm. De repente Laire se perguntou se Erik também sentia, e ela se remexeu em seu assento, pensando em Brodie e nos malditos rumores que ele havia começado.

— Você ficaria incomodado se ouvisse que eu fiquei com outro rapaz?

O pescoço de Erik girou para encará-la tão rápido que ela se perguntou como a cabeça não saltou fora.

— Você ficou?

— Não!

Seus olhos estavam arregalados e sombrios quando ele os voltou para a estrada, ajustando e reajustando os dedos no volante.

— Sim. Isso me incomodaria, Laire. Me deixaria fodidamente chateado, querida.

Uma vez que havia crescido em meio a pescadores, Laire não desconhecia tal palavão. Ela até já usara aquela palavra uma ou duas vezes para chocar suas irmãs, mas nunca ouvira Erik falá-la antes. Sendo assim, aproximou-se e tocou seu braço.

— Eu não estou. Não estou saindo com mais ninguém. Eu juro.

Ele respirou profundamente e suspirou, passando a mão pelo pescoço enquanto o alongava, encostando cada orelha em seus ombros antes de relaxar novamente. Sua voz era macia quando ele disse:

— Eu falei sério sobre o que disse ontem à noite, Sardas. Você é a única pessoa com quem quero ficar.

— E eu só quero ficar com você — ela o tranquilizou suavemente.

Ele suspirou, olhando-a com um sorriso feliz.

— *Agora* me conte tudo sobre você.

— Por quê? Você está querendo ficar entediado?

— Confie em mim, querida. Isso não vai acontecer.

— Você que pediu — disse ela, tirando o chapéu de sua mãe e deixando o vento bagunçar seus cabelos enquanto ela começava a falar.

Erik a ouviu atentamente enquanto dirigia até Rodanthe, onde comeram mahi-mahi fresco com legumes grelhados, e depois, enquanto voltavam para o carro, para partirem para Manteo.

A voz dela era musical, enquanto contava sobre seu canto do mundo, compartilhando rumores sobre o ouro dos piratas enterrados em algum lugar de Corey e descrevendo o elenco de personagens que chamava aquela pequena ilha de casa. Populada quase que exclusivamente por pescadores e suas famílias, a maioria dos ilhéus morava em Corey há gerações. A família de Laire estava lá há dez, desde a chegada da Escócia em 1685.

Erik, que apreciava a história em geral, não conseguia ter esse mesmo tipo de certeza sobre seus próprios ancestrais, que eram uma mistura enevoadada da classe alta do sul, originárias da Inglaterra do lado de seu pai e da Alemanha,

do lado de sua mãe. Com muito esforço, ele se lembrou de algo sobre uma plantação de algodão dos anos 1800 do lado de seu pai, e de sua mãe ter mencionado algo sobre a universidade de Greensboro, mas não eram realmente fatos, apenas impressões. A história familiar de Laire era facilmente rastreável, vibrante e viva, com um fio ainda intacto que começou em Edimburgo e que ainda existia.

Ela explicou-lhe que, diferente de Ocracoke, outra ilha remota no sul dos Outer Banks, Corey não tinha nenhum serviço de balsa, o que a tornava um local de difícil acesso. E porque não tinha serviço de balsa, Corey não tinha as amenidades turísticas — uma marina pública, restaurantes, lojas, pousadas — que as outras ilhas, incluindo a Ocracoke, ofereciam. O influxo de dólares turísticos nos Banks alimentou as economias vizinhas, que até certo ponto desistiram da pesca comercial como meio e estilo de vida. Mas não Corey. Corey ainda era alimentada pelo mesmo trabalho tradicional e ético que existia há mais de trezentos anos. Virtualmente intactos pelo tempo, como algumas comunidades remotas sobre as quais ele havia ouvido falar nas montanhas das Appalachia, os ilhéus de Corey haviam aceitado poucas novidades para sua ilha — telefone, televisão e até internet (discada, pelo amor de Deus!) — mas em geral, eles ainda conseguiam manter uma cultura extremamente tradicional, não completamente diferente de qualquer outra que poderia ter sido encontrada há vinte, quarenta ou mesmo sessenta anos antes.

Laire falou respeitosamente de seu pai, quem ela realmente admirava, explicando que ele e seu irmão (tio Fox, a menos que ele tivesse entendido errado) começaram seus negócios em Corey, vendendo pescas frescas para as cidades vizinhas, incluindo Ocracoke, Hatteras, Buxton e Avon. Ele compreendeu que o fato de terem conseguido descobrir uma maneira de vender seus peixes para fora da ilha fora o suficiente para que conquistassem uma posição social local, e ele sorriu ao sentir o orgulho que ouvira na voz de Laire e também o testemunhou em seu rosto quando ela explicou que tinham seu próprio cais e loja, e até mesmo um site onde os restaurantes nas proximidades poderiam fazer pedidos diários.

Ela falou carinhosamente, embora tenha revirado os olhos algumas vezes, sobre suas duas irmãs mais velhas: a superprotetora Isolde, a quem chamava de Issy, e Kyrstin, que se casaria no próximo fim de semana com um rapaz da ilha, chamado Remy.

Mas sua voz ficava marcadamente diferente — quente, melancólica e um pouco sofrida, se ele não estava enganado — quando falava de sua mãe, que havia morrido quando Laire era muito jovem. Ele sentiu a dor da perda, e isso fez com que seu coração se inflasse de empatia e ternura. Mas a mãe de Laire fizera algo bastante chocante, aparentemente, para os padrões de Corey: ela frequentara a faculdade. Mais de uma vez Laire inserira esse fato em uma conversa sobre sua mãe, com os olhos brilhando de orgulho. E ele sentiu, embora ela ainda não tivesse lhe contado, que Laire queria ser como ela. Isso fez com que se perguntasse como essa vontade acabaria se manifestando.

E, em algum lugar ao longo do caminho, entre Rodanthe e Manteo, entre o mahi-mahi fresco e os Elizabethan Gardens, Erik Rexford, o príncipe da Carolina do Norte, começou a se perguntar se Laire Cornish, a princesa da pesca comercial de Corey Island, poderia vir a amá-lo algum dia — porque tudo o que fazia com ela era tão incrível que sentia como se estivessem predestinados; tudo parecia malditamente correto. Com ela sentada ao seu lado, seguindo pela costa da Carolina, na mais linda tarde de início de verão, ele desejou nunca mais viver um único dia de sua vida sem ela. Desejou que ela, de alguma forma, fosse sua para sempre.

Pegou esse desejo e enterrou-o fundo, libertando-o de sua mente, aninhando-o em segurança e permitindo que crescesse por conta própria, deixando apenas uma esperança persistente de que algum dia dois filhos de reinos vizinhos selvagemmente diferentes pudessem criar um mundo completamente novo.

— Deus, eu falei pela tarde inteira — disse ela, arrancando uma garrafa do container, tirando a tampa e tomando um gole. — São quase quatro. Você deveria ter me dito para calar a boca uma hora atrás.

— De jeito nenhum! Eu acho que sua vida é muito interessante.

Ela riu.

— Tanto quanto assistir alguém pintando a seco.

— Muito melhor. Eu prometo.

— Sabe de uma coisa?

— Não. Diga-me — ele disse, olhando para suas bochechas cor-de-rosa e suas sardas de bronze, apaixonando-se descontroladamente por ela a cada segundo que passavam juntos.

— É sua vez de responder algumas perguntas para mim.

— Tem certeza disso?

— Sim, senhor, tenho.

— O que ganho em troca?

— Hmm. — Ela tocou o dedo indicador em sua cabeça pensativa.

— Já sei!

— Diga-me — disse ela.

— Eu ganho um beijo para cada pergunta que responder.

Seus olhos se arregalaram e ela riu alegremente, balançando a cabeça.

— Posso fazer trinta perguntas antes de chegarmos lá?

— Então vou dirigir mais devagar — ele disse, passando por uma placa que dizia que eles estavam a doze quilômetros da Washington Baum Bridge, que os levaria de Roanoke Sound até Manteo. — Anda logo, mulher! O tempo está passando.

— Está bem, está bem! Vamos ver. Um. Ah! Primeira: como é ser o filho do governador?

— Na maior parte do tempo, odeio — ele falou. — Quero dizer, há momentos em que gosto de ter ingressos de graça, em lugares Vips para um jogo dos *Panthers* ou dos *Hurricanes*.

— Você gosta de hóquei no gelo?

— Essa deve ser a pergunta número dois, e, sim, eu gosto. Torço para o *Duke Blue Devil*, querida!

— Acho bom — ela abriu um sorriso. — Eu não sabia que as pessoas da Carolina do Norte gostavam de hóquei.

— Nós temos uma equipe na NHL, Laire. — Ela olhou para ele sem entender. — A Liga Nacional de Hóquei?

— Oh! — ela disse, sorrindo para ele. — Não sei muito sobre hóquei. Principalmente porque só se assiste a NASCAR em Corey. No Fish Pot.

— Fish Pot?

— O bar local. — Ela riu suavemente. — Eles o chamam de Piss Pot[3] quando estão bêbados.

Erik riu e perguntou:

— Já estive no Hall da Fame da NASCAR em Charlotte?

Ela balançou a cabeça, sentindo as faces coradas.

— Eu nunca estive tão longe no interior.

Pararam no sinal vermelho, e ele se virou para encará-la por um segundo.

— Você é uma coisinha rara.

— Isso é ruim?

— Esta é a pergunta número três, e a resposta é não. É impressionante. Faz com que eu pense em você... a cada minuto, o tempo todo. Nunca sei o que você vai dizer nem como vai virar minha mente do avesso.

Considerando um elogio, ela sorriu, pensando em outra pergunta.

— Por que você odeia ser filho do governador?

Ele pareceu refletir por um segundo antes que o sinal abrisse e ele acelerasse.

— Eu não tenho muita privacidade. Tudo o que eu faço em Duke é relatado: a garota com quem estou saindo, se eu me der mal em um jogo, se eu...

— Você está saindo com alguém?

— Esta é a pergunta número cinco. E, sim, senhora, eu estou...

A respiração de Laire travou.

— Você está? Quem? Quero dizer...

— Você — ele disse, lançando um olhar para ela. — Estou saindo com você, Laire.

Sentindo-se como uma idiota completa, ela respirou, sentindo-se aliviada, e assentiu.

— Oh, eu...

— Lá está a demonstração de ciúme novamente.

— Não brinque comigo, Erik — disse ela suavemente. — Eu não sei o suficiente sobre garotos para saber quando você está brincando.

— Não queria machucá-lo, e não estou brincando — disse ele. — Você é a única garota com quem estou saindo agora.

O que só a fez pensar mais ainda.

— Com quantas ficou antes?

Ele se encolheu, então, sorriu suavemente.

— Eu não quero responder a essa pergunta, Sardas. Próxima.

— É uma lista longa?

— Essa é a pergunta seis. E não, para o meu mundo, não é. Mas no seu...

— Quantas? — ela perguntou suavemente. — Quantas delas significaram alguma coisa?

Ele ficou em silêncio por um tempo, olhando para o para-brisa enquanto cruzavam a ponte para a Ilha de Roanoke. Finalmente, ele suspirou.

— Eu tive cerca de seis namoradas.

— E com quantas você dormiu?

— Laire, por favor.

— Eu preciso saber — disse ela suavemente.

Laire mal sabia que queria dizer aquelas três palavras até que saíram de sua boca, mas soube a verdade imediatamente. Desde que conheceu Erik e aprendeu sobre suas visões menos conservadoras sobre intimidade e sexo, Laire não conseguia parar de se perguntar com quantas mulheres ele tinha dormido, e sua imaginação estava começando a levar vantagem. E se o número fosse dez, cinquenta ou até mais do que isso? Cem? Quantas teriam sido? Quantas ele considerava muito? Ela não fazia ideia. E por qualquer motivo que não sabia qual era, precisava ter uma ideia.

— Cinco — ele disse, com a voz baixa.

Ela ofegou suavemente.

Cinco.

Cinco.

Cinco mulheres tinham ficado nuas para ele e sentido o calor de sua pele.

Cinco mulheres tinham aberto as pernas e sentiram a plenitude de Erik Rexford dentro delas, olhando em seus olhos quando alcançou o clímax.

Cinco mulheres conheciam — e experimentaram — a parte mais íntima, privada e sagrada de Erik.

Meu Erik.

Cinco.

Nunca houve um número tão odioso desde a criação do mundo.

Não, não eram cento e cinquenta ou mesmo dez, mas... Deus! Uma dor profunda de ciúme retorceu seu coração, fazendo-o acelerar com fúria,

desapontamento e um arrependimento ridículo e irreal. *Por que não eu não poderia ser a primeira? Por que não poderia estar lá ao invés de outra pessoa?*

— Laire?

Ela estava com a respiração ofegante, inspirando e expirando rapidamente o ar impuro enquanto continuavam seguindo para oeste na Ilha de Roanoke, o trânsito apressando-se diante eles, passando por gramados altos e pantanosos à direita, e casas de praia mais à frente.

— Eu queria que você não tivesse me perguntado — ele murmurou.

— Você amou a todas? — perguntou, observando o cenário passar, incapaz de olhar para ele.

— Não.

— Amou alguma delas?

— Eu achava que amava. Agora não tenho certeza.

— Quantas delas pensou amar?

— Por favor...

— Quantas?

— Duas.

Ela engoliu em seco. Deus, ela queria odiar aquelas duas garotas, mas o ódio não veio imediatamente. Doía o fato de ele ter entregado seu coração a elas, mas sentia-se estranhamente consolada ao saber que houvera um sentimento antes da entrega.

— Laire — ele disse, interrompendo o terrível silêncio entre eles. — Estou sentado aqui sentindo que deveria me desculpar por alguma coisa, mas francamente isso é uma besteira. — Ele limpou a garganta. — Eu não venho de um lugar onde dormir com alguém antes do casamento é errado. Sei que você acha, e respeito isso, querida, mas não vou pedir que me desculpe por não concordar com as regras do mundo em que eu vivo. — Ele fez outra pausa,

como se estivesse esperando que ela dissesse algo, mas Laire não conseguia; não confiava em sua própria voz. — Vou dizer uma coisa: tratei todas as cinco moças com bondade e respeito. — Novamente ele fez uma pausa, ajustando as mãos no volante. — Talvez você queira que eu diga que me arrependi de dormir com elas, mas não vou dizer isso, nem mesmo para você. Toda experiência que tive, cada pessoa que conheci, cada passo que dei, eventualmente me conduziu aqui, para este carro, para estar sentado ao seu lado. E eu não trocaria isso por nada, Laire. Então, sou como sou. E se saber que eu dormi com cinco mulheres significa que você não quer mais ficar comigo, eu vou entender. Isso vai me dizer que somos muito diferentes. Vai me dizer que não funcionaríamos de forma alguma.

— Cale a boca — ela falou em um sussurro.

— Só estou tentando...

— Isso foi lindo — disse ela, piscando os olhos furiosamente, mas incapaz de evitar que as lágrimas deslizassem por suas bochechas.

Ela não gostava que ele tivesse dormido com outras mulheres.

Mas suas palavras.

Oh, Deus, suas palavras agradáveis, cuidadosas, francas e sinceras sobre o passado ter determinado seu futuro fizeram com que ela quisesse abraçar aquelas mulheres e agradecer-las por ajudarem a transformá-lo no homem que estava sentado ao lado dela hoje. E então ela soube: era assim que ela iria conviver com isso. Era assim que ela aceitaria sua experiência — como um presente, não uma maldição —, porque aquele homem sentado ao lado dela era seu primeiro amor, e ele não seria quem era hoje sem todos os dias que vivera no passado.

— Você é linda — ele murmurou, estendendo a mão cegamente sobre o almofadado do carro para segurar a dela.

Laire pegou a mão dele e a entrelaçou na dela, erguendo-a até seus lábios para pressionar um doce beijo entre os fortes sulcos de ossos e veias.

— Você quase me provocou um ataque cardíaco, querida.

Ela beijou sua mão novamente, depois colocou-a em seu colo,

segurando-a como um tesouro.

— Eu? Por quê?

— Essa são as perguntas doze e treze — disse ele, virando à direita em uma placa verde que dizia “Local Histórico Nacional Fort Raleigh” e abaixo disso: “Elizabethan Gardens”. — Estava com medo de ter que te levar de volta a Hatteras.

— Você acha que eu desistiria de você com tanta facilidade, Erik?

— Essa é a pergunta quatorze. E, querida, ainda estou aprendendo quem você é. Mas meu coração — ele fez uma pausa — doeu só de pensar que você poderia desistir.

— Eu estou... — Ela engoliu em seco, sentindo as bochechas úmidas enquanto respirava fundo. — Já estou muito envolvida, Erik.

Ele embicou em uma vaga no estacionamento, pressionou um botão para desligar o motor e virou-se para olhar para ela. Alcançou seu rosto, tocando sua bochecha, com os olhos escuros buscando os dela.

— Laire — ele sussurrou. — , estou me apaixonando por você.

Seu coração se apertou diante de tanta doçura.

— Erik...

— *Loucamente.*

Ela segurou seu rosto, e seus lábios se encontraram com fome, selando seu novo vínculo, seu novo amor, com um beijo apaixonado e furioso.



Capítulo 9

A última vez em que Erik esteve nos Elizabethan Gardens, em Manteo, fora como companhia para Vanessa, para a festa do trigésimo aniversário de casamento de seus pais, há três anos. Aos dezoito anos, na época, eles não tinham idade suficiente para beber, mas Pete conseguiu levar uma garrafa de champanhe, e eles a haviam escondido em um canto do Woodland Garden, bebendo-a até que estivesse vazia.

A mãe de Erik bebera demais naquela noite, compartilhando os custos da reforma de Utopia Manor com um pequeno grupo de mulheres à beira da fonte do Sunken Garden, o que constrangeu seu pai. Como retribuição, na metade da festividade, seu pai desapareceu por mais tempo do que pareceu correto, com uma dessas mulheres e retornou, ajeitando suas calças, surgindo no pequeno bosque que continha uma estátua de Virginia Dare.

E Erik vira tudo.

Desde a infância, ele já tinha visto coisas demais.

Muito excesso. Muito egocentrismo. Demasiada hipocrisia. Demasiada deslealdade.

Mas desta vez, ao atravessar os portões dos jardins iluminados pelo sol, os dedos de Laire Cornish estavam entrelaçados aos dele, a suavidade de sua palma pressionada contra a dele. Memórias infelizes não eram compatíveis com o amor que florescia dentro de seu peito. Ao apertar a mão dela, olhando para o rosto sorridente e virado para cima, sentindo a grandeza da sorte que tivera ao conhecê-la — alguém real, alguém genuíno, alguém modesto.

— É tão bonito aqui. Sinto como se eu tivesse que sussurrar — disse ela, seus olhos verde-marinhos brilhantes.

Ele se inclinou e beijou a ponta de seu nariz.

— Você não precisa sussurrar.

— Eu gostaria de ter trazido um bloco de desenhos — ela disse com um suspiro, avançando pelo caminho de tijolos cuidadosamente pavimentado.

— Eu não sabia que você desenhava — disse ele.

— Hum-hum — ela assentiu, parando para admirar uma enorme hortênsia azul claro. — Este azul é... inacreditável.

Com a mão livre, Erik tirou o telefone do bolso do quadril.

— Quer uma foto?

— Eu adoraria!

— Bem, fique ao lado da flor.

Ela fez o que ele pediu, e Erik tirou uma foto rápida.

— Você quer segurar a câmera? Então vai poder tirar todas as fotos que desejar. Basta pressionar o círculo preto na parte inferior.

Tímida, ela pegou o telefone dele e estendeu a mão, colocando-se

agachada ao lado das flores para tirar mais algumas fotos.

— Não tenho ideia se vai capturar bem a cor, mas posso tentar.

À distância, Erik ouviu o baixo rumor de um trovão e fez uma careta. As tempestades de verão que se deslocavam do Atlântico não eram incomuns.

— Parece que vai vir uma tempestade — observou Laire, abrindo o sorriso.

— Você se importa?

— Um pouco de chuva? — Ela riu, balançando a cabeça. — Não sou de açúcar.

Ela ofereceu a mão para ele, que pegou, unindo-as por um longo caminho de flores e arbustos em ambos os lados.

— Lírios. Hibiscos. Ahhh. Rosas — ela disse.

Deixando cair a mão novamente, ela se aproximou e tirou várias outras fotos, e Erik a observou, com o coração inchado de ternura por ela — pelo cuidado com que ela observava tudo à sua volta, pela maneira como vivia totalmente o momento.

— O que você esboça? — perguntou. — Flores?

— Não — ela respondeu, parando um pouco durante o caminho para tirar um close de uma rosa especialmente vibrante. — Hum, roupas. Blusas, principalmente, mas também vestidos. Saias, calças. Vestuário feminino. — Ela se virou e olhou para ele. — Tem uma nuvem negra lá em cima. Vamos ter que enfrentá-la.

Antes que ele pudesse lhe perguntar mais sobre seu interesse pela moda, sua atenção foi roubada por um jovem casal com dois filhos que vinha na direção deles. A mãe empurrava um carrinho de bebê até a saída, e o pai estava um pouco atrás, tentando agarrar a mão de uma criança que escapava.

— Ava! Ava Grace, você precisa segurar a minha mão!

O carrinho passou rápido, logo atrás uma criança, que usava um vestido de arco-íris, gritava:

— Eu quero andar com Maaa-maaaa!

Quando ela alcançou Erik e Laire, olhou para eles e perdeu o equilíbrio, tropeçando no caminho de tijolos, transformando-se em uma pilha colorida. Laire correu para a frente, antes que pudesse amparar a queda, jogando-se de joelhos ao lado da criança e recolhendo-a em seus braços. Quando o pai as alcançou, a menina estava chorando a plenos pulmões contra o pescoço de Laire, mas esta sentiu-se embaraçada quando percebeu que estava sendo observada pelos homens.

— Desculpe, eu não a peguei a tempo — disse Laire com uma expressão penalizada.

— Minha culpa, não sua. Ela se afastou. — Ele deu de ombros, parecendo cansado. — Ela está passando por uma fase difícil. Só quer a mãe, mas o bebê acabou de sair de uma gripe, e Cindy não o queria na chuva.

Erik olhou por cima do ombro, mas a mãe e o carrinho não estavam mais à vista. Tinham buscado a área coberta que levava ao estacionamento. *Que bom*, ele pensou, enquanto o sol deslizava atrás de uma nuvem de tempestade.

— Ava Grace — disse Laire em um tom suave e divertido. — Esse é um nome muito bonito.

Em resposta, Ava Grace ergueu a cabeça e fungou alto, seus soluços diminuindo.

— Você está pronta para ir com seu papai agora?

— Meu joelho está machucaaaaaado! — ela gritou, seus lábios inclinados para baixo em um U.

— Mas eu aposto que seu pai pode levá-la ao banheiro e sarar o dodói rapidinho.

— Rapidinho? — repetiu Ava Grace, não convencida.

— Mamães são boas para tantas coisas — disse Laire, afastando gentilmente a criança pegajosa de si e colocando-a de pé. — Mas papais são bons para consertar coisas.

— Como o quê?

— Ah — disse Laire, agachada e apoiada em seus calcanhares enquanto conversava com Ava Grace. — Como brinquedos, correias de bicicleta e joelhos machucados.

— Meu pai nunca consertou meu joelho antes.

— Tsc, tsc — disse Laire. — Você já lhe deu uma chance?

A criança balançou a cabeça, e um sorriso surgiu de repente, fazendo seus lábios se curvarem.

— Você parece uma princesa.

— É mesmo? — perguntou Laire.

— Uh-huh — disse Ava Grace, estendendo a mão para tocar o cabelo louro avermelhado de Laire. — Você é bonita como uma princesa.

— Isso é muito legal, Ava Grace — disse Laire, levantando-se e limpando o short. — Agora, vá com seu papai para limpar esse machucado, hein?

Ava Grace olhou para Laire com um olhar que indicava que ela era sua heroína, depois virou-se e pegou a mão do pai quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

— Obrigado — disse o pai, grato. — Você tem um jeito com crianças.

— Oh, eu não sei. — Laire deu de ombros, mas suas bochechas coraram, em um sinal de prazer. — Só tenho muitos primos.

— Diga um tchau, Ava Grace? — perguntou ele.

— Tchau, senhorita princesa — ela chamou, olhando para Laire por cima

do ombro até chegar à parte coberta.

A experiência de Erik com crianças era mínima, mas, assim como o pai da menina, ele não pôde deixar de notar que Laire tinha uma maneira especial de lidar com pequenos, e, embora não estivesse ansioso para ser um pai ainda, guardou a lembrança de Laire e Ava Grace na memória. Quem poderia saber? Algum dia ele pode querer dar uma olhada nisso novamente.

Ele quase disse que ela era incrível novamente, mas lembrou-se de seu aviso para não colocá-la em um pedestal nem bajulá-la.

— Você *realmente* se parece com uma princesa — ele disse, pegando uma mecha de cabelo e colocando-a atrás de sua orelha.

Suas bochechas, já coradas, ficaram ainda mais vermelhas.

— Você está me fazendo corar.

— Sim, eu estou — ele disse, puxando-a para dentro de seus braços.

Seus lábios encontraram os dela sem esforço, e ele começou a contar em sua cabeça. *Beijo número dois. Ainda vou receber mais doze hoje, e não vou desperdiçar nenhum.* Traçando sua língua ao longo do contorno de seus lábios, ela os abriu para ele como as flores que estava fotografando, e ele sugou suavemente a língua em sua boca, convidando-a a brincar com a dele.

A chuva começou a cair mais forte, pingando na parte de trás do pescoço e deslizando pelos antebraços, que a abraçaram firmemente contra o corpo. Ele podia provar a morna doçura do verão das gotas conforme elas escorriam entre seus lábios junto aos gemidos leves de Laire, e conforme pingavam gentis em seus cabelos.

Quando ela se inclinou e abriu os olhos, havia gotículas em seus cílios. Ela estava sorrindo, com seus lábios rosados e macios. De repente, ele teve uma ideia.

— Venha comigo!

Pegando a mão dela, correu pelo caminho, passando pela estátua da rainha Elizabeth I e o Jardim Sunken, cruzando mentalmente os dedos para que o

pequeno coreto ainda estivesse lá, no canto norte dos jardins, escondido e privado.

Estavam encharcados no momento em que subiram os degraus da pequena estrutura de seis lados, que continha três bancos pequenos dentro e estava coberta com um telhado de palha em forma de cone. Os braços de Laire brilhavam com a água da chuva, e seus cachos, uma vez sedosos, ficaram úmidos e planos em torno de seus ombros. Ele passou as mãos pelos próprios cabelos molhados, esfregando-o, olhando-a com uma intensidade febril quando percebeu que estavam sozinhos. Muito. Muito Sozinhos.

Finalmente. Até que enfim.

Seus olhos, agora mais pretos do que verdes, olhavam para ele enquanto seu peito, coberto pelo top úmido e cintilante, subia e descia, ofegante pelo esforço.

— Laire — ele murmurou, o som de seu nome soando cheio de desejo.

— Sim — ela sussurrou.

Eles se lançaram um para o outro, seus lábios colidindo. A mão de Erik alcançou sua face, segurando seu rosto com firmeza enquanto os dedos mergulhavam profundamente em seus cabelos. Beijando-a loucamente, ele a faz caminhar para trás, para um canto da pequena estrutura, encurralando-a na grade logo atrás dela. Laire inclinou a cabeça para trás, para o vazio, no momento em que ele envolveu seus braços ao redor dela, o calor de seus lábios forjando um caminho furioso de sua boca até a garganta, descansando por um momento em seu pulso latejante, lambendo as gotas de chuva da sua pele com sua língua de seda. As mãos ao redor de suas costas deslizavam sob sua camisa, rapidamente desenganchando o fecho de seu sutiã enquanto ela enterrava suas mãos em seu cabelo, exigindo seus lábios novamente.

Seus dentes colidiram quando ela se arqueou contra ele, colando as mãos em seu rosto enquanto conduzia o beijo, consciente de um calor súbito e bem-vindo em seus seios, que protegia sua pele sensível do frio e da umidade de seu

sutiã e camisa. A respiração dela ofegou ao sentir uma aceleração, um amadurecimento, uma percepção e, em seguida, imitando o choque ofuscante do relâmpago branco contra o céu escuro, sentiu uma rajada de luxúria rasgar seu corpo inteiro enquanto os dedos dele giraram seus mamilos suavemente.

Ela choramingou com surpresa e desejo, a palavra *mais* circulou sua língua sem parar enquanto amassava a delicada e virgem pele de seus seios e sua língua se enganchava implacavelmente contra a dela. Esfregando os pontos de tensão, a maciez de seu polegar escovava os mamilos doloridos enquanto ela arqueava os seios contra o calor de suas mãos.

Isso está errado. Estamos indo longe demais.

Ela ouviu a voz em sua cabeça, mas era incapaz de detê-la porque o queria desesperadamente. Queria suas mãos em seus lugares secretos. Precisava do calor de sua carne pressionado intimamente contra o dela, conhecendo os picos e vales de seu corpo com a mesma certeza que queria conhecer os dele. Seu toque, gentil, porém abrasador, enviava arrepios de luxúria pela espinha e ondas de desejo aconchegantes ao sul de sua barriga. Era como uma maré alta, que se tornava cada vez mais intensa.

Seu beijo tornou-se mais urgente, e ela tremia em seus braços, os olhos revirando e sua cabeça girando enquanto tentava recuperar o fôlego. Tendo as palmas das mãos dele segurando a plenitude de seus seios e seus polegares ainda massageando os botões macios, ela estremeceu em seus braços, seu corpo se esticando por um momento glorioso. E depois... ela sentiu algo dentro de sua intimidade, quebrar-se, colidir e partir-se novamente, explodindo em um milhão de cacos, que a sacudiram de dentro para fora. Calafrios de paixão se desdobraram através de cada membro de seu corpo, enquanto ela se convulsionava em seus braços e sua calcinha se inundava com uma quente umidade. Seus lábios eram gentis contra os dela — que eram, naquele momento, o olho do furacão de seu corpo — mordendo-os suavemente, esfregando-se com ternura. Suas mãos ainda cobriam seus seios, mas sua pele descansava facilmente contra a dela, com carinho, sem erotismo, como se precisasse simplesmente estar lá, como se sua carne tivesse nascido para buscar a dela e, uma vez unidas, nunca mais deveriam ser separadas.

Sua cabeça apoiou-se contra a grade do coreto, enquanto ela ofegava com os estremecimentos finais de seu primeiro orgasmo, sentindo-se viva, plena e

gloriosamente amada.

Em algum momento, o instinto tomou o controle: uma luxúria quase cegante que o incitava a avançar. Seus dedos haviam aberto o sutiã de Laire sem permissão ou aviso. Suas mãos haviam deslizado por sua cintura, depois atravessaram a pele sedosa de sua barriga, movendo-se para cima. No momento em que suas palmas chegaram aos seios, encontrando a pele morna e macia com reverência, Erik viajou muito longe para considerar a hipótese de retirá-las. Ele queria tocá-la. Queria desesperadamente ser o primeiro a tocá-la.

Porque o que ele disse no carro — que ele estava se apaixonando por ela — não era falácia ou mentira. Era exatamente como ele se sentia: como se o mundo fosse terminar e o planeta parasse de girar se não pudesse estar com ela. Aquela garota que conhecia há tão pouco tempo era uma obsessão improvável. Se lhe perguntassem em uma sessão de tortura, ele não poderia explicar a profundidade e a certeza de seus sentimentos por ela. Era como ser levado em uma corrente contra a qual não podia lutar. Poderia se mover com ela, ou ele poderia se afogar.

Sem fechar seu sutiã, ele tirou as mãos de seus seios e imediatamente pressionou o peito contra o dela para aquecê-la através da umidade de suas roupas. As pontas rígidas de seus mamilos foram pressionadas contra ele, que a ergueu nos braços, sentando-se em seguida em um banco logo atrás, ajeitando-a no colo. Laire descansou a bochecha contra seu ombro, com o cabelo grudando na pele da garganta de Erik enquanto respirava devagar e ofegava suavemente. De vez em quando, ele a sentia sobressaltar-se, estremecer e suspirar, encaixando-se contra ele como se quisesse entrar em sua alma por toda a eternidade. Ela não sabia ainda, mas já estava lá.

— Laire? — ele perguntou suavemente, sua voz competindo com a chuva que caía sobre as telhas acima de sua cabeça.

— Mmm? — ela murmurou, pressionando os lábios contra a garganta dele.

— Você está bem, querida?

— Mm-hm — ela zumbiu, sua voz baixa e sonolenta.

Ele sorriu para si mesmo, segurando-a mais perto.

— Tem certeza?

— Sim — ela suspirou.

— Primeira vez?

— Você sabe que sim.

— Eu adoro isso.

Ela respirou fundo e beijou-o novamente.

— É sempre assim? Quando... quando um homem toca uma mulher? Nos seios?

— Nem todas as mulheres são tão sensíveis, eu acho.

— E quando você toca uma mulher... — Ela se remexeu em seu colo, e ele imaginou que seu clitóris deveria, provavelmente, estar tão tenso quanto seus mamilos, doendo ao seu toque. — ...nas suas partes inferiores? Isso acontece também?

Seu pau, que estava semiereto contra a bunda dela, se contraiu.

— Mais ainda, querida.

— Meu Deus — ela murmurou, sentando-se ao lado dele. — Eu mal consigo imaginar.

Se Erik pensava que ela era deslumbrante antes, agora... agora ela pertencia a ele. O olhar saciado em seu rosto, a suavidade em seus olhos, o pálido rosa apimentado de seus lábios. Tudo pertencia a ele. Eram seus, porque ele os colocara ali, e sentia uma onda de proteção, de devoção, de amor louco para sempre, de tal forma que não podia mais encará-la sem sentir uma inesperada ardência em seus olhos.

Colocando a mão na parte de trás da cabeça, ele empurrou o rosto contra

o pescoço dela e segurou-o lá enquanto respirava, de forma limpa e profunda, deixando o poder desses sentimentos se instalarem dentro de si e ao seu redor. Eram uma parte dele agora. Ele os possuía tanto quanto era possuído. E, felizmente, suas lágrimas recuaram antes de caírem.

— A chuva parou — disse Laire com sua voz doce.

— Hmm — ele murmurou. — Gostaria que pudéssemos viver aqui nesta casinha para sempre, Sardas.

— É tão acolhedora — ela disse, pressionando os lábios no pescoço dele novamente, em um gesto reconfortante e distraído ao mesmo tempo. — Erik?

— Sim?

— No Corey, o que eu acabei de deixar você fazer seria considerado muito ruim.

Ele cerrou o maxilar, irritado por imaginar que qualquer coisa que tinham acabado de compartilhar pudesse ser considerada ruim.

— Nós não estamos no Corey.

Ela engoliu em seco, então pousou o rosto em seu ombro novamente, sua respiração quente beijando seu pescoço.

— Eu sei.

— Está se sentindo mal, Laire? Quero dizer, você sente que foi errado?

Ela ficou quieta por um momento antes de levantar a cabeça para olhar nos olhos dele.

— Foi bonito demais para ser errado.

— Nossas próprias regras — ele lembrou. — Nossas regras dizem que o que fizemos foi lindo.

Seus lábios se inclinaram e ela acenou com a cabeça para ele.

— Nossas regras são as melhores.

— Sim, elas são — ele disse, rindo suavemente de seu rosto feliz e satisfeito.

Ele olhou por cima do ombro. Feixes de luz solar estavam começando a atravessar as árvores. Os turistas começariam a olhar ao redor dos jardins novamente. Qualquer um poderia passar por eles, e por mais que eles sentisse que ser apanhado fazendo o que estavam fazendo não seria um grande problema aos olhos dele, imaginou que ela não sentiria o mesmo.

— Quer que eu te ajude? — ele perguntou, segurando as metades soltas do sutiã através da camisa.

Ela se sentou e colocou as mãos sob sua camisa para rapidamente prender e ajustar o sutiã.

— Não. Tudo bem.

Ele segurou suas bochechas com ternura enquanto descansava a testa contra a dela.

— Obrigado.

— Pelo quê? — ela perguntou, segurando os antebraços dele suavemente com os dedos.

— Por confiar em mim. Por me deixar estar com você.

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo para ele.

— Fico feliz que tenha sido você.

Ele roçou os lábios contra os dela e suspirou.

— Quer ir ver mais dos jardins, querida?

Ela levantou-se, deslizando pelo antebraço até chegar em sua mão, que ela apertou na dela.

— Sim, Erik, eu quero.

Na loja de presentes, ele comprou um caderno de esboços e um pingente de prata gravado com um coração. Quando colocou o colar em volta do pescoço dela, o pingente de prata ficou entre seus seios, pesado e quente, e ela corou, lembrando de seu momento apaixonado no coreto.

Ela teria que esconder o colar antes de ir para casa naquela noite, mas pertencia a ela, e seria uma eterna lembrança do dia perfeito que passara com seu amor.

Enquanto eles se afastavam dos jardins e atravessavam uma ponte da Ilha de Roanoke até os Banks, Laire sentia suas primeiras dores de tristeza. Eram apenas sete da noite, mas seu belo encontro estava chegando ao fim. Muito em breve, eles teriam que voltar para Hatteras e dizer adeus. E não era como se eles não fossem ter outro encontro, mas apenas por aquele dia, ela realmente se libertara de Corey por horas. Não teve medo de ser descoberta. Não estava preocupada em ser vista com Erik. Abraçara seu tempo com ele com uma plenitude e gratidão tão maravilhosas, que fazia odiar à ideia de voltar a se esconder. Desejava que todos os dias pudessem ser como aquele.

Erik segurou sua mão por sobre o apoio do carro, enquanto seguiam para o sul, na Rota 12.

— Sabe — ele disse, inconsciente dos pensamentos pesados de Laire —, você nunca me falou sobre seus esboços.

— Faço para minhas irmãs. E para algumas outras mulheres da ilha.

— Eu não sabia. Mas você está sempre bem vestida.

— Obrigada. Lembra de quando eu mencionei que minha mãe foi para a faculdade?

— Uh-huh. Você tem muito orgulho dela.

Ela assentiu.

— Eu quero ir também.

— Para uma faculdade? Longe de Corey?

Ela olhou para ele e respondeu com firmeza:

— Já que não tem nenhuma faculdade por lá, sim.

— Mas... Não consigo imaginar você saindo de casa.

Eu posso.

— Já analisei tudo. As duas melhores escolas de design de moda da Costa Leste estão em Nova York e Rhode Island.

— N-Nova York? Laire! *Cidade de Nova York?*

Sua voz estava tão chocada que ela se sentiu na defensiva.

— Eu posso ir a qualquer lugar que eu quiser.

— Disse a menina que nunca foi mais longe do que Jacksonville.

— Só porque nunca fui, não significa que não posso ir — disse ela, soltando a mão dele e cruzando os braços sobre o peito.

— Bem, claro que você pode. Eu só... O que seu pai acha disso?

Seus lábios se contraíram.

— Ele não sabe.

Erik respirou fundo e suspirou.

— Então, você gosta de criar roupas?

— Eu amo isso. Eu as desenho e costuro desde que minha mãe morreu.

— Você fez a blusa que está usando?

— Sim — disse ela.

— E a blusa sexy que você estava usando na primeira noite em que nos

encontramos em Buxton? Aquela marrom que fez minha mente pirar?

Ela sorriu.

— Eu que fiz.

— E esse shortinho que está me enlouquecendo hoje?

— Eu fiz.

Ele olhou para ela e assentiu.

— Você é talentosa.

— Você acha?

— Sim, eu acho. — Ele fez uma pausa. — Então, como esse plano vai funcionar exatamente? Laire indo para a faculdade?

Ela suspirou.

— Laire vai trabalhar por dois verões na Pamlico House e vai economizar cada centavo. Pouco a pouco, ela contará a seu pai sobre seus planos até ele parar de proibi-la. E então, quando tiver vinte anos, ela irá se candidatar. Com sorte, será aceita, e...

— Então ela irá para Nova York e se tornará uma grande designer de moda.

— Basicamente isso.

— E eu poderei dizer que a conheci quando... — ele disse com saudade.

Alcançando sua mão, ela puxou-a para seus lábios e beijou-a enquanto o sol se aproximava cada vez mais do mar.

Espero, ela pensou, que você ainda me conheça quando isso acontecer.



Capítulo 10

Laire apoiou os cotovelos na bancada, no King Triton Seafood, na manhã de quarta-feira. Olhava pela janela da frente e lembrava solenemente de todos os detalhes da noite passada com Erik.

Ele voltou ao bar na noite de segunda-feira durante seu turno, mas, após o encontro do domingo, sentia-lhe mais próximo, com uma nova intimidade que fazia seu coração chorar de amor cada vez que o olhava e o via. Ela encheu o jarro de água no bar tantas vezes que o barman começou a brincar com ela sobre deixar o local flutuando. Preenchia dois ou três copos, despejava o resto na cozinha e depois voltava ao bar para preenchê-lo novamente dez minutos depois. Qualquer desculpa para poder ver Erik.

Quando eles se jogaram nos braços um do outro na segunda e na terça-feira, após o trabalho, beijaram-se com fome, como se o toque de seus lábios e as línguas entrelaçadas fossem o único sustento que desejavam e precisavam. Na noite passada, segurando-a no cais, sob a parca luz do luar, ele dissera a ela

novamente que estava se apaixonando e pediu outro encontro no domingo.

Infelizmente, Laire teve que dizer não.

Ela não ia trabalhar na sexta-feira, no sábado e nem no *brunch* de domingo, embora tivesse feito muitas horas extras para compensar essas faltas. No fim de semana, participaria do jantar de ensaio de Kyrstin, do casamento e do *brunch* de casamento. Depois da noite de quinta-feira, não veria Erik novamente até o domingo à noite, e seu coração doía ao pensar nisso. Parecia uma eternidade.

— Laire, tudo bem? — perguntou Tio Fox, que olhava a vitrine da parte de trás da loja, onde tinham balcões e freezers.

— Sim — ela respondeu, olhando para ele por cima do ombro.

— Ansiosa para as festividades de Kyrstin neste fim de semana, hein?

— Sim, senhor — ela respondeu, girando no banquinho para encará-lo.

Seu tio era apenas dois anos mais velho do que seu pai, embora tivesse trabalhado toda a vida em barcos de pesca e mostrasse isso nos vincos em seu rosto. Seus dois filhos — seus primos Roland e Harlan — estavam trabalhando no barco.

— Primeiro Issy. Então Kyrstin. O casamento de Ro está chegando em setembro. — Coçou a barba, repleta de sal e pimenta. — De solteiros só sobram você e Harlan dos primos Cornish.

Ela assentiu.

— Acho que sim.

Seu tio inclinou a cabeça para o lado.

— E Brody Walsh, Laire? Neto de reverendo. Bom garoto, boa família.

O coração de Laire acelerou, suas bochechas se tornaram quentes.

— Eu não conheço bem o Brody.

— É mesmo? Hmm. Acho que ouvi uma história diferente.

Merda, mas que merda dos diabos. Seu tio sabia. Brodie Walsh andava falando. Podia ver em seu rosto.

— Você ouviu errado, tio Fox, e eu vou dar um soco em qualquer um que diga que fiquei com Brodie Walsh!

Ergueu as sobrancelhas e viu um sorriso irritante pendurado nas bordas de sua boca.

— Bem, bem. Briguinha de namorados.

Namorados? O quê?!

— O que Brodie diz sobre mim é uma mentira imunda!

— Tudo bem. Ok, pequena Laire. Não fique irritada, agora. O filho de Ole Brodie só está tentando conquistar você com um pouco...

O sino sobre a porta soou, e seu tio parou no meio da frase, sua postura mudando de relaxada para profissional. Seus braços, que estavam cruzados sobre seu peito, caíram nas laterais de seu corpo, e ele pigarreou, usando sua própria voz de comerciante ao perguntar:

— Podemos ajudá-lo, senhor?

Virando-se em seu banquinho, Laire ofegou e seus olhos se arregalaram, ficando, sem dúvida, do tamanho de pires, ainda que seu coração estivesse palpitando com prazer repentino e inesperado, além de. . .

Erik Rexford.

...e descrença...

Na maldita loja de peixe do meu tio.

...e terror...

Mas. Que. Diabos?

— Laire, querida — disse seu tio com cautela —, você pode ajudar esse bom cavalheiro? — Seu tio colocou-se ao lado dela e a cutucou com o cotovelo. — Minha sobrinha não está acostumada com os turistas.

Os lábios de Erik se curvaram ligeiramente enquanto ele olhava de seu tio para ela.

— Eu não sou um turista. Sou Erik Rexford. Moro em Buxton.

— Ah! — grunhiu seu tio. — Rexford. Como o governador?

— Sou filho dele — disse Erik, mantendo seus olhos fixos no homem. — Ouvi dizer que você tem os melhores frutos do mar dos Banks.

— Ouviu isso, pequena Laire? Os melhores.

— Sim, senhor — ela murmurou, mal se atrevendo a respirar enquanto buscava os olhos de Erik, que ainda estavam presos no tio Fox.

— Você precisa de alguma pesca fresca?

— Eu pensei em vir comprar algo. Estava passando pela costa no meu caminho de volta para Buxton e vi seu letreiro na doca.

Ela não tinha ideia do porquê de ele estar ali e ficava apavorada de ser descoberta, mas ver seu rosto bonito e o cabelo desgrenhado pelo vento ainda a fazia suspirar com prazer. Finalmente reagindo, ela pegou um formulário de pedido sob a caixa registradora e tentou não sorrir para ele como se estivesse prestes a ter um ataque cardíaco.

— Posso pegar o seu pedido, senhor?

— O que você recomenda? — ele perguntou, com sua voz profunda e quente, e *Deus*, todo o corpo de Laire reagiu ao vê-lo tão inesperadamente: seus mamilos se eriçaram, sua boca encheu de água. Ela queria estender a mão e tocá-lo, agarrá-lo pela gola de sua camisa azul-marinho Ralph Lauren e colar seus lábios aos dele por sobre o balcão.

— Bem — disse seu tio, assumindo que Erik estava falando com ele —, alguns azuis chegaram ontem... além de trutas do mar.

— A truta do mar é uma pesca de primavera — disse Erik, lançando um olhar provocador para Laire. — E quanto à cavalinha? Acho que estamos mais na temporada agora, certo? Pequena, mas fresca?

— Vejam só, pelas barbas — Tio Fox assentiu, obviamente impressionado. — Um forasteiro que entende de peixes?

— Perdão?

Laire não pôde conter um pequeno sorriso e olhou para o balcão, esperando que seu tio, não a pegasse rindo às custas dele.

— É só um jeito de falar das Ilhas — disse seu tio. — Certo. Tenho cavalinhas.

— Na verdade — disse Erik, seus olhos flutuando para Laire por um momento. — Eu preciso de algo que aguente uma viagem.

— O que quer dizer? — perguntou seu tio.

Erik olhou para ela novamente, com o sorriso desaparecendo, antes de erguer o olhar por sobre o ombro para o tio.

— Vou até Raleigh por alguns dias. Saio hoje. Negócios de família. Eu gostaria de trazer alguma coisa para minha mãe. E o peixe vai ficar no carro por algum tempo.

Os lábios de Laire se separaram quando seu tio começou a falar que os caranguejos se conservavam bem no gelo. Finalmente ela entendeu. Ele estava ali para dizer-lhe que se ausentaria naquela noite e na próxima. Não tinha outra maneira de contar a ela que não estaria sentado no bar, não poderia explicar sua ausência, por isso, arriscou-se a ir até lá para contar a ela do jeito que podia.

Laire ergueu a cabeça, e os olhos dois se encontraram para confirmação. Ele acenou lentamente com a cabeça enquanto falava com seu tio.

— Sim, senhor. Seria ótimo se você pudesse arrumá-los para mim no gelo.

— Laire — disse seu tio —, vou buscá-los e arrumá-los. Cobre por três

dúzias, ouviu?

— Sim, senhor — disse ela, ainda encarando Erik.

Assim que seu tio ficou fora do alcance da conversa, ela sussurrou:

— Você veio me contar? Que você vai se ausentar por alguns dias?

Ele assentiu.

— Esperava que você estivesse trabalhando nesta manhã. Não encontrei outra maneira de falar com você. Estarei em Raleigh até domingo. Não queria que você pensasse que desapareci, que meu sentimento mudou ou...

Ela sorriu para ele, depois olhou para o balcão, piscando para afastar as lágrimas enquanto escrevia seu pedido.

— Erik — ela sussurrou.

— Humm?

Ela olhou para ele.

— Estou me apaixonando por você também.

Ambos se tocaram com o olhar por um momento intenso. Embora Erik tivesse lhe dito estas palavras duas vezes, era a primeira vez que Laire as devolvia, e ela pôde ver a súbita onda de ternura nos olhos dele quando a fitou. Em seguida, inclinou-se em sua direção e precisou de cada grama de sua força para não pular o maldito balcão que os separava.

Antes que um deles fizesse algo estúpido, ela recuou e pigarreou.

— Ficou em dezoito e cinquenta, Sr. Rexford.

Ele colocou a mão no bolso de trás, abriu sua carteira e entregou um cartão de crédito para ela.

— Quer que eu sele o isopor? — gritou seu tio da sala dos fundos.

— Quero! Obrigado! — Erik respondeu.

Ela pegou o cartão, ainda quente do contato com a mão dele e o passou na máquina. Quando voltou para ele, seus dedos se tocaram, fazendo-a estremecer de saudade.

— Vou trabalhar na noite de domingo.

— Vou te ver, então — ele sussurrou.

— Vou sentir sua falta — ela falou enquanto lhe entregava uma caneta.

Ele acenou com a cabeça e assinou o recibo, deslizando ambos de volta ao balcão.

— Aqui vamos nós! — disse seu tio, erguendo um isopor por cima do balcão. — Agora você tem seus bichinhos!

Laire não pôde evitar lembrar perfeitamente de seu primeiro encontro, nem a forma como seus ombros de repente começaram a tremer de alegria.

— Aproveite-os — ela conseguiu proferir, grata a seu tio por, inadvertidamente, adicionar um pouco de leveza ao momento.

— Aproveitarei — disse ele, pegando o refrigerador e colocando-o debaixo do braço. — Obrigado, senhor.

— O prazer foi nosso, Sr. Rexford.

— Obrigado, senhorita — ele dirigiu-se a Laire, e seus olhos lhe diziam tudo o que seus lábios não podiam dizer.

— O prazer foi nosso, Sr. Rexford — ela disse suavemente, odiando o momento em que ele se virou para sair da loja.

O pequeno sino tilintou novamente quando a porta se fechou atrás dele, e ela o observou caminhar ao longo da doca, de volta ao seu pequeno barco. Era como se seu coração estivesse cansado, doendo por tanto bater e pela vontade que sentia de ir com ele. Parecia insatisfeito em ficar dentro de Laire quando, cada vez mais, pertencia a Erik.

— O filho do maldito governador! — Seu tio choramingou, socando a

bancada. — Seu pai não vai acreditar!

— Ele foi legal — disse ela, esperançosa, virando-se para olhar para o tio.

— Legal. Pois sim. — Ele virou o rosto para ela. — É só mais um turista rico. Nada mais, nada menos.

Ela ergueu o queixo.

— Não seria a pior coisa do mundo se ele falasse para algumas pessoas sobre nossos azuis, já que gosta deles.

— Acho que somos bons o suficiente com os *hoi polloi*, não somos? — seu tio comentou, usando um antigo termo da ilha para “clientes normais”.

Laire deu de ombros.

— Acho que somos.

— Bem, Laire — ele disse —, vou sair agora. Tenho algumas entregas em Ocracoke. Me avise se a filha do presidente resolver passar aqui para alguma encomenda também, ok? — ele perguntou ironicamente, rindo enquanto se virava e dirigia-se para a sala dos fundos.

Ela olhou a tempo de ver o barco de Erik se afastar.

Quatro noites sem ele.

Ela odiava pensar nisso.

Colocando a mão no bolso, acariciou o cálido metal de seu pingente dos Elizabethan Gardens, depois, apoiou os cotovelos de volta no balcão e suspirou.

Erik não estava interessado em ir à festa na Mansão do Governador daquela noite, mas naquela manhã, sua mãe havia ligado de Raleigh e insistira

para que ele e Hillary estivessem lá. As fotos da família que incluíam o belo Erik e a linda Hillary sempre recebiam mais atenção da mídia. Além disso, Fancy gostava da imagem de todos juntos.

Ele pensou em recusar-se a ir.

Estar tão longe de Laire não era uma ideia que o atraísse, já que apreciava cada momento roubado com ela. Mas discordar de Fancy nunca era fácil — sua mãe guardava ressentimentos e costumava vingar-se, sendo assim, com suas mentiras sobre Vanessa pairando entre ele, Erik não precisava de mais problemas. Então, com raiva, respondeu que sim e concordou em voltar para a cidade com Hilary.

Levaria mais de quatro horas para ir de Buxton a Raleigh, o que significava que ele precisava sair ao meio-dia, o mais tardar. Quando desligou com sua mãe, estava frenético com a noção de que, depois de aparecer na Pamlico House todas as noites para ver Laire, ele de repente desapareceria sem qualquer explicação. Lembrando que às vezes ela trabalhava com seu pai na loja de peixe do tio, teve a ideia de tentar encontrá-la lá e, graças a Deus, tinha funcionado.

Sua decisão de permanecer em Raleigh até domingo foi baseada unicamente na indisponibilidade de Laire no fim de semana. Uma vez que estaria ocupada com o casamento de sua irmã, ele achou que seria mais fácil ficar longe por alguns dias extras. Seria tortura saber que ela estaria tão perto, mas que não teria permissão para vê-la.

Depois de falar com ela, correu para casa, fazendo o trajeto em 40 minutos. Mas estava tão focado em reviver sua breve conversa, incluindo a mais doce declaração que seus ouvidos já haviam ouvido — *Eu também estou apaixonada por você* —, que não notou Vanessa de pé na doca até ela se colocar ao seu lado.

— Ei, estranho! — ela chamou. — Jogue-me a corda que vou te ajudar!

Hã? O que Van está fazendo aqui?

— Ah, ok. — Lembrando dos bons modos, ele acenou, cumprimentando-a. — Ei, Van! Como você está, docinho?

— Sua mãe ligou e convidou-me para Raleigh com todos vocês para o fim de semana — disse ela, mostrando-lhe um sorriso de um milhão de dólares. — Não poderia dizer não à esposa do governador.

Porra.

Ele suspirou, sentindo-se irritado.

Ele gostava de Van como amiga. Gostava de verdade. Mas sua mentira acabara de ficar muito mais difícil. Sua mãe provavelmente pensou que estava lhe fazendo um favor, mas na verdade, estava tornando sua vida muito mais difícil. Não queria passar o fim de semana com Vanessa; e como diabos seria convincente sobre namorá-la na frente de sua mãe quando a única pessoa com quem queria estar era Laire?

— Ah — disse ele. — Ótimo.

Ela colocou as mãos nos quadris.

— Quanto entusiasmo! Eu não disse que você precisava fazer um canal nos dentes, Erik!

— Claro que não — ele disse, forçando um sorriso. — Fico feliz que venha conosco.

— Sem Pete para nos encher o saco — disse ela rapidamente. — Apenas você e eu.

— E eu! — chilreou Hillary, de repente aparecendo na doca atrás de Vanessa. — E já aviso que sento ao lado do motorista!

Erik se forçou a não sorrir, mas que inferno, ele amava sua irmã.

— Isso não é muito gracioso — observou Vanessa, com uma expressão azeda franzindo os lábios quando se virou para olhar para Hillary.

— Ela enjoa em viagens longas — disse Erik.

— Desde quando? — perguntou Vanessa.

— Comecei neste verão — disse Hillary. — Não quer que eu vomite agora, quer?

— Claro que não — disse Vanessa magnânima, voltando-se para Erik. — Bem, acho que teremos tempo suficiente para chegar dar um rolê na cidade.

— Mal posso esperar — acrescentou Hillary.

— Você ainda não tem vinte e um — disse Vanessa, olhando para Hillary com raiva. — Minha mãe convidou vocês para o jantar na noite de sexta-feira, e eu estava esperando que Erik me levasse para sair no sábado à noite, para algum lugar legal em Raileigh.

Erik suspirou, obrigando-se a não revirar os olhos. Parecia que Van tinha planejado todo o fim de semana para eles. Olhou para Hillary, que deu de ombros, como se dissesse: “Eu tentei”.

— Lugar legal, hein? Acho que teremos que planejar tudo depois que chegarmos lá — Erik disse, temendo aquelas quatro horas de carro, a festa da noite e a perspectiva de Vanessa tentar ficar sozinha com ele todo o fim de semana. Mas o que poderia fazer? Teria que dispensá-la o mais gentilmente possível quando estivessem sozinhos, mas certificar-se de que seu braço estivesse ao redor de sua cintura cada vez que Fancy olhasse para eles. Que maldita bagunça.

Virou-se para a irmã e sua falsa namorada, escondendo uma careta com um sorriso falso.

— Bem, garotas bonitas, acho que todos nós estamos prontos para ir, não estamos?

De volta ao trabalho no domingo à noite, seus olhos deslizavam para a porta do restaurante a cada cinco minutos, Laire não conseguia evitar revisar mentalmente seu fim de semana enquanto servia mesas, recarregava os galões de água e esperava com impaciência, depois do que parecera uma eternidade, para ver Erik novamente.

Fosse intencional ou um descuido, o fato de Laire ter sido colocada sentada ao lado de Brodie Walsh na recepção de casamento da irmã na noite anterior acabou por ser uma benção, porque ela finalmente teve a chance de confrontá-lo de forma pública sem fazer uma grande cena.

— Ei, doce Laire — ele a cumprimentou, seus olhos deslizando com avidez pelo rosa queimado de seu vestido de dama de honra.

— Ei, cobra — ela disse amigavelmente, apreciando a forma como a conversa na mesa subitamente cessou, e como seis pares de olhos surpresos voltaram-se para Laire e Brodie.

— Perái, *baby*...

Ela ficou parada atrás de sua cadeira, com os dedos tamborilando no encosto.

— Não se atreva a me chamar de *baby*, como se estivéssemos namorando, entendido? — ela sibilou, com o sotaque mais forte por causa da raiva.

— Pare com isso. Você estava agindo bem diferente na noite do baile — ele disse, olhando ao redor da mesa para sua irmã Isolde, seu cunhado Paul, os primos Roland e Harlan, a noiva de Roland, Maura, e a melhor amiga de Kyrstin, Rachel. Brodie estava em seu território agora, e ele sabia disso.

Ela levantou o queixo.

— Estou surpresa que se *lembre* da noite do baile, já que você ficou torto de bêbado.

— Eu não estava tão...

— Sim, você estava — disse Laire. — Tão bêbado que tentou me beijar à força e não se lembra de quando te dei um soco. Mas foi assim que acordou com um olho roxo.

— Não. Isso foi um acidente pescando...

— Acidente? — ela terminou por ele. — Não, não foi. Nós dois sabemos

disso.

Ele olhou para a mesa, sabendo que tinha sido vencido e que era hora de calar a boca.

— Você nunca me beijou. Nunca, nunca tocou meu corpo, Brodie Walsh. Agora, se puder admitir a verdade, podemos deixar isso de lado e sermos amigos. Se não...

Ele ergueu a cabeça, pregando-a com os olhos.

Uma coisa sobre viver em uma ilha pequena? Todos tinham um pouco de sujeira sob o tapete. Brodie não fazia ideia do que Laire sabia sobre ele, mas era fácil ver em sua expressão que ele preferia que ela mantivesse o segredo para si mesma.

— Tudo bem. Nós não fizemos nada — disse ele, olhando em volta da mesa para seus parentes. Virou-se, então, para ela e vociferou: — Feliz agora?

— Muito feliz — ela respondeu despreocupadamente. — E você *vai* parar de espalhar mentiras, não vai?

— Não importa mais — disse, olhando através do salão da comunidade da igreja para a direção de Maddie Dunlop. Dobrou o guardanapo, colocando-o na mesa diante dele. — Encontrei um peixe com mais carne — Ele se levantou, de cima de sua altura de um metro e oitenta e cinco, e olhou para Laire.

— Bem, vá fritá-lo então e me deixe em paz. — Sem recuar, ela olhou para ele diretamente nos olhos. — Envie minhas condolências à Maddie.

— Cadela frígida — murmurou Brodie enquanto se afastava e seguia na direção de Maddie.

Laire respirou profundamente, puxou a cadeira e sentou-se, olhando para a irmã, que a encarava com desaprovação.

— Ele é um bom partido — disse Isolde. — Não deveria ter feito isso, Laire.

— Muito bom garoto — acrescentou Roland. — Apenas um pouco

selvagem. Você poderia tê-lo domesticado.

— Não pode simplesmente recusar a todos, Laire. Vocês dois teriam bebês muito bonitos — disse Rachel, que não era a garota mais bonita ou mais jovem de Corey, e provavelmente adoraria se casar com um dos gêmeos Masterson.

Rachel sorriu para Harlan, que rapidamente evitou seu olhar para não encorajá-la. Solteiro como Laire e apenas um ano mais velho, piscou para a prima.

— Que bom que fez isso, Laire. Ele é um idiota, todo presunçoso sobre si mesmo. Não é bom o suficiente para a minha priminha.

— Obrigada, Harlan — disse ela, sentada ao lado dele e grata por sua camaradagem. O marido de Issy, Paul, mudou o assunto para falar sobre os turistas de verão em Ocracoke, e Kyrstin e Remy mencionaram a pousada em Corey, que os manteve todos ocupados pelo resto da recepção.

— Água, senhorita?

Laire foi arrastada de volta ao presente e suspirou, enchendo o copo do cliente com um sorriso educado, embora ainda estivesse fumegando de ódio por causa de Brodie.

Como o tio de Laire já havia descoberto os comentários de Brodie, ela só podia assumir que seu pai também os tinha ouvido, e ela só esperava que a pequena cena que acontecera no casamento fosse relatada a ele. Não queria que ele pensasse que ela e Brodie tinham um relacionamento ou, pior, que ela o deixara tocá-la e depois mudara de ideia. Boas garotas não faziam coisas assim. Ocorrera-lhe contar tudo diretamente ao pai, mas isso a fez estremecer de vergonha. Não podia imaginar-se, mesmo em seus pesadelos mais loucos, discutindo algo tão complicado com seu pai. Talvez tudo acabasse sendo esclarecido agora. Ela esperava que sim.

E assim que esse pensamento reconfortante passou por sua cabeça, Erik Rexford cruzou a porta do bar e sentou-se em sua mesa de sempre, seus olhos procurando-a e encontrando-se com os dela com um brilho e um sorriso. Seu coração explodiu de felicidade, e ela acenou em saudação.

Sim, tudo ficaria bem.

Erik tomava sua cerveja, trocando olhares com Laire sempre que ela passava pelo bar. Estivera irritadiço naquela manhã, ansioso para voltar para os Banks e vê-la, mas ainda mais ansioso para se afastar de sua mãe e Vanessa, que não tinham sido nada sutis durante o longo e irritante fim de semana.

Desde Vanessa surpreendendo-o com um beijo indesejável nos lábios para os fotógrafos na festa de sua mãe, na noite de quarta-feira, além de um jantar íntimo com ambas as famílias na sexta-feira, seguido da insistência de Van para que ele acompanhá-la na festa de aniversário da irmã dela em um restaurante ostentoso no centro, no sábado, parecia que ela e sua mãe estavam planejando uma tempestade. Mesmo que Fancy tivesse prometido não contar nada para ninguém sobre o namoro de Erik e Vanessa, Van estava agindo como se fossem um casal, e suas ações tinham o selo de aprovação de Fancy por toda parte.

E ele estava enviando sinais vagamente diferentes dos de Vanessa: perto de sua mãe, ele mantinha o braço ao redor de sua cintura ou dos ombros, mas quando Fancy não estava olhando, ele tinha o cuidado de não tocá-la, porque toda vez que fazia isso, sentia como se estivesse traindo a confiança de Laire.

Para não mencionar, não era justo com Vanessa. Sabia que não era justo, mas simplesmente não tinha certeza do que fazer a respeito. Não queria que Fancy comesse a especular onde ele vinha passando todo o seu tempo naquele verão. Erik precisava que ela pensasse que ele estava com Van para que o deixasse em paz.

O verão já estava na metade agora, faltando apenas cinco semanas até ele ter que voltar para Duke, o que lhe doía de forma cruel — o modo como o tempo estava passando rápido. Talvez pudesse tentar evitar Vanessa o máximo possível. Deus sabia que queria passar cada momento com Laire, e não Van.

...Por isso esta noite era tão importante para ele.

Hillary, que estaria fora em um acampamento por uma semana, ficou

para trás em Raleigh. Sua mãe iria a um chá com algumas senhoras na tarde de segunda-feira, o que significava que ela não voltaria aos Banks até a noite. E seu pai tinha negócios estaduais que o manteriam na cidade até o fim de semana seguinte.

Tudo somava para uma conclusão gloriosa: por aquela noite, pelo menos, Utopia Manor seria toda dele, e se os clientes do restaurante daquela noite fossem os típicos de um lento domingo, com pessoas que deixavam os Banks para retornar ao continente, ele e Laire poderiam ter mais de uma hora juntos antes de ela ter que voltar para Corey Island.

Com os dedos cruzados, ele tomou outro gole de sua cerveja.

Às nove horas, ele a viu limpar a última das mesas de jantar, seus olhos brilhando impacientemente para um último casal que estava demorando na sobremesa à luz de velas, como se tivessem horas para gastar.

Laire quase não falou com ele, nem mesmo lhe deu mais do que um sorriso ou um aceno de cabeça enquanto estava trabalhando, mas quando o barman pediu que ela o substituísse por um momento para que ele pudesse usar o banheiro, ela se colocou atrás do bar de mogno e parou diante de Erik com um sorriso tímido.

— Oi.

— Oi, querida — ele disse, empurrando o copo de cerveja vazio para o lado e sorrindo para ela. — Senti sua falta. Odiei ficar longe de você.

— Eu também — ela disse, mordendo o lábio inferior por um segundo antes de soltá-lo. — Pareceu tempo demais.

Ele gesticulou com o queixo em direção ao casal.

— Assim que aqueles dois saírem, você estará livre, certo?

Ela assentiu, observando o homem dar um pedaço de torta na boca da mulher.

— Mas eles estão demorando.

— Laire — disse Erik.

Ela se virou para ele, com os olhos esperançosos.

— Minha casa está vazia esta noite. Todos ainda estão em Raleigh. Vamos para lá.

Ele observou o misto de emoções em seu rosto: excitação, cautela, preocupação e, finalmente, ao erguer os olhos para ele, determinação.

Ela assentiu.

— Ok. Mas só por pouco tempo. Depois, terei que ir para casa.

Uma parte insana dele, acostumada a garotas mais flexíveis e mais modernas, tinha realmente fantasiado que descobririam um jeito para ela pudesse ficar com ele a noite inteira, mas em vez de ficar desapontado, ele se sentiu profundamente grato por ela estar disposta a ir até a sua casa.

Ele sorriu para ela.

— Como você me faz feliz.

Ela riu, pegando um pano sob o balcão e passando-o ao longo da madeira brilhosa do bar.

— Você também me faz feliz.

— Laire! — Erik olhou por cima dela só para ver o barman retornando.
— A Sra. Sebastian disse que você pode ir. Ela já vai fechar.

— Mesmo? Ótimo! — Ela disse, encolhendo os ombros e sorrindo para Erik.

— Encontre-me no meu carro — ele murmurou, deixando uma nota de vinte debaixo de sua cerveja inacabada e partindo rapidamente para a saída.

Laire correu até seu armário para pegar a bolsa e verificar sua aparência, com o coração acelerado de emoção. Ela nunca entrara na casa de Erik, então, sentia-se ansiosa para vê-la de perto, mas, mais do que tudo, estava desesperada por ter aquela chance. Seria um curto trajeto até a casa, o que significava que eles teriam mais de uma hora juntos antes de voltarem ao cais de Pamlico House. Ao olhar-se no espelho da sala de descanso, ela ofegou quando viu o rosto da Sra. Sebastian se juntar ao dela.

— Você me assustou! — ela exclamou, colocando uma mão no coração quando virou-se para enfrentar sua chefe.

— Na semana passada, quando ele não apareceu, fiquei preocupada e aliviada ao mesmo tempo — disse a Sra. Sebastian. — E esta noite, quando o vi, fiquei preocupada e aliviada de novo.

— Você não precisa se preocupar, Sra. Sebastian — disse Laire. — Ele é bom para mim.

A mulher mais velha assentiu.

— Posso ver que ele está muito apaixonado, mas, Laire, como isso vai funcionar? Aonde vai dar esse relacionamento?

— Em qualquer lugar que quisermos — ela disse suavemente, embora sua voz carecesse de convicção.

— Então seu pai gostará de ter ver com um forasteiro? E o pai dele? O governador? Será que ficará encantado ao ver seu filho, veterano da Universidade Duke, como uma filha de pescador?

— Ele não é só um turista, e eu não sou só uma garota da ilha — ela protestou, dando um passo longe da Sra. Sebastian e cruzando os braços. — Há mais em nós.

— Claro que sim — disse a Sra. Sebastian, com o rosto preocupado, os olhos suaves. — Mas faltam poucas semanas para que ele volte para a faculdade, Laire. E então, o quê? Como você vai ficar?

Para ser sincera, Laire não estava pensando tão longe no futuro. Nem sequer lhe ocorrera que Erik iria embora tão cedo; não pensara que era uma

questão de dias, mas de muito mais tempo. Ela estremeceu, com o coração doendo enquanto processava o que a Sra. Sebastian dizia.

Como se pudesse perceber a dor que suas palavras estavam causando, a mulher mais velha estendeu a mão e colocou-a suavemente no ombro de Laire.

— Estou apenas preocupada com você, querida. Vá com calma. Seja cuidadosa.

Laire engoliu em seco, olhando para a Sra. Sebastian e balançando a cabeça.

— Ele está esperando por você — disse ela, dando a Laire um pequeno sorriso antes de soltá-la e voltar para a cozinha.



Capítulo 11

No caminho para sua casa, Laire não falou muito, ficou apenas olhando pela janela. Seu humor mudou no espaço de tempo entre a saída do bar e o reencontro com ele no estacionamento, embora Erik não entendesse o motivo. Quando entrou no carro, sorriu para ele, mas não se inclinou para beijá-lo como esperava. Parecia menos animada e mais contemplativa também.

Hmm. Talvez esteja apenas nervosa porque vamos ficar sozinhos.

No domingo anterior, apesar de terem conseguido encontrar um momento íntimo durante a tempestade nos jardins, estiveram em público o tempo todo. Talvez não se sentisse inteiramente à vontade para ir à sua casa vazia, com ele.

— Laire — ele disse, olhando para a placa que os saudava ao chegar em Buxton —, eu nunca pressionaria você a fazer algo que não queira fazer. Sabe disso, não sabe?

— Claro — ela disse, virando-se para olhar para ele, com olhos

arregalados e confiantes.

Hmm. Talvez ela esteja preocupada em ser pega.

— Eu prometo que minha família não está lá. Estão todos em Raleigh.

— Sim. Foi o que você disse.

Hã? O que está acontecendo com ela?

— Eu senti muito a sua falta, querida.

— Também senti a sua.

— Não estou planejando me afastar outra vez — disse ele rapidamente.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer, vou ficar aqui, nos Banks, até o final do verão.

— Oh — ela murmurou, mas seus ombros caíram ao desviar o olhar do dele.

Mas que droga! Ele não era bom nisso. Nunca fora. Não sabia como ler a mente de uma mulher, pelo amor de Deus. Se estivesse chateada com alguma coisa, teria que lhe contar o problema.

Ele entrou em sua casa, desligou o motor e encarou-a.

— Desembucha.

— Desembuchar o quê?

— Por que você está tão chateada?

Ela respirou fundo e abriu a boca como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas logo a fechou com um alto suspiro.

Obviamente, havia algo em sua mente.

— Laire? Você está me matando. Apenas me diga o que está se passando

na sua cabeça.

Ela girou todo o corpo no assento para encará-lo, e estava tão fodidamente bonita ao luar, que Erik chegou a tremer, forçando-se a não agarrá-la até que lhe dissesse o que havia de errado, dando-lhe a chance de consertar as coisas.

— Você disse que odiou ficar longe de mim — disse ela, como se estivesse buscando uma confirmação.

Ele assentiu.

— Sim, é verdade, Sardas. Cem por cento. — Ele engoliu em seco.

— Eu também — ela sussurrou. — Mas no final do verão, você vai embora, Erik. Por muito mais do que cinco dias.

— Ainda faltam semanas para o fim do verão.

— Cinco semanas. Isso não é nada! Isso é menos do que nada! Vai passar em um piscar de olhos.

— Mas são cinco semanas juntos! São cinco semanas de beijos e abraços e conversas e... Laire, não, não diga que isso é nada. É tudo!

— Mas, no final, você vai embora — ela disse suavemente, e, pela primeira vez, ele notou as lágrimas reprimidas em seus olhos.

Ele tocou seu rosto, agarrando-o gentilmente.

— Eu sei, mas tenho que voltar para a faculdade.

Ela se afastou de seu toque pela primeira vez desde que se conheciam, e isso o magoou.

— Duke fica muito longe de Hatteras? — perguntou ela.

— Cinco horas. Talvez seis — ele disse suavemente.

— E isso para uma pessoa que realmente tem um carro! — exclamou. —

E eu *não* tenho um.

— Eu sei — ele disse, mas ouviu a incerteza em sua própria voz. A verdade era que realmente não tinha pensado sobre o que aconteceria depois. Estava vivendo o momento e curtindo o aqui e o agora.

— Ah! E tenho tanta certeza de que, uma vez que você volte para a sua faculdade chique, vai esquecer de sua aventura de verão nos Outer Banks. — Ela respirou devagar, desviando o olhar dele enquanto lidava com as lágrimas.

— Aventura de verão! — ele gritou.

Porra, não! Ela é muito mais do que isso para mim!

Ele saiu do carro e caminhou até o lado dela, abrindo a porta e oferecendo-lhe a mão que ela, graças a Deus, tomou, permitindo que a ajudasse a saltar. Empurrando a porta com o pé, puxou-a para dentro de seus braços, suspirando de alívio por finalmente senti-la contra seu corpo, onde ela pertencia.

— Você não é uma aventura para mim — ele sussurrou apaixonadamente em seu ouvido. — Nem perto disso. Eu nunca... Nunca me senti assim por ninguém.

— Erik — ela soluçou.

Ele a segurou o mais perto possível.

— Laire, querida, por favor, não chore.

Ela descansou a cabeça no ombro dele.

— Apaixonar-se é doloroso. Dói tanto.

— Merda! — ele sussurrou. — Eu não quero te machucar.

— Mas, onde é que isso vai dar?

— Eu não sei — disse ele. — Mas ainda temos cinco semanas para descobrir.

— De qualquer maneira — disse ela, resmungando suavemente perto de

sua orelha. — Eu vou ficar aqui e você vai embora.

— Espere um segundo — disse ele, afastando-se dela. — Nossas regras, lembra?

Ela assentiu, olhando para ele.

— Talvez eu possa voltar uma vez por mês. E talvez você tenha coragem de contar ao seu pai que estamos juntos e você possa passar um fim de semana comigo em Duke.

— Não, não posso!

— Você pode, Laire — ele disse, com um tom de veemência em sua voz. — Você tem dezoito anos. Você é adulta. Ele não pode lhe dizer o que fazer.

— Eu vivo sob seu teto.

— Ainda assim, você precisa parar de ter medo dele e ser você mesma. Que inferno, Laire! Você quer ir à faculdade em Nova York! Não acha que ele vai se opor a isso?

Ela respirou profundamente e seus seios se empinaram, fazendo com que o pau de Erik se remexesse dentro de seus shorts. Ele queria beijá-la, tomá-la nos braços e passear com ela na escuridão silenciosa da casa de praia de seus pais. Não queria ficar de pé na calçada desperdiçando aqueles preciosos minutos juntos brigando por algo que era inevitável.

— Que tal isso? — ele disse, colocando o braço em volta dos ombros dela e guiando-a ambos em direção à casa. — Prometo que descobriremos uma maneira de fazer dar certo. Tenho certeza, querida. Quando nos despedirmos em agosto, será só um “até breve”, não um “adeus”. Não quero namorar mais ninguém... nem em Duke nem em qualquer outro lugar. E não quero que você fique com mais ninguém em Corey. Quero que fiquemos juntos.

Ela ofegou suavemente.

— Tem certeza, Erik?

Ele tinha. Cento e cinquenta por cento de certeza.

— Claro. Estou louco por você, Laire.

De repente, os braços dela foram parar ao redor de seus ombros, e ela estava inclinada para ele, com a cabeça voltada um pouco para trás e os lábios esperando por ele. Erik a obedeceu, selando a boca contra a dela e gemendo com alívio para finalmente poder tocá-la outra vez. Nos degraus de Utopia Manor, eles se beijaram à luz da lua durante dez minutos ou mais, seus suspiros misturando-se aos seus gemidos, as mãos dele sob a camisa dela, e as dela sob a dele. Quentes e desejosos, ambos ofegantes e querendo mais. Quando Erik afastou-se dela, estava duro e dolorido.

— Vamos lá para dentro? — ele suspirou. — Não quero dar um show para os vizinhos.

Ela olhou para ele e sorriu, então, seus olhos se arregalaram. Seu olhar seguiu o dela, em direção às milhares de estrelas no céu noturno.

— Nós somos só duas pequenas manchas de poeira em um mundo muito grande — ela murmurou. — Mas eu sinto tantas coisas, Erik. É como se todo o universo não pudesse suportar tantos sentimentos, nem se tentasse.

Ele olhou para ela, para as estrelas refletidas em seus olhos.

— Sei exatamente como você se sente, querida.

Depois de um passeio pela mansão de três andares, eles voltaram à grande escada, em direção à sala de estar no piso térreo, que tinha janelas do chão ao teto e portas de vidro deslizantes que levavam ao convés da piscina. Laire estava nas janelas, olhando para a piscina, para o gramado e, muito além, para o reflexo da lua no mar.

— Eu nunca vi uma casa tão bonita — disse ela.

As mãos de Erik alcançaram nos ombros dela, e ele afastou seu cabelo, pousando os lábios suavemente em seu pescoço. Laire inclinou a cabeça para o lado para dar-lhe melhor acesso, suspirando quando a língua entrou em contato

com a pele sensível.

Ela ainda estava apreensiva com a conversa que teve com a Sra. Sebastian, e embora Erik tivesse se esforçado para tranquilizá-la, dizendo que iria descobrir uma maneira de continuarem seu relacionamento após o verão, ela não podia negar a dor em seu coração. Esperava que surgisse um plano mais concreto nas semanas antes de ele partir para Duke, mas não queria que suas preocupações estragassem aquela noite, então, recostou-se nele, fechando os olhos enquanto ele beijava a pele de sua garganta.

— Eu nunca vi uma *mulher* tão bonita — ele disse, colocando as mãos em sua cintura e girando-a para que ela o encarasse.

Seus lábios caíram sobre os dela no mesmo momento em que ele começou a se afastar das janelas, puxando-a até o luxuoso sofá azul e branco, xadrez, atrás deles. Quando as almofadas atingiram a parte de trás dos joelhos de Laire, ela se colocou em uma posição sentada, deixando Erik alcançar suas pernas e puxá-las para o sofá. Ela se deitou e, antes que pudesse perceber, sentiu o peso celestial do corpo masculino pressionado contra o dela, enquanto ele se apoiava nos cotovelos e continuava a beijá-la.

Deitada de barriga para cima, podia sentir cada músculo rígido, cada inchaço do corpo dele sobre o seu, pressionando-a. Conforme suas línguas deslizavam e sugavam, ela tentou arquear seus quadris na direção dele e foi recompensada com um baixo gemido de prazer quando Erik empurrou sua pélvis contra a dela, a linha rígida de sua ereção pressionando o ápice de suas coxas.

— Posso ver você? — ele perguntou, beijando seu pescoço enquanto seus dedos deslizavam para o botão superior de sua blusa.

— Me ver? — ela arfou.

— Lembra no coreto? — ele perguntou. — Você me deixou tocar em você. Também quero vê-la.

— Oh. — Ele estava perguntando se ele podia ver seus seios, e a ideia era tão erótica, que ela sentia os músculos de seu corpo flexionando-se e libertando-se. — Sim.

Os dedos dele cuidadosamente desabotoaram sua camisa, enquanto

trilhava um caminho de beijos desde a base do pescoço até o limite da renda de seu sutiã de algodão branco. Inclinando-se um pouco, ele abriu a blusa. Ela sentiu o ar fresco beijar sua pele, o que a fez tremer.

— Você está com frio? — ele perguntou, acariciando o nariz contra a ponta ereta de seu mamilo coberto de algodão.

— N-não, eu... — Ela engoliu em seco. — Talvez seja errado, mas eu quero mais.

Uma mão cobriu todo o volume de seu peito, mas com o outra ele agarrou seu rosto.

— Nada do que fazemos é errado. Nada. Eu gosto tanto de você, Laire. Muito.

— Eu também — disse ela, respirando fundo e sorrindo para ele. — Nossas regras. Eu quero que você me toque lá...

Enquanto Erik mergulhava a cabeça para beijar-lhe os lábios, Laire sentiu os dedos dele desenganchando o fecho frontal do sutiã, e as copas de algodão se espalharam. Ele ergueu a cabeça, olhando-a nos olhos com uma ternura tão profunda, que os próprios olhos de Laire se queimaram de lágrimas enquanto observava abaixar o olhar para seus seios.

Ele estremeceu, como se estivesse com dor, então, capturou seus olhos novamente.

— Eu nunca vi nada tão perfeito quanto você.

— Toque-me, Erik — ela murmurou, fechando os olhos e deixando a cabeça cair de volta na almofada.

Uma das mãos dele pousou suavemente em seu seio direito, com a palma friccionando suavemente o mamilo inchado. A outra mão segurou seu seio esquerdo, usando o polegar para alisar a ponta sensível por um momento antes de o calor macio e úmido de seus lábios começar a sugar o nódulo dolorido.

Ela ofegou com a aguda sensação, seus olhos revirando nas órbitas enquanto seus quadris se erguiam do sofá procurando, exigindo mais da fonte de

seu prazer. Sua língua girou em torno de um mamilo enquanto o dedo polegar e o dedo indicador suavemente giravam o outro. Cobrindo a pele úmida com o calor da palma da mão, ele passou os lábios por seu seio e lambeu um círculo ao redor da ponta do outro. Quando sugou o botão ereto em sua boca, ela se contorceu debaixo dele, sua pélvis pressionando-o com urgência.

Ela descansou o antebraço sobre os olhos, ouvindo sua respiração rápida e agitada.

— Erik — ela soluçou —, eu preciso... Eu preciso...

Mais.

Muito mais.

— Diga-me — ele sussurrou, sua respiração quente tornando-se fria sobre sua pele reluzente.

Mas ela não sabia o que pedir. Não sabia como colocar em palavras. Só sabia que ele era o único que poderia providenciar o alívio que encontrou no coreto. Ele sabia como cuidar dela.

— Por favor — ela sussurrou.

Ele ergueu a cabeça, e uma grossa mancha de cabelo escuro caiu em sua testa.

— Eu posso fazê-la sentir-se melhor, querida. Você quer isso?

— Uh-huh — ela murmurou, mordendo o lábio inferior enquanto movia seus quadris com frustração.

Os dedos dele percorreram sua barriga nua, acariciando e fazendo cócegas na pele suave até chegar ao botão de sua saia preta. Ele o abriu, depois ocupou-se do zíper. Quando o fecho começou a se abrir lentamente, ela entrou em pânico, e seus olhos se abriram. Laire se levantou, descansando as mãos sobre a dele.

— Eu não posso...

— Shhh — disse ele. — Tudo bem.

— Não, eu... Erik, não posso ficar...

— O quê? — ele perguntou, um pequeno sorriso suavizando seu rosto.

— Nua — ela sussurrou, sentindo as lágrimas surgirem.

Seu sorriso aumentou, embora ela sentisse que ele estava tentando controlá-lo. Erik engoliu devagar, depois limpou a garganta, ajustando a mão debaixo da dela. Manteve-a descansada e imóvel sobre sua saia, sobre o lugar que latejava por ele.

— Assim está bem?

Ela assentiu.

— Mm-hm.

Prendendo-se nos olhos dela, ele lentamente moveu a mão, deslizando-a sob a barra de sua calcinha e pousando-a na carne quente de sua na parte baixa da barriga.

— Assim pode?

Ela percebeu que as pontas de seus dedos estavam tocando os cachos ruivos que nenhum outro dedo humano já tocara, exceto os dela e os de seu médico. Mas era Erik. Erik a amava. Ela estava certa disso.

— Mm-hm — ela suspirou, afastando as próprias mãos e deixando-as descansar no sofá ao lado de seus quadris. Ela fechou os olhos enquanto seus dedos mergulhavam mais abaixo, abrindo as dobras suaves de pele que escondiam o pequeno e dolorido botão inchado.

Ela ofegou bruscamente quando o dedo de Erik entrou em contato com aquela parte de seu corpo, choramingando com prazer e apenas um pouco de medo que, não tinha nada a ver com falta de confiança e tudo a ver com os sentimentos, as mudanças, a sinfonia de sensações que faziam com que sua cabeça, seu coração e sua própria alma mergulhassem em muitas novas direções a seguir.

— Está tudo bem — ele sussurrou perto de sua orelha, sugando o lóbulo entre seus lábios enquanto seu dedo deslizava contra aquele lugar secreto mais uma vez.

— Errriiik — ela murmurou, mordendo o lábio inferior entre os dentes.

Seu dedo mergulhou mais fundo por um instante e quando voltou a deslizar entre suas dobras de seda, estava molhado e liso, suas digitais escorregando para frente e para trás através do nódulo dolorido, aumentando a velocidade e a pressão.

Ele deslizou beijos suaves ao longo da extensão de sua garganta, descansando os lábios contra seu pulso latejante, quando ela começou a desmoronar. Os dedos dela agarraram o sofá e sua cabeça se inclinou contra a almofada. Seus quadris se flexionaram para receberem todos os seus toques. Respirando cada vez mais rápido, sentiu que as convulsões começavam profundamente dentro de seu corpo, irradiando até que seu corpo inteiro estivesse tremendo de um prazer tão intenso, que chegava a sentir lágrimas rolarem pelos cantos dos olhos.

— Eu amo você — Erik sussurrou. — Nunca me senti assim por ninguém.

— Eu... Eu amo... Você também... — ela ofegou.

Seus lábios reivindicaram os dela com avidez, enquanto tirava os dedos da calcinha. Tomando-a em seus braços, ele os virou de lado, de frente um para o outro, e a segurou enquanto seu corpo estremecia e se sacudia de felicidade. Ela relaxou em seus braços, estremecendo e saciada, enquanto ele limpava lágrimas de seu rosto com as costas do polegar. E ela soube — naquele momento, ela soube — qual era a sensação de ser totalmente amada. Confiava nele, nesse homem tão diferente dela em todos os sentidos, de uma forma tão profunda que nunca poderia ter imaginado ser possível.

Quando ela finalmente conseguiu abrir os olhos, olhou diretamente a ele.

— Erik... aquilo foi...

— Lindo — ele murmurou, pressionando seus lábios levemente contra os dela.

— Mas e você? — Laire perguntou, sentindo a rigidez pedregosa de sua ereção pressionando-se contra ela.

— Você... você quer tocá-lo? — perguntou, examinando seus olhos.

Parecia errado dizer não, porque sentia que ele precisava do mesmo alívio que acabava de desfrutar, mas não estava pronta. Parecia mais errado ainda dizer sim.

— Você vai me odiar se eu disser que ainda não estou pronta?

— Um — ele disse, beijando sua testa —, eu nunca poderia te odiar. E dois — ele disse, beijando a ponta do nariz —, nós vamos no seu ritmo. Sempre no seu ritmo. Não importa em quê. — Ela arqueou suas costas e esfregou os seios contra seu peito, sentindo-se lânguida e sortuda, mas ele a afastou suavemente. — Dito isto, vou precisar me ausentar por alguns minutos. Volto logo, ok?

Ela precisou de um momento para entender por que ele precisava sair, mas então ocorreu-lhe: se ela não podia dar-lhe alívio, ele teria que aliviar a si mesmo. Oh! Ela respirou fundo enquanto se levantava. Seus passos recuaram na escada, e ela ouviu uma porta fechar. Ele estava... ele estava...

Ela ofegou ao sentir o coração acelerar. Imaginou-o com as mãos naquela parte de si mesmo, e os músculos íntimos de Laire espasmaram de forma inesperada, enquanto imaginava o rosto de Erik contorcido de prazer. Ela queria ver isso. Deus, como queria ver suas expressões enquanto experimentava as mesmas ondas de alegria que ela sentira dentro de seu próprio corpo.

Ainda não, sussurrou seu coração enquanto se sentava e olhava na direção da escada por onde ele havia desaparecido. *Talvez algum dia, mas ainda não. Espere até terem um plano.*

Ela jogou as pernas para fora do sofá e alcançou os fechos do sutiã, que afivelou antes de fazer o mesmo com a blusa. Assim que a abotoou, ficou de pé, vestindo sua minissaia preta, que se agarrava em torno de sua cintura. Desamassou-a, passando as palmas das mãos pela sarja negra, depois parou por um momento para tentar ouvir Erik. Mas não ouvia nada. A casa estava completamente silenciosa.

Suspirando, acendeu a luz, caminhando ao redor da sala mal iluminada lentamente, mexendo delicadamente em um elefante de cerâmica azul e branco, localizado no topo do piano de cauda, preto brilhante. Um pouco afastado do bibelô havia uma coleção de fotos emolduradas, muitas das Erik. Momentos da vida dele antes de ela surgir.

Ela pegou uma foto dele vestindo uma beca — sem dúvida sua foto de graduação do Ensino Médio — e sorriu ao reparar o olhar de triunfo em seu rosto bonito. À medida que o olhar dela se ampliava, ficou distraída pelas duas pessoas que o acompanhavam: um jovem corpulento, loiro, e uma jovem deslumbrante com cabelos pretos e olhos azuis. Erik tinha os braços em volta dos ombros de ambos, e todos riam para a câmera.

Deviam ser velhos amigos. Seu coração se comprimiu ao olhar para a linda garota cuja cabeça descansava no ombro de Erik. Perguntou-se quem ela poderia ser.

Aliviada pela foto ter sido tirada há vários anos, o que significava que a menina era parte de seu passado, ela colocou o retrato de volta no piano e pegou outro: este de Erik ao lado de uma menina que tinha cabelos loiros e olhos azuis e era a imagem cuspidada do governador Rexford. Certamente, aquela era sua irmã, Hillary, e Laire sorriu para a foto, esperando que um dia, num futuro muito distante, ela e Hillary Rexford pudessem ser amigas.

Ouviu passos descendo as escadas e virou-se para ver Erik, com um grande sorriso. Seus calções já não estavam mais tão desconfortáveis.

— Tudo bem? — Ela perguntou, ainda sorrindo das fotos.

Ele atravessou a sala e puxou-a para dentro de seus braços.

— Muito melhor agora.

— Eu estava olhando suas fotos. — Ela apontou para o retrato dele e de Hillary. — Sua irmã?

Ele assentiu.

— Essa é a Hills.

— Vocês não se parecem em nada.

Ele a afastou das fotos do piano, em direção às janelas. Quando ele abriu uma das portas, ela o seguiu até o *deck* da piscina.

— Todo mundo fala isso. Ela se parece com o nosso pai. Eu sou a cara da minha mãe.

Os sapatos de Laire ainda estavam jogados dentro da casa, então, ela caminhou descalça até a beira da piscina e sentou-se, balançando as pernas na água azul.

— Eu também me pareço com minha mãe. Ela era ruiva.

— E suas irmãs?

— Ambas ruivas, como eu. Você as reconheceria como sendo da minha família à distância.

Erik sentou-se ao lado dela, colocando os pés na água.

— Sabe, eu estava pensando. Minha família vem para cá no feriado de Ação de Graças todos os anos. O que você acha de passá-lo com a gente?

— Erik — ela começou, pensando em um milhão de razões para recusar o convite.

— Você vai, pelo menos, pensar sobre isso? — perguntou ele. — Pode ser meio que um objetivo para nós, contar às nossas famílias sobre o nosso relacionamento e apresentá-los uns aos outros. Já que você veio aqui, eu poderia ir a Corey com você e conhecer seu pai e suas irmãs.

A promessa de que iria contar ao pai sobre o trabalho em Hatteras depois do casamento de Kyrstin já havia sido quebrada. Nem podia arriscar contar-lhe sobre seu trabalho, por medo de ele obrigá-la a sair, destruindo a facilidade que tinha para se encontrar com Erik todas as noites. Mas a esperança nos olhos de Erik a impediu de dizer não, embora estivesse certa de que não seria capaz de fazer o que ele pedia. Levaria anos para que preparasse seu pai para a realidade de Erik Rexford em sua vida. E mesmo depois de todos esses anos, ele ainda não gostaria da ideia.

— Vou pensar sobre isso — disse ela, descansando a cabeça em seu ombro.

— Isso é melhor do que nada, eu acho — disse ele, colocando o braço em volta dela.

— Ei — ela disse, esperando melhorar o clima. — Eu tive uma ideia para o próximo domingo!

— O que tem no próximo domingo? — perguntou.

Suas bochechas brilharam, coradas. Acabara de presumir que eles fariam algo juntos no domingo seguinte, assim como na semana passada. Oh, droga! Será que estava ficando presunçosa demais?

— Bem, eu estarei livre depois do *brunch* outra vez — disse ela suavemente.

— E você está me convidando para um encontro?

Ela respirou fundo. Isso soou tão moderno. Era isso o que estava fazendo? Sim, era.

Meu Deus, ela pensou, *quanto eu mudei em poucas semanas, convidando um homem para um encontro*. Era algo que ela não teria sonhado fazer antes de conhecer Erik.

— Nossas regras — ele murmurou suavemente, como se soubesse que ela precisava de algum encorajamento.

— Sim — disse ela, agradecida pela semiescuridão, que escondia suas bochechas vermelhas. — Sim, eu estou lhe convidando para um encontro, Erik REXFORD.

Ele riu alegremente, levando a mão dela aos seus lábios e beijando-a.

— Eu aceito! O que você tem em mente?

Com o coração mais leve do que o ar, ela contou sobre o farol assombrado de Currituck Beach, o cais de pesca em Duck, os cavalos selvagens

em Corolla e uma peça chamada The Lost Colony, a respeito da ilha de Roanoke. Pesquisara essas atrações anteriormente desconhecidas no computador no King Triton após a visita de Erik na quarta-feira. Ela contou tudo isso com orgulho, e ele a beijou com ternura por sua ingenuidade e bravura.

— São atividades para todos os domingos até o final do verão — disse ele, sorrindo para ela. — Estou começando a pensar que você está mesmo afim de mim, Laire Cornish.

— Oh, eu estou — ela disse suavemente, passando os braços ao redor de seu pescoço e puxando seus lábios para os dela. — Estou completamente afim de você, Erik Rexford.



Capítulo 12

O problema de passar um punhado de domingos roubados com Laire, Erik aprendeu, era que eles passavam muito rápido.

Quando nove de Agosto chegou, ele já tinha passado quase todas as noites de verão na Pamlico House e todos os domingos levando Laire para outro destino, fora dos Outer Banks.

Conseguiram encontrar lugares para estacionar no escuro, onde podiam devorar um ao outro com fome cada vez maior; e uma ou duas vezes, quando Utopia Manor estava vazia, ela se juntava a ele por algumas horas também. Seus dedos tocavam cada pico e vale de seu corpo, e em algum lugar ao longo do caminho, ela reuniu coragem para tocá-lo de volta — seus dedos tímidos explorando a ponta de seu pênis, realizando o gesto mais erótico de sua vida, devido à sua inexperiência e ao seu desejo latente.

Eles ainda não tinham ficado completamente nus juntos, e Erik não tinha esperanças de fazerem sexo, mas ele a amava desesperadamente, e estar com ela

valia a pena, não importava quão doloridas fossem suas bolas quando diziam adeus no final da noite.

Mas a realidade infeliz e inevitável era que o verão estava chegando ao fim, o que significava que seu tempo com Laire estava também terminando. E não importava a frequência com que perguntava a ela sobre se juntar à sua família para o Dia de Ação de Graças, ela retrucava cada vez com um “talvez” ou um “vou pensar sobre isso”.

Ele começou a entender que ela nunca o visitaria em Duke, e quando começou a receber seus horários por e-mail, percebeu que seria quase impossível ficar voltando aos Banks. Além da carga agressiva do último ano do curso, recebeu uma posição no time dos Devils, uma honra que não poderia recusar, mas isso significaria treinos no fim de semana e jogos no sábado, para cima e para baixo da Costa Leste.

Se ela não concordasse com o Dia de Ação de Graças, ele não sabia quando a veria de novo. Mas se conseguissem superar esse obstáculo e se comprometessem a compartilhar seu relacionamento com suas famílias, Erik esperava que os Cornish o aceitassem e que ela pudesse ir vê-lo quando quisesse e poderia lhe enviar e-mails sem medo de ser pega. Droga, ele compraria um telefone celular para ela para que pudessem se ligar e enviar mensagens também. Faria tudo o que pudesse para mantê-la em sua vida. Talvez suas famílias não ficassem felizes com o relacionamento inicialmente, mas pelo menos não seria mais um segredo. Quando se permitia ter esperanças, Erik até imaginava que seus pais seriam compreensivos e que talvez Laire pudesse passar suas férias de Natal com ele em Raleigh. Tinha vários milhares de dólares economizados em sua conta bancária, de aniversários e presentes de Natal, e poderia até comprar um carro usado para que ela pudesse ir e vir como quisesse.

Tinham apenas que escolher tornar seu relacionamento uma prioridade e concordar em compartilhá-lo com seus amigos e familiares. E, no que dizia respeito a Erik, o Dia de Ação de Graças não era apenas o ideal, mas a primeira oportunidade possível para que o romance não terminasse com o verão.

Ele se recusava a pensar em despedir-se dela ou terminar o relacionamento, fosse como fosse. Para começar, não podia suportar pensar nela com outra pessoa, isso deixava-o fisicamente enjoado, mas também, Erik Rexford não costumava desistir das coisas. Acreditava na força dos sentimentos

que compartilhavam. Acreditava que poderiam ir mais longe — *casamento, filhos, felizes para sempre* — se um apoiasse o outro. E não podia imaginar amar ou confiar em outra mulher do jeito como acontecia com Laire. Tudo com ela era genuíno, e ele queria — *não, ele precisava* — dela em sua vida para dar-lhe perspectiva, significado e fundamento.

Então, quando seus pais decidiram levar Hillary de volta à Escola Cristã de Asheville juntos no dia 10 de agosto, deixando Utopia Manor vazia por dois dias inteiros, ele também soube que seria sua última chance para convencê-la de seus planos antes de retornar para a escola no fim de semana seguinte. Teve que fazer com que concordasse em passar algum tempo com ele para que ele pudesse coagi-la a passarem juntos o Dia de Ação de Graças de uma vez por todas.

— Boa noite, Erik — disse a Sra. Sebastian, que finalmente parou de olhar feio para ele há cerca de três semanas.

— Ei, Sra. Sebastian — ele disse, dando-lhe um caloroso sorriso.

Ele sabia que Laire não via a Sra. Sebastian apenas como chefe, mas sentia que o tipo de carinho que ela nutria pela mulher mais velha era o mesmo que sentira pela mãe que havia perdido. E embora tivesse levado a maior parte do verão para conquistá-la, ele respeitava a Sra. Sebastian. Apreciava a maneira como cuidava de Laire. De fato, estava contando com aquela mulher para continuar cuidando de Laire, mesmo depois que ele retornasse a Duke.

— Vai voltar para a faculdade em breve, não vai?

Ele assentiu sombriamente.

— No próximo fim de semana.

Os olhos da mulher mais velha se dirigiram para Laire, que estava tirando uma pedido na sala de jantar.

— Ela está indo muito bem aqui no trabalho.

Ela estava *mesmo* indo bem. Ficara em treinamento por apenas algumas semanas, antes de efetivação, e Erik acreditava que ela era a empregada preferida da Sra. Sebastian.

— Você foi boa para ela, senhora.

Os olhos dela fixaram-se nos dele.

— Ela sentirá muito a sua falta.

— Eu também sentirei falta dela — disse ele, sentindo um nóculo apertar a garganta. — Há alguma chance de você liberá-la amanhã mais cedo?

— O que haverá amanhã?

— Meu pais estarão fora para levar minha irmã de volta à escola em Asheville. Vou ter a casa só para mim.

— E você quer que ela...?

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Só quero passar um tempo com ela, senhora. Nada mais.

A Sra. Sebastian estudou seu rosto, depois assentiu uma vez.

— Se ela quiser sair mais cedo, não vou me opor.

— Obrigado — disse Erik.

Ela se virou para sair, depois girou de volta.

— Boa sorte na faculdade, Erik.

— Obrigado, senhora — disse ele.

— Você vai voltar? — perguntou rapidamente. — Para os Banks?

Ele assentiu.

— No feriado de Ação de Graças. Quero passá-lo com Laire.

— Quer...? — Ela levantou as sobrancelhas em indagação.

— Espero que ela conte ao pai sobre nós, para que possamos... passar o

feriado juntos. Seguir em frente...

— Ah! — disse a Sra. Sebastian, sorrindo. Respirou fundo e suspirou, com os olhos pesados de preocupação. — Bem, boa sorte — ela disse outra vez, com suavidade, antes de rumar em direção à cozinha.

Não era um comentário muito animador, ele pensou.

Laire aproximou-se do bar, segurando uma bandeja e colocando-a sobre o balcão.

— Estou quase terminando.

Ele tirou uma nota de vinte de sua carteira e deixou-a sob o copo no qual estava bebendo.

— Me encontra lá fora?

Ela sorriu e assentiu.

— Te vejo lá.

Normalmente, depois de se beijarem por quase uma hora depois do expediente, o vento que sentia em seu rosto era quase uma bênção, esfriando a quentura de seu corpo e trazendo-a de volta à terra firme antes de ir para casa.

Mas não naquela noite.

Naquela noite, suas faces queimavam com culpa e desejo, luxúria e vergonha — e um pouco mais de alguma outra coisa: a maior frustração que já sentira na vida.

A casa de Erik estaria vazia na noite seguinte.

E ele a convidara para passar a noite inteira com ele.

Depois da onda inicial de profundo desejo de passar a noite inteira em seus

braços, ela ficara irritada — com ele e consigo mesma.

Por que ele iria convidá-la a fazer algo que sabia que ela não poderia fazer? Só conseguira fazer com que aquela vida secreta durasse por mais tempo porque seguiram uma série de regras. Em finais de semanas e nos domingos, deixava a casa do pai às três da tarde e voltava às onze da noite. Nos domingos, saía às nove e retornava às onze. Contanto que não desviasse desse plano, ele não lhe fazia perguntas, além da de sempre: “Como foi o trabalho, Laire?”, que ela sempre respondia com um econômico: “Tudo bem, papai”. E, de alguma forma — ela preferia pensar que estava sendo abençoada —, não fora entregue pelo Sr. Mathers, em Ocracoke, nem por Krystin, que sempre a encobria com breves comentários sobre como ela estava indo bem no trabalho.

Mas, contando com uma teia de mentiras tão bem construída, como poderia sequer imaginar sair às três da tarde, como sempre, e não retornar até o *dia seguinte*? Não era possível. Não era nem um pouco possível. Seu pai iria notar se ela não estivesse em casa pela manhã, e suas irmãs, que não sabiam sobre Erik, não iriam encobri-la na mentira. Não. Ela não podia fazer isso.

Mas chegava a ser injusto, uma vez que *desejava* desesperadamente.

Queria passar uma noite nos braços de Erik.

Queria ter a lembrança de adormecer ao lado dele.

Queria ter a sensação de ver seu rosto como a primeira coisa pela manhã.

Conforme seu tempo juntos ia acabando, ele começava a falar com mais constância sobre o feriado de Ação de Graças, mas não conseguia entender o fato de ela não querer contar a seu pai sobre o relacionamento. Entre Buxton, o Pamlico House, domingos com Erik e estar apaixonada por um turista, eram muitas mentiras.

Para poder apresentar Erik a seu pai, precisaria de pelo menos um ano para preparar o terreno.

Primeiro de tudo, depois que Erik voltasse à faculdade, poderia contar que encontrara um emprego em Buxton. Ele iria vociferar e reclamar, mas ela achava que acabaria concordando, já que permitira que trabalhasse durante todo o verão, além disso, poderia vê-la com outros olhos, já que seria um trabalho fora de

temporada. Trabalhos assim eram mais difíceis de conseguir — e ela não acreditava que ele pudesse se opor a uma forma de ela ganhar dinheiro durante os meses longos e difíceis de outono e inverno.

Ele poderia, talvez, inventar que conhecera Erik no feriado de Ação de Graças, e dizer que o reencontrara no de Natal, casualmente mencionando seu nome em frente ao tio, contando que o filho do governador a reconheceria quando a vira no Pamlico House e a chamara para um encontro.

Poderia mencioná-lo novamente uma ou duas vezes durante a primavera, e talvez — *talvez, no verão seguinte* — pudesse contar a seu pai que saíra com ele algumas vezes. Então, ele já teria se acostumado em tê-la trabalhando longe de Corey e também já saberia que Erik era uma parte da vida dela. Claro que ainda não gostaria muito da ideia. Ainda iria reclamar, mas seria melhor — muito melhor — do que contar para ele no feriado de Ação de Graças, quando descobriria que ela passara o verão inteiro envolvida com Erik.

Queria que Erik entendesse, mas todas as vezes em que tentara explicar *seu* plano, ele voltava a mencionar o assunto de Ação de Graças, insistindo que seria a melhor solução. Mas ela não concordava. Erik não compreendia que “arrancar o band-aid de uma vez só” não era a melhor forma de se lidar com Hook Cornish. E se fizesse isso, seu pai iria prendê-la em casa, sem dúvida.

Com o coração pesado, ela desligou o motor já perto de casa, começando a flutuar até as docas, sem fazer nenhum barulho. Amarrou o barco, sentindo-se surpresa por avistar o brilho alaranjado do cachimbo do pai na varanda. *Hummm...* Ele raramente ficava acordado até aquela hora.

— Pai? — ela chamou, enquanto subia os degraus.

— Boa noite, Laire — ele disse, com a voz embargada pela fumaça e pelo cachimbo preso entre os dentes. — Estava esperando por você.

— Está tudo bem? — ela perguntou, tentando controlar a súbita onda de pânico que fez seu coração acelerar e suas mãos se empaparem de suor.

— Sim. Issy veio e trouxe o bebê. É uma coisinha linda, mas troca os dias pelas noites. — Sorriu para ela. — Assim como você.

— Eu? — ela perguntou, começando a respirar com mais facilidade, enquanto se

sentava no balanço da mãe.

Ele olhou para as águas, assentindo.

— Você ficava acordada a noite inteira, gritando como uma assombração. E dormia como um cordeirinho durante o dia. Deixava sua mãe exausta. Ela parecia um zumbi pela manhã.

Laire gargalhou suavemente. Seu pai quase não falava de sua mãe, então, aquela pequena informação era como música para seus ouvidos.

— Sinto falta dela — Laire disse.

Ele assentiu.

— Sim. Ela era boa.

Por vários momentos, permaneceram sentados em silêncio, antes que seu pai falasse novamente.

— Brodie Walsh foi ao Triton hoje. Comprou um albacora fresco. Muito bom.

— Laire cerrou os maxilares com força, fitando os próprios joelhos. Seu pai pigarreou. — Você nunca pensou que poderia ser legal ter um bebezinho como Issy teve?

Ela respirou pesadamente.

— Não com Brodie Walsh.

O pai olhou para ela de forma inquiridora.

— Ouvi falar de vocês dois no início do verão.

— Era mentira — disse ela com firmeza.

— Talvez — disse seu pai, suspirando. — Ouvi dizer que você contou isso no casamento de Kyrstin.

— Sim. E ele admitiu que mentiu ao meu respeito.

Seu pai soprou em seu cachimbo.

— Ainda assim, falatório é falatório. Agora seu nome está ligado ao dele, Laire.

— Eu não quero Brodie Walsh. Ele é muito presunçoso. Mentiroso. Imaturo. Ele bebe. Ele não é... — *Erik*.

— Só quero que fique com um bom rapaz para que sua vida seja mais doce.

Ele não a estava ouvindo.

Olhando fixamente para a frente, para o mar, seus olhos queimavam com frustração e injustiça, saudade de Erik, ódio por Brodie e um forte desespero por saber que sua mãe poderia tê-la entendido melhor.

— Você se veste com roupas da moda. Trabalha como garçone. Talvez esteja na hora de pensar em se estabelecer, pequena Laire. Encontre um bom rapaz. Deixe-o cortejá-la.

Ela sentiu a bile subir por sua garganta.

— Estou *mommou*, pai — disse ela, levantando-se. — Acho que vou para a cama.

Segurava a maçaneta da porta quando a voz do pai a deteve.

— Oh, Laire! Uma outra coisa. Eu e se tio iremos à Harkers Island amanhã. A pesca de caranguejos está boa por lá este ano. Vamos passar a noite no barco e voltar na tarde de sexta-feira.

Oi?!

— O q-quê?

— Não precisa fazer o jantar de amanhã. Nem o café da manhã de sexta-feira.

— Você vai... — Ela pigarreou e tentou desesperadamente remover o entusiasmo de sua voz. — Você vai ficar fora até a tarde de sexta-feira?

Ele deu de ombros.

— Posso estar de volta antes de você sair para trabalhar na sexta-feira, talvez não. Espero que a pesca seja boa.

De pé diante dele, Laire cerrou os punhos, um de cada lado de seu corpo, quando uma onda de alegria pura, desenfreada e despreocupada a atravessou. Ela estava livre. Durante uma noite inteira. Poderia passá-la inteira com Erik.

— Sim, senhor — ela disse suavemente enquanto as lágrimas de felicidade pintavam seus olhos. — Tome cuidado.

— Sim — disse ele. — Boa noite, Laire. Considere o que eu disse sobre Brodie Walsh e você.

— Sim, senhor — ela murmurou, deixando a porta fechar atrás dela enquanto corria para o quarto, com as bochechas molhadas de lágrimas em uma comemoração silenciosa.

Laire estava irritada como Erik nunca a vira quando se separaram na noite anterior.

Estavam abraçados, sentados nas cadeiras de vime de sempre — com ela sentada em seu colo — quando ele perguntou se havia alguma maneira de passarem a noite juntos. Ele sabia que era um pedido ousado, mas, sim, só queria mais tempo com ela, e fora rápido ao adicionar que não iria propor sexo. Não estava procurando por isso. Só queria passar mais horas com ela.

Nem precisava dizer que a proposta não fora bem recebida. Com uma mistura de raiva e frustração, ela saltou de seu colo e olhou para ele, as mãos nos quadris, fazendo um discurso sobre como passar a noite não era uma opção e como ele podia — conhecendo sua situação precária — pedir-lhe isso? Tentou acalmá-la antes da despedida, e eles se beijaram e se abraçaram antes do boa noite, mas ele sabia que ela ainda estava chateada.

E agora? Enquanto se aproximava da Pamlico House, às seis horas, se

perguntava se a tinha pressionado demais na noite passada, e seu coração se apertava com dúvidas. Sentiu que morreria se ainda a encontrasse brava e se não pudessem ir para sua casa, quando era a última chance para ficarem sozinhos antes de ele voltar para a faculdade.

Tudo começava a voltar ao normal — Hillary já havia voltado para a escola em Asheville. Pete, que precisava voltar três semanas antes do início das aulas, para treinar futebol, partira para Chapel Hill naquela manhã, dando uma carona para Vanessa até Raleigh. Ela era presidente do grêmio e iria encontrar algumas de suas irmãs para fazerem o pré planejamento em Wake Forest.

Passara aquelas duas últimas semanas esquivando-se de Van, após a festa na casa de seus pais em julho. Ficou muito agradecido quando ela partiu em uma viagem de quatro semanas pela Inglaterra e na Escócia com sua tia e tio. Quando a viu no último sábado à tarde, para um churrasco de fim de temporada em Utopia Manor, ela não pareceu tão agressiva quanto antes, quando partira, e até mencionou ter conhecido um rapaz na Inglaterra, com quem ela estava saindo. Se era ou não verdade, Erik suspirou aliviado. Sua mãe ainda tinha uma vaga ideia de que ele e Van estavam juntos, mas se Van seguisse para esse novo cara, pelo menos ele poderia parar de se sentir mal por usá-la na mentira.

O maior problema de Erik era o tempo. Tinha uma semana no máximo antes de ter que deixar os Banks. Talvez pudesse adiar sua partida para a próxima quinta-feira, mas seus pais queriam tê-lo em Raleigh por um fim de semana antes de partir para Duke.

Não lhe restava mais tempo.

Isso era uma merda.

Deixar Laire para trás sem um plano para continuar o relacionamento o estava matando.

Eles precisavam conversar. Precisavam descobrir uma forma de manter tudo bem durante os cem dias em que ficariam separados até Dia de Ação de Graças. E Erik sentiu uma urgência de resolver tudo naquela noite, mesmo que ele tivesse que lutar contra ela pelo tempo.

Embicando em uma vaga no estacionamento da pousada, ele entrou decidido, um homem com uma missão.

Mas no momento em que a viu, soube que havia algo de diferente. Quando ele se sentou no bar, duas horas antes do que de costume, ela veio direto para ele, algo que nunca fizera antes.

— Precisamos conversar — ela sussurrou perto de sua orelha.

Ele respirou fundo, enquanto seu coração afundava no peito. Essas duas palavras deveriam ser, possivelmente, a combinação mais temida na língua portuguesa.

Porra.

Porra. Merda. Caralho.

Por que você teve que pressioná-la tanto na noite anterior?

Ele engoliu em seco, cerrando o maxilar.

— Ok.

— Siga-me — disse ela, andando rapidamente do bar até a área de recepção. Sem olhar para trás ou parar, continuou subindo as escadas, até o segundo andar, e avançou até o terceiro. No terceiro andar, abriu uma porta que levava a uma escada íngreme e escura, e continuou com ele seguindo logo atrás. No topo, ela abriu outra porta, e Erik rapidamente percebeu que levava diretamente para o terraço.

Erik nunca fora ao terraço da Pamlico House, mas, de repente, viu-se sozinho com Laire no topo de um prédio de quatro andares, com mais de duzentos anos de idade.

Com pisos novos e espaço suficiente para quatro jogos de espreguiçadeiras, era um local bonito, onde os hóspedes podiam pegar sol, mas Erik não conseguia afastar a sensação de que Laire iria terminar com ele, então, mal conseguiu apreciar a beleza. Sendo assim, parou diante da porta e esperou para ouvir o que ela tinha a dizer, enquanto suas entranhas se reviravam de um medo que chegava a deixá-lo nauseado.

Quando ela se virou, o sorriso em seu rosto o surpreendeu e o relaxou, permitindo que desse alguns passos à frente.

— Eu vou poder ir! — ela disse, com os olhos vívidos de excitação.
— Eu vou poder passar a noite com você!

Erik vinha prendendo a respiração, mas logo expirou pesadamente, estendendo a mão para ela e puxando-a em direção aos seus braços.

— Porra, Laire — ele murmurou contra seus cabelos. — Achei que você ia terminar comigo.

— Terminar com você? — ela indagou confusa.

— Eu te pressionei ontem à noite, quando prometi que nunca faria isso.

— Você não pressionou. Só perguntou. Eu que não deveria ter ficado tão irritada. Eu só... Eu queria passar a noite com você, mas não encontrava uma forma de conseguir!

O coração de Erik começou a bater normalmente, enquanto se inclinava para olhar para o rosto dela.

— Eu te amo.

— Eu também te amo — ela respondeu, colocando-se na ponta dos pés para beijá-lo.

E ele queria beijá-la — Deus, ele planejava beijá-la pela noite inteira —, mas naquele momento precisava compreender.

— Como? Como conseguiu?

— Meu pai vai pescar em Harkers Islands esta noite. Ele me contou ontem. Não vai voltar até amanhã à tarde.

Ele segurou o rosto dela, sentindo uma gargalhava se avolumar de dentro de seu corpo.

— Simples assim?

Ela assentiu, sorrindo para ele.

— Simples assim.

Ele se inclinou para beijá-la suavemente.

— A noite inteira.

— A noite inteira — ela murmurou contra seus lábios. — Mas... Erik...

— O quê, querida?

— Nós não podemos... Quero dizer, não podemos...

— Eu sei — ele grunhiu suavemente, encostando seus narizes. — Mantenho o que disse na noite passada. Só quero passar algum tempo com você. Iremos no seu ritmo, lembra? Sempre.

— Mas e se...

A voz de Laire falhou, e Erik colocou o dedo indicador sob seu queixo, erguendo os olhos dela na direção dos dele.

— O quê?

— E se eu quiser? — ela perguntou em um sussurro.

Ele engoliu em seco.

— Fazer sexo?

Ela assentiu, com os olhos arregalados.

— Você está pronta para isso? — ele perguntou, buscando seu rosto.

Ela deu de ombros.

— Quando estou com você, é como se eu não conseguisse parar. Não quero parar. Quero fazer tudo, provar de tudo, com você. — Ela choramingou suavemente. — Preciso de sua ajuda para continuar uma boa garota.

— Você quer que eu acione o freio? — ele perguntou. — É isso que está me pedindo?

Seus lábios tremeram, antes de assentir:

— Sim.

Ele respirou fundo e deixou o ar sair bem devagar, sentindo-o fazer cócegas em seus lábios conforme expirava. Será que poderia manter a promessa? Será que poderia prometer que iria pará-los se ela implorasse por mais?

Ele queria acreditar que conseguiria. Queria desesperadamente, porque por Laire seria capaz de fazer tudo.

— Ok — ele disse, puxando-a para si. — Ok. Eu prometo.

Ela jogou os braços ao redor dos ombros dele e o beijou como se o mundo fosse terminar, então, encostou nariz com nariz.

— Mas podemos fazer todo o resto.

— Ficarmos... nus? — ele perguntou, sorrindo, porque ela mal conseguia proferir a palavra “nus” há algumas semanas.

Ela gargalhou suavemente.

— Hum-hum.

— Posso tocar você... — Ele pigarreou. — Lá embaixo? Com minha língua?

Ela inclinou-se para trás, com os olhos arregalados e em choque.

— As pessoas fazem isso?

Ele sorriu ao contemplar aquela expressão.

— Nossa! Fazem sim, querida.

Ela desviou os olhos, pensando por um momento.

— Será que eu posso fazer isso também?

— Ahhh — ele grunhiu, enquanto todo o sangue em sua cabeça começava a correr até seu pau só de pensar em ter seus lábios sugando-a. — Sim. Você pode.

Com um suave choramingo, ela tocou seu rosto e o beijou novamente.

— A Sra. Sebastian disse que posso sair mais cedo. Disse que você pediu a ela na noite passada.

— Pedi — ele admitiu. — Estava com esperanças.

— Então nos vemos às oito?

— Às oito. E então, você será só minha.

Ela o beijou novamente, gargalhando contra seus lábios enquanto se desvencilhava de seus braços e corria até a porta, desaparecendo.

Duas horas.

Seu pau se pressionava contra sua bermuda em antecipação.

Deus, parecia uma eternidade.



Capítulo 13

Se todos as outras vezes em que fora a Utopia Manor lhe pareceram excitantes, aquela noite estava deixando Laire sem fôlego.

Pela primeira vez desde que conhecera Erik, eles não teriam hora para voltar às docas da Pamlico House, nem passariam apenas metade de um dia juntos, visitando algum ponto turístico nos Banks. Não. Aquela noite seria totalmente diferente. Naquela noite ela iria dormir ao lado dele. Em sua cama.

Chegou a perder o ar pensando nisso.

Céus!, como ela havia mudaado naquele verão, de uma adolescente que mal conseguia dizer a palavra “nus” para uma mulher que andava lado a lado com seu homem, com nova confiança e paixão sancionada. Crescera naquele verão de muitas maneiras, e agora, naquela noite, sentia-se no ápice desse crescimento — sua recompensa por deixar a infância para trás.

Os dedos de Erik se enroscaram nos dela, e ele ergueu a mão até os lábios.

— Você está nervosa?

— Um pouco — ela respondeu honestamente. — Mas animada também.

— Que horas você tem que estar em casa amanhã?

— A Sra. Sebastian disse que eu poderia deixar meu barco ancorado por lá durante a noite, mas estou pensando que deveria chegar em casa ao meio dia, só para o caso de meu pai chegar mais cedo.

— Ele disse que só chegaria à tarde — disse Erik, enrugando a testa.

— Eu sei — disse ela. — Mas é melhor não arriscar ser descoberta.

— Humph.

— Nós temos a noite toda, Erik. Vamos curtir-la.

Ele suspirou e beijou sua mão novamente antes de soltá-la e segurar novamente o volante.

— Você está certa. Eu só odeio pensar em dizer adeus.

Ela sabia que a despedida e os meses subsequentes de longa distância estavam vagando por sua mente. Esses pensamentos também pesavam na dela. Levava-a a tomar uma decisão que a surpreendera pela intensidade e certeza.

— Sabe? Sobre o Dia de Ação de Graças? — perguntou ela.

— Uh-huh.

— Bem, não vou estar pronta para apresentá-lo à minha família. Sinto muito.

— Laire...

— Você tem que entender. Eu vou precisar de tempo para explicar tudo, preparar o terreno para eles. Acho que, na verdade, não vou poder apresentá-lo até o próximo verão. Me desculpe, Erik, mas é assim que as coisas devem ser.

Ele bufou suavemente, cerrando o maxilar com frustração, enquanto

embicava na entrada de sua casa e apertava o botão no controle que abriria a porta da garagem.

— Mas — ela disse gentilmente, enquanto ele entrava na garagem e desligava o motor —, posso vir para cá e passar o dia com sua família. Posso dizer que terei que trabalhar. Posso conhecer seus amigos e sua irmã no feriado de Ação de Graças. E talvez possamos nos ver de novo no Natal. Eles poderão me conhecer e...

— Laire! — Ele se virou para ela, com os olhos arregalados. — Você faria isso?

Ela engoliu em seco, assentindo.

— Faria.

Um pequeno sorriso curvou os lábios de Erik, tornando-se maior conforme olhava para ela.

— Você virá para o jantar de Ação de Graças. Promete?

Ela sorriu em retorno, sentindo as lágrimas arderem em seus olhos conforme compreendia o quanto isso significava para ele.

— Prometo.

Inclinando-se no banco do carro, dentro da garagem, Erik estendeu a mão para tocar seu rosto, puxando-a para si e beijando-a. O contato durou apenas um segundo, antes de ele encostar a testa na dela.

— Estou aliviado. Só precisava de um plano definido. Algo que me desse esperança.

— Eu também — ela admitiu.

— Vamos entrar? — ele perguntou, acariciando nariz com nariz. — Sei que você não é de beber, mas meus pais sempre guardam uma garrafa de Champanhe na geladeira, e eu quero comemorar. Toma uma taça?

Laire nunca tomara champanhe em sua vida, e a ideia era tentadora

demais para ser recusada.

Dez minutos depois, de pé na cozinha de Erik, enquanto bolhinhas geladas desciam por sua garganta, ela finalmente compreendeu porque tantos elogios. Era uma bebida deliciosa.

— Gostou? — ele perguntou, embora já soubesse a resposta.

Ela assentiu, maravilhada com a taça delicada em suas mãos. Já servira champanhe muitas vezes aos clientes da Pamlico House, mas nunca imaginara-se levando uma daquelas lindas taças aos lábios. Suspirando feliz, deu outro gole e gargalhou.

— Faz cócegas.

Ele sorriu para ela.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro. Qualquer coisa — ela disse, inclinando-se por sobre o balcão de mármore, olhando para o belo rosto de Erik.

— Você tem uma conta de e-mail?

Ela explodiu em uma gargalhada, porque aquela pergunta, vinda do nada, a surpreendeu.

— Tenho. Preciso de uma conta para fazer compras online. Não que eu compre muitas coisas, mas às vezes eu a uso.

— Bem, o que acha de trocarmos endereços de e-mail para que possamos manter contato enquanto eu estiver fora?

Era algo que Laire ainda não tinha considerado, e seu coração começou a pular só de pensar que poderiam manter contato. Claro que ela só poderia checar o e-mail rapidamente, quando tudo estivesse calmo no King Triton, o que não acontecia frequentemente, mas mesmo se checasse uma vez por semana, acalmaria um pouco a saudade que sentiria dele, não acalmaria?

Ela olhou para ele, com um sorriso no rosto, porém, algo lhe ocorreu,

fazendo com que desviasse seus olhos para o balcão, cheia de dúvidas.

Espere. *Será* que isso iria fazer com que sentisse menos saudade? Ou será que iria tornar tudo ainda mais insuportável? Não apenas por causa de Erik, mas por causa de todo aquele mundo lindo onde ele iria viver, enquanto ela permaneceria presa em Corey. Ele lhe contaria sobre as pessoas que estava conhecendo, sobre os lugares onde ia, e o que ela poderia compartilhar em retorno? O número de caranguejos que seu pai pescou? A nova blusa que estava costurando para alguém de quem ele nunca ouviu falar? Ou que a Sr. Sebastian tinha adicionado um novo prato ao cardápio?

Em um triste momento de entendimento, ela compreendeu que o que tinha para lhe oferecer — um romance com uma garota de dezoito anos, filha de um pescador dos Banks — poderia ser encantador *naquele momento*, enquanto ainda estavam próximos, mas poderia não durar à distância. E ela precisava que ele sentisse sua falta, assim como sentiria a dele. Precisava garantir seu retorno, e o contato semanal, onde contaria sobre sua vida nada fascinante, não ajudaria em nada quando ele estivesse cercado por jovens sofisticadas da faculdade.

Dando mais um gole no champanhe, olhou para ele e deu de ombros:

— Acho que não vai dar. Não tenho computador em casa. Só no trabalho, e não posso arriscar que papai ou tio Fox me vejam escrevendo para você.

O súbito desânimo no rosto de Erik fez seu coração se apertar.

— Oh — ele disse — Então, posso supor que telefonemas também estão fora de cogitação, certo?

— Não seria uma boa ideia se meu pai visse várias ligações de Duke no identificador de chamadas. Ele ficaria desconfiado. E se eu te ligar, elas aparecerão na conta.

— Então não vamos mesmo falar um com o outro até que eu volte para Ação de Graças? — ele indagou suavemente, com uma voz abaixando e tornando-se mais triste conforme se dava conta do que iria acontecer.

— A não ser que você possa vir em um final de semana — ela disse, esperançosa.

Ele sorriu.

— Eu tenho uma agenda com o time de hóquei. Todos os meus finais de semana estarão tomados.

— Oh — ela disse, tomando a última gota de seu champanhe e dando-se conta, naquele momento, que tivera muitas esperanças de conseguir vê-lo em um final de semana entre Agosto e Novembro. Era doloroso descobrir que isso não aconteceria.

— Sim — ele disse, servindo-a novamente. — É uma loucura.

— Parece que sim.

— Laire? — ele disse, tilintando suas taças. — Quer parar de falar sobre isso?

Ela não conseguiu falar, por causa do nó em sua garganta, então, tomou mais um gole e assentiu.

— Quer ir deitar na minha cama e... Não sei. Podemos assistir TV ou tirar uma soneca, ou conversar sobre nada em especial.

Ela ficou sem ar ao ouvi-lo dizer “deitar na minha cama”, mas sentiu todo o seu corpo protestar quando ouviu as sugestões. Queria estar na cama dele, sim. Porém, não tinha o menor interesse em assistir TV, cochilar ou conversar.

— Não — ela disse.

— Não o quê?

— Nada de TV — ela disse, virando a taça de champanhe e terminando a bebida. — Nada de soneca. E pouca conversa.

Os olhos de Erik estavam sombrios ao olhar para ela por cima da borda da taça, rapidamente terminando sua bebida também.

— O quê, então?

Ela deu a volta no balcão, com um misto de apreensões e desejos, e

pegou a mão dele.

— Leve-me para cama, querido — ela disse, usando o apelido com o qual ele a chamava, faminta por sentir o peso de seu corpo sobre o dela e o maravilhoso toque de suas mãos em seus mamilos, em sua...

— Com prazer — ele grunhiu, inclinando-se para beijá-la uma vez, com intensidade, antes de guiá-la ao segundo andar da casa.

O quarto de Erik, que, assim como o resto da casa, fora decorado por sua mãe com motivos náuticos, tinha uma cama *queen size*, com lençóis azuis escuros e brancos. De frente para a cama havia uma lareira e duas poltronas de couro. Em um dos cantos, um banheiro. Do outro lado do quarto, havia portas de vidro que se abriam para a varanda, de onde ele vira Laire pela primeira vez. Os móveis eram muito novos, e uma vez que Erik passava muito pouco tempo naquele quarto, parecia mais uma acomodação elegante de um hotel do que com seu espaço em Raileigh, com pôsteres de hóquei e brasões da Duke nas paredes, além de fotografias de sua família e amigos.

Assim que entraram no quarto, ele fechou a porta e pegou a mão dela. Caminhou em direção às janelas e abriu as cortinas leves para que pudessem ver a lua mergulhando no mar. O cômodo foi instantaneamente invadido pela pálida e acinzentada luz do luar, e Erik suspirou, silenciosamente alertando a si mesmo que não deveria pressioná-la, que não deveria acelerar as coisas e que precisava compreender a linguagem corporal de Laire. Seu próprio corpo estava repleto de desejo, e seu pau, duro como uma pedra. *Porra*, ela estava finalmente *ali*, em seu quarto. Contudo, forçou-se a respirar profunda e calmamente, prometendo a si mesmo que iria se comportar, antes de virar-se para encará-la...

... só para encontrá-la nua, com seu corpo alvo banhado pela luz da lua e suas roupas emboladas em uma pequena pilha no chão, logo atrás dela.

Ele ofegou suavemente, perdendo o ar só de olhar para ela. Os seios que tocara e beijara com tanto amor eram firmes e atrevidos, e os mamilos rosados clamavam por atenção. Seus braços estavam presos às laterais de seu corpo, e seus olhos estavam baixos, fixos em sua própria vagina, que era coberta por um triângulo

de cachos. Respirando profundamente, Erik acariciou as curvas de seus quadris e as pernas perfeitas com os olhos antes de permitir que seus olhos viajassem lentamente de volta ao rosto.

— Diga-me o que fazer — ela murmurou, com uma voz suave, praticamente inaudível.

— L-Laire... — ele sussurrou, cruzando o quarto só para tomá-la em seus braços.

Os dedos de Laire se estenderam para tocar os botões de sua camisa, abrindo-os rapidamente, enquanto ambos se beijavam de forma voraz. Ele se livrou do tecido, soltando apenas para desabotoar os punhos. Ela também desabotoou a bermuda, colocando-se na ponta dos pés para beijá-lo outra vez, e Erik, ansioso para sentir a pele de Laire pressionada contra a dele, enganchou os dedos na barra, tanto de sua bermuda quanto das cuecas, e deslizou ambas pelos quadris sem nem mesmo abrir o zíper, feliz por sentir o tecido fora de suas pernas.

Estava nu, finalmente.

Nus, um para o outro.

Ele estendeu a mão até ela, puxando-a contra sua pele formigante e impaciente, que se derreteu ao senti-la, seu pênis rígido encostou-se contra o macio V de suas coxas. Com os braços ao redor dela, ele a apoiou suavemente contra a cama, inclinando-se sobre ela até estarem deitados de costas.

— Fique parada — ele murmurou antes de juntar-se a ela, abrindo suas pernas perfeitas e inclinando a cabeça para beijar a pele macia e virgem de seu estômago.

— Erik — ela murmurou, tocando sua cabeça, usando uma voz pesada de luxúria, mas afiada com uma pitada de pânico.

— Eu quero te beijar aqui — disse ele, cobrindo o pano de cachos rosados sobre seu clitóris com a palma da mão.

Ela ofegou e sua respiração falhou enquanto seus dedos se curvavam em seu couro cabeludo.

— Posso? — ele sussurrou, separando-a com seus dedos e acariciando

seu clitóris, enquanto encaixava os joelhos gentilmente entre suas pernas.

— Oh Deus... ok — ela murmurou sem ar.

Ajoelhando-se diante dela, ele colocou as mãos debaixo de seus quadris, agarrando-a pelo traseiro para trazer o corpo mais perto de seu rosto. Inclinando a cabeça, ele fechou os olhos e deixou a língua deslizar suavemente contra os lábios inferiores, primeiro em um lado e depois o outro.

Ela murmurou suavemente, arqueando as costas e pressionando a cabeça contra o travesseiro enquanto ele lambia seu clitóris já inchado e tocava o suave botão com a língua, sentindo sua própria ereção em resposta aos gemidos e gritos. Ela segurou seus antebraços, cravando os dedos nos músculos quando ele pegou o ponto palpitante entre os lábios e a beijou, sugando levemente, acariciando o lugar dolorido com a língua antes de soltá-la. Seus quadris caíram sobre o colchão, e ela arqueou o corpo ainda mais contra o rosto dele, as unhas cavando em sua carne enquanto gritava com prazer.

— Eu quero sentir você — ela soluçava entre as respirações ofegantes, seus quadris ainda vibrando contra o edredom ritmicamente. — Eu quero sentir você dentro de mim.

Ele deslizou pela cama para se deitar ao lado dela, inclinando-se sobre ela para beijar seus lábios e olhar para seus olhos meio fechados.

Ele queria. Oh, porra, ele queria muito.

Preciso de sua ajuda para me manter uma boa moça.

Suas palavras ressoaram em sua cabeça enquanto ela alcançava seu pescoço, curvando seus dedos logo abaixo da base do crânio e exigindo seus lábios. Rolando sobre ela, seu pênis latejava contra seus cachos úmidos. Ela estava molhada e pronta para ele, dolorida por ele, assim como ele estava dolorido por ela.

— Por favor — ela gemeu embaixo dele, balançando os quadris, tentando se aproximar. — Por favor. Nós não precisamos... fazer sexo. Eu só quero saber a sensação.

Ele a beijou de novo, de forma longa e voraz, sua língua se acasalando

com a dela, empurrando e deslizando do jeito que ele desejava que seu pau pudesse fazer, e não era suficiente. Aquilo não era suficiente.

— Laire — ele sussurrou contra seus lábios, pressionando levemente contra seu corpo, frustrado pelo fato de que ela estava quente, mas não molhada e envolvente, não sugando-o, não o cercando com músculos que se contraíam, tremendo.

— Faça — disse ela, mordendo o lábio inferior. — Só por um minuto.

Só por um minuto.

Porra.

Tão tentador.

Ele ofegou sobre ela, apoiando seu peso nos cotovelos.

— Eu ainda estaria tomando sua virgindade, querida, mesmo que não terminássemos.

Ela assentiu de forma urgente, uma súplica escapando por seus lábios.

— Eu sei. Está bem. Eu quero que você faça.

Apertando o rosto com as mãos, ele a forçou a olhar para ele.

— Laire, você me fez prometer.

— Eu liberto você da sua promessa — ela suspirou. — Eu te amo.

Colocando a mão por entre seus corpos, ele se posicionou na entrada de seu sexo, segurando-se lá, estremeando com a força que o impulsionava a não se deslizar para frente.

— Eu te amo. Eu não... Eu não quero que você se arrependa disso — disse ele.

Suas mãos arranharam suas costas, finalmente descansando em sua bunda. Como se ela soubesse instintivamente como fazê-lo seguir em frente, ela

apertou suas nádegas ao mesmo tempo que ela arqueava suas costas e erguia os joelhos. E com um suspiro de derrota e alívio, Erik deslizou para seu calor acolhedor, dentro do local apertado e quente de seu sexo, atravessando a barreira leve da carne até que ele sentiu-se enterrado dentro dela até o punho.

Ela gritou – um som “unh-ah!”, de dor, estremecendo e ofegante por baixo dele, os olhos cerrados, o corpo rígido.

—Baby — ele estremeceu, mantendo seu corpo o mais quieto possível, resistindo a cada impulso de se mover dentro dela. Seus músculos apertaram sua espessura, e por um momento sua respiração se retesou e seus olhos se reviraram em sua cabeça, seus braços tremendo em ambos os lados da cabeça dela, enquanto lutava por autocontrole. Ele nunca sentiu nada como o maravilhoso aperto da buceta de Laire comprimindo-o – o calor dela, a umidade, o ajuste perfeito de seu corpo envolto em torno dele.

—Estou bem... Estou bem... — Ela ofegou, sua respiração quente em seus lábios enquanto uma lágrima rolava do canto do olho em seus cabelos. —Eu sabia que seria... Eu sabia que isso doía um pouco.

—Você está bem? — Ele perguntou, sua voz esganiçada e rouca ao mesmo tempo.

Desejo.

Preocupação.

Ela lambeu os lábios e assentiu, finalmente abrindo os olhos para olhar para ele. Eles eram profundos e verdes como o mar, brilhando com lágrimas, mas também com amor, e embora cinco mulheres tivessem vindo antes de Laire em sua cama, ninguém possuiu seu coração como ela o fazia. E de repente, não machucava permanecer quieto, deixando-a acostumar-se à sua invasão. Parecia certo. Estava bem. Parecia... *belo*.

Ele acariciou-lhe o nariz, beijando-a gentilmente. Quando ele recuou, ela estava sorrindo para ele, seu rosto suave e sonhador. —Nós somos um agora, Erik.

—Somos um, querida.

Ele puxou os quadris para trás um milímetro, então se deixou cair de novo, observando a vinda da emoção, de profundo prazer, em seu rosto.

—Mais — ela murmurou. —Faça isso novamente.

Ele engoliu seco. Não demoraria muito para ele gozar. Foi um verão maravilhoso com Laire, mas, enquanto a ajudava a descobrir sua própria sexualidade, suas necessidades haviam sido um tanto negligenciadas. Ele não teria muito mais tempo antes que ele precisasse gozar. E como ela era virgem e ele não tinha estado intimamente com ninguém em meses, sem um preservativo entre eles, ele definitivamente não queria engravidá-la.

— Uma última vez — disse ele. — Então eu vou sair.

Ela assentiu. — Uma última vez. Por favor.

Puxando a pélvis para trás, ele se afastou dela quase inteiramente, então, segurando o olhar, avançou novamente, uma vez, duas vezes, três vezes, seus quadris encontrando-se cada vez.

—Eu tenho que... parar — disse ele, sem fôlego, os braços tensos ao lado da cabeça dela. —Nós temos que...

—Tudo bem — ela disse, mas seus quadris se flexionaram novamente, levando-o mais fundo, e ele gemeu, sentindo suas bolas apertar em advertência.

Afastando-se dela como um idiota desesperado, ele deslizou o pau no vale encharcado que ele amava com a língua, empurrando seu eixo de seda implacavelmente contra seu clitóris. Ela choramingou alto, agarrando o rosto dele e beijando-o enquanto seus dentes se chocavam violentamente. Seu corpo bateu contra o dela, suas vozes num coro de grunhidos e gemidos, choramingos e suspiros, mais alto e mais rápido, até que ela se esticou debaixo dele, gemendo seu nome, e ele gozou em seu clitóris e seu estômago com jorros quentes e molhados de branco.

— Euteamoeuteamoeuteamoeuteamo — ela repetiu uma e outra vez quando ela saiu de seu orgasmo, suas testas se tocando, suas respirações ofegantes se misturando.

Sugando em uma respiração profunda e entrecortada, ele rolou para o

seu lado, levando-a com ele, segurando-a contra ele, com a cabeça enfiada no pescoço, enquanto ele entrelaçava as pernas com as dela. Ela estremeceu em seus braços, seus olhos ainda fechados, sua respiração superficial.

—Você está bem? — Ele finalmente sussurrou, pressionando os lábios em sua cabeça e se perguntando como se sentiria sobre tomar banho e esperando que ela quisesse.

Ela assentiu, com os cabelos no topo de sua cabeça fazendo cócegas no queixo. —Eu nunca... Quero dizer...

Sua voz se interrompeu e ele apertou seu corpo contra o dele. — Eu sei. Nem eu.

— O quê? — Ela inclinou a cabeça para trás apenas um pouco para que pudesse ver seu rosto. — Você esteve com outras mulheres.

—Mas nunca amei nenhuma delas do jeito que eu amo você.

Ela fungou suavemente, e uma lágrima serpenteou pelo rosto. — Obrigada por manter sua promessa.

Sua consciência deu uma balançada. Ele cumpriu a promessa a ela?

— Eu fiz?

Ela assentiu com a cabeça, abraçando-o de volta. — O melhor que você poderia.

— Isso é o suficiente? — perguntou.

Ela assentiu de novo. — Para mim é.

— Obrigado por confiar em mim — ele disse, deslizando as mãos pela pele doce e macia de suas costas e esperando que um dia eles pudessem fazer sexo para terem um futuro – ele gozando dentro dela, fazendo bebês com ela, mantendo essa doce mulher ao seu lado por toda a vida.

—Eu amo você — ela disse novamente. —Não importa o que aconteça.

— Eu também — ele prometeu. — Não importa o que aconteça.

E então, porque alguns momentos são perfeitos demais para qualquer outra coisa, eles encontraram seu ritmo –corações e pulmões trabalhando em perfeita harmonia – e adormeceram nos braços um do outro.

Embora eles planejassem ter uma última encontro de domingo antes que Erik voltasse à escola, Laire não conseguiu evitar uma sensação de melancolia quando eles se despediram da doca da Pamlico House na manhã seguinte. Tinha sido o paraíso passar a noite com ele, e agora que ela estava completamente vestida e se dirigia para casa, ela se arrependeu de não ter feito sexo com ele para se cimentar o relacionamento. Embora ela soubesse que era melhor que ele “retirasse”, como ele chamou – e não, ela não estava perto de estar pronta para ser mãe, Deus a protegesse - ficou triste por não saber o que seria gozarem juntos e sentir a sua semente quente inundar e preenchê-la. Ela só esperava que um dia, quando o tempo fosse certo, ela teria outra chance. Um milhão de chances.

— Chegue em casa com segurança — ele disse, usando os polegares para limpar suas lágrimas enquanto ele a beijava com ternura. — Eu estarei aqui esta noite no bar.

Não foi o suficiente, mas ainda era reconfortante.

Ela fungou, depois assentiu. — Eu sei.

Ele segurou seu rosto com as palmas das mãos. — Nós vamos conseguir isso, Laire. Nós vamos ficar bem até o Ação de Graças. E então, há apenas uma curta espera até o Natal. Mesmo que você não consiga ir a Raleigh, tenho três semanas de folga e sem hóquei. Eu posso vir aqui pelo menos duas vezes para te ver. Vamos fazer funcionar, querida. Eu prometo.

Ela cobriu as mãos com as dela. — Eu não estou preocupada. Eu confio em você.

Ele assentiu com a cabeça, mas seus olhos estavam hesitantes. —

Pense sobre enviar um e-mail para mim?

— Eu simplesmente não...

— Pense nisso — ele insistiu suavemente.

Ela assentiu, inclinando-se na ponta dos pés para beijá-lo. — Ok. Eu penso.

Ele estava parado na doca, acenando adeus enquanto ela se afastava. E mesmo depois que ele era um pequeno ponto na distância, ela ainda podia vê-lo, levantando as mãos, de pé na beira da doca. Ela deixou suas lágrimas fluírem livremente durante os próximos quinze minutos do passeio, depois secou-as, lembrando-se de que, entre agora e quinta-feira seguinte, ficariam cinco noites mais e um domingo glorioso. Ela arruinaria seus últimos dias juntos se ela chorasse por toda parte toda vez que estivessem juntos. Isso era doloroso? Sim. Machucava? Como o inferno. Mas ela precisava ter mais fé neles.

Respirando fundo, ela direcionou à enseada que levava a Corey Harbour e desacelerou quando passou por um amigo de seu pai, que gritou algo para ela que ela não podia ouvir, então ela apenas acenou em resposta. Continuando na baía, ela desceu o litoral para sua casa.

A primeira coisa que notou foi o barco de pesca do pai.

A segunda coisa que ela notou foi o próprio pai, saindo de casa para cumprimentar o diabo.

A terceira coisa que notou foi Issy e Kyrstin correndo desesperadas.

Por que ele está em casa? Por que ele está em casa? Por que ele já está em casa?

Seu coração estava batendo tão rápido, ela mal podia respirar, mas ambicou a lancha na doca enquanto seu pai entrava na prancha, exigindo: — Jogue a corda.

Chegando ao arco, ela jogou-lhe a corda, observando, com um horror cada vez maior, quando ele prendia o barco no cais sem dizer uma palavra, seu rosto esticado, seus olhos furiosos.

Virando os olhos para Kyrstin, os encontrou largos e severos.

Merda. Ela estava com problemas. *Grandes, enormes e gigantescos problemas.*

— Entre em casa agora — grunhiu seu pai, seus olhos azuis brilhantes.

Olhando por cima do ombro de seu pai, encontrou Issy, que segurava o bebê Kyle contra o peito e olhava para Laire como se quisesse cuspir e ridicularizá-la.

— Entre. Em. Casa — ela sussurrou com raiva, grunhindo à sua irmã mais nova.

Laire desceu do barco, passando pelo pai e as irmãs, com a cabeça baixa, olhando para a porta da varanda. Ela entrou, entrou na sala de estar e sentou na ponta do sofá enquanto sua mente tentava descobrir o que estava acontecendo e como diabos explicar sua ausência.

Seu pai, precedido por suas irmãs, entrou na sala de estar, sua enorme presença ocupando a maior parte do cômodo, com os olhos irritados e cansados.

— Onde você esteve? — Ele perguntou, aproximando-se dela, estalando os nódulos dos dedos contra as palmas das mãos.

Ela lançou um olhar para Kyrstin, a única na sala que sabia que Laire estava trabalhando em Buxton. Kyrstin balançou a cabeça quase imperceptivelmente para sinalizar a Laire que não havia dito nada.

— Eu... Eu, um...

Ela não sabia o que dizer. Deveria admitir trabalhar na Pamlico House? E quanto a Erik? Não, não! Ela não podia mencionar Erik, ou seu pai proibiria-a de vê-lo novamente.

Seu pai deu um passo em direção a ela, as mãos nos quadris. — Issy veio na noite passada para verificar você. O bebê a mantém acordada, então ela vem regularmente.

— Você não estava aqui, Laire. Às nove, nem às dez, nem às duas da

madrugada! — exclamou Issy. Laire piscou ao pânico na voz de sua irmã, entendendo, pela primeira vez, que ela não estava apenas brava, mas assustada. — Eu esperei por você, mas com o passar das horas, fiquei preocupada, então liguei para Kyrstin. Ela não a viu a noite toda. Disse que você nunca esteve no trabalho. Chamamos Brodie para ver se você estava com ele, mas ele disse que não a vê há semanas. Eu estava assustada. Então falei com o papai.

...às três da manhã.

Porra.

Laire colocou uma mão no peito, sentiu o aperto com os batimentos cardíacos correntes e a horrível adrenalina de ter sido descoberta. Ela precisava de uma história. E rápido.

— Então, onde você esteve, garota? — perguntou novamente seu pai. — E com quem você esteve a noite inteira, porque ele vai ter que consertar as coisas para você.

Consertar.

Não.

Não, não, não.

Casamento.

Seu pai estava falando sobre um casamento sob a mira de uma arma.

Ela tinha que dizer algo rápido, para se distanciar dos homens da ilha que seu pai suspeitava.

— Eu... — Ela começou de novo, olhando para Kyrstin antes de continuar. — Eu não trabalhei em Ocracoke. Eu tenho trabalhado em Buxton.

— Você o quê? — Seu pai recuou, tropeçando como se ela o tivesse dado um tapa. Ele olhou para Kyrstin. — Você sabia sobre isso?

Kyrstin assentiu com a cabeça, encarando Laire “com punhais” antes de deixar a cabeça cair com a vergonha.

— Desde quando? — Exigiu seu pai.

— Eu nunca trabalhei em Ocracoke. Eu só... Kyrst queria um trabalho no bar, e então eu a deixei ...

A cabeça de Kyrstin ergueu-se. — Não ouse *me* culpar, Laire!

— Eu não estou *culpando* você! — Ela chorou. — Mas...

— Então, duas de minhas garotas estavam mentindo para mim todo o verão. — Seu pai respirou profundamente e exalou por muito tempo, apertando a mão contra o peito. — Mentindo como cobras.

— Não, papai — disse Laire, embora fosse verdade. Ela havia mentido o verão todo. Ela estava vivendo em um mundo de fantasia com Erik Rexford, e tudo estava desabando ao seu redor.

— Sim, Laire! VOCÊ É UMA MENTIROSA! — Ele cuspiu.

— Papai, por favor, calma...

— Não se atreva a me pedir calma! Onde você esteve a noite toda?

Kyle começou a chorar, e Laire olhou para a irmã, cuja expressão contrita mudou pela ternura de uma mãe, ninando o bebê em seus braços. — Não chore, pequenino.

Em algum momento, as lágrimas começaram a cair dos olhos de Laire também. — Eu sinto muito. Eu sinto ta-tanto...

— Então você esteve em Buxton. Todo o verão — disse seu pai, sua voz resignada, pesada e profundamente desapontada, que a atingiu. — Mas você ainda vinha para casa todas as noites. Exceto na noite passada.

Ela engoliu seco, a memória do corpo de Erik deslizando dentro dela ainda tão afiada, ela podia senti-lo. Podia sentir sua linda plenitude, e isso lhe dava vontade de chorar pelo que estava acontecendo agora – pelo preço que ela teria que pagar por aquelas poucas horas passadas com ele ontem à noite e esta manhã.

— Papai...

Ele sacudiu a cabeça, seu rosto uma máscara de decepção e vergonha.
— Agradeço ao Senhor que sua mãe se foi e não pode ver essa desgraça! A teria matado se ela já não estivesse morta!

Suas palavras doíam pior do que qualquer soco físico, pontapé a acertando em qualquer parte do corpo, ela sentia-se distante deles, querendo se encolher como uma bola apertada até que pudesse acordar desse pesadelo.

— Não... diga... isso... — Ela soluçou. — Por favor...

— É A VERDADE! — Ele gritou. — Você envergonha a memória dela, Laire!

— Por favor — ela implorou, abraçando-se enquanto as lágrimas caíam em seu rosto em incessantes correntes. — Não faça...

— Eu sei... — Ele começou com uma voz mais suave, depois parou, esfregando o peito com a palma da mão. Quando começou a falar novamente, sua voz era mais suave e mais ofegante. — Eu sei que você esteve com alguém... então é melhor você me dizer quem. Agora. Agora, Laire! Eu vou... Vou até Buxton e forçar-lhe a fazer o certo... a você. Se ele é um homem com qualquer... p-princípio, ele vai... ele fará certo... ele vai...

Não fale.

Ela balançou a cabeça para frente e para trás, suas lágrimas caindo em riachos. Ela não podia falar. Ela não o faria. Ela nunca diria o nome de Erik. Não importa o que acontecesse.

— PELO INFERNO, LAIRE! — Ele gritou. — Você vai me dizer! Com quem você... e-esteve? Primeiro... aquela fofoca com... Brodie Walsh! Agora isso! Me diga... Me conta... Onde você esteve, você... sua mentirosa... você mentiu...

Sua voz sibilou e cortou, e Laire olhou para cima enquanto ele segurava seu peito desesperadamente, seus dedos brancos enquanto puxavam o peitoril de seu macacão.

— Papai? — Disse Kyrstin em pânico, avançando para alcançá-lo.

Ele tropeçou para trás, batendo num abajur, quebrando a lâmpada no chão com um barulho. Agarrando a parede atrás dela, ele bateu em três imagens emolduradas no chão, quebrando o copo. Seus olhos estavam arregalados e assustados, o rosto mais pálido a cada segundo.

— Papai? Papai !! — gritou Issy, balançando seu bebê impotente enquanto seu pai caía de joelhos. — Ligue para o 911. LAIRE! LIGUE 911!

Mas Laire não podia se mover, congelada de terror, soluçando lágrimas silenciosas enquanto observava seu pai – seu amado pai – o único ainda vivo – caindo ao seu lado, batendo no chão com uma batida forte que sacudiu a casa pequena.

— KYRSTIN, CHAME 911! — Gritou Issy, e Kyrstin, que estava ajoelhado ao lado do pai, rastejava até a mesa, buscando pelo telefone.

Seu pai ficou imóvel no chão.

E se ele estivesse morto, Laire tinha empunhado a faca.

À medida que esse pensamento desprezível piscava como um relâmpago branco em sua consciência, Laire desmaiou, esmagando sua testa na mesa de café de vidro enquanto caía.



Capítulo 14

Quando Laire não se apresentou no trabalho na sexta-feira à noite, Erik ficou desapontado por não vê-la, especialmente depois da noite maravilhosa que passaram juntos. Mas depois de lembrar-se de que eles não poderiam entrar em contato se ela tivesse que perder uma noite de trabalho, ele decidiu não se preocupar e voltou para casa cedo para passar algum tempo com sua mãe, fazer as malas para a escola, e dormir um pouco.

Eles certamente não haviam dormindo muito na noite passada, pensou ele, deixando lembranças felizes assumirem enquanto ele dirigia para casa.

Depois de uma soneca de uma hora, eles se levantaram e tomaram banho juntos, tocando-se, lavando-se e enxaguando, seus dedos deslizando sobre o corpo um do outro enquanto eles se banhavam e secavam. Laire pegou emprestada uma camiseta dele que apenas a cobriu, e Erik colocou um *jeans* antes de fazer uma fogueira na lareira do quarto e deitar-se ao lado dela. Eles conversaram e se beijaram, compartilhando planos para o Dia de Ação de Graças

e o Natal como bálsamo contra sua separação iminente.

Quando o amanhecer brilhou nos céus, eles desceram e entraram na cama juntos, adormecendo por algumas horas virados um para o outro. Acordar com Laire em seus braços era milagroso e doloroso. Saber que ele a veria em novembro ajudou, mas parecia uma eternidade. E, no entanto, ele não trocava um segundo de seu doce tempo juntos e prometeu-lhe silenciosamente, naqueles minutos sagrados em que a mantinha silenciosamente, que ele nunca amaria outra como ele a amava.

Ainda resplandecendo, pegou um buquê de rosas a caminho do restaurante no sábado à noite, ansioso para vê-la. Quando ela não voltou a trabalhar, sentiu verdadeiras dúvidas e foi à cozinha para ver a Sra. Sebastian, educadamente perguntando por que Laire não estava trabalhando. Com olhos preocupados, ela disse que não tinha ouvido falar de Laire desde que ela partiu cedo na quinta-feira.

Foi quando Erik sentiu primeiro o pânico gelado se infiltrando no sangue dele.

O que estava acontecendo? Ela partiu com muito tempo para chegar em casa, certo? Ele duvidava que tivessem sido pegos. Seu pai havia dito que não estaria em casa até o final da tarde, e ela chegara em casa antes do meio dia, com certeza. A menos que ela nunca tivesse chegado em casa?

Seus pais estavam de volta divertindo-se com amigos na casa, mas ele deu saudações educadas e foi para seu quarto, procurando no *site* da Guarda Costeira por qualquer acidente na Costa na sexta-feira. Quando ele não viu nenhum, ele telefonou à estação local para ter certeza, mas eles não tinham relatos de uma mulher jovem em perigo.

Então, onde ela estava? Ela estava doente? Ela estava tinha se arrependido de sua noite juntos e evitava-o? Sem falar com ela diretamente, ele não saberia.

Ele não se preocupou em dirigir-se para o Pamlico House no domingo de manhã para ver se ela havia aparecido para o turno da refeição matinal. Em vez disso, ele chamou King Triton Seafood precisamente às 10:01 e pediu para falar com Laire.

— Quem é? — perguntou a voz de um homem.

— Eu, eu, comprei caranguejo azul aí na semana passada. Eu disse que voltaria, hum, para mais hoje, mas a garota lá disse para ligar antes de ir novamente para ter certeza de que você tinha mais em estoque. — Era uma mentira, mas ele esperava que fosse crível.

— Hã. Bem, Laire não está aqui hoje, mas ela sabe melhor que ninguém que sempre temos azuis.

— Senti que ela entendia do assunto — disse Erik, tentando disfarçar sua voz para parecer mais local, mais como Laire. — Será que ela estará mais tarde?

— Negativo — disse o homem, sua voz suave. — Seu pai teve um ataque cardíaco.

— Espere! O que você disse?

— Seu *pai* teve um *ataque cardíaco* — ele enunciou — então, obviamente, ela não pode estar aqui enquanto está sentada *ao lado da cama*. Se quiser os azuis, precisará deixar alguém ajudá-lo. Está bem então?

Um *ataque cardíaco*. Porra! É por isso que ela não estava indo trabalhar. Ele sabia o quanto ela sentia falta de sua mãe – ele dificilmente podia imaginar o quanto ela estava sofrendo se seu pai estivesse em perigo. Seu próprio coração torceu dolorosamente, imaginando seu medo e tristeza.

— Deus, eu... — Erik engoliu, tentando reter a emoção que ele sentiu e soando mais conversacional. — Sinto muito por ouvir isso. Ele, ele, ele está vai ficar bem?

— Como cara... eu quero dizer, eu não sei, senhor. Ele ainda não está morto. Você quer enviar flores? Ele está em Nags Head.

Nags Head? Laire estava em Nags Head?

— Senhor, vai querer reservar esses azuis, ou o quê?

— Não, eu... Obrigado. Eu... Eu tenho que ir.

Ele desligou o telefone e levantou-se, andando pelo seu quarto, tentando descobrir o que fazer. Passando a mão pelos cabelos, ele teve uma idéia súbita e abriu um navegador da Web em seu telefone.

Hospital. Hospital de Outer Banks. Nags Head.

Ele marcou o endereço no seu aplicativo de mapas.

Uma hora.

Levaria apenas uma hora para estar lá ao seu lado, oferecendo o conforto que ela precisasse.

Descendo pelas escadas, ele pegou as chaves da cesta no vestíbulo e correu pela porta para o seu carro.

Laire acordou no Centro de Saúde Hatteras na noite de sexta-feira, sua cabeça doendo terrivelmente. Quando abriu os olhos, ela gemeu pela dor e rapidamente fechou-os novamente.

— Você desmaiou — disse a voz de Kyrstin, calma e baixa. — Precisou de oito pontos.

Laire abriu os olhos mais lentamente pela segunda vez, com foco no rosto de Kyrstin. Ela estava sentada entre as duas camas da clínica em um banquinho cor hortelã verde, olhando para Laire sobre o ombro.

— Papai? — Laire ofegou, encontrando a garganta seca e arranhada.

— Na mesma.

— Mas... — Sussurrou Laire — ele está...

— Vivo? — perguntou ela. — Sim. Não, graças a você.

Laire suspirou com a súbita onda de alívio, seus olhos

instantaneamente queimando de lágrimas.

— Acordado?

— Em... coma — sussurrou Kyrstin, sua voz quebrando. Então ela se virou para encarar seu pai, deitado na cama oposta.

Laire estremeceu de dor, choramingando suavemente antes de fechar os olhos pesados e voltar a dormir.

Quando eles mudaram o pai para Nags Head na manhã seguinte, Issy tentou impedir que Laire fosse com ele, alegando que vê-la quando ele acordasse apenas o perturbaria de novo. Mas Kyrstin tinha sido uma aliada surpreendente, dizendo a Issy que Laire tinha tanto direito de ir até Nags Head quanto elas. Ela não era exatamente calorosa e afetuosa, mas ela impôs isso até que Issy recuou.

Laire e Kyrstin chamaram um serviço de táxi de Hatteras e pagaram uma corrida pesada para serem conduzidas pela costa. Ocorreu apenas a Laire quando eles se afastaram do centro de saúde que ela poderia ter chamado Erik e pedido para levá-las. Mas, pela primeira vez desde o encontro com ele, o pensamento de Erik não a encheu de calor, excitação ou sinos felizes. Ela sentiu-se desesperadamente triste e confusa enquanto olhava a janela do táxi pensando nisso, uma parte significativa dela culpando-o pelo que aconteceu com o pai. Se ela e Erik tivessem sido mais responsáveis, se tivessem sido capazes de ficar longe um do outro, se ele não a perseguisse tão obstinadamente no início, isso nunca teria acontecido.

Tão rapidamente, o mundo mágico e secreto que ela e Erik construíram todo o verão havia sido derrubado – dilacerado além da razão quando seu pai caiu no chão, agarrando seu peito. Laire habitava um novo mundo grotesco, no qual seu amado pai se alegrava de que sua mãe estivesse morta – um mundo no qual ele quase havia morrido por sua irresponsabilidade.

Isso fez seus sentimentos em direção a Erik muito mais complicados do que tinham sido na quinta-feira, muito menos preto e branco. E se amar Erik acabasse matando seu pai? Como esse amor poderia estar certo? Não poderia. O que significava que amar Erik era apenas uma fantasia. Uma fantasia infantil auto-indulgente que, deixada solta em seus desejos selvagens, sem entrave e sem controle, fora dominada, prejudicando alguém que ela amava muito. E mais do que uma fantasia, estava errado. E o pior de tudo foi, em um nível ou outro, ela

sabia que estava errado o tempo todo.

No interminável passeio de Hatteras para Nags Head, com esses terríveis pensamentos rondando, a consciência de Laire ordenou relegar seu valor para o mais sombrio, o mais baixo nível de vergonha, levando-a a um estado de culpa – profunda, profana, atraente, aterrorizante culpa - que seu amor por Erik parecia quase insuportável.

Seu pai estava preso a uma cama de hospital, seu prognóstico ainda era incerto.

Ela não tinha direito à felicidade ou ao amor.

Nem agora e talvez nunca

Essa era a sua nova realidade.

Seu pai estava instalado em uma sala na unidade cardíaca, e em um estranho giro de eventos, Issy, que se orgulhava de ser a filha mais carinhosa e responsável dos três, não podia sentar-se ao lado do pai. Ela não tinha permissão para levar o bebê Kyle às enfermarias, devido a um surto de pneumonia. Com Paul no auge de sua temporada de pesca marítima e seus parentes incapazes de observar o bebê por mais de um dia, isso significava que Issy não tinha outra escolha senão retornar a Corey com seu filho, deixando suas irmãs mais novas com seu pai.

Kyrstin e Laire, que ficaram num motel em Nags Head, se revezavam sentadas ao lado da cama do pai, esperando que ele acordasse em breve.

Na tarde de domingo, com Kyrstin no motel tirando uma soneca, era a vez de Laire, e ela segurou a mão encolhida de seu pai na dela, lendo a Bíblia e orando para que ela tivesse mais tempo com ele.

— Laire — Ela abriu os olhos e viu a enfermeira Patty, atribuída aos cuidados de seu pai, olhando no quarto. — Há alguém aqui para vê-la. Ele está no setor das enfermeiras.

— Meu primo? Harlan Cornish?

— Não peguei o nome. Um homem, porém, com um grande buquê de

flores.

Tio Fox havia telefonado antes para dizer que Harlan poderia estar chegando para visitar, e quase chorou com o alento ao vê-lo.

Ela assentiu ansiosamente. — Certo. Mande-o para dentro.

— Eu farei isso. — Patty lançou um olhar para seu paciente. — A cor está boa.

— Quando você acha que ele acorda?

— Difícil dizer — disse ela. — Seu corpo cria o coma para se proteger. Mas seus sinais vitais estão a cada dia melhores. Tenha esperança.

Os olhos de Laire se encheram de lágrimas inúteis e dolorosas, e ela assentiu, olhando para o pai. Quando ouviu o som dos pesados passos de um homem, ela não olhou por cima do ombro.

— Ei, Harlan. Você pode colocar as flores em qualquer lugar.

— Laire.

A voz não era de Harlan, mas era tão familiar - suave e preocupada, profunda e bonita. Era a voz de seus sonhos, de seu tormento e de todo espaço intermediário. A respiração de Laire encheu-se com uma explosão repentina de amor que ela não queria sentir, mas ela estava no controle de si o suficiente para não se virar e encará-lo.

— Laire? Como você está, querida?

— Erik — ela murmurou. — O que você está fazendo aqui?

Sua mão pousou em seu ombro. — Eu estava preocupado quando você não apareceu para trabalhar. Liguei para o King Triton.

Ela cruzou a cabeça para encará-lo. — Você fez o quê?

— Eu fingi que eu era um dono do café — ele disse, seus olhos se importando instantaneamente enquanto eles varriam cuidadosamente seu rosto.

— O que... — Ele se contraiu, estendendo a mão para tocar suavemente o curativo cobrindo seus pontos de sutura. — O que aconteceu com a sua cabeça?

Ela recuou do seu toque, rapidamente segurando sua mão e deixando-a cair no ar entre eles. — Não toque.

Ele procurou seus olhos. — Ok. Mas o que aconteceu...

— Não importa. Você não pode ficar aqui.

— Eu estava preocupado.

— Você. Não. Pode. Ficar. Aqui — ela repetiu num sussurro grave e urgente, lançando olhares preocupados para seu pai, que dormia pacificamente, antes de olhar para Erik. — Vá.

— Laire — ele disse, suas sobrancelhas se estreitando — Eu só...

— Você tem que ir — ela insistiu, voltando-se para o pai. — Agora.

— Eu vou esperar por você...

— Não.

— ...na cafeteria — ele disse, sua voz séria e perdendo a paciência. — Não vou embora até você falar comigo.

— Você não *entende*? — Ela rosnou de forma furiosa, seus olhos brilhando, arrependimento e raiva correndo em meio às emoções confusas. — Meu pai quase morreu! Ainda pode morrer! Eu não posso falar com você. Vá para casa, Erik. Volte para Raleigh. Volte para Duke. Me deixe em paz!

Suas palavras o derrubaram. Ela viu. Ela sentiu isso. E dóia como uma faca afiada em um lugar suave.

— Te deixar...?

— Para sempre. Falo sério — ela disse, mantendo o rosto encarando-o enquanto as lágrimas malditas desciam por seu rosto, traindo-a. — Por favor, saia.

— Querida, não tenho que partir até quinta-feira. Eu posso ficar aqui com você todos...

— Não, você *não pode*! Você não está me ouvindo! — Ela chorou. — Eu não sou sua querida Eu não sou nada sua. Nós éramos apenas um... uma aventura. Uma fantasia. Eu sou um ilhéus; você é um forasteiro. Acabou.

Ele se encolheu, seu rosto retorcido enquanto suas palavras lhe atingiam.

Laire desviou o olhar, sufocou um gemido e ignorou a rachadura e a quebra de seu coração. Já havia sido rasgado pela metade entre seu pai e seu amante. Agora, essas metades estavam se estilhaçando em pedaços minúsculos, fragmentos doloridos, nesta sala de hospital onde seu pai estava inconsciente e seu amante implorava por algo que ela não poderia dar: mais tempo. Eles ficaram sem tempo de forma espetacular, e tudo o que existia entre eles não se era real – parecia uma fantasia, como um doce sonho que terminou em um pesadelo horrível.

— Por favor — ela implorou.

— Eu não entendo.

— Não há nada para entender. O verão acabou. Já *terminamos*.

Ele estava inclinando-se para ela, mas logo se endireitou, ainda olhando para ela, seus olhos carregados e confusos ao encará-la. Sua voz baixa, mas feroz, seu rosto tão destruído como seu coração, ele perguntou: — Por quê... Por que você está fazendo isso? Sinto muito pelo seu pai... mas *nos amamos*.

Ela sugou uma respiração dolorosa, a verdade de suas palavras corroendo-a. Ele a *adorava*, e ela o *amava*, mas Laire Maiden Cornish obteve uma dose sombria e repentina de realidade quando seu pai entrou num problema cardíaco por causa de sua imprudência. Ela e Erik eram uma impossibilidade no mundo real. Não adiantava fingir de forma diferente.

— Não — ela disse, odiando-se, odiando-o, odiando o pai, deitado imóvel e silencios entre eles, odiando as irmãs e a Pamlico House e todo o fodido mundo. — Não era real, Erik. Não era real.

Ele ofegou, piscando para ela com incredulidade enquanto seu rosto ficava branco. Branco. Como a dor. Ela podia ver isso. Ela podia sentir isso, e isso a queimava como nunca sentira antes.

— Você não pode dizer isso, queri...

— Laire? Tudo bem? — Sobre o ombro de Erik, Kyrstin apareceu, com as mãos nos quadris logo atrás de Erik. — Estou de volta. Acordei cedo.

— Kyrst — ela murmurou, apertando a mandíbula para tentar estancar as lágrimas.

— Eu sou Kyrstin — disse ela a Erik. — Você é...?

— Ninguém! — disse Laire, saltando da cadeira ao lado de seu pai. Ela passou os olhos de Kyrstin para Erik. — Ele não é ninguém. Ele está no quarto errado. Você estava saindo, não estava?

Os olhos de Erik fecharam-se como se ele tivesse sido esmurrado, e quando eles abriram, eles brilhavam de pesar. Ele se virou para Kyrstin. — Sim. Eu... de saída.

Kyrstin ergueu as sobrancelhas, examinando-o antes de deslocar o olhar sobre Laire, que estava com os punhos apertados ao seu lado. Depois de um momento, ela voltou o olhar para Erik. — O setor das enfermeiras pode ajudá-lo a encontrar quem você está procurando.

Erik apertou o queixo, depois engoliu em seco, balançando a cabeça para Kyrstin antes de olhar para Laire.

— Me desculpe — ele disse, e se esses fragmentos tivessem alguma chance de reparar, agora eles foram expelidos como poeiras pela profunda tristeza, profundo arrependimento, ela ouviu em sua voz. — Lamento ter incomodado você.

Ele se inclinou para colocar as flores na mesa ao pé da cama de seu pai, encontrou seus olhos uma última vez, depois virou-se e saiu do quarto.

Ela o observou ir, sentiu a queimadura em seus pulmões e nos olhos dele e em todos os lugares que ele tocara tão carinhosamente. Ela nunca

conheceu dor assim. Nem quando sua mãe morreu. Nunca. E, no entanto, ela piscou até as lágrimas se retirarem. Então levantou o queixo e olhou para a irmã.

Laire e Kyrstin ficaram em silêncio, frente a frente, nenhuma delas dizendo nada.

Finalmente, depois do que parecia uma eternidade, Kyrstin puxou uma cadeira para o lado oposto da cama de seu pai e sentou-se, pegando a mão direita do pai, e Laire, que tinha escolhido, para bem ou para mal, sentou-se em frente à sua irmã e pegou sua esquerda.



Capítulo 15

Três meses depois

Erik Rexford estava bebendo demais.

Suas notas eram uma merda.

Tinha sido colocado no banco dos reservas dos Devils.

Estava por um fio tanto na parte acadêmica quanto social.

E a mídia ia ao delírio.

Havia rumores sobre por que ele havia mudado de um atleta “menino de ouro” da faculdade para um *bad boy*, fora de controle, bêbado, que havia sido suspenso durante o resto da temporada de hóquei depois de três brigas no gelo.

Alguns atribuíram a mudança ao seu relacionamento “vai-e-volta” com

Vanessa Osborn, que tinha sido conquistada pelo cineasta independente britânico Phillip Longfellow, conhecido nos círculos sociais como o quinto Visconde Longfellow, durante uma temporada de verão em Londres enquanto Erik permanecia na casa de verão da família em Outer Banks.

Outros se perguntavam por que Erik manteve-se no anonimato durante todo o verão. Em vez de festejar com seus irmãos de fraternidade em Durham ou esquentar as páginas da sociedade em Raleigh, ele havia sido visto apenas uma vez: com Vanessa, em uma festa na Mansão do Governador em julho. Talvez ele estivesse deprimido? Ou consumindo drogas?

Havia outros que acenavam seu mau comportamento para além dos hormônios da faculdade, e ainda outros que o chamavam de pirralho mimado que precisava de uma mão mais firme.

Somente Erik, e sua irmã, Hillary, conheciam o verdadeiro motivo da grande mudança em sua disposição:

O coração de Erik Rexford tinha sido quebrado permanente e irrevogavelmente.

Buzz, buzz, buzz.

Buzz, buzz, buzz.

— Caralho, cala a boca! — gritou Erik, jogando um travesseiro extra de sua cama na direção de seu celular, que provavelmente ainda estava no bolso do *jeans* que ele usara na noite passada.

Buzz, buzz, buzz.

— Porra!

Esquivando-se do fluxo de luz brilhante que filtrava através da janela do quarto, ele gemeu quando virou as costas.

Buzz, buzz, buzz.

Buzz, buzz, buzz.

— Merda, Hills!

Escorregando nu da cama, ele pegou o *jeans* do chão e tirou o telefone ofensivo. Bateu o botão “Falar”, e pressionou o telefone em sua orelha.

— É o quê?

— Ah, vejam lá: a voz doce do meu irmão querido. Bom dia para você também.

— Está muito cedo — disse ríspido, sentado na beira da cama.

— É meio dia.

— Que merda você quer?

Hillary suspirou, e ele imaginou que ela esfregava a testa em consternação. — Então, que também Ação de Graças na quinta-feira. Minhas aulas terminam amanhã. Você está indo para Buxton, ou o quê?

Ação de graças.

Porra.

Ele odiava a palavra. Ele não queria ouvir isso. Ele definitivamente não queria celebrá-lo.

— Não.

— Então você está me jogando aos lobos.

— Fancy está furiosa comigo. Papai não pode me ver sem explodir. Tenho certeza de que os dois prefeririam que eu não estivesse lá.

— Tenho certeza de que ambos prefeririam se você tivesse sua merda resolvida.

— Hills...

— Eu sei o que aconteceu — disse ela com pressa — e sei que isso te machucou. Muito. Mas você deve seguir em algum momento. Você não pode se

autodestruir!

— Por que não? — Ele perguntou suavemente, apertando o maxilar e engolindo o nó gigante em sua garganta.

Laire tinha sido tão severa, tão fria, naquele dia no hospital, ele tentou voltar no dia seguinte, esperando que ela tivesse suavizado um pouco, mas ela disse às enfermeiras que não o permitissem entrar. Elas haviam observado sua carteira de motorista e pediram educadamente que ele fosse embora. Sem outra escolha, ele voltou à escola que começou na quinta-feira, mas ele chamou King Triton mais vezes do que ele poderia contar durante as primeiras duas ou três semanas de volta a Duke.

A primeira vez que ela respondeu, seu coração disparou ao som de sua voz e ele implorou que ela não desligasse. Ele podia ouvir sua respiração no telefone, entrecortada e superficial, enquanto ele dizia que a amava. Mas não passaram mais de dois ou três segundos antes de ouvir o clique da chamada desligando e o sinal de linha.

Cerca de uma semana depois, ela atendeu novamente, mas desta vez ela falou primeiro.

— Pare de ligar para cá.

— Laire? Laire, querida, preciso conversar com você. Por favor, apenas...

— Já acabou, Erik.

— Não. Não posso aceitar isso.

— Você está se iludindo.

— Diga-me o que posso fazer. Por favor. Por favor, Laire.

— Acabou. Você precisa me deixar ir.

E a ligação foi desligada.

Ele não conseguia pôr a cabeça no lugar. Não conseguia entender. Sim,

seu pai teve um ataque cardíaco, e ele sabia que ela amava seu pai, e ele entendia que a maneira fria que se comportou no hospital, embora incrivelmente dolorosa para ele, fazia sentido. Sua irmã estava indo e vindo. Seu pai podia acordar a qualquer momento. Ele ainda era um segredo. O tempo era péssimo.

O que ele não entendeu foi por que ela não se acalmou até agora. Por que ela insistia que eles acabaram? Por que ela pensou que o amor que tinham compartilhado era apenas uma fantasia? Por que ela o colocou para fora de sua vida depois de ter compartilhado o verão mais incrível juntos?

Sua mente voltou àquela noite passada uma e outra vez. Teria sido um teste? Para ver se ele manteria sua palavra sobre fazer sexo? E ele a decepcionou – falhando no teste – deixando as coisas chegarem tão longe quanto foram? Se isso fosse verdade, ele morreu logo, matando sua felicidade traindo-a... exceto que ela ficou toda a noite depois disso, acordando em seus braços e dizendo que o amava.

Eles tinham planejado, ao invés disso, de se verem durante o Dia de Ação de Graças. E talvez o que ele odiasse mais sobre si mesmo fosse isso, enquanto ele sabia, racionalmente, que ela tinha rompido com ele no hospital, uma parte de seu coração ainda esperava desesperadamente que ela aparecesse.

Mas se não o fizesse – se o Dia de Ação de Graças viesse e acabasse sem ela – eles teriam real e verdadeiramente terminado.

E se isso fosse verdade, o que ele deveria fazer com o amor que ele tinha por ela? Era grande e amplo e real para ele, esse amor branco e lindo que saturava seu coração e vivia vibrantemente em suas memórias sobre eles. Seu coração estúpido não podia soltá-la. Ele pensou nela, sonhou com ela à noite, olhou para ela em seu telefone. Ele bebeu demais nas festas para entorpecer a dor, não conseguia se concentrar em seus estudos, e brigou demais nas partidas de hóquei porque estava confuso e bravo. *Bravo?* Não. *Furioso*. Ele estava furioso por ter dado as costas à melhor coisa que já conheceu.

Ele a amava.

Foda-se, mas ele a amava mais do que sua própria e miserável vida.

A autodestruição soava perfeita.

— Porque eu amo você — disse Hillary suavemente. — Porque eu preciso de você. E porque se você não for para o Ação de Graças e ela aparecer, você não vai se perdoar se não estiver lá.

Foda-se, mas sua irmã o conhecia muito bem.

Seu coração apertou e ele inclinou a cabeça, sua voz quebrando quando ele perguntou: — Mas e se ela não aparecer?

Hillary suspirou. — Então é hora de catar os pedaços e, finalmente, continuar.

Não posso. Não posso seguir sem ela. Estarei preso aqui no inferno, amando-a, para sempre. As lágrimas se juntaram em seus olhos vermelhos e molhados, descendo por seu rosto.

— Tudo bem — ele disse, suavemente, odiando-se por almejar — Eu estarei lá.

Laire escreveu o pedido que acabara de atender ao telefone, ajustando seu encosto no banquinho do King Triton e esticando o pescoço para frente e para trás. Com o sol do fim do dia brilhando através das janelas e seu tio e pai fazendo entregas, a loja estava quieta e seus olhos, pesados. Ela suspirou, descansando os cotovelos no balcão e a cabeça nos cotovelos. Isso acontecia todas as tardes ultimamente: essa sonolenta e pesada vontade de dormir

Fadiga. A própria palavra a assustou. Ela tinha ouvido o suficiente enquanto a saúde de sua mãe estava em declínio.

Algo estava errado com ela, e ela estava ignorando os sintomas já por algumas semanas, mas hoje, uma vez que estava calmo, ela precisava entrar na internet e tentar descobrir o que estava acontecendo. Seu pai tinha uma deficiência de ferro após o primeiro ataque cardíaco – talvez fosse isso? Ela rezou para que não existisse algo errado.

Abrindo os olhos e sentando-se, ela clicou no *mouse* e esperou uma

página de busca aparecer.

Além da fadiga diária, o cheiro de certos tipos de peixe, que nunca a incomodou antes, agora viravam-lhe o estômago. Isso sem mencionar, um apetite fora de controle de repente. Como resultado, ela ficou um pouco liberal em relação à “comida de conforto” neste outono, e suas calças *jeans* estavam apertadas e desconfortáveis. Ela estava com excesso de peso e constantemente cansada e tinha náuseas ocasionais.

Ela também estava triste.

Fodidamente triste o tempo todo.

Uma concha triste se comparado ao seu eu anterior.

Ela estava triste por ter causado o ataque cardíaco de seu pai e vinha trabalhando todos os dias para recuperar sua confiança e amor. Mas era uma batalha árdua, e cada vez mais, ela suspeitava que algo mudou - ou foi destruído - entre eles. Ele mal podia olhar para ela nos olhos. Não havia provocações, sem perguntas sobre o dia dela. E quando ele olhava para ela, sua vergonha era tão aparente, tão afiada e grossa, que a fazia se encolher de repugnância. Ela não sabia como, mas precisava se redimir. Ela precisava desesperadamente recuperar o amor de seu pai.

E não era apenas o pai dela. Estava triste que Kyrstin e Issy a olhassem de forma diferente agora: não como sua amada irmãzinha, mas alguém manchada, alguém um pouco sujo, alguém que não seguia as regras e tinha tido problemas. Eles não sabiam onde ela estava naquela noite, mas eles a estudaram com olhos astutos, tentando descobrir se ela ainda era pura. Ela não era, é claro. Ela virou uma qualquer agora. E apesar de ter valido a pena no momento de abrir as pernas para Erik Rexford, ela não sabia se valia a pena agora pagar o preço por sua luxúria e hedonismo.

Estava triste por todo o resto de Corey Island ter descoberto sobre a noite, quando o pai dela a procurara freneticamente naquela noite. E agora eles especularam em sussurros que paravam abruptamente, sobre onde ela estava, e com quem. Ela tinha sido o destaque da roda de fofocas Corey por meses, o assunto de rumores sussurrados e altivos, e olhares de esguelha. Passaria muito tempo até que os ilhéus se esquecessem da fatídica noite. Na verdade, era um episódio que a seguiria pelo resto de sua vida, mudando a forma como as

pessoas a viam e interagiam com ela. Ela era um pouco menos digna agora. Um pouco mundana demais.

Ela estava tão triste, que não tinha projetado uma blusa ou um vestido em meses, não que alguém tivesse perguntado. Mas seus dedos não estavam interessados em criar algo bonito. Nem para si mesma ou para outra pessoa. Era como se toda a energia criativa tivesse sido abandonada quando viu Erik sair da sala do hospital do pai com um coração partido. Era como se ela tivesse matado a melhor parte de si mesma quando ela rasgou o coração dele e pisoteou.

Ela estava tão triste que se proibiu de pensar em Erik porque ela se preocupava com sua sanidade se ela o fizesse. Quando sonhava com ele, acordava chorando incontrolavelmente e até acordava o pai uma ou duas vezes.

O amor que ela sentia por ele era incessante e latejante, uma ferida aberta em seu coração que a fazia sentir que estava morrendo por dentro. Ao contrário da vida dele, que certamente acelerou com seu retorno à faculdade, a dela diminuiu a velocidade. Proibida de usar o barco de seu pai, ela estava presa em Corey, trabalhando todos os dias no King Triton, onde seu pai e seu tio estavam constantemente por perto e podiam ficar de olho nela. Uma vez que quase ninguém falava mais com ela, ela ficava sozinha com suas pensamentos, e se torturava, repensando sua decisão de tirar Erik de sua vida. Mas qual foi a alternativa dela? Sua decisão de estar com Erik quase havia matado seu pai. Não importava o quanto ela amasse Erik, ela amava seu pai mais, não é? Sim, é claro que sim. Ela *deveria*, certo? Uma boa filha escolheria a saúde do pai sobre o amor de sua vida, não é?

E, no entanto, seu amor por Erik não havia morrido, como esperava. Vivia forte e dolorid, dentro dela, esperando por um dia em que pudesse continuar crescendo.

Ela suspirou, sentindo-se mentalmente exausta quando olhou de volta para o computador.

O cursor estava piscando.

Ela digitou “ganho de peso, fadiga, náusea” e pressionou *Enter*. O site médico apresentou uma lista de possíveis preocupações com a saúde:

Depressão. Bem, sim. Isso fazia sentido. Mas seus sintomas eram

físicos, não apenas mentais. Ela sentiu isso em seu intestino – algo mais significativo estava acontecendo.

Diabetes tipo 2. Hmm. Ela mordeu o lábio inferior, tentando lembrar se havia diabetes em ambos os lados da família, mas ela ficou descrente. Ainda assim, ela rasgou um pedaço de papel de um bloco de notas no balcão e anotou a doença.

Insuficiência cardíaca congestiva. Sua respiração engatou. Certamente, problemas cardíacos ocorreram em sua família, considerando os dois ataques cardíacos de seu pai. Ela escreveu as três palavras cuidadosamente, franzindo o cenho para elas.

Hipotiroidismo. Ela leu a palavra lentamente em voz alta, “Hipo-tireoide-ismo”, e seus dedos ficaram instantaneamente frios, afastando-se do *mouse* com horror enquanto olhava para a segunda sílaba.

Tireoide.

Sua respiração engatou enquanto ela sussurrou novamente, “Tireoide”.

A mãe de Laire morreu de câncer de tireoide medular, um câncer que poderia ter sido tratado se descoberto antes do estágio 4.

Sem esperar outro momento, ela pegou o telefone e discou o Centro de Saúde Hatteras, fazendo uma consulta para ver a enfermeira amanhã e alguns exames de sangue da tireoide.

Como ela não tinha permitido usar o barco de seu pai desde o dia em que ela voltou da noite com Erik, ela perguntou a Kyrstin se a levaria para Hatteras para seu compromisso, e depois de compartilhar seus medos, Kyrstin concordou.

Na próxima tarde, Laire sentou-se inquieta na mesa de exame coberta de papel, enquanto uma enfermeira preparava três frascos de plástico para um exame de sangue e outra enfermeira analisava a urina de Laire em uma pequena sala ao lado do banheiro.

Uma batida na porta da sala de exames fez Laire olhar.

A enfermeira que fez a análise de urina entrou na sala. — Posso, uh, falar com você por um segundo? — Perguntou à colega. — Não tenho certeza de que você precise, hum, fazer a comparação.

— Pode nos dar um momento?

Laire passou alguns minutos *on-line* ontem, lendo os sintomas do hipotireoidismo e, com cada página adicional de informações, estava cada vez mais certa de que ela estava sofrendo de um precursor da doença que havia matado sua mãe.

De forma estranha, sentiu-se em paz com essa realização. Se ela estivesse doente, isso substituiria suas transgressões. Ela teria que passar por cirurgia em Carteret, como sua mãe, e talvez até quimioterapia semanalmente. Seu pai e irmãs teriam que levá-la para o continente, cuidar dela e se preocupar com sua segurança e cuidado. E talvez isso parecesse louco, mas se o câncer fosse o motivo necessário para uni-los, Laire estava pronta para enfrentá-lo. Não. Mais do que isso. Ela estava pronta para abraçá-lo.

A enfermeira voltou a entrar na sala, respirando fundo e levantando a cabeça para o lado enquanto olhava para Laire.

— Laire, na sua ficha de admissão, você disse que não era sexualmente ativa.

Ela olhou para a enfermeira, que segurava um pedaço de papel na mão.
— Não sou.

A enfermeira tomou outra respiração profunda, sua testa franzindo enquanto olhava para o papel. Quando ela olhou de volta para Laire, sua expressão era severa. — De modo nenhum?

A mente de Laire remontava a sua noite com Erik, mas ele mal tinha estado dentro dela por mais de alguns segundos, e ele tinha gozado em seu estômago. Isso não contava, não é?

— Não, eu...

— Laire, querida — disse a enfermeira, dando um passo à frente e colocando uma mão calmante em seu braço —, você tem certeza de que não

estive com ninguém? Sexualmente? Talvez... não por escolha? Alguém... a forçou ou...

— Não! — Ela disse, balançando a cabeça quando empurrava o braço para trás. — Nada assim! Eu juro.

— Então...

Ela olhou para o papel na mão da enfermeira, o estômago apertando-se com preocupação. — O que isso diz nesse papel?

— Bem, parece que seu teste de urina revelou a presença de... — Ela fez uma pausa, procurando o rosto de Laire. — ...hormônio de gravidez hCG. De fato, encontramos 288.000 mUI / ml na sua urina. Esse nível é compatível com uma mulher que está grávida de dez a doze semanas.

Laire. Parou. De respirar.

Ela olhou fixamente para a enfermeira, com um horror absoluto, tentando desesperadamente entender o que a enfermeira dizia.

A enfermeira sorriu gentilmente. — Também explicaria sua fadiga, aumento de apetite e ganho de peso, especialmente em torno do abdômen.

— Não.

— Sim eu acho...

— Grávida? Você está dizendo que eu estou grávida? — ela gritou.

— É o que parece. Sim.

Quando a enfermeira pegou o braço novamente, Laire balançou a cabeça, murmurando: — Não. Não não não não não. Você está errada. Você está... errada.

— Eu não acho que estejamos.

— Você está! — Ela gritou.

— Acalme-se, Laire — disse a enfermeira, apertando o braço

gentilmente. — Você precisa se acalmar.

— Não! Isso não pode estar acontecendo! Pensei em câncer. É câncer, como minha mãe!

— Nós ainda podemos fazer exames de sangue se você quiser, mas você não tem sintomas reais de hipotireoidismo que não podem ser explicados pela gravidez. Este diagnóstico faz mais sentido, e o exame de urina..

— Eu não me importo com isso! *Está errado!*

— Não está errado. — A enfermeira olhou para a folha na mão novamente. — Está correto, Laire. Você está com cerca de três meses.

— Oh, meu Deus, não! Isso não pode estar acontecendo! — Ela gritou, pulando da mesa e afastando-se da enfermeira.

—Querida — disse a enfermeira, levantando-se e erguendo as palmas das mãos. — Está bem. Você precisa se acalmar, ou vai fazer mal ao...

— Cale a boca! — Ela gritou. — Não está bem! Não está! Não é verdade!

As lágrimas escorreram pelo rosto quando a enfermeira abriu a porta, ligou para a outra enfermeira, falou com ela brevemente, depois voltou para Laire.

— Laire, existem opções.

Opções? Em Corey Island? Com o pai dela? Com suas irmãs? Não. Não havia opções. Não havia mais que rejeição e vergonha e humilhação. Opções?!

Ela chorou com uma risada aguda que parecia tão louca quanto se sentia.

— Por favor, sente-se de volta, Laire. Eu apenas pedi a enfermeira para chamar sua irmã.

— O quê? — Ofegou Laire, seus olhos se alargando quase

impossivelmente. — Não! Nãããoo! Não diga a ela! Não...

Ela avançou, afastou a enfermeira e correu da sala de exames, tentando chegar a Kyrstin antes de ouvir a verdade vergonhosa, mas, quando ela chegou na sala de espera, um olhar no rosto de Kyrstin disse que ela estava muito atrasada.

— Laire — disse Kyrstin, olhando pelo ombro da enfermeira, com a voz um sussurro, o rosto pálido. — O que é que você fez?



Capítulo 16

Laire e Kyrstin caminharam pela estrada, até o café Dancing Turtle, em silêncio, o único som era de um frasco de vitaminas pré-natal tremendo como um chocalho de bebê na bolsa de Laire com cada passo que ela dava.

Sentada em uma mesa junto às janelas, Kyrstin pediu duas xícaras de café, depois cruzou as mãos na mesa, esperando para falar até que Laire finalmente olhasse para cima e encontrasse seus olhos.

— Então? — Perguntou Kyrstin. — O que você estava fazendo?

Laire fungou, balançando a cabeça. — Eu não sei.

— Eu só pensei que você estava comendo muitas rosquinhas.

— Não brinque — disse Laire.

— Não estou! — Insistiu Kyrstin. — Você está com uma barriguinha

de cachorro, Laire. Não vai demorar muito antes que outros percebam isso também .

— Eu não posso... Não posso...

— Você não pode o quê? Não pode tê-lo ou não pode abortá-lo?

Laire estava encarando uma fenda mesa, mas levantou a cabeça e olhou para sua irmã com horror. — Eu não vou matar meu bebê!

O bebê de Erik.

Pela primeira vez desde o recebimento da notícia devastadora, seu coração apertou com a grandeza: o bebê de Erik. Dentro de seu corpo. Ela deixou cair as mãos na barriga e descansou sobre o pequeno inchaço de forma protetora.

— Ótimo — disse Kyrstin, balançando a cabeça bruscamente para a garçonete que trouxe o café. — Uma decisão tomada. Você vai mantê-lo.

— Eu vou mantê-lo — sussurrou Laire, incapaz de tirar um sorriso minúsculo de seus lábios, quando se permitiu lembrar, pela primeira vez desde que ela o deixou naquela manhã, o quão bonita ela se sentia nua nos braços dele.

— Onde, *exatamente*, você vai criá-lo? — Perguntou Kyrstin, mexendo um pouco de creme no copo fumegante e forçando Laire a voltar sua atenção ao assunto.

Laire alcançou o açúcar e derrubou o pote, deixando os cristais brancos caírem em seu café. Eles lembraram-lhe de areia em uma ampulheta, movendo-se rapidamente quando precisava de mais tempo.

— Eu não...

— Vai matar o papai — disse Kyrstin, com voz fria e olhos letais. — Apenas para deixar claro, pequena Laire, vamos rever os fatos: você desapareceu com um garoto desconhecido dando-lhe uma coronária. Grávida e solteira? Isso o matará. — Kyrstin apertou o maxilar antes de tomar seu café. — Então, vou perguntar novamente: onde você vai criar seu bebê?

Um arrepio passou por Laire, congelando seu breve momento de felicidade.

Kyrstin estava certa.

Descobrir que sua filha de 18 anos e solteira estava grávida mataria Hook Cornish, então ela tinha algumas opções: uma, casar ou duas, deixar Corey antes de começar a aparecer.

— Casar? — perguntou timidamente Kyrstin.

— Bem. Essa é uma opção. Se casar, e então você pode dizer ao papai que era um bebê de “lua de mel”. Todos saberão que não é, mas ninguém dirá nada se você for casada.

Laire agitou o café distraída, permitindo sua mente, pela primeira vez em mais de dois meses, pensar – realmente pensar – sobre a possibilidade de um futuro com Erik Rexford.

— Então, com quem você vai se casar?

— Como assim *com quem* — Laire inclinou a cabeça para o lado. — Com o pai do bebê, é claro.

— E ele ficará emocionado com isso, hein?

Laire deixou cair o olhar de sua irmã, pensando no rosto lindo de Erik, sua voz desesperada no telefone, a maneira como ele a olhou, falou com ela e segurou-a. *Eu te amo, Laire.*

— Eu não sei se ele ficará emocionado, mas ele me ama. — Ela assentiu. — Eu acho que ele fará o que é certo.

— Laire — disse Kyrstin. — Eu nunca perguntei, mas era ele, não era? No hospital naquele dia?

Laire encontrou os olhos de sua irmã, engolindo enquanto admitia a verdade. — Sim.

— Ele é local? De Ocracoke? Ou...

Ela balançou a cabeça. — Turista de verão.

— Oh, merda — sussurrou Kyrstin. — De onde?

— Ele tem uma casa em Buxton.

— De onde? — perguntou Kyrstin novamente.

— Raleigh. — Ela respirou profundamente antes de nivelar os olhos com Kyrstin. — O nome dele é Erik Rexford. Ele é... — Ela engoliu novamente. — Ele é o filho do governador.

Kyrstin a olhou por um momento, com a boca aberta. — Governador do quê?

— Ca-Carolina do Norte.

— *O quê?* Por que diabos você está falando isso? — Ela segurou sua xícara de café congelada ante os lábios. — Você estava se encontrando com a merda do filho do governador no verão? *Ele* que te engravidou?

Laire assentiu, tomando um pequeno gole do café, mas achando muito amargo para apreciar.

— Oh, Laire — disse Kyrstin, tomando um longo gole, os olhos arregalados sobre a borda registrando choque completo e total. — Meu Deus.

— Vou vê-lo — disse Laire rapidamente. — Nós tínhamos... nós tínhamos um plano... de nos encontrarmos no Dia de Ação de Graças.

— Vocês tinham um *plano*? — Kyrstin zombou. — Nós nem sabemos como as pessoas gostam desse trabalho! Laire, você não sabe se ele fará o certo! Meu Deus. Isto é...

— Ele vai. Eu sei que ele vai. Eu o conheço. Ele me ama.

— Como você sabe disso? — Kyrstin inclinou-se para a frente. — Eu pensei que você tinha terminado com ele naquele dia no hospital. Já faz meses. O suficiente para ele ter seguido em frente.

As palavras bem escolhidas de Kyrstin atingiram um ponto sensível, e Laire estremeceu, estendendo a mão para limpar as lágrimas que começaram a cair.

— Eu pensei que estava fazendo a coisa certa.

— Como assim?

— Papai estava doente e eu estava tão assustada, Kyr. Eu pensei... Eu precisava ser uma boa filha. E eu... Eu o culpei. Nós passamos o verão juntos, mas meu pai estava inconsciente, enquanto ele estava voltando para sua vida de fadas na faculdade. Não era justo. Era mais fácil acreditar que não havia nenhuma chance para nós...

— Que melodrama. Você precisa de um plano — disse Kyrstin, esfregando os lábios. — Você falou com ele desde então?

— Ele tentou me ligar no King Triton em setembro, mas...

— Mas o quê?

— Eu disse a ele para parar de me incomodar. Eventualmente ele parou.

— Então você não teve contato com ele em dois meses, mas vai caminhar até a casa dele, dizer-lhe que está grávida e pedir-lhe que se case com você? — Ela riu do jeito que Laire riu do médico no consultório, alto e um pouco nervosa. — Esse não é um plano.

— Qual outra escolha eu tenho, Kyrstin?

Kyrstin encarou bem sua irmãzinha, os lábios cerrados numa linha fina e branca. Quando ela falou, sua voz era baixa e implacável. — Esqueça o filho do governador. Encontre um garoto da ilha e foda-o rápido.

Os olhos de Laire se arregalaram de horror e ela recuou em seu assento. — Não.

Kyrstin assentiu. — Brodie ainda está no páreo. Bebe muito. Você teria que seduzi-lo somente uma vez.

— Não! — Laire soluçou. — Eu não quero Brodie! Eu amo Erik!

— Quem se importa? — Grunhiu Kyrstin em um sussurro furioso. — Você precisa de uma solução e eu estou dando uma a você.

— Não posso fazer isso — disse ela, chorando.

— Laire! — Disse Kyrstin com ferocidade, alcançando as mãos de sua irmã. — Você precisa se casar rápido. Rápido, está me ouvindo? Você deve se casar e fazer do modo certo... — Ela procurou os olhos de Laire freneticamente enquanto seu aperto pressionava mais — ... ou você nunca poderá voltar para casa. Sabe disso, não? Você entende? Jamais. Você estaria morta para nós. Para sempre.

Laire apertou o queixo enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto.

Kyrstin continuou, seu tom e os dedos implacáveis. — Então, resolva o que tem que fazer e faça. Você arrumou essa bagunça. Trate de limpá-la.

— Eu entendi — soluçou Laire, soltando as mãos e esfregando nelas o sentimento doloroso. — Entendi.

— Eu não sinto pena por você, Laire — disse Kyrstin, embora sua voz, preocupada, a traísse. — Você não quer dar uma chance para Brodie Walsh? Bem. Então, após o jantar de Ação de Graças com o papai, diremos que você vai passar a noite em minha casa, e Remy pode levá-la até Buxton. Você pode contar ao seu... namorado, o que aconteceu, diga-lhe que tem que se casar com você — é o melhor para você.

— Por que você não acha que ele vai? — perguntou Laire, sua voz suave e falhada. — Por que não pode ser otimista?

— Porque eu não sou uma maldita idiota. Porque essas pessoas não são como nós. Eles não vivem suas vidas da mesma forma que nós, Laire. Eles têm valores diferentes, prioridades diferentes. Você sabe disso. Você não pode esperar nada. Eu certamente não. Quando você voltar de Buxton com seu coração em frangalhos, você pode escolher um garoto da ilha e criar um encontro. Deixe-o bêbado. Foda-o. E ele fará o esperado.

— Eu não posso seduzir alguém que não amo, então meu bebê tem um

pai. Não posso... — disse ela, estendendo a mão para secar seu rosto de novo. A própria ideia assustava sua alma. Presa em Corey pelo resto da vida com um homem que ela não amava? Era um destino pior do que a morte para Laire, que queria muito mais do que Corey poderia oferecer.

— Então pegue um anel do filho do governador — disse Kyrstin acidamente — e boa sorte.

As dúvidas de Kyrstin fizeram que Laire estremecesse, fez a dúvida habitar nela. Mas Erik a amava, não era? Sim. Sim, ela tinha certeza que sim. Então, novamente, medo e raiva fizeram com que ela escolhesse sua família ao invés de Erik. Ela o rejeitou e o machucou, o forçou a sair da vida. E se ele parasse de amá-la? E se ele tivesse seguido em frente, como ela havia pedido para fazê-lo?

— E se ele não me der um? — Ela murmurou, temerosa. — Um anel?

Kyrstin ergueu o queixo, seu rosto triste por um instante antes de tornar-se decidido. — Então você sabe o que você tem a fazer. E se você não fizer isso, não venha para casa.

Laire fez o caminho de Corey para Buxton mais de cem vezes ao longo do verão, mas agora? Em meados de novembro com um Remy frio e silencioso no leme? Estava congelado e úmido, e completamente desagradável. Nada como os dias longos e quentes do verão, quando ela adorava sentir o vento em seus cabelos e pensar em seu amor florescendo com Erik Rexford.

Kyrstin explicou a Remy o que aconteceu, e Laire sentiu sua desaprovação e desgosto com os olhares que ele lhe dera hoje. Ela mal conseguia comer um bocado de peru, o único vislumbre de esperança era quando olhava Issy com o bebê Kyle e pensava que teria seu próprio anjinho para amar em seis meses.

A coisa mais surpreendente sobre descobrir-se grávida, há dois dias, foi a velocidade com que seus sentimentos sobre a maternidade mudaram. Laire sempre considerou a gravidez como uma armadilha – uma maneira de manter uma garota da ilha em Corey para sempre, quer ela quisesse estar lá ou não. Mas

agora? Com o bebê de Erik crescendo dentro dela? Seu coração inteiro mudou. Seu amor por seu filho ou filha rivalizava somente com seu amor por Erik, e com uma esperança que beirava o desespero, ela rezou para que Erik a acolhesse de volta à sua vida. Eles descobririam uma maneira de fazer funcionar, certo? Uma vez casados, ele poderia voltar para Duke para se formar, e ela poderia viver com Kyrstin e Remy até ele ter seu diploma. E tudo bem, seu pai talvez não amasse a ideia a princípio, mas uma filha respeitável casada, com uma criança a caminho, acabaria por trazê-lo de volta, não?

E uma vez que Erik terminasse a faculdade, o céu seria o limite: ela e Erik e seu bebê poderiam formar uma nova vida onde quisessem. Ela não se importaria com o lugar, desde que estivessem juntos.

Entrando na doca dos Rexfords na escuridão, ela olhou para Remy, perguntando-se brevemente se alguma vez o veria de novo, dando voz ao pensamento, e dando um sorriso fraco, ela diz: — Eu vou te ver em breve?

— Eu sou obrigado a deixá-la aqui. — Remy encolheu os ombros. — E Kyrstis disse para lembrá-la a não voltar caso não esteja usando um anel.

— Eu não vou — disse ela. *Mas vou pegar aquele anel. Eu sei isso.*

— Então, uh, boa sorte, acho — disse Remy, levantando a mão em despedida quando ele se afastou da doca e voltou para a Costa escura.

Ela engoliu nervosamente, observando as luzes da popa cada vez menores, até que ela não podia mais vê-las, então ela se virou e caminhou até o calçadão.

Saia comigo...

Não posso...

As vozes do passado a assombravam quando ela pisou com cuidado sobre as tábuas no escuro, lembrando a primeira vez que ela colocou os olhos em Erik Rexford.

Eu vou te encontrar! Isso é uma promessa, Laire Cornish!

Inferno! Ok! Você ganhou!

Quando ela alcançou o convés da piscina, podia ver uma festa na sala de estar, um grande grupo de pessoas segurando taças de champanhe conforme garçonetes em preto e branco passavam bandejas de prata.

Deus, por favor, não permita que ele me odeie, ela rezou silenciosamente. Por favor, deixe-o entender que eu apenas o mandei embora porque estava com medo e ferida.

Ela caminhou ao redor da piscina, pelas cadeiras onde tinham estado com as mãos juntas, observando as estrelas e falando sobre o Dia de Ação de Graças.

Aqui estava ela, depois de tudo.

No dia de Ação de Graças.

Ela parou a uma curta distância das portas de vidro, olhando para a festa dentro, o pianista que tocava canções alegres e o feliz barulho de cristal contra o cristal das taças. Ela não viu Erik, mas ele estava lá em algum lugar, e seu coração apertado com alegria, com esperança e, sim, com alívio. Ela sentia falta dele. Ela sentia falta dele desesperadamente para sequer expressar em palavras.

Dando um passo à frente, levantou o queixo e...

— Posso ajudá-la? — perguntou uma voz suave e profunda, e Laire virou-se para a direita para ver Fancy Rexford, a Primeira-dama da Carolina do Norte e a mãe de Erik, apoiada em uma coluna de varanda na escuridão, um cigarro aceso pendurado nos dedos, o botão alaranjado brilhante e bonito na escuridão.

— Boa noite, senhora — ela sussurrou. Limpou a garganta, dizendo a si mesma para ser corajosa quando ela se afastou das portas e passou para o lado da Sra. Rexford. — Feliz Dia de Ação de Graças.

— Quem é você? — perguntou sem preâmbulo.

— Eu vim ver Erik.

— Você? — perguntou ela. — E... Erik conhece você?

Ela assentiu. — Sim, senhora. Nós somos, um.... nós somos amigos.

— Amigos? — Ela perguntou, olhando para a blusa verde e saia preta simples de Laire com pedantismo. — Que *amiga*? Eu nunca vi você antes.

Ela tinha um copo de cristal na outra mão, cheio de cubos de gelo e líquido transparente, e ele bateu quando sorriu, lembrando a Laire do primeiro momento que viu Erik.

Laire não foi facilmente intimidada, mas a Sra. Rexford era formidável, mesmo no escuro, talvez especialmente no escuro. Ela limpou a garganta. — Bem, nós, um... passamos algum tempo juntos neste verão.

— Você? E Erik? — Ela riu, um leve som tinindo como aquelas garotas em novelas ou nos filmes. — Ah, não. Não, querida. Acho que não.

— Eu juro para você. Conheço Erik. Eu preciso... Preciso vê-lo. É urgente. — Suas mãos se moveram para a barriga de forma protetora, e os olhos de Fancy caíram no estômago de Laire, apertando-se em compreensão antes de deslizar lentamente de volta para o rosto.

Ela colocou o cigarro entre os lábios, agarrou o braço de Laire e a puxou para uma sombra, voltando aos seus olhos.

— Quem *diabos* você pensa que é? — perguntou em um silvo, sua voz feroz com ameaça.

— Senhora...

Fancy largou o braço de Laire e soprou um fluxo de fumaça no céu antes de olhar para ela. — Você está invadindo a minha propriedade.

— Não, Senhora. Fui convidada.

— Não por mim, você não foi.

O coração de Laire acelerou e sua respiração tornou-se mais errática. — Por Erik.

— Eu não acredito em você — disse ela, jogando nova baforada de seu

cigarro. — Provavelmente viu sua foto em uma revista.

— Por favor, senhora.

— Por favor, o quê?

— Eu preciso vê-lo.

— Por quê?

— Eu estou... esperando.

Os olhos de Fancy brilharam com fúria, e ela deu um passo à frente, forçando Laire a voltar para a piscina, mais longe da casa. — Você está esperando uma vírgula... porque você é uma mentirosa e uma oportunista e uma maldita alpinista social que vem aqui no dia de Ação de Graças com suas mentiras difamando meu filho.

— Não, senhora, eu juro — disse ela, dando um passo atrás. — Estou dizendo a verdade. Por favor, deixe Erik...

— Não — disse Fancy, tomando outro gole de sua bebida. — O que você quer? Dinheiro? Você ouviu que Erik Rexford passava seus verões nos Banks, e você criou um plano para extorquir dinheiro de sua família? Não seria a primeira piranha a apresentar um plano tão inteligente, mas você subestimou seu alvo, garota.

— Como... O que você quer dizer?

— Meu filho? Meu Erik? Está comprometido. Já há um bom tempo que se comprometeu com outra, e é como eu sei que ele nunca esteve com você .

— O-o quê? Como assim?

Fancy jogou o cigarro no chão e pegou o braço de Laire novamente, segurando-o com um aperto forte e puxando-a para as portas deslizantes. Estava escuro lá fora, enquanto eles podiam ver, não era provável que as pessoas dentro da festa pudessem vê-las.

Desta vez, Laire encontrou Erik imediatamente, e seu coração

explodiu de alegria, então apertado em tristeza. Seus cabelos escuros, grossos e indisciplinados, eram tão familiares, seus dedos se contraíram para tocá-lo. Mas enquanto acariciaria o rosto dele, era impossível não notar que estava pálido e desanimado. Havia perdido peso. Por causa dela? Ele estava tão apaixonado por ela quanto ela por ele? Ela deu um passo em direção a ele, mas os dedos de Fancy cavaram dolorosamente em seu braço.

— Vê aquela garota deslumbrante ao lado do meu lindo filho?

Pela primeira vez, Laire percebeu que Erik tinha o braço em torno de uma beleza de cabelos escuros, vestida com um vestido de alta costura creme e dourado. Ela segurava uma taça de champanhe como se tivesse nascido com aquilo nas mãos, sorrindo para Erik como se ele tivesse lhe dado a lua. Quem era ela? E por que ela parecia tão familiar?

— Essa é Vanessa Osborn — disse Fancy. — O eterno amor de Erik, Van.

Van. Van. Seus pulmões pararam de funcionar. *Mas Van era...era...*

— Van? — Ela repetiu tonta, olhando para a bela garota que ela tinha visto em tantas fotos da sala de estar de Erik. — Não, aquela não é Van.

— É claro que é — disse Fancy, largando Laire para saborear seu coquetel. — Conheço Van toda a minha vida. Erik também.

Com os olhos, Laire rastreou o braço de Erik descansando confortavelmente em torno dos ombros de Vanessa, sua mão curvada possessivamente sobre o ombro como uma capa.

— Não. Não —ela disse fracamente, sua voz se quebrando quando a terrível verdade das palavras de Fancy aprofundava. — Van é um homem. Ele é...

— O que diabos você está falando? Isso parece um homem para você?

— Não — soluçou Laire suavemente, olhando para eles juntos – suas cabeças escuras juntass e rostos perfeitos e compatíveiss. Vanessa teria uma voz profunda e cultivada como a mãe de Erik, não? Um acento do sul bonito e refinado para combinar com o de Erik. Ela era perfeita para ele. Ela era sua

parceira em todos os sentidos.

... O que significava...

Oh, Deus.

....Ele mentiu para ela. Ele permitiu que ela acreditasse que ele estava disponível quando claramente não estava. Ele permitiu que ela pensasse – toda vez que ele mencionava Van – que ela era um *ele*, quando realmente era... ela era *dele*...

— Oh, Deus — sussurrou Laire, quando as lembranças que ela cultivou começaram a se quebrar, recontextualizadas em terríveis mentiras.

— Por quê? — Ela gemeu, seu corpo inteiro tremendo quando olhava para os dedos dos pés. *Por quê?*

Para levá-la para a cama? Ter duas garotas ao mesmo tempo? Foi uma brincadeira doente foder uma garota da ilha? Ela era apenas um desafio? Ele sentiu alguma coisa por ela? Ele acabou de usá-la para uma aventura de segunda mão? *Oh Deus, por quê?*

Ela olhou novamente. Van –Vanessa – levantou a mão, na qual ela usava um anel de diamante. Ela puxou-o na frente de Erik e riu enquanto ele encolhia os ombros, então riu com ela.

Fancy, que havia acendido outro cigarro, inclinou-se mais para Laire, seu tom conspirador. — Vê o anel no dedo? Era da minha avó. Agora é dela.

O vento foi sugado dos pulmões de Laire, e seu estômago se virou com os poucos pedaços de peru que ela conseguiu segurar. *Ele está noivo. Ele está comprometido com outra pessoa. O anel que eu preciso pertence a outra pessoa.*

Ela soluçou, afastando-se da mãe de Erik e avançando rapidamente para os arbustos que rodeavam o convés da piscina.

— Aw — disse Fancy. — Que maravilha.

Laire curvou-se, vomitando até que seu estômago estivesse vazio, então virou-se para Fancy, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Fancy ergueu o queixo, colocando as mãos nos quadris. Ela escaneou o corpo de Laire com desgosto, passando um momento extra na barriga dela. — Eu não sei quem você é, mas meu filho passou o verão com Vanessa. Ele esteve com ela por meses. O que faz de você uma mentirosa.

Os ombros de Laire tremiam de tristeza, com o alcance e a magnitude de sua traição, e ela inclinou a cabeça, olhando infeliz para o convés da piscina. Tinha sido tão crédula. Que idiota.

— Entre você e eu? — disse Fancy gentilmente. — Foi uma boa tentativa.

— Uma boa tentativa? — perguntou Laire, olhando confusa para a Sra. Rexford.

— Um bom plano. Uma simples garota local. Talvez esteja ou talvez não, grávida. Seria o suficiente. Causaria simpatia. Aparece na casa do governador no dia de Ação de Graças, quando há muitos convidados, muitas testemunhas. Afirmando que ele a engravidou. Esperto. Uma mentira, mas inteligente.

Laire balançou a cabeça enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto, mas o nó na garganta tornava impossível uma resposta.

O rosto de Fancy de repente se endureceu, seu tom, silencioso e letal quando ela se aproximou de Laire. — Mas você sabe o que eu odeio? Meninas que afirmam terem sido tocadas, estupradas ou enganadas. Eles arrastam o nome de um rapaz pela lama, espirram suas mentiras sujas em todos os jornais. Então elas admitem: “Eu só queria dinheiro. Eu só queria atenção”. Exceto que essa história imunda segue o rapaz a vida toda. — Ela cravou um dedo no peito de Laire. — Bem, não *meu filho*.

Laire afastou-se um pouco. — Sra. Rexford...

— Você foi desmascarada, garota — disse Fancy, apagando seu cigarro no convés até a luz laranja ser esmagada. — Você escolheu o rapaz errado para mexer.

Você escolheu o rapaz errado.

Laire virou a cabeça, olhando por cima do ombro para ver Erik balançar a cabeça com indulgência para Vanessa antes de apertar seu ombro. Van olhou para ele de forma adorável, dizendo algo que o fez rir, e toda esperança – cada pedaço de esperança para um final feliz com Erik Rexford – morreu dentro de Laire, deixando-a fria e vazia, a não ser pela pequena vida que merecia algo muito melhor do que ele.

Você escolheu o rapaz errado.

Ela estendeu a mão e secou as lágrimas, levantando o queixo enquanto olhava para os olhos de Fancy Rexford. — Você está certa.

Fancy inspirou fundo e assentiu. — Claro que estou. Mas, como um favor de agradecimento a você, não vou chamar a polícia e vê-la presa por este pequeno plano. Não estou interessado em causar uma cena.

— Eu escolhi o rapaz errado — disse Laire em um instante. — Me desculpe por fazê-la perder seu tempo.

— Siga seu rumo agora — disse Fancy, terminando a bebida. — E nunca mais ponha os pés na minha propriedade novamente. Se fizer isso, ficarei encantada em processá-la.

Ela estreitou os olhos para Laire, depois voltou para a festa.

Laire observou sua figura delgada entrar pelas portas deslizantes e caminhar em direção a Erik, a quem ela beijou na bochecha, antes de beijar Van. Ela pegou a mão de Van na dela, admirando o anel com uma piscadela antes de voltar o olhar, de volta para o pátio. Com um sorriso vitorioso, ela assentiu uma vez, depois voltou para o filho e sua noiva.

E Laire, que era invisível na escuridão, afastou-se de Fancy, de Erik e de sua Van, de Utopia Manor e de tudo o que poderia conectá-la com os Rexfords. Ao redor da casa, depois da cozinha e da garagem, correu para a estrada e continuou correndo.

— Eu tenho que devolvê-lo a você — disse Van para Fancy. — É adorável, mas eu não me perdoaria se perdesse!

— Aw! É apenas um anel de *cocktail*[\[4\]](#). E parece perfeito em você, querida. Vá em frente e divirta-se na festa — disse Fancy em uma voz cantada, a respiração, uma mistura de cigarro e gim. — Talvez um dia seja realmente seu.

As bochechas de Van coloriram enquanto ria suavemente. — Ah, Fancy...

— Ah, nada — disse a mãe dele. — Eu sei que vocês, crianças, gostam de sua privacidade, mas sempre que estiver pronto para tornar oficial, Erik, estou pronta para planejar o casamento da década!

Erik revirou os olhos. — Mesmo, mãe...

Fancy inclinou-se para a frente e beijou sua bochecha novamente, agarrando o rosto com uma intensidade pouco característica. — Você sabe que eu o protegeria de qualquer coisa, meu querido. Você sabe disso, certo?

Erik estranhou, por um momento, a súbita fúria de sua voz. — Mãe? Você está bem?

— Estou um pouco alta — ela disse, soltando seu rosto com uma risada suave. Ela piscou para ele, sorrindo como uma garotinha. — Me deem licença?

Ele a observou atravessar a sala, sua marcha certa e elegante, embora provavelmente tivesse álcool para derrubar um cavalo. “Estar alta” era uma expressão pitoresca para “bêbada”, o que explicaria seu comportamento estranho.

— Ela é uma coisa — disse Van, sorrindo afetuosamente.

— Verdade — disse Erik, tirando o braço de seus ombros. Ele se acostumara a fingir ser namorado de Van durante o verão e ainda não tinha se cansado do hábito, embora o ardil fosse desnecessário agora que ele e Laire terminaram.

— Eu não pude acreditar quando ela me disse para experimentá-lo —

disse Vanessa, admirando o anel ainda em seu dedo. — Era da avó dela, mas ela disse que um dia poderia ser meu.

— Eu a ouvi. — Erik deu uma gargalhada. — Mas nós não estamos nem mesmo namorando, Van.

— Eu sei — ela disse numa voz cantada, tomando um pequeno gole de Champagne. — Mas nós poderíamos.

— Não ouvi que você estava com um conde? — Ele perguntou.

— Apenas um *visconde* — disse ela, sorrindo para ele, ignorando seu humor. Ela encontrou seus olhos, encarando-o. — Erik, não estou apressando nem nada, mas você deve saber... Eu sempre tive sentimentos por você.

— Desculpe. — Ele olhou para ela com tristeza. — Eu só vejo você como uma amiga.

Seu rosto perdeu um pouco de esperança, mas ela inclinou a cabeça para o lado bem coquete. — Eu aposto minhas chances de que isso poderia mudar. Você poderia me levar para o Baile de Inverno de Wake Woods; Eu poderia ser sua namorada em Duke. Podemos passar algum tempo juntos nas férias de Natal... ver o que rola.

Sobre o ombro de Van, lá fora no *deck* da piscina, ele viu uma sombra se mover na escuridão, e por um segundo – por uma fração de segundo – seu coração disparou, pensando se Laire havia chegado depois de tudo. Seu coração parou. Sua respiração prendeu, e ele se aproximou das portas corrediças, colocando as palmas das mãos no vidro, olhando para a escuridão, seu coração tremendo de esperança.

— Erik? — perguntou Van, que o seguiu.

— Você... você viu alguém?

— O quê? Lá fora?

— Eu acho que vi alguém! Uma... uma garota.

— Está maluco? Está frio como o pólo norte lá fora!

Erik abriu a porta e entrou no *deck* da piscina, olhando para frente e para trás, mas não havia ninguém lá. Nenhum barco ancorado na doca. Nenhuma garota doce e suave que lhe dizia que ainda o amava. Nada além do leve cheiro do cigarro de sua mãe, preto e apagado aos pés.

— Eu pensei... — Ele sufocou, seu interior torcendo pela decepção. — Eu pensei ter visto...

— Não há ninguém aqui fora — disse Van da porta. — Volte para dentro antes de pegar uma doença.

Ela não veio.

Ela não veio.

Eram nove horas da noite de Ação de Graças.

Ela não estava vindo.

Ele olhou para o convés vazio da piscina, na doca vazia, controlando a respiração entrecortada. Ela não estava aqui e ela não estava vindo. Eles haviam terminado - Erik Rexford e Laire Cornish acabaram - e era hora de ele encarar a verdade.

Seu coração estava quebrado além do reparo, e ele não queria repará-lo. Ele queria que ele parasse para sempre. Era a única maneira de protegê-lo de nunca mais quebrar novamente. Alcançando, ele apertou a palma da mão sobre a bagunça quebrada de tecido e sangue dentro do peito, prometendo deixá-la ficar naquele estado.

As palavras de Hillary voltaram para ele: *é hora de juntar os pedaços e finalmente seguir em frente.*

Ok.

Sim, ele continuaria agora.

Mas nunca mais se deixaria apaixonar novamente. Nunca. Se ele não podia confiar em Laire, que parecia tão sincera, tão honesta e verdadeira, então ele não podia confiar em ninguém. Ele voltou para a casa. Entrando na sala de

estar, viu sua mãe no outro lado da sala, flertando com um dos amigos de seu pai, sentindo seu sangue mudar de caloroso e esperançoso para morto e frio.

As mulheres eram enganosas e com duas faces, falsas e desonestas.

Elas eram carrascas de esperança, assassinos de fé.

Eles poderiam ser usados, como *ele* havia sido usado por Laire para uma aventura de verão, mas esse seria o propósito de vida de agora em diante.

De agora em diante, ele *odiava* as mulheres.

Foi o famoso presente de Ação de graças de Cornish para ele: um legado de dor e destruição, um futuro cheio de ódio e desconfiança do sexo oposto.

— Erik? — disse Van. — Você me ouviu? O que você acha? Sobre nos dar uma chance? Uma verdadeira tentativa?

— O quê? — Ele perguntou a ela, olhando para ela com novos olhos, não a via como uma velha amiga da família, mas como uma inimiga.

— Que tal nos dar uma chance?

— Uma chance — ele disse suavemente, como algo que antes fora tão calmo e inexoravelmente vivido dentro dele, tornar-se inalcançável, incansável, intocável, morto.

— Erik? — Vanessa sussurrou. Ela olhou seu rosto, cautelosamente, seu sorriso esperançoso desaparecendo.

Ele olhou seu corpo de cima a baixo com olhos frios. — Não, obrigado.

Laire caminhou cegamente durante a noite, suas lágrimas tornavam o caminho embaçado quando o vento frio, atingindo-a da Costa e do oceano, mordiscavam suas bochechas molhadas. Ao caminho da Rota 12, ela

simplesmente andava, sem rumo, tentando processar tudo o que acabara de ver e ouvir.

Embora o tivesse visto de pé com o braço em volta de Van –Vanessa – parte dela ainda não podia acreditar.

Quantas vezes ele disse que a amava? Insistiu que ela era linda? Garantiu-lhe que a queria em sua vida?

Como poderiam ser mentiras?

— Malditas mentiras — ela soluçou, ouvindo a voz de Kyrstin em sua cabeça: *porque essas pessoas não são como nós. Elas não vivem suas vidas da mesma forma que nós, Laire. Eles tem valores diferentes, prioridades diferentes. Você sabe disso. Você não pode esperar nada.*

Ela estava certa. Kyrstin estava cem por cento certa. E Laire fora uma tola de proporções épicas. Uma tola grávida. Uma tola que se recusou a ir para casa e enganar um menino local em casamento. E não podia ir para casa, porque o anel que deveria ter sido dela estava no dedo de outra garota.

Depois de vinte minutos de caminhada, ela encontrou-se em pé na frente da Pamlico House, piscando de surpresa quando mais lágrimas brotaram em seus olhos. Havia apenas uma pessoa no mundo que queria ver, que poderia, possivelmente, ajudá-la.

Ela foi até a porta de trás da cozinha e bateu, perguntando à lavadora de louças se poderia encontrar a Sra. Sebastian e mandá-la para fora.

Ela acariciou sua barriga através de sua saia preta, sussurrando suavemente: — Nós merecemos algo melhor do que ele, *feijãozinho*. Você merece melhor.

— Laire? — disse Sra. Sebastian, saindo da cozinha, cheirando a calor e peru assado, um contraste com o frio da noite. — Laire, querida? Que surpresa!

— Sra. Sebastian! — Ela soluçou, se jogando nos braços da mulher mais velha e chorando muito em seu ombro.

— Laire! Oh céus! O que há de errado? Você está bem?

Ela não tinha palavras. A profundidade de seu pesar e medo, preocupação e exaustão, era tão profunda, que não podia responder.

Mas agradecia ao Senhor por pequenas misericórdias porque a Sra. Sebastian, no que era provavelmente a noite mais movimentada do ano, segurava uma Laire desesperada e aflita, esfregando suas costas e – sem saber de nada – prometendo-lhe que tudo ia dar certo.

INTERLÚDIO

O Diário de Natal de Laire

O primeiro natal

Querido Erik,

Você me comprou este diário para esboçar o melhor dia da minha vida: o nosso dia perfeito nos Elizabethan Gardens. Esse foi o dia em que você me disse que estava se apaixonando por mim, e embora eu não tenha dito as palavras, eu sabia que em mim elas também eram verdadeiras. Eu disse três dias depois na peixaria de meu pai. Você veio me dizer que estava indo para Raleigh por alguns dias, a única maneira que encontrou para fazê-lo.

Meu Deus, que ator você *era*! Que ator você *é*. Não consigo impedir que minhas lágrimas caiam quando me lembro desses preciosos dias com você, porque, seja quem você for, você não é o Erik por quem eu me apaixonei. Você é um estranho para mim. Na íntegra. Completamente. Quando penso em você agora, eu o chamo de o *Filho do Governador* em minha mente. Eu odiarei você até o dia em que eu morrer. Eu te prometo isso.

Mas não escrevo ao Filho do Governador; Estou escrevendo isso para o *meu* Erik - para o homem que eu conhecia. Embora ele realmente não exista, eu o amei. Ainda o amo. É provável que para sempre.

Eu escrevo estas palavras para ele porque, não importa quão infiel foi comigo, Filho do Governador, eu fui a mais verdadeira com o meu Erik.

Naquele dia no hospital quando eu nos chamei de fantasia, eu estava mentindo. Eu era uma garota assustada mentindo para o garoto que ela amava desesperadamente, esperando que ao desistir do que ela mais amava no mundo, a barganha aliviaria a fúria de Deus e deixaria meu pai viver.

Deu certo, até certo ponto.

Meu pai viveu, embora numa mudança cruel do destino, eu o tenha

perdido. Ele nunca confiou em mim novamente e mal podia olhar nos olhos, sem vergonha.

E o Erik que amei acabou por ser uma fantasia, então, eu também o perdi.

Mas não posso viver em um mundo tão brutal e cruel, tão infiel e inconstante como o do Filho do Governador. Não vou me permitir endurecer. Não permitirei que seu veneno toque minha vida. Afinal, quase não o conheci. Eu posso escolher separá-lo do Erik que perdi.

Que Erik, esse homem bom, gentil, amoroso e terno, é preservado no meu coração, assim como seria se o tivesse perdido por um trágico acidente àquela terrível noite de Ação de Graças. É para esse Erik que eu escrevo aqui. Para o homem que eu conhecia... porque, para mim, ele era real. E vou escrever para você, meu Erik, até eu parar de sofrer sua perda. Espero que um dia eu tenha a coragem e a força para amar de novo.

Preciso que saiba que estou grávida de um filho seu.

Descobri ontem que ela é uma menina e planejo chamá-la de Ava Grace, como a garotinha que conhecemos naquele dia nos Elizabethan Gardens. Eu a vi no ultra-som ontem, e ela tem dez dedinhos nas mãos e nos pés e mal posso esperar para ver se seu cabelo será escuro como o seu ou ruivo como o meu.

Ava Grace é apenas uma das várias mudanças importantes na minha vida. Outra é que eu agora moro em Boone, muito longe dos Outer Banks, nas colinas de Appalachia. O Dia de Ação de Graças foi a última noite de trabalho da Sra. Sebastian na Pamlico House. Depois que eu saí de sua casa, corri para ela, e quando ela saiu do trabalho, bebemos um chá em frente à mesa da cozinha. Cercadas por caixas de mudança, ela me convidou para deixar os Banks e me juntar a ela em Boone. Eu não tinha outras opções, então, eu aceitei.

Vivemos em uma casa pequena com vista para as montanhas. É perto do filho dela, Patrick, que tem vasta cabeleira castanha e olhos gentis e é professor de inglês na Appalachian State University. Seu quarto extra é meu quarto, e logo também será o berçário de Ava Grace.

Não sei como pagarei a gentileza da Sra. Sebastian, mas se houver

uma chance, vou fazê-lo. Ela é muito mais do que uma amiga, às vezes imagino que minha própria mãe a enviou como um anjo para cuidar de mim nesta jornada. Estou muito agradecida a ela.

Liguei para a minha irmã Kyrstin no dia seguinte ao Dia de Ação de Graças. Ela não ficou surpresa ao ouvir que as coisas não funcionaram entre mim e o Filho do Governador. Ela me desejou sorte e disse que ia dizer ao nosso pai que eu tinha fugido. Acredite ou não, Erik, essa mentira será muito mais gentil do que a realidade de que eu não sou casada e espero seu filho.

Tenho um emprego em Harris Teeter, uma mercearia realmente boa em Boone. Depois de ter o bebê, eu posso tentar encontrar outra posição de garçonne. Minhas gorjetas em Pamlico House eram boas.

Ava Grace se mexe dentro de mim o tempo todo, e eu choro até dormir, sentindo sua falta, de luto por sua perda e sonhando com seu rosto. Esses sonhos são brutais, lembrando-me de minuciosos detalhes da maneira como você me tocou, Erik – o jeito que você me olhava e me dizia o quanto me amava. Eu sinto tanto a sua falta, isso me dilacera por dentro, mas você se foi, e a única maneira de eu sobreviver à sua perda é imaginar que está morto.

Minhas lágrimas estão manchando a tinta, então vou parar por agora.

Feliz Natal, meu Erik.

Laire

O Segundo Natal

Querido Erik,

Muito aconteceu em um ano, é difícil imaginar que há tanto tempo abri o diário e escrevi para você, mas vou tentar atualizá-lo com tudo que aconteceu.

Nós temos uma filha, Ava Grace Cornish, que tem sete meses de idade e é o bebê mais feliz que você já viu. E por que ela não deveria ser feliz? A Sra.

Sebastian (conhecida como Nana e Judith) cuida dela como a avó que ela perdeu há muito tempo, e o tio Patrick provavelmente comprou cada animal de pelúcia disponível em Boone. Eles cobrem o seu berçário (meu quarto antigo) e meu quarto (o quarto extra, agora meu) e o quarto de Judith (Nana não o teria de outra forma), e Ava ri e ri quando os fazemos dançar e brincar.

Ela ri todo o tempo, Erik, e ela tem o seu sorriso.

Ela também tem seus olhos escuros.

E seu nariz lindo e régio.

Mas ela teve sorte (!) E herdou meus cabelos vermelhos. Você não pode ter tudo!

Ela é a minha luz brilhante e a alegria da minha vida, e não importa o que aconteceu com o Filho do Governador, eu sempre vou lhe agradecer, meu Erik, por tê-la me dado.

Depois de tê-la, tive dias difíceis, sentindo falta de meu pai e minhas irmãs, e, claro, de você. Num dia, tive vontade de dirigir até a Duke e apresentar Ava Grace ao Filho do Governador. Mas Judith me mostrou algumas fotos dele no *Google*. Ela me mostrou uma foto dele de mãos dadas com Vanessa Osborn em um evento na Duke, e outra dele na graduação de sua irmã do Ensino Médio em junho.

Mais doloroso de tudo, ela me mostrou uma foto do Filho do Governador beijando Vanessa Osborn em uma festa em Raleigh no mesmo julho que eu estava me apaixonando por você, Erik. Foi esmagador, é claro. Era a prova de tudo o que a Esposa do Governador tinha me contado naquele terrível Dia de Ação de Graças: ele estava com Van e comigo ao mesmo tempo. E, no final, ele escolheu Van.

Depois disso, coloquei as vãs esperanças de dirigir até Duke de lado, ou sequer me aproximar do Filho do Governador. Lembrei-me de que nunca o conheci. E me obriguei a seguir em frente pelo bem de Ava.

Meus cartões de Natal para meu pai e Issy foram devolvidos ao remetente sem serem abertos este ano, tal como no ano passado, mas o de Kyrstin não foi devolvido. Espero e oro que algum dia meu pai e minhas irmãs

me perdoem e encontrem espaço para mim e minha filha em suas vidas novamente.

Sinto que preciso dizer que sei que você não é real, Erik. Sei que você nunca existiu. Ainda sonho com você o tempo todo, mas minhas memórias não machucam tanto quanto há um ano. E isso ajuda. Mas só um pouco. Às vezes eu sinto que vou sofrer sua perda pelo resto da minha vida, Erik. Ainda anseio por ti - pelo homem que tanto amei - de forma constante e dolorida, desejando que você pudesse ver e conhecer a nossa filha. Seus murmúrios de prazer. Do jeito que ela se alegra quando a alimento com purê. O quanto ela ama a piscina na faculdade. O doce cheiro de sua cabeça quando adormece em meus braços.

Judith pediu-me para colocar a mesa, e, como Ava finalmente cochilou, acho que eu deveria ir. Mas queria escrever minha carta anual antes que o dia terminasse.

Sinto sua falta.

Como sinto sua falta.

Feliz Natal, meu Erik.

Laire

O terceiro Natal

Querido Erik,

Pensei em não escrever este ano, arrancar este estúpido diário e jogá-lo na lareira de Judith. Não sei por que não o fiz. Há apenas uma dúzia de páginas escritas, e levará anos para preenchê-las. Talvez eu o mantenha como um registro para Ava Grace. Ou talvez saber da existência desse diário me permita mantê-lo em uma caixa que eu só abro uma vez por ano. Por algum motivo, o diário sobreviveu. E aqui estou, exausta depois de um dia de Natal muito longo e emocionante, escrevendo para você, meu namorado imaginário que nunca

existiu.

Meu Deus. É loucura. Eu sei. Eu sei.

Ava Grace tem dezenove meses de idade. Dezenove meses. Às vezes não consigo acreditar nisso.

Ela disse “Mama” aos nove meses e “Nana” e “Unca” (para Patrick) aos doze meses, e começou a andar aos catorze meses. Ela já anda tão rápido agora que todos nós temos que ter cuidado com o que deixamos à vista porque ela se mete em tudo. Ela é alta e seu cabelo vermelho (que tornou-se muito mais escuro do que o meu - seus genes) se enrola ao redor de seu pescoço. Ela diz “Eu quero yoos” para suco de laranja e “Gat Found”, para o gato de Judith, Flounder. Seu personagem de livro favorito é Biscuit. Sua música favorita é de Laurie Berkner.

Agora eu estou simplesmente divagando.

Ah, aqui vai uma novidade!

Eu comecei a faculdade em setembro, se você puder acreditar. Sim, eu fiz. Economizei mais de US \$3.000 no verão que trabalhei na Pamlico House, e outros US \$10.000 trabalhando na Harris Teeter. Uma vez que Judith se recusa a aceitar meu aluguel ou ajuda (teimosa, querida Judith), tenho praticamente o valor, pude facilmente pagar minhas mensalidades.

Estou há quatro meses em meu primeiro ano, e me especializo em *design* de moda e *merchandising*. Sim, eu queria ir para o norte, mas Nana está aqui e Nana toma conta de Ava, então aqui é onde eu fico. LOL. Patrick me dá carona à escola todos os dias e me traz para casa de tarde. Ele tem sido um bom amigo para mim, levando-me para conhecer alguns de seus amigos, embora eu seja doze anos mais nova, e certamente ele deve sentir por mim como ele sentiria por uma irmã mais jovem. Mas seus olhos ainda são gentis e seus cabelos ainda são selvagens, e quando canta para Ava Grace dormir, meu coração aperta um pouco.

Principalmente porque sinto sua falta.

Principalmente porque eu queria que fosse você.

Impossível, eu sei. Personagens imaginários não podem cantar para fazer garotinhas dormirem.

Ela aponta para Patrick às vezes e diz: “Dada”, e todos prontamente dizemos “Não, Ava. Unca!”, mas faz-me perceber que ela vai fazer perguntas algum dia, e o que vou contar a ela sobre você?

Talvez eu diga que muito tempo atrás, Mama se apaixonou por um príncipe de cabelos escuros que morava em um castelo na praia. Isso está perto da verdade, não é? Certamente nunca poderei contar-lhe sobre o Filho do Governador. Um nó, metade tristeza, metade ódio, ainda se forma em minha garganta quando penso nele.

Alguns meses atrás, quando abri uma conta para mim, procurei-o no *Facebook*. Como não somos amigos lá, não pude ver grande parte de sua conta, além de quatro ou cinco imagens de perfil: ele estava tão bonito quanto eu lembrava, com cabelos escuros e olhos e grossos cabelos castanhos. Mas seu rosto estava endurecido e seus olhos, frios. Perguntei se ele quem havia mudado, ou eu. Seus olhos sempre foram tão frios e eu nunca notei? Porque na minha memória eles eram quentes e vivos. Eu não sei. E imagino que nunca o saberei. Mas a tristeza esmagadora no meu coração me fez chorar por várias noites seguidas depois que Ava ia dormir, então, prometi a mim mesma que não voltaria a olhar sua conta do *Facebook* por um longo, longo tempo.

Meu pai retornou seu cartão de Natal sem abrir novamente este ano, mas Issy e Kyrstin não. Na verdade, Kyrstin me ligou ontem, na véspera de Natal, e falamos pela primeira vez em mais de dois anos. Foi estranho, é claro, mas sinto que é um progresso. Issy teve um segundo filho, chamado Konnor. E Kyrstin e Remy finalmente abriram o Chateau le Poisson. Ela parecia muito orgulhosa. Eu espero que tudo vá bem.

Sinto sua falta.

Minhas memórias desvanecem um pouco, mas meus sentimentos não. Meu coração não parece deixar de te amar. E quando eu sonho com você, meu Erik, eu posso ouvir sua voz profunda, suas palavras brandas no meu ouvido... *Sardas... querida... Eu te amo, Laire... Eu te amo... Te amo...*

Eu acordo com o travesseiro molhado e o coração pesado.

Desejo o dia em que não doa mais.

Temo também, porque, então, você terá desaparecido e estarei sozinha.

Feliz Natal, meu Erik.

Laire

O quarto Natal

Querido Erik,

Eu me resignei a esta tradição anual: sentar com este diário e escrever para você – você é a lembrança de um namorado que nunca existiu. #Doente. Ótimo, Laire. E sei que é estupidez, e provavelmente um psiquiatra diria que eu sou louca, mas não consigo evitar. Quero gravar meus pensamentos uma vez por ano. Você fez grande parte da minha vida, e eu quero falar com você, e essa é a única maneira que posso.

Sem você, eu não teria tido Ava, não teria deixado os Banks, não estaria em meu segundo ano na faculdade. Quando pego esse diário, sinto-me como uma viúva escrevendo pensamentos para o marido morto, e talvez isso esteja errado, mas também é realmente reconfortante. E não está machucando ninguém afinal de contas, certo?

Nossa Ava tem dois anos e meio agora, e os terríveis dois anos não são piadas. Onde foi parar meu bebê sorridente e feliz? Esta nova Ava se contorce ferozmente quando tento prendê-la no assento do carro, lança seu purê no chão e aterroriza Flounder. Apenas na semana passada, ela se deitou no chão em Kohl's e fez um escândalo sobre um vestido de festa de veludo vermelho em vez do verde que eu escolhi. Ela puxou um punhado de vestidos dos cabides e pisou neles para mostrar sua opinião. Isso lhe rendeu nenhum vestido, umas palmadas e ir para a cama mais cedo.

Eu a adoro, Erik. Eu a amo tanto, até mesmo seu espírito indomável e fúria, porque ela é forte. Ela conhece sua mente. Ela sabe o que quer. Ela é tão

diferente de mim – de sua mãe, que tinha medo de arranjar um trabalho, há um tempo, por medo de confrontar o pai. Eu quase não reconheço essa garota mais. Tão presa. Tão jovem. Tão ingênua.

Judith leva Ava à pré-escola duas vezes por semana, e elas são as melhores amigas, Nana e Ava. Até o final do último semestre, Patrick me levou e buscou na faculdade todos os dias, embora eu fosse capaz de comprar meu próprio carro após o Ano Novo. Comecei a desenhar de novo e a vender algumas roupas aos meus colegas de turma. Eu até chamei atenção de alguns dos professores das turmas avançadas, uma dos quais ia para a Parsons, em Nova York. Ela perguntou se poderia enviar alguns dos meus projetos para uma amiga dela em Londres – Madame Scalzo – e quase morri. Tenho certeza de que dará em nada, mas me fez sentir muito bem.

Houve outro grande acontecimento: Patrick me pediu para casar com ele duas semanas atrás.

Eu sinto como se eu tivesse te traído mesmo compartilhando esta notícia, e embora eu não lhe deva nada, quero que saiba que eu nunca dormi com Patrick. Eu o beijei uma ou duas vezes, porém, mais pela solidão do que qualquer coisa. Ele é tão gentil e bom para nós – ele foi a única figura paterna que Ava conheceu. Mas eu encontrei-me comparando os beijos dele com os seus, e sabia que eu não estava me apaixonando por ele mesmo que, aparentemente, ele estivesse se apaixonando por mim. Ele disse que o relacionamento poderia ser apenas uma promessa, e aos poucos fazer crescer nosso amor um pelo outro. Ele adotaria Ava, e poderíamos mudar para sua casa maior perto do campus. Teria sido uma boa vida, Erik, mas eu... Eu só...

As lágrimas estavam molhando a página, então eu parei de escrever, e agora voltei.

Eu não poderia dizer sim. Não pude. Eu me odeio por admitir isso, mas ainda estou apaixonada por você – pela lembrança de você. E até que eu sinta esse tipo de amor eterno por alguém novamente, não quero me casar. Eu sei como é sentir amor com todas as fibras do seu ser, como é acreditar, verdadeiramente, que um homem me ama tanto quanto eu acreditei que você me amou.

Eu sei que é improvável que um raio caia duas vezes no mesmo lugar.

Mas não me casarei com ninguém, a menos que eu o ame e confie nele tanto quanto fui contigo, meu Erik, e sei que é improvável que eu encontre um amor tão forte novamente.

Depois de pensar muito, decidi que serei uma mulher de carreira – uma boa mãe para Ava, é claro, mas também uma mulher que projeta alta moda para as melhores casas de Nova York ou Paris ou Londres. Não sei quanto tempo demorará, mas vou fazer isso acontecer. Eu me apaixonarei por meu trabalho. Farei uma vida boa, sólida e feliz para minha filha. E será suficiente.

Eu prometi-me que não o faria, mas durante o verão, eu pesquisei no *Google* pelo Filho do Governador. Você lembra, aqueles anos atrás, quando você me pediu para não fazê-lo? Eu nunca fiz. Mas agora fui lá e pesquisei.

Não sei o que fazer com o que li e vi.

Ele está em seu terceiro ano na faculdade de Direito e concorrerá ao Senado Estadual no próximo ano.

Eu o vi elegantemente vestido para muitos eventos de moda em Raleigh. Sempre com uma mulher diferente. Todas elas belíssimas. Nenhuma delas aparece duas vezes.

Lembro-me, há muitos anos, quando trabalhei no King Triton, que eu poderia dizer quando um peixe não era fresco na entrega porque seus olhos estavam vazios e opacos. Seus olhos, meu Erik, eram castanhos e profundos, brilhando com humor, amor e ternura. O Filho do Governador tem olhos mortos.

E eu queria que isso não acontecesse, mas isso me deixou triste ao ver.

Dito isto, não me fez chorar.

Feliz Natal, meu Erik.

Laire

O quinto Natal

Querido Erik,

Eu escrevo para você da varanda do meu hotel em Paris.

Sim, Paris.

Estou aqui há duas semanas e, apesar de ter amado todos os momentos, sinto falta de Ava Grace com uma dor que beira o pânico, e quando eu voltar amanhã – Véspera de Natal – ficarei tão feliz por segurá-la em meus braços mais uma vez.

Este é o tempo mais longo que já estive longe dela, mas quando Madame Scalzo, que ensinou um curso de um semestre sobre Tendências Europeias, anunciou que precisava de uma assistente para se juntar a ela no desfile anual de moda *Noël à Paris*, fiz saberem minha intenção e fui escolhida. Quando soube, quase desisti, mas Judith e Samantha, noiva de Patrick, insistiram que, entre os três, conseguiriam gerenciar os horários de Ava Grace e que eu não deveria deixar passar uma chance como essa.

Adorei Paris. Muito. Mas sinto saudade da Carolina do Norte desesperadamente. De minha família adotada, é claro, mas acima de tudo, de nossa filha.

Como posso descrevê-la para você, Erik?

Vamos ver... Ela tem uma franja arrepiada que cai em sua testa e prende seu cabelo em duas tranças vermelhas escuras que Nana aperta todas as manhãs com dois elásticos da mesma cor que a roupa que ela usa. Ela é alta como você, mas esguia como eu. Ela ainda tem seu sorriso e seus olhos quentes e castanhos. Ela ainda não perdeu os dentes, embora Katie, a melhor amiga de Ava na pré-escola, acabou de perder, e Ava está desesperada para ser a próxima. Ela é assim — persistente. Quer ser a primeira, ou pelo menos logo a seguinte. Eu me pergunto como essa qualidade se desenvolverá? Como ambição e disciplina? Espero que sim.

Ela é musical e artística, e ama as aulas de balé mais do que qualquer coisa. Foi na aula de balé, na verdade, onde tio Patrick conheceu a professora de Ava, a Srta. Samantha. Ela é a instrutora de balé de Ava e, em breve, será a titia.

Eles são bons juntos, Patrick e Samantha, e ela se tornou uma de minhas amigas mais chegadas. Sem mencionar, Patrick tem um novo corte de cabelo. Acontece que ele era muito bonito sob toda aquela cabeleira. Talvez eu devesse ter me casado com ele quando ele pediu! LOL!

Meu pai teve um derrame em outubro, e embora eu quisesse ir vê-lo, Issy e Kyrstin insistiram que ainda não era hora. Mas meu cartão para ele não retornou este ano, então, espero que ele esteja amolecendo. Kyrstin, que fez o Château le Poisson em uma pousada próspera, diz que ele só trabalha no King Triton agora. O golpe roubou a força da parte superior do corpo, o que torna impossível para ele pescar caranguejo. Talvez no próximo verão, minhas irmãs me digam que fui perdoada e que ele está pronto para conhecer Ava e me ver de novo. Rezo todas as noites que isso aconteça. Os Sebastians realmente são como uma família para mim nos últimos cinco anos, mas sinto falta do meu pai e das minhas irmãs. Eu quero ter tempo com eles antes que o tempo acabe.

E agora estou triste, e Paris, a Cidade Luz, não é um lugar para se estar triste, especialmente na sua última noite. Eu trabalhei muito para perder a maior parte do meu sotaque Corey e tenho estudado francês por dois anos na faculdade. O meu francês não é bom, mas passável, e, no entanto, constantemente sou perguntada se sou da Austrália. LOL. Acho que esse sotaque não foi totalmente embora, afinal.

Este é o primeiro ano em que não procurei pelo Filho do Governador.

Nenhuma vez.

De modo nenhum.

Mesmo meus sonhos com você, Erik, são cada vez menos e, quando o acontecem, não acordo chorando.

Sempre sentirei a sua falta, é claro.

Mas não dói tão desesperadamente quanto antes.

E por isso, eu sou grata.

Feliz Natal, Erik.

Laire

O sexto Natal

Querido Erik,

Eu tenho uma hora para escrever: Ava será uma ovelha no recital de balé esta noite, e Patrick está vindo buscar a mim e Judith logo.

Judith. Minha Judith, minha mãe substituta, a única avó da minha filha, foi diagnosticada com câncer. Está bastante avançado, e o prognóstico do médico não foi bom. Quando descobrimos sua condição durante o verão, eu ri e chorei, furiosa com Deus por deixar isso acontecer de novo. Mas então lembrei-me de que minha mãe trouxe Judith para mim quando eu precisava dela. Ela estava lá para mim quando eu não tinha mais ninguém. Então, agora serei a filha forte que Judith precisa durante estes últimos meses. Ava e eu vamos fazê-la o mais feliz possível.

Ava está em seu último ano de pré-escola, borbulhante e linda, uma capetinha alguns dias, e outros, vulnerável, ela quebra meu coração. Eu a amo mais que tudo, embora eu me encontre tentando ver quais traços são da família Cornish e quais são da sua. Quando ela bate as pestanas para o tio Patrick e consegue o que quer, é você. Quando ela se recusa a saltar da prancha de mergulho porque está “assoltada”, sou eu. E maldição, mas não vou deixar minha filha ter medo como eu tive. (Entre você e eu? Eu a empurrei naquela prancha de mergulho, então pulei logo atrás dela.)

Ela finalmente perguntou sobre você com seriedade, e Erik, fiquei tão pasma por um minuto, eu apenas olhei para ela com a boca aberta. Mas então falei sobre o príncipe com cabelos e olhos escuros. Eu disse que Mama o amava e ele amava Mama. Ela perguntou quando ela podia conhecê-lo, e as lágrimas encheram meus olhos quando eu disse a ela que o príncipe tinha ido embora. Ela perguntou se ele estava morto, e internamente eu tinha que reconhecer que o pai biológico de Ava, o Filho do Governador, ainda está vivo. Mas nunca a compartilharei com ele. Jamais. Então eu menti. Eu disse a ela que não sabia. E a coisa mais incrível aconteceu: ela acenou com a cabeça e partiu para brincar com

seus LEGOs. Soltei um suspiro de alívio, sabendo que acabei de me esquivar de uma bala. Oh, Erik, um dia ela terá oito ou doze ou quinze, e o que direi, então, se ela quiser conhecer seu pai? O que eu farei quando tiver certeza de que ele só vai quebrar seu coração, assim como quebrou o meu? Eu mal consigo pensar nisso – faz apertar meu peito.

Minha graduação será em junho, mas já recebi uma oferta para trabalhar com uma empresa de *design* em Nova York (lembra-se de Madame Scalzo? Ela me ofereceu um emprego de *designer* júnior na Casa Scalzo!) Com um salário que mal posso acreditar. Aceitei o trabalho com a condição de que a saúde de Judith seja minha prioridade.

A saúde do meu pai parece ser estável, pelo que Issy e Kyrstin me disseram, e Kyrs está grávida de seu primeiro filho, enquanto Issy está esperando seu terceiro. Desejo apresentar minha própria filha a suas tias e primos. Talvez algum dia.

Se você fosse real, eu pediria que orasse por Judith.

O filho do governador concorreu ao Senado Estadual em novembro, embora tenha perdido. Um rosto familiar estava ao lado dele nos degraus do Capitólio quando ele concedeu a derrota: Van. Vanessa Osborn. Eu não via uma foto deles juntos em anos, mas lá estava ela, parecendo bonita ao lado dele.

Eu me pergunto, às vezes, se eles estão felizes juntos.

E então eu acho que eles provavelmente não são, porque seus olhos ainda me parecem mortos.

Não é importante para mim. Não mais.

Eu sinto sua falta, Erik, mas há apenas dez páginas neste diário antigo, o suficiente para mais um Natal. Eu li em algum lugar que leva-se sete anos para superar a perda de um cônjuge e, para todos os efeitos, foi o que eu fiz. Eu sofri a sua perda. Eu sonhei com você. Eu tenho saudades suas.

As memórias estão desaparecendo rapidamente agora.

E embora uma parte de mim sempre sentirá sua falta, acho que estou quase pronta para deixar você ir.

Feliz Natal.

Laire

O Sétimo Natal

Querido Erik,

Esta será a minha última escrita neste diário antigo.

Que longo caminho eu percorri, a assustada menina de dezoito anos, que chegou a Boone com uma mulher que ela mal conhecia, prestes a ter um bebê, com um coração completamente quebrado pelo homem de seus sonhos. Eu me pergunto se eu reconheceria aquela garota agora se eu a visse. Eu não sei. Espero que sim.

Nossa Ava é oficialmente um aluna de Jardim de Infância e a garota mais inteligente que você já viu. Ela usa dois rabos-de-cavalo em seus cabelos avermelhados todos os dias e ama a professora, Miss Horwath, demais. Ela sentirá falta quando nos mudarmos.

Nas notícias relacionadas, estamos nos mudando.

Querida Judith conseguiu ficar conosco até o verão, quando morreu pacificamente em seu sono depois de um dia perfeito nas montanhas comigo, Ava, Patrick e Samantha. Ela sabia que Patrick e Samantha estavam esperando um bebê, que eles planejavam nomeá-lo Jude e, apesar de estar profundamente triste por não poder encontrar seu neto, eu sei que ela foi consolada pelo relacionamento amoroso que teve com Ava.

Nós a enterramos no fim de semana do Quatro de Julho. Julho, agosto e setembro foram muito difíceis para mim. Eu até chamei Madame Scalzo e retirei minha aceitação do cargo em Nova York. Eu disse a ela que a idéia de me mudar para um lugar desconhecido era esmagadora. Com seu habitual tino, ela me disse que o trabalho era meu até o Ano Novo, e se eu quisesse trabalhar remotamente da Carolina do Norte por um tempo, eu poderia.

Quando Judith morreu, ela deixou a casa em Boone para Patrick e seu apartamento em Hatteras para mim. Para ser honesta, nem sabia que ela ainda tinha o apartamento em Hatteras, mas ela o havia alugado todos esses anos, mantendo-o, disse ela, para mim. Antes de morrer, ela me encorajou a retornar aos Banks. Ela disse que eu deveria reparar as coisas com minha família antes que fosse tarde demais. Ela disse que era hora de eu ir para casa. Não para sempre. Apenas o suficiente para restaurar as coisas.

Ao longo do outono, pesei minhas opções. Patrick insistiu que eu ficasse na casa em Boone por quanto tempo eu quisesse, e sei que Samantha estava esperando que ficássemos indefinidamente para que Jude e minha Ava pudessem ser primos. Mas Judith sempre esteve e estará certa.

É hora de eu ir para casa e fazer as pazes com meu pai e minhas irmãs.

Nossas coisas estão empacotadas, e meu novo (usado) Jeep Grand Cherokee está abarrotado. Tenho trabalhado (remotamente) para Madame Scalzo desde setembro e continuarei a fazê-lo quando Ava e eu nos mudarmos para os Banks e restaurarmos o apartamento de Judith. Eu envio meus projetos semanalmente, embora eu sinta que ela preferiria me ter em Nova York em tempo integral.

Ava chorou muito em relação à mudança da casa de Nana e despedir-se do tio Patrick e da tia Samantha esta noite foi um pesadelo, mas prometeram visitar com o bebê Jude nesta primavera. Eu vou sentir falta deles. Sentirei muita falta deles.

Não pretendo ficar muito tempo em Hatteras. De fato, no próximo verão, eu quero mudar para Nova York para que Ava e eu possamos começar nossa nova vida lá. Mas preciso ter esse tempo para reconciliar com minha família. Preciso que Ava saiba onde a mãe dela cresceu e, embora eu pretenda dizer o mínimo possível, preciso que ela saiba onde seus pais passaram um verão notável e lindo juntos, antes que o lindo sonho de sua mãe desmoronasse.

É hora de nos despedir, Erik.

É hora de eu seguir em frente agora.

Então aqui está:

Adeus, meu Erik.

Adeus, meu amor.

Laire

SEGUNDA PARTE

A tempestade pós-natal atinge OBX

Por Abby O'Shea

27 de dezembro - Uma poderosa nevasca vindo do Noroeste despejou acima de dois pés de neve nos Outer Banks ontem à noite, trazendo em seu oceano gelo e danos pelo vento.

Partes da Rota 12 em Kitty Hawk, na Carolina do Norte, foi fechada esta manhã devido a água parada e detritos que foram empurrados para cima da praia na maré alta.

Forte incômodo e danos causados a muitos hotéis e casas de verão foram relatados Carolina do Norte, no extremo norte de Buxton.

Os fortes ventos terrestres também atravessaram a área no domingo à noite, com a maior rajada - 64 mph - reportada pelo Serviço Nacional de Meteorologia, em Hatteras.

Um aviso de inundação costeira estava programado para expirar hoje ao meio-dia, mas os ventos na parte traseira da tempestade ainda não diminuíram. Eles estão soprando na faixa de 20 a 25 mph, e os meteorologistas acreditam que não diminuirão até a manhã de terça-feira.

Os níveis de água ainda correm de 4 a 5 pés acima do normal no oceano e de 3 a 4 pés na Costa, mas espera-se que voltem ao normal até a noite de terça-feira.

Ao oeste da Costa, partes do Nordeste da Carolina do Norte acordaram no domingo com quase três centímetros de neve no chão.

Os danos foram relatados no extremo sul de Charleston, Carolina do Sul, e até o norte de Cape Cod.



Capítulo 17

Erik Rexford tirou três currículos da pilha e jogou-os na cesta de lixo debaixo de sua mesa antes de olhar para a irmã, Hillary, e deslizando os dois currículos restantes para ela.

— Veja estes dois.

Ela deu um olhar duro a seu irmão antes de pegar as páginas grampeadas.

— Jacob Gilmartin e Edward Wireman.

Ele acenou bruscamente.

— Os outros três eram mais qualificados, e você sabe disso.

Os outros três são mulheres.

Ele estreitou os olhos e inclinou a cabeça para o lado.

— Eu gosto mais destes.

Hillary, que vinha trabalhando como assistente executivo desde o ano passado, suspirou. — Eu sou a única gama de estrogênio neste mar de testosterona.

Ele continuou a encará-la sem comentar. Eles já discutiram sobre isso antes. Muitas vezes. Ele sabia o que estava por vir em três... dois... um...

— Não o mataria se contratasse uma mulher, Erik.

E ainda... poderia.

Erik limpou a garganta, usando um tom desdenhoso. — Acompanhe esses dois. Alguma coisa mais?

— Sim, há — disse ela, sentando-se na cadeira em frente à mesa dele enquanto ela descansava os currículos em seu colo. — Fancy ligou ainda há pouco.

— E o que nossa querida mãe tem a dizer? Ansiosa para ver a bola na Times Square descer?

— Não. A Amtrak está um caos pela tempestade. Eles estão presos em Boston, e parece que vai nevar por pelo menos três dias, então eles decidiram ir esquiar com amigos em Vermont. Eles vão passar o ano novo nas montanhas.

— Bom para eles.

— Erik — ela disse, sua voz gentil mas urgente. — Ela disse que Utopia Manor foi atingida com força na tempestade nos Banks. O Sr. McGillicutty ligou. Estão sem luz. A piscina está inundada. O *deck*, danificado. Os reparos estão além do seu poder. Um de nós precisa ir lá para encontrar a companhia de seguros e administrar as coisas por alguns dias.

Como se ele pudesse se importar com o que aconteceu em Utopia Manor. Ele não voltou lá em quase seis anos. Ele encolheu os ombros.

— Tudo bem. Tire alguns dias de folga. Tenho certeza de que Pete gostaria de viajar.

Sua irmã e Pete estavam juntos há dois anos depois que Hillary se formou na UNC-Chapel Hill, a *alma mater* de Pete. Eles viviam juntos em uma casa vitoriana restaurada em Historic Oakwood, e era apenas uma questão de tempo até Pete, que sempre foi como um irmão para Erik, ser verdadeiramente seu irmão pelo casamento.

Ele estava feliz por Hillary. Real e verdadeiramente feliz por ela porque ninguém esperou mais tempo ou mostrou mais fidelidade de coração do que sua irmã. Ela era rara entre as mulheres, e, portanto, a única mulher que ele permitia por perto de qualquer forma.

— Não posso fazê-lo, Erik. Cisco terá a maior conferência de tecnologia do ano em duas semanas. Pete trabalhou todas as noites até depois das duas da manhã até conseguir que sua apresentação ficasse perfeita. Ele não vai a lugar nenhum.

— Então você vai.

— Antes de tudo, tenho planos de Ano Novo.

E ela sabia muito bem que Erik não tinha.

— Em segundo lugar, quero estar aqui para apoiar o Pete. Fazer o jantar, ficar por perto enquanto ele está trabalhando tão duro.

Erik revirou os olhos.

— Para não mencionar — ela continuou, dando-lhe uma olhada —, eu sei literalmente nada sobre danos à arquitetura e estrutura e todo esse tipo de coisa. Eu seria menos do que inútil. — Ela deixou-se escorregar na cadeira — Vamos. Você sabe que você tem que ser o único a ir.

Ele apertou o queixo. Ele não tinha voltado para aquela fodida casa em anos. Não desde o Ação de Graças que ela não apareceu.

Ainda doía. Ainda doía pra cacete, todos esses anos depois.

Ele olhou para Hillary e grunhiu: — Contrate alguém e mande a conta para papai.

Com os olhos focados em sua irmã, ele observou os dela suavizar o sofrimento, e ela respirou antes de sussurrar: — Eles chamam você de *Homem de Gelo*, Erik.

Ele levantou as sobrancelhas. — Pergunte-me se eu me importo.

— Mesmo que não o faça, eu sim — disse ela suavemente. — Eu quero que você seja feliz.

— Você não é a polícia da felicidade, Hills — ele disse, afastando sua cadeira da dela um pouco.

— Você tem que *lidar* com isso — ela insistiu. — Purgar seus demônios. Dizer adeus. Seguir em frente. Já faz tempo demais.

Durante anos, Hillary dizia o mesmo: *siga em frente*. Como se afastar do amor de sua vida, que de repente e sem explicação o banuiu, desapareceu da face da Terra, fosse possível.

Não é que ele realmente pensasse em Laire com muita frequência. Ele não fazia. Ele não se permitia isso. Mas ela foi a coisa mais verdadeira e real que ele conheceu, ou pensou estupidamente ter conhecido. Ele a amou mais do que qualquer uma antes. E ele não tinha a intenção de nunca mais passar por essa miséria enquanto ele vivesse. Se ele não amasse ninguém, ninguém poderia machucá-lo como Laire o tinha feito.

Tinha se tornado um desafio entre as mulheres mais encantadoras, lindas e bem sucedidas da Carolina do Norte: ser aquela que finalmente derreteria o coração gelado de Erik Rexford. Mas Erik sabia algo que elas não sabiam, seu coração estava além de ser tocado, além do arrebatamento, além do cuidado. Seu coração tinha sido esmagado em um milhão de pedaços, e então, devolvido para suas mãos. Não estava apenas congelado. Foi quebrado primeiro. E agora era praticamente intocável.

Então, eles poderiam chamá-lo de Homem de Gelo tanto quanto eles gostassem.

Era perfeito e bem-vindo para ele.

Pelo menos, qualquer mulher que saísse com ele sabia exatamente o que esperar.

Não que ele tivesse muitos encontros, se é que poderiam ser chamados disso. Quando ele precisava de uma acompanhante, ele tinha uma série de admiradoras ansiosas, prontas para estarem ao lado dele. E sempre havia Van.

Vanessa Osborn ficou ainda mais bonita nos anos desde que Laire havia quebrado seus sonhos, e ela estava sempre disponível. Mas quando estava solteira, entre namorados ou noivos ou *affairs*, ela era a companhia preferida de Erik para eventos e jantares, simplesmente porque ele a conhecia há muito tempo. Havia uma facilidade que ele encontrava na companhia dela que devia à história e à infância deles. Talvez ele ainda sentisse um pouco de calor com ela já que eles eram amigos por tanto tempo. Ela era uma boa companheira, divertida e interessante. Ela sabia como arrancar um pequeno sorriso de Erik quando ninguém mais conseguia.

E às vezes – às vezes, quando ele estava com ela e sentia uma onda inesperada de saudade de uma casa e família próprias – ele se perguntava se ela acabaria por convencê-lo... e se ele e Van acabariam juntos em algum arranjo afetuoso e sem paixão. Ele sabia que ela ainda gostava dele – que deixaria tudo em um instante para ter a chance de estar com ele. Ele lutou contra a solidão e a fraqueza que poderiam levá-lo a esse caminho, porque ele sabia em seu coração que ele acabaria por destruir a chance de felicidade de Van, como Laire havia destruído a dele.

A verdade era essa: não importava o que Van esperasse, a consideração dele, sem amor, não seria suficiente para ela a longo prazo. E ele nunca amaria Van como ele, em um tempo tão antigo, foi capaz de amar uma mulher. Sua amargura e decepção se tornariam dela e, finalmente, ele mataria a luz de dentro dela que algum outro homem teria cuidado. Ficar longe de Van o máximo possível era o melhor curso de ação. Pelo menos até ela encontrar alguém que a amasse.

— Erik? — disse Hillary. — Você está me ouvindo? Porque eu acho que você deveria passar alguns dias por lá. Veja os lugares onde você e... *ela* passaram um tempo juntos e despeça-se dessas lembranças. Veja se você pode

seguir em frente agora. Faz anos. Você precisa enfrentar o seu passado, ou você nunca poderá avançar. Quero dizer, você não gostaria de *amar* alguém? Ser amado? Talvez casar e ter um filho?

O problema era que a única vez em que ele realmente se imaginou casado e feliz com crianças foi com Laire, e quando ela quebrou seu coração, ela esmigalhou esse sonho e jogou-o fora.

— Eu *pareço* alguém que quer ter um filho?

Hillary levantou-se, sem paciência, os olhos flamejando. — Bem, *não* vou lá. Tenho planos. Ou *você* vai ou *você* liga para Fancy em Vermont e diz a ela que se vire.

— Hills...

— Não! Você cala a boca. Apenas cale a boca! — Ela colocou os currículos debaixo de um braço e cruzou os braços sobre o peito. — Você quer viver em um lugar frio e sombrio porque o amor pisou em seu coração uma vez? Tudo bem. Continue. Mas você está *danificado*, Erik. Você está *quebrado*. Você deixou que ela o quebrasse. E ainda deixa que te *magoe* todos os dias. — Ela assentiu enfaticamente para argumentar antes de continuar. — Você deu a memória de uma garota de dezoito anos isso... este... um poder tamanho sobre você, e sabe o que eu penso?

Erik estreitou os olhos. — Me diga.

— Eu acho que você gosta. Acho que isso faz com que ainda se sinta conectado a ela de alguma maneira doentia. Você é como um... uma versão masculina de Miss Havisham.

Seja lá o que isso quer dizer.

— Mas um dia você vai acordar com trinta ou quarenta ou setenta, e não vai ter nada a mostrar por sua vida. E sabe de quem será a culpa?

Dela.

— *Sua* — ela gritou, como se pudesse ler sua mente. — Sua. Porque você escolheu não seguir em frente. Você escolheu viver das lembranças dela.

Você desperdiçou sua vida. Com vontade. E é uma grande vergonha!

Ele fulminou sua irmãzinha furiosa com o olhar, querendo dizer algo para dar uma bofetada de volta e colocá-la em seu lugar, mas não vieram palavras. Sua mente estava em branco, suas palavras reverberando em sua cabeça como seixos em uma lata, e tão irritante. Tanto quanto ele odiava admitir, ela fazia sentido.

Virando-se, marchou até a porta e abriu-a, depois olhou para ele, levantando o queixo e fixando-o com um olhar amargo. — Eu não vou para os Banks, Erik. Além disso, eu estou tirando férias até depois do Ano Novo!

A porta se fechou.

— Tudo bem! — Ele berrou, recostando-se na cadeira e girando-a para longe da porta. Ele olhou pelas janelas de uma Raleigh fria e cinzenta. O sol quase se pondo, e luzes de Natal alegres começavam a salpicar a paisagem escura e turva abaixo, o que o irritava.

O Natal acabou. As luzes de Natal depois do Natal apenas pareciam patéticas, comemorando algo que já havia desaparecido.

Seguir em frente. Seguir em frente. Seguir em frente.

— Caralho! — Ele murmurou, voltando à sua mesa e colocando os dedos no teclado.

Em uma decisão de último minuto que surpreendeu e deleitou seus funcionários, Erik enviou um e-mail informando que os escritórios de advocacia da Rexford & Rexford, LLC ficariam fechados de 29 de dezembro a 2 de janeiro. Então ele foi para casa, empacotou uma mochila, caminhou até o escritório Enterprise Rent-A-Car ao redor do quarteirão de seu apartamento, alugou um carro e rumou um brilhante novo Porsche Cayenne SUV a leste para Outer Banks.

Com as árvores derrubadas e as condições de gelo, provavelmente pior

perto da Costa, a viagem usual de quatro horas levaria duas vezes mais, especialmente no escuro, mas sentiu a responsabilidade de observar e gerenciar o dano à propriedade de sua família. Alguém tinha que fazer isso. E verdade seja dita, a semana entre o Natal e o Ano Novo era uma época especialmente tranquila. Fazia sentido verificar as coisas, certo? Claro que sim. Era a coisa sensata a fazer.

Ele não voltaria para os Outer Banks para “purgar demônios” ou “despedir-se” de amores perdidos ou qualquer outra coisa tão evidentemente ridícula. Absolutamente não. Ele estava simplesmente indo como um agente imobiliário para seus pais, e uma vez que seu negócio terminasse, ele retornaria a Raleigh.

Percebendo que ele não teria onde se hospedar em sua chegada tardia, ele teria de ficar no único estabelecimento hoteleiro durante todo o ano que conhecia em Buxton, o Pamlico House Bed & Breakfast, que também não tinha nada a ver com “enfrentar o passado”, mas tudo a ver com o sono.

Foda-se as reclamações de Hillary.

Foda-se Hillary, que estava gorda e feliz em seu momento idílico com Pete.

Foda-se quem pensou que sabia o que era o amor, e aí daquele que confiasse nisso.

— Eu também pensei que soubesse — ele murmurou, pressionando mais forte o acelerador.

O primeiro ano foi o mais difícil, é claro. Embora seu coração tivesse endurecido contra Laire quando não apareceu no Dia de Ação de Graças, no Natal, sua decisão de esquecê-la tinha enfraquecido, e ele estava desesperado para ver seu rosto novamente. Sua devoção a ela, tanto quanto ele lutou contra, não havia morrido.

No dia seguinte ao Natal, ele dirigiu-se para os Banks e pegou um barco para levá-lo através da Costa gelada de Hatteras para Corey Island. Embora ele a odiasse poderosamente, ele precisava vê-la, e precisava saber por que ela o afastara.

Subindo a doca para o King Triton Seafood, suas mãos suavam, apesar do vento que chicoteava num dia de meio grau Celsius. Quando entrou na pequena loja, um homem ruivo de vinte e poucos anos levantou os olhos do balcão.

— Posso ajudá-lo?

Ele não mediu palavras. — Laire está?

O jovem, certamente um parente dela, a julgar pela cor do cabelo, inclinou-se para Erik, com os olhos estreitados. — Quem está perguntando?

— Eu.

— E você é...?

— Erik Rexford.

O fogo saltou dos olhos do homem, e seus dedos, apoiados no balcão, fecharam-se em punhos apertados. — Você vai querer sair daqui, senhor. Agora.

— Como disse? — Erik perguntou, examinando o rosto do homem.

— Laire se foi. E ela não volta.

— O quê? Por quê?

— Como pessoas do seu tipo conseguem dormir à noite? — grunhiu o homem. — Como consegue dormir com a forma com que trata as pessoas?

— Me desculpe, mas não...

— Fora daqui. E nunca mais mostre seu rosto em Corey novamente, ou eu juro por Judas, eu pessoalmente vou matá-lo.

Erik deu vários passos para trás, chocado com a fúria na voz do homem, imaginando o que diabos havia acontecido.

Ele rapidamente analisou os fatos enquanto os conhecia:

Ele e Laire tiveram um verão maravilhoso.

Eles tiveram uma noite maravilhosa juntos.

Seu pai ficou doente.

Ela terminou com ele.

Ela terminou com *ele*. Não o contrário. Ela terminou com ele sem explicação, depois deu bolo nele no Dia de Ação de Graças. Ela não era a inocentezinha nesta equação. *Ele* era. Então, por que diabos esse punk o ameaçava?

Ele virou-se para a porta, alcançando a maçaneta, quando sua confusão e seu coração partido o dominaram. Ele girou de volta para encarar o homem ruivo novamente e reclamou: — Não estou entendendo.

Desviando-se da bancada com uma graça surpreendente para uma pessoa que estava agachada, o homem veio para cima de Erik, um punho pegando sua bochecha enquanto o outro o esmurrava no queixo. *Slam Bam*, e Erik tropeçou contra a porta, empurrando-a com a força de seu corpo. O vento pegou a porta, que abriu-se, deixando nada para amortecer a queda de Erik. Ele tropeçou para trás sobre o tapete de boas-vindas e pousou em seu traseiro, com o homem ruivo vindo sobre ele.

— Agora você entende, seu bichinha?

Erik olhou para o homem — seu primo, talvez? — e balançou a cabeça. — Não.

— Bem, esse não é meu maldito problema. Agora, vaza.

Seu primo se virou e voltou para a loja, trancando a porta e girando a placa de “Aberto” para “Fechado”.

E Erik, que não tinha mais respostas do que tinha tido quando chegou cinco minutos antes, não teve outra opção senão ir para a lancha com a bochecha sangrenta e o queixo inchado e começar a voltar para Raleigh.

Laire se foi. E ela não volta.

Palavras mais verdadeiras nunca tinham sido faladas. Laire havia

desaparecido – sua Laire, a garota que ele amava tão completamente, tão apaixonadamente, tão malditamente, desapareceu. E onde quer que ela estivesse, ela estava perdida para Erik, nunca voltaria.

Ele lembrou das palavras de seu primo de vez em quando ao longo dos anos – a pergunta apontada sobre como ele podia dormir à noite, como se ele tivesse feito uma injustiça. Por mais que tentasse, ele não conseguiu descobrir o que era esse mal, embora o atormentasse por alguns anos sempre que ele voltasse a pensar. Ele a amava. Ele teria feito qualquer coisa por ela. Talvez, ele finalmente decidiu, seu primo estivesse falando sobre a política da família Rexford e a administração de seu pai, que não era conhecida por facilitar a vida para o trabalhador. Foi a única coisa que ele conseguiu, porque, no que diz respeito a Erik, ele nunca fez nada para machucá-la ou decepcioná-la.

Quando ele realmente queria torturar-se, ele lembrava das palavras dela no hospital, tentando arrancar-lhes algum significado, alguma explicação para a maneira como ela o afastou de sua vida. As últimas palavras que ela falou com ele foram *eu não sou sua querida. Eu não sou nada para você. Nós éramos apenas uma.... uma aventura. Uma fantasia. Eu sou uma ilhéus; você é um forasteiro. Acabou... Não era real, Erik. Não era real.*

Mas tinha sido real. Ou pelo menos tinha sido real para ele.

Ele ofegou de repente, os músculos em seu rosto apertados, e ele se encolheu, rosnando suavemente em voz baixa como se ele tivesse pisado em algo pontiagudo enferrujado que perfurou a pele macia de sua sola. Ficou aberto, infeccionado, a ferida infligida por Laire Cornish muitos anos antes. Nunca curou. Nunca foi costurada ou curada. Era tão cruel e doloroso agora quanto o dia em que o tinha banido de sua vida, talvez tanto mais por causa da energia que ele gastara na tentativa de ignorá-lo.

Às vezes, deitado na cama sozinho, tarde da noite, olhava para o teto e se perguntava o que ele diria para ela se a visse de novo. E, no entanto, havia uma parte tola e masoquista dele que fantasiava em não dizer nada, apenas abrir os braços para ela e sentir o paraíso de seu coração pressionado contra o dele, uma última vez nesta Terra, principalmente a palavra “Por quê?” circulava em sua cabeça. E às vezes ele negociava com Deus: se ele pudesse descobrir por que ela o afastara, isso lhe daria forças para finalmente deixá-la ir.

Tudo o que ele esperava sentir, ou não sentir, quando estacionou no bem iluminado Pamlico House B & B naquela noite – raiva, tristeza, sentimentalismo – uma emoção que ele não esperava sentir era um alívio. Depois de uma perigosa jornada de nove horas, no entanto, ele estava exausto, tanto física como emocionalmente, e o que sentia por estar de volta ao lugar onde ele havia cortejado Laire com tanta fidelidade, teria que esperar para ser processado até ter tido uma boa noite de sono.

A viagem de Kitty Hawk para Hatteras foi especialmente chocante. Seu carro alugado havia deslizado mais vezes do que ele pôde contar. Ele passou por árvores mortas e caídas, duas vezes, saindo da estrada e indo sobre a areia. Ele não se incomodou em Buxton de ir olhar Utopia Manor – estava escuro. Não havia quase nenhuma luz depois de Rodanthe, então seria melhor esperar até de manhã.

Ele sabia que Pamlico House tinha um gerador, mas as luzes quentes pelas janelas eram a melhor saudação que ele poderia ter pedido. Não importava o que aconteceu entre ele e Laire há tantos anos, esta pequena hospedaria era seu farol no deserto esta noite, e ele estava agradecido por isso.

Balançando o corpo para fora do carro, ele encontrou seus músculos rígidos do carro e duplamente rígidos de ficarem alerta durante toda a jornada perigosa. Puxando o telefone do console central, ele voltou a ligar e rolou nas mensagens usando o Wi-Fi da pousada. Ele perdeu uma mensagem de Hillary.

HILLZ: Desculpe-me, mas você me deixa louca. Você sabe que eu ainda te amo. Mande-me mensagem quando chegar lá. Dirija com cuidado. Xoxo

Erik suspirou, sua respiração, um sopro de fumaça branca flutuando no céu noturno.

ERIK: Estou aqui. Pamlico House B & B. Banks está arruinada. Foi bom eu ter vindo. xo

Ele deslizou seu telefone no bolso do quadril do jeans, depois abriu a porta de trás do carro, puxando sua bolsa de couro do banco e pendurando a alça

no ombro. No chão estava a pasta do laptop, e ele hesitou por um momento, mas decidiu trazê-lo também. Quem sabe fazer algum trabalho amanhã, antes e depois de encontrar o empreiteiro.

Olhando para a pousada, seus olhos examinaram as janelas iluminadas. A área de recepção ainda estava aberta, é claro, esperando sua chegada, mas também havia outras luzes, nos quartos do andar de cima. Três ou quatro corujas da noite ainda acordadas à uma hora da manhã, ele adivinhou. Não seria uma casa cheia, é claro, mas parecia que ele não teria a pousada só para si.

Atravessando a calçada, ele entrou na área da recepção, de repente agredido pelo cheiro dos pisos oleados de Pamlico House, tapetes antigos, ar do mar e canela. Suas lembranças impassíveis voltaram ao passado, e sua respiração poderia ter engatado um pouco quando ele sentiu o peso fantasmagórico da mão dela na dele, a suavidade de seus lábios nos dele, a leveza de seu passo nos brilhantes pisos de madeira.

Os olhos dele escaneavam a área da recepção, subindo as escadas para cima, apenas uma vez, a noite em que Laire levou-o ao terraço e disse-lhe que poderia passar a noite. Seu coração apertou à lembrança, e ele levou seu olhar reflexivamente para a esquerda. O restaurante estava fechado para a temporada, mas o antigo bar, onde passava quase todas as noites daquele verão, estava aceso com a luz ambiente da televisão, seu lugar favorito no canto vazio, como se esperasse por ele.

— ‘Noite. Sr. Rexford, eu presumo?

Um cavalheiro de cabelos grisalhos com jeans e uma camisa de flanela veio da esquina da área do bar, onde ele deveria estar assistindo a TV e se dirigiu para a recepção. Ele tinha um bigode e óculos de leitura, e Erik tinha uma noção passageira de que, se ele fizesse o papel do recepcionista para uma peça, não conseguiria fugir à figura desse cara.

— Sou eu.

— Conseguiu chegar.

— Muito mal.

— Estradas ainda ruins no norte?

Erik encolheu os ombros. — Não é tão ruim ao norte de Rodanthe, mas depois disso...

— Sem luz.

— Horrível. — Erik assentiu, olhando ao redor da pequena área de boas-vindas. Várias lâmpadas instaladas ao lado de sofás e cadeiras antigas banhavam a sala com luz macia e morna. Sempre houve um tapete persa franzido no chão e flores em um vaso sobre a lareira? Ele não conseguiu se lembrar.

— Nós temos um gerador — disse o recepcionista, deslizando um formulário de *check-in* e caneta na recepção. — Preencha isso, hein? E inclua seu, uh, seu carro e informações sobre a placa, hein?

— Claro — disse Erik, colocando a bolsa do computador no chão a seus pés e deixando a bolsa deslizar pelo ombro para se juntar à outra. Ele pegou a caneta e começou a preencher o formulário. — Tem muitos hóspedes agora?

O recepcionista balançou a cabeça. — Poucos. Vejamos... Temos dois casais que vêm visitar a família durante o feriado. Eles ficam até o dia de Ano Novo. Tenho um par de veranistas cujo gerador foi inundado pela tempestade. Elas ficam até que a água seja bombeada e elas recuperem a energia. Mãe e filha que chegaram ontem à noite. A casa delas em Hatteras foi prejudicada.

— Huh — disse Erik distraidamente, deslizando o formulário preenchido de volta ao recepcionista. — Meus amigos têm uma casa em Buxton.

— Sim — disse o veterano, balançando a cabeça para Erik. — Eu sei quem você é. Filho do governador.

Erik forçou um sorriso que não queria dar e mudou o assunto. Ele não estava preparado para uma conversa política. — Você é o dono?

— Sim.

— Natural daqui?

— De Ocracoke, originalmente.

— Ilhéus, hein? — Erik perguntou, resumindo o assunto.

— Sim. — Ele assentiu, oferecendo a Erik sua mão. — Henshaw Leatham. Todos me chamam de Shaw.

— Isso ou vovô!

Erik deslizou os olhos na direção da voz e encontrou uma jovem descendo as escadas. Ela era bonita entre os dezoito e vinte, ele adivinhou, com cabelos ondulados loiros e um sorriso gracioso. Grandes peitos. Cintura pequena. Descalça.

Não era diferente de outra pessoa que ele conhecia.

Seu rosto se endureceu.

— Oi — ela disse, sorrindo para ele.

— Olá — ele respondeu, sem sorrir de volta e afastando-se rapidamente dela.

— Eu sou a neta. Kelsey — continuou, falando com ele de lado.

Erik assentiu, mas não a olhou de novo. Não estava interessado nos sorrisos de flerte de uma menina da ilha. Nem um pouco. De modo nenhum.

O gelo que cobria seu coração, que lhe valera a reputação e o apelido, fez com que suas próximas palavras soassem afiadas e hostis.

— Posso ter minha chave? — perguntou ao Sr. Leatham.

— Posso ajudá-lo com suas malas? — perguntou Kelsey no cotovelo dele.

Erik não estava olhando para ela, mas em sua visão periférica, ele a viu movendo-se pela sala, da escada até a recepção, e ele rapidamente se abaixou e pegou as malas, jogando uma sobre o ombro e apertando o outro com força. — Não, obrigado.

— Kelsey, querida, não é hora de dormir?

— Vovô — disse ela, dando uma volta ao balcão da recepção e um beijo na bochecha eriçada do avô —, acho que tenho idade suficiente para saber quando é hora de dormir.

— Bem, já que está acordada — disse o recepcionista —, pode levar o Sr. Rexford para o quarto 308?

— Rexford, como do governador? — perguntou Kelsey, seus olhos azuis se iluminaram com um interesse inconclusivo.

Ele foi forçado a olhar para ela. — O filho dele.

— Bem, com prazer — ela disse, torcendo um cacho de cabelo loiro ao redor de seu dedo. — Realeza.

— Dificilmente — disse Erik, cada vez mais agitado com o seu flerte. — Eu não preciso que você me mostre. Posso encontrar sozinho. — Ele olhou para o Sr. Leatham. — Apenas a chave, por favor.

O homem assentiu, voltando-se para os *slots* de chave atrás dele. Ele agarrou a chave e entregou-a a Erik. — O café da manhã é de sete às nove, e fazemos uma fogueira no terraço de oito às dez da noite. No caso de você não saber, é...

— Eu sei onde fica — ele disse com força. *Ele sabia exatamente onde ficava.*

— Bem, então, eu acho que está tudo pronto. Precisando de qualquer coisa, apenas venha me encontrar ou Kelsey.

Ainda assim, evitando o olhar da neta, Erik assentiu para o velho cavalheiro. — Obrigado.

— Bem-vindo à Pamlico House, Sr. Rexford! — disse Kelsey de costas enquanto ele subia as escadas. — Aproveite sua estadia!



Capítulo 18

Acordando no Pamlico House Bed & Breakfast pela terceira manhã seguida, Laire estendeu os braços sobre a cabeça e abriu os olhos para dar uma olhada em Ava Grace na cama ao lado dela. Aninhada sob um edredom acolhedor, sua pequena joaninha dormia profundamente, e Laire sorriu quando ela colocou as pernas ao lado da cama e suspirou.

De acordo com o Sr. McGillicutty, contratado por sua nova associação de proprietários, levaria cerca de uma semana para bombear a água do porão do apartamento e resolver os danos causados à caldeira e ao painel elétrico. Uma vez que ambos fossem reparados ou substituídos, ela seria contactada para que pudesse voltar. Bem, não exatamente “voltar”, já que ela nunca tomou posse do apartamento. A tempestade ficou cada vez pior, enquanto ela dirigia aos Banks na 27ª. Em vez de ir ao apartamento, ela e Ava Grace desviaram para o Pamlico House e se registraram. Foi uma boa decisão. Mesmo com o vento e as ondas altas, elas estavam sãs e salvas, e quando a eletricidade finalmente acabou, o gerador foi acionado para mantê-los aquecidos.

Ontem elas escolheram o caminho através de estradas inundadas cobertas de detritos para ver o imóvel que Judith havia deixado para elas. Localizado em uma estrada de praia, fazia parte de uma modesta estrutura - terracota com dois andares e vinte e duas unidades. O delas estava no segundo andar e tinha dois quartos e uma sala de estar, varanda com vista para o Atlântico. Enquanto Ava Grace explorava o apartamento escuro, silencioso e totalmente mobiliado de Nana, Laire saiu na varanda e respirou profundamente. Ela podia sentir a salinidade da água, e seus olhos cheios de uma saudade recompensada. Fazia muito tempo que sentiu o mar. Ela não fazia ideia se o pai e as irmãs a receberiam de volta, mas ainda era bom estar em casa.

Ontem à noite, ela estava acordada até bem depois de uma hora, desenhando novas ideias para Madame Scalzo, percebendo o tempo apenas quando ouviu o hóspede no quarto acima dela chegar e desfazer a mala. A despeito do som pesado de seus passos, ele não era um homem pequeno, no entanto, depois que ela ouviu sua cama ranger com o peso de seu corpo, ela não tinha ouvido mais nenhum som. Quando ela finalmente se deitou em sua própria cama, ela o imaginou, por um momento, adormecido acima dela, separado apenas por um teto e um chão. Ela se perguntou o que o trouxe para a pousada – se ele ficara preso pela tempestade ou se planejava visitar Buxton para o Ano Novo. Ele era novo ou velho, e por que ele estava sozinho? Sua mente gostaria de saber. Isso lhe causou uma sensação de intimidade estranha, mas bem-vinda, que a fez sentir-se quente e reconfortante enquanto adormecia.

Agora, quando a luz da manhã se infiltrava no quarto, ela olhou para o teto, imaginando-o aninhado sob o edredom, adormecido como Ava Grace.

Ontem, a menina havia novamente perguntado a Laire sobre seu pai, e Laire voltou a usar o conto de fadas do Príncipe Encantado, que parecia satisfazer sua filha. Mas ela se preocupava, cada vez mais, sobre o que ela diria a Ava Grace algum dia, quando os contos de fadas e as meias verdades não fossem suficientes.

Certamente, os Rexfords não teriam utilidade para ela. Doía o coração de Laire admitir isso, mas sabia que era verdade. Se Ava Grace procurasse seu pai, ela acabaria muito decepcionada por pessoas sem caráter ou integridade, sem senso de honra ou veracidade ou até mesmo piedade. Ainda assim, ela não sabia se tinha o direito de manter Ava Grace do homem que era, pelo menos biologicamente, seu pai.

Embora o casamento não tivesse interesse para Laire, mas sim muito terror, às vezes ela se perguntava se devia a Ava Grace encontrar alguém doce e estável e se casar. Ava Grace queria tão desesperadamente uma figura paterna em sua vida. Mas então, entrar num casamento sem amor não ajudaria sua filha a longo prazo, certo? Se ela fosse oferecer um exemplo do casamento à filha, ela queria que Ava Grace visse sua mãe bem amada e feliz. Ela gostaria de modelar o tipo de relacionamento que ela esperava que sua filha procurasse para ela um dia.

E se Patrick, doce, adorável e gentil, que ele era – não pôde tocar o coração de Laire, era improvável que alguém pudesse. O que significava que Erik Rexford tinha, mais ou menos, minado Laire para o casamento. Ela pode ter seguido em frente pós Erik, mas não podia imaginar confiar em outro homem o suficiente para se apaixonar de novo, ou permitir que seu coração se ferisse outra vez.

Ela suspirou, acariciando ternamente o rosto de sua filha com olhos amorosos. Uma mãe de carreira profissional deveria ser o suficiente para Ava Grace.

Laire levantou-se e caminhou até a janela, afastando as cortinas e observando a Costa. Ela pensou em pagar um pouco mais para um quarto no terceiro andar com uma varanda, especialmente porque Pamlico House seria sua casa na próxima semana, mas não poderia justificar a despesa. Se ela quisesse cheirar o oceano, tudo o que precisava fazer era abrir uma janela ou, melhor ainda, andar para fora, o que era exatamente o que ela e Ava Grace fariam logo mais.

— Mama?

Ela se virou para ver seu bebê sentado na cama, seu animal de pelúcia favorito – um pinguim chamado Sr. Mopples, um presente do tio Patrick – escondido debaixo do braço dela.

— Bom dia, querida.

O sorriso de Ava Grace seguiu um bocejo. — O que tem para o café da manhã?

Laire encolheu os ombros quando atravessou o cômodo e sentou-se na

beira da cama. Ela empurrou um maço de cabelo castanho-avermelhado da sua testa e inclinou-se para a frente para beijá-la. — Eu não sei. O que você acha que Kelsey está fazendo hoje?

— Panquecas! — gritou Ava Grace, jogando as mãos no ar e balançando o Sr. Mopples como uma bandeira.

— Panquecas! — disse Laire, segurando o rosto de sua filha. Ela era tão linda, essa pequena pessoa perfeita, com seus olhos castanhos profundos e seus cabelos acobreados. Laire ficava pasma, diariamente, de que uma pessoa pequena tão perfeita pertencesse a ela. — Ela não fez panquecas ontem?

— Ela disse que faria todos os dias para mim!

— Eu aposto que é porque você é a melhor garotinha do mundo.

— Sr. Mopples não pensa assim — disse Ava Grace, dando a Laire um olhar muito severo.

— Ah, não?

Ela balançou a cabeça e suspirou. — Não. Ela acha que eu sou a quarta melhor.

Como o Sr. Mopples era *ela*, estava além da compreensão de Laire por anos, mas quando perguntada, Ava Grace simplesmente respondia: — *Porque é assim.*

— Impossível! — Gritou Laire, franzindo os lábios com zombaria contra o pinguim maltratado. — Exijo saber quem são os primeiro, segundo e terceiro.

— Katie, Leslie e Hannah — disse Ava Grace, referindo-se às três meninas da sua escola de jardim de infância que tiveram partes maiores na apresentação de Natal do que Ava Grace. — *Elas* são as melhores.

— Mesmo?

Ava Grace assentiu sombriamente.

— Bem, o Sr. Mopples está errada — disse ela.

— Como você sabe?

Laire voltou-se para o pinguim. — Porque, mesmo que não o faça, Sr. Mopples, vejo a pessoa sentada aqui na minha frente e ela é incrível. Ela é inteligente e engraçada, e ela tem um coração enorme. Ela é gentil e pensativa. Ela é amorosa e corajosa. Você sabe o quão corajosa ela é, Sr. Mopples?

— Não, Mama — disse Ava Grace na voz do Sr. Mopples. — Quão corajosa é a Ava?

Laire inclinou-se no cotovelo para olhar o pinguim nos olhos.

— Entre você e eu? Ela é a criança mais corajosa que já vi. Katie, Leslie e Hannah? Elas ainda vivem em suas casas confortáveis em Boone, onde elas conhecem todos. Mas Ava Grace Cornish está tendo uma aventura! Ela mudou-se para um mundo completamente novo. Ela vai começar uma nova escola. E sabe de uma coisa?

— O quê? — perguntou Ava Grace na voz de Ava Grace.

— Todos naquela nova escola vão adorá-la tanto quanto eu.

— Você tem certeza, Mama?

— Cem por cento de certeza — disse Laire, levantando os olhos para a filha. — Não tenha medo, Ava Grace.

Ava Grace respirou fundo. — Mas eu tenho, um pouco.

— Você não precisa ter, querida. — Laire inclinou a cabeça. — Especialmente porque descobri algo ontem... A escola não começa até dia três. Por causa da tempestade.

A boca de Ava Grace caiu. — Você quer dizer que eu recebo um dia extra de férias? No hotel? Contigo?

Laire assentiu com a cabeça, sorrindo para sua garota inteligente. — Isso é exatamente o que eu quero dizer!

Saltando da cama, ela pulou para cima e para baixo com o Sr. Mopples, dizendo: — Mais férias! Mais férias!

Laire saltou ao lado dela, pegou uma das nadadeiras do Sr. Mopples e uma das mãos de Ava Grace e juntou-se a elas em uma dança feliz, desejando que todo dia triste da vida de sua filha pudesse ser tão rapidamente dissolvido.

Mais férias! Mais férias!

Ele ouviu a voz estridente de uma criança através das tábuas do chão e gemeu quando seus olhos se abriram. Erik abaixou intencionalmente as persianas para que ele pudesse dormir até as oito, e aqui estava, às seis e trinta, despertado pelas pessoas lá embaixo tendo uma festa de dança.

— Que merda desagradável — ele rosnou, recuando e cobrindo a cabeça com um travesseiro.

Ele ouviu a voz de uma mulher, provavelmente a mãe da criança, aquietando seu filho, e a agitação cessou, embora agora ele estivesse em guarda para mais barulho, o que significava que ele estava acordado. Apenas cinco horas de sono. Fantástico.

Desde quando a Pamlico House admitia crianças?

Pegando seu telefone de cabeceira, ele chamou a recepção.

— *Recepção.*

— Alô. Este é o Sr. Rexford do quarto...

— *Três-zero-oito* — disse o Sr. Leatham. — *Em que posso ajudá-lo?*

— As pessoas que estão bem, acho que no 208... são bastante barulhentas às seis da manhã.

— *Hum...Sim. Essa é a jovem mãe com sua pequenina. Lembra? Eu as mencionei? Que elas vieram de Hatteras?*

— Certo. Bem, você acha que poderia ter uma palavra com elas sobre manterem silêncio antes as oito?

Uma pausa. — *Você quer que eu **brigue** com uma jovem com uma criança?*

— Não. Eu não quero que você *brigue* com ninguém. Somente... — A linha ficou quieta enquanto o Sr. Leatham esperava instrução ou forçava Erik a se sentir milindrado e retirar sua queixa. Hmm. Não, foda-se! Ele pagou por um quarto assim como ela. Ele tinha todo o direito de ter uma noite tranquila. — Mas se você tiver a chance de *lembrá-la* do toque de silêncio entre dez e oito, por favor, faça.

— *Lembrá-la? Eu acho que sim, mas...*

— Maravilhoso. Então faça.

Ele desligou o telefone antes que o Sr. Leatham pudesse vir com mais de suas objeções passivo-agressivas, e tirou as cobertas sobre si. Ele havia desfeito a mala na noite passada, mas agora resmungava enquanto estava nu diante das cortinas finas das portas da varanda. Abrindo o tecido frágil, ele notou os grandes sinelos pendurados na grade e suspirou. O sol estava fora, mas a colina da entrada para a calçada que levava à doca estava branca com neve e gelo. E ao redor da doca, onde a água batia das entradas do Atlântico, ele podia ver um revestimento bastante grosso de gelo. Quando a água do mar congelou, estava gelada. Congelada.

Cristo, mas o inverno nos Banks era deprimente.

Puxando as cortinas fechadas de novo, ele atravessou o banheiro, mijou e ligou a água quente. Entrando na banheira vitoriana, deixou a água acalmar seus ossos ainda cansados, inclinando a testa contra a parede da telha debaixo do bocal e suspirando profundamente.

*Você quer que eu **brigue** com uma jovem com um criança?*

Ele franziu os lábios e sacudiu a cabeça com aborrecimento.

— Sim. — Então ele fez uma pausa. — Não.

Ele virou-se no chuveiro, deixando a água cobrir suas costas.

Isso é o que eu sou? Quem eu me tornei? Alguém que grita com mulheres e crianças por acordarem de bom humor enquanto eu perpetuamente acordo de mau humor?

Ele balançou a cabeça novamente e pegou o pequeno tubo de shampoo da saboneteira, apertando um globo na palma da mão e trabalhando nos cabelos.

Eu nem sempre fui assim, ele pensou tristemente, apoiando-se para tirar a espuma.

Ele ensaboou seu corpo, passando as mãos sobre os músculos bem definidos do peito e dos braços. Ao longo dos anos, especialmente depois de ter sido expulso do Devils em seu último ano em Duke, ele encontrou consolo em malhar. Na casa em Raleigh, ele tinha uma excelente academia no telhado de seu prédio, com uma piscina olímpica, e quando ele se mudou, tomou providências para o seu cartão-chave poder trabalhar no clube de saúde, vinte e quatro horas por dia. Muitas noites, quando ele não conseguia dormir, dirigiu-se ao elevador até o trigésimo andar, onde ele conseguia resolver sua decepção e agressão e encontrar a paz para voltar a dormir.

No piloto automático no ano seguinte, ele se formou passando raspando em Duke, ele permitiu que seus pais o pressionassem na faculdade de Direito. Concentrou seus estudos em Políticas Públicas como sugeriram, em vez de Lei de Entretenimento, que sempre teve seu fascínio. Focado no curso, ele se formou três anos depois e foi trabalhar no escritório de advocacia de seu pai, conforme planejado. No ano seguinte, ele se lançou numa campanha mal-sucedida para o Senado Estadual. Embora seus pais fizessem a maior parte do trabalho e esperassem o melhor, seu comportamento gelado e sua expressão ácida o fizeram perder voto.

Ele ainda tinha pouco interesse em política ou política pública. Ele permitiu que seus pais o levassem a uma vida que ele realmente não amava. Por quê? Porque a maior parte do tempo, ele simplesmente *não se importava*.

Ele tinha uma sensação de apatia irresistível. O trabalho era trabalho. O trabalho ganhava dinheiro. O dinheiro tornava a vida confortável. Mas nada disso realmente importava.

O que importava?, ele perguntou a si mesmo.

Ele parou enquanto a água tirava a espuma da pele e ia pelo ralo.

— O que importa? — Ele sussurrou, sua voz um pouco desesperada quando sua mente permaneceu em branco.

Hillary importava, é claro. E Pete. Seus pais o irritavam, mas ele se importava com eles. Mas ele não teve grandes amores. Nenhuma equipe de esportes pela qual jogou. Nenhum problema pelo qual ele morresse. Nenhuma mulher que ele amasse.

E nesse instante, as palavras de Hillary o revisitaram: *you need to face your past, or you will never move forward. I want to say, you don't want to love anyone? Be loved by them? Maybe get married and have a child?*

Ele queria essas coisas?

Ele desligou o chuveiro, alcançou uma toalha e secou seu cabelo primeiro e depois seu corpo.

I want those things?

Ele usou o antebraço para limpar um círculo de vapor do espelho e olhou para seu rosto. *Here I am, back at Banks, the place where your dreams began and ended. Now it's time to answer the question, Erik: do you want more of this?*

— Sim — ele sussurrou. *I want to move forward. I want to love someone. I want more of what I have.*

Face your past, or you will never move forward.

Ele respirou profundamente e expirou lentamente, observando como o vapor cobria o espelho novamente, borrando seu reflexo.

Para enfrentar seu passado, ele precisaria se lembrar dos dias preciosos que ele passou com Laire. Ele precisaria olhar para eles e examiná-los e deixá-los machucá-lo uma última vez antes de deixá-los ir. Sem respostas. Sem explicações. Sem nada, exceto a pura força de sua vontade de ter uma vida

diferente do que a existência fria, solitária, irritada e sem sentido, que ele esculpira para si mesmo desde sua perda.

E ele bem poderia começar isso hoje.

Pegando *jeans* e uma camisa, sentou-se à mesa em seu quarto e revisou alguns e-mails e correspondência comercial, depois fechou seu laptop, pegou seu casaco e as chaves e dirigiu-se para baixo. Ele começaria por Utopia Manor, onde seu caso de amor com Laire tinha começado e terminado, e quando ele terminasse, talvez ele finalmente - *finalmente* - fosse livre.

Laire terminou o último de seus cafés, sorrindo pela mesa do bistrô para Ava Grace, que acabava de pedir uma segunda rodada de panquecas.

— Mama, não fique brava, mas Kelsey faz as melhores panquecas de todos os tempos.

Laire riu de sua filha enquanto Ava Grace escavava outra panqueca.

Olhando pela janela na fria extensão de neve cobrindo o gramado, não podia deixar de lembrar de Erik. Eles passaram tantas noites enrolados nas cadeiras de vinil juntos, falando, se tocando, beijando, compartilhando seus sonhos e suas esperanças e seu amor.

O fantasma de Erik estava em todos os lugares que ela se dirigia em Pamlico House, onde eles se amaram tão desesperadamente. Ela cresceu tanto nesse verão, mudou tanto, aprendeu muito. Ela amou tão profundamente, doeu. E mesmo que ela se considerasse tendo vencido Erik agora, estar aqui trazia dor novamente, o que ela se ressentia.

Sem mencionar, fazia muitos anos que ela separou Erik do Filho do Governador, mas aqui? Neste lugar onde ela e Erik foram tão felizes? Era difícil convencer-se de que o homem que amara estava morto e se fora. Em algum lugar no mundo – em uma mesa de escritório em Raleigh, provavelmente – Erik Rexford estava muito vivo.

E sua filha, que tinha os belos olhos de seu pai, lembrava constantemente que algum dia ela precisaria contar a Ava Grace quem ele era e como encontrá-lo. Isso a deixava sem fôlego, só de voltar a pensar nisso.

Seu celular tocou na mesa, e ela virou-o para encontrar vários e-mails sendo entregues ao mesmo tempo. Não havia recepção de celular, e o Wi-Fi na pousada estava chegando aos poucos. Ela percorreu mensagem após a mensagem de Madame Scalzo e seu assistente e outros *designers* no escritório de Nova York. Eles não amaram os desenhos que ela enviou na noite passada, significando um ou dois dias revisando os esboços.

Ela suspirou. — Ava, eu tenho que trabalhar hoje. Você acha que pode ficar assistindo um filme no seu *iPad* quando voltarmos para o quarto?

Ava Grace ergueu o rosto e encolheu os ombros. — Eu fiz isso já. É chato, Mama.

Não só Ava Grace assistiu filmes e programas de TV no carro de Boone até Buxton, mas tinha feito-o por dois dias no quarto do hotel. Ela provavelmente estava ficando louca agora, mas isso não mudava o fato de que Laire precisava ter várias horas de trabalho e o *iPad* era a babá perfeita, a menos que...

Kelsey voltou para a sala de jantar com um prato cheio de panquecas em uma mão e uma garrafa de café na outra.

— Quem quer mais panquecas? — perguntou ela.

— Eu! Eu! Eu! — gritou Ava Grace.

— Kelsey — perguntou Laire —, você trabalha como babá?

Kelsey colocou três grandes panquecas no prato de Ava Grace e depois virou-se para Laire. — Claro. Bastante. Você precisa de uma babá?

— Desesperadamente. Que tal hoje?

— Definitivamente. Posso arranjar tempo. Pra quando você pensou? Esta noite?

Laire se encolheu. — Hum, agora?

— Agora Agora? Como agora mesmo?

Laire ergueu o telefone. — Eu só recebi uma dúzia de mensagens que me manterão ocupada até o final da tarde. Pago bem.

— Mas ainda tenho uma hora de café da manhã, e então...

— Ava não se importaria de sentar aqui e comer panquecas, hein, Ava?

Ava Grace empurrou outro bocado entre os lábios e sacudiu a cabeça.

— E eu, bem, são quase sete e meia. Mesmo se você me desse até uma. Uma hora — disse ela, tentando negociar. — Cinco horas e meia. Eu poderia fazer o bastante.

Kelsey olhou para Ava Grace, que sorriu para ela. — Bem, acho que eu poderia vigiá-la até uma. Mas ela terá que ficar aqui na sala de jantar até as nove, e se ela ficar bem, pode me ajudar a fazer biscoitos, e então vamos sair e fazer um homem de neve e então...

O telefone de Laire zumbiu novamente, e ela pulou antes que Kelsey pudesse reconsiderar. — Perfeito! Muito obrigada!

Kelsey piscou para Ava Grace antes de pôr mais café para Laire e voltar à cozinha.

Laire pegou sua caneca e se virou para Ava Grace. — Promete que será boazinha para Kelsey? Importando-se com ela? E usando suas boas-maneyras?

— Sim, Mama. Kelsey é minha mais nova melhor amiga... depois de você e do Sr. Mopples.

Laire riu quando ela se levantou, inclinando-se para pressionar um beijo na cabeça da filha. — E você é minha linda garota.

— Sua linda *princesa*, mamãe — disse Ava Grace, uma gota de xarope de bordo que escorria lentamente por seu queixo.

— Espere um minuto. — Laire fez uma pausa, sorriu para ela enquanto ela limpava o xarope com um guardanapo. — Você é uma princesa agora?

— Sim — disse Ava Grace balançando a cabeça, seus olhos, sérios. — As filhas dos príncipes são sempre princesas, Mama.

— Oh. — O coração de Laire tropeçou por um momento, mas ela manteve seu sorriso colado em seu rosto. *Você vai ter que lhe dizer a verdade, goste ou não. Algum dia ela precisará saber.* — Sim. Claro, querida. Voce é minha princesa. Sempre.

Maldito seja, Erik Rexford.

Enquanto lágrimas inesperadas queimavam seus olhos, ela se virou rapidamente e correu de volta pelas escadas até seu quarto.

Enquanto Erik descia pelas escadas com as chaves na mão, o cheiro de panquecas lembrou-lhe que o café da manhã era servido das sete às nove, e sortudo como ele era, passava das sete e meia. Quando chegou à área de recepção, o Sr. Leatham, que estava lá, limpou a garganta de forma significativa.

Erik parou no caminho para a sala de jantar, olhando para o gerente com as sobrancelhas erguidas.

— Você acabou de perdê-la — ele disse, sua expressão severa. — A mãe da criança.

— Não entendi.

— Você poderia ter trocado umas palavras com ela, mas você simplesmente a perdeu. Ela voltou para o andar de cima.

Erik suspirou, esfregando a testa. — Veja. Não quero falar com ninguém. Quer saber? Esqueça. Eu vou apenas... comprar tampões de ouvido.

— O que achar melhor — disse o Sr. Leatham cheio de desaprovação.

Ocorreu-lhe que, talvez, o Sr. Leatham precisasse lembrar que Erik era um cliente pagante, mas, como teria de ficar ainda por vários dias, achou melhor deixar para lá e manter a paz. Olhou com desaprovação ao homem sério e dirigiu-se para a sala de jantar onde ele teve seu primeiro encontro com a garota de seus sonhos.

Quando ele entrou no recinto, o tempo voltou por uma fração de segundo, e ele parou logo na entrada. Ele lembrou-se da suave luz de velas nas mesas, da maneira como seus olhos verdes haviam brilhado após o beijo que compartilharam no topo da doca e a conversa estranha que tinha começado. Ela era tão inocente, tão linda,

— Mesa para um?

Erik levantou os olhos de seu devaneio para ver Kelsey Leatham de pé com a mão no quadril, os peitos empurrados para fora. Ele manteve os olhos erguidos.

— Sim, por favor.

Embora houvesse muitas mesas desocupadas na sala, ela o levou até uma mesa junto às janelas ao lado do outro único hóspede – uma garotinha, sentada sozinha com um pinguim de pelúcia na mesa, empurrando panquecas na boca, como se estivesse prestes a ter uma escassez mundial.

A criança. Hmm.

Ela se inclinou sobre o café da manhã, uma coisa pequena com cabelo vermelho escuro brilhante pela luz do sol que entrava pela janela à sua direita. Não que ele vivesse cercado por crianças, mas se ele tivesse que adivinhar, ele colocaria sua idade em torno de quatro anos.

— Que tal aqui? — perguntou Kelsey, e maldição se ele não viu um desafio em seus belos olhos azuis. Seu avô deve ter contado a ela sobre suas objeções ao barulho, e então ela estava sentando Erik ao lado de seu inimigo de propósito.

— Perfeito — ele disse, aceitando seu desafio, escolhendo a cadeira

que encarava a criança.

A menina olhou para ele e acenou com a mão, os olhos enormes, castanhos como os dele. E maldição se sua respiração não tropeçou por um momento, porque a única outra pessoa onde ele já vira olhos tão escuros e grandes era, bem, no espelho ou no rosto de sua mãe. Ele sempre pensou em crianças, especialmente meninas, como tendo olhos azuis como os de Hillary ou Vanessa – vulneráveis e claros – quase nunca negros. Era extraordinário. E um pouco inquietante.

Depois de um momento, ela parou de acenar, encarando-o com um brilho e dizendo:

— Sr. Mopples diz que é grosseiro não acenar de volta.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Kelsey estava de pé ao lado de sua mesa com uma jarra de café, e ele estava gentilmente acenando com a cabeça para encher sua xícara.

— Panquecas? — perguntou ela.

— Obrigado. Ótimo — disse Erik, seus olhos voltando para a garotinha, que parecia conversar profundamente com o pinguim.

— Nem todos têm boas maneiras, mas ainda fazemos o nosso melhor, não é? Sim, nós fazemos.

Os lábios de Kelsey sorriram, e ela se moveu para encarar a menina.
— Tudo bem, Ava Grace? Quer mais panquecas?

Ava Grace.

Todo o ar foi de repente sugado para fora da sala enquanto a cabeça de Erik se voltava para olhar para Kelsey antes de pousar seus olhos para a garotinha de olhos escuros – para Ava Grace.

Ava! Ava Grace, você precisa segurar minha mão!

Ava Grace. Esse é um nome muito bonito.

Você é bonita como uma princesa.

Os Elizabethan Gardens.

Seis anos atrás.

Com Laire.

A menina que tropeçou no caminho. O nome dela também era...

— Sr. Rexford? Um, Sr. Rexford?

Erik exalou a respiração que ele estava segurando e olhou para Kelsey, que estava olhando para ele de um modo engraçado.

— O q... Sim?

— Xarope de bordo ou açúcar em pó?

— Xarope — ele murmurou, imediatamente olhando para a menina que tinha o mesmo nome que a menina que tropeçou no caminho, a quem Laire tinha colocado em seus braços, que...

— Sr. Mopples diz que é muito rude olhar.

— O... O quê?

— Sr. Mopples disse isso.

— Desculpa. Quem?

— Você está olhando — disse a menina, seus lábios cheios de açúcar franziram em aborrecimento.

— Estou?

Ela assentiu.

— Desculpa. Seu nome é Ava Grace? — Ele perguntou.

Ela assentiu de novo. — Sim.

— O meu nome... meu nome é Erik — disse ele, tentando recuperar sua compostura. Droga, mas ele foi nocauteado pela menção desse nome. Havia apenas um par de nomes no mundo que poderia tê-lo abalado tão mal, e Ava Grace era, aparentemente, um deles.

Seu pequeno inimigo abriu uma salsicha, olhou para o pinguim abatido sentado na mesa em frente a ela, depois falou, através de um bocado de comida meio mastigada — Oscar é seu nome.

— Hã? Não, não Oscar — disse ele, em seguida, enunciando: — Erik.

Ela mastigou um pouco mais, engoliu em seco, depois o nivelou com seus olhos intensos. — Oscar.

Bem, isso é irritante. A pequena coisa tem problema de audição? Ele tentou novamente, levantando a voz um pouco. — Meu nome é Erik, e não Oscar.

— Você está gritando.

— Eu não estou... — Ele baixou a voz. — ...gritando.

— Sim, você estava — disse ela. — Sr. Mopples diz que seu nome é Oscar porque você é um rabugento. O Sr. Mopples sempre está certo.

— Eu sou um... rabugento?

Ela assentiu com a cabeça enquanto ela alcançava seu suco de laranja. — Você não acena, encara e grita. E quando Kelsey perguntou se você queria xarope ou açúcar, você ‘norou’ ela.

— *Ignorou*, não ‘norou’. Eu a ignorei.

— Sim, isso aí — concordou Ava Grace, largando seu copo depois de um gole satisfeito. — E o Sr. Mopples não aprova.

— Quem diabos é o Sr. Mopples?

— Vu só? Agora você praguejou. Seu nome é definitivamente Oscar.

Ele contou até três em sua cabeça, então perguntou o mais educadamente possível: — Quem é o Sr. Mopples?

Com a palma aberta, ela gesticulou delicadamente para o pinguim desgastado sentado em frente a ela sobre a mesa. — Ela.

— Ele — disse Erik.

— Não — disse Ava Grace. — Ela.

— Mas você disse *Sr. Mopples*.

Ela acenou com a cabeça para ele.

— *Sr. Mopples* é uma menina?

Ela assentiu de novo. — Você sabe por quê?

De repente, do nada, lembrou-se de algo que Hillary sempre disse quando era pequena e as pessoas perguntavam por que seu elefante de pelúcia, Ella, era um menino.

— Porque é assim — disse ele com naturalidade, surpreso ao sentir que seus lábios se contraíam um pouco, lembrando-lhe da safadinha da sua irmã e grato que permanecesse assim.

Mas o que aconteceu depois foi o mais surpreendente de tudo. A pequena ruiva piscou para ele, depois ofegou com prazer, seu rosto explodiu no mais lindo sorriso que ele já havia visto, em qualquer criança, em qualquer pessoa, em toda a sua vida, e ela exclamou: — Sim! Você acertou!

— Eu? — Ele perguntou, rindo, de si mesmo.

— Sim! E ninguém nunca acerta! Nem mesmo tio Patrick! Nem mesmo *Mama*! — Ela acenou com a cabeça para ele, seu sorriso ainda enorme quando ela virou o pinguim para enfrentar Erik. — *Ela* é o *Sr. Mopples* porque é assim.

— Bem, Ava Grace — ele disse, tomando um gole de seu café e se sentindo mais satisfeito com esta pequena vitória do que ele sentiu em um longo,

longo tempo —, era hora de alguém acertar.



Capítulo 19

Laire terminou a maioria de seus projetos ao meio-dia e conseguiu encaminhá-los para Madame Scalzo no momento em que bateu uma hora e Kelsey veio à sua porta para retornar Ava Grace.

— Nós nos divertimos tanto, Mama! — gritou sua filha, entrando no quarto com botas para a neve e deixando pequenas poças em todo lugar.

— Ava! Tire as botas! — Ela virou-se para Kelsey. — Como foi?

— Ela é incrível — disse Kelsey. — Nós assamos biscoitos e fizemos anjos na neve.

— Eu não suponho que você possa fazê-lo novamente amanhã?

— Eu poderia — disse Kelsey — mas pela manhã é difícil. Que tal amanhã à noite? De cinco à dez, ou mesmo mais tarde? Posso ficar aqui com Ava Grace, e você pode trabalhar no andar de baixo no salão?

Laire assentiu com graça, pegando a carteira da mesa de cabeceira e tirando sessenta e cinco dólares. — Isso é suficiente?

— Ótimo. Obrigada. — Kelsey pegou o dinheiro e colocou-o no bolso traseiro. — O vovô disse que você precisava de um barco para amanhã, ou eu ouvi errado?

— Não amanhã — disse Laire. — Talvez na próxima semana, no entanto, quando a escola de Ava Grace começa. Em algum momento, vou ter de ir a Corey.

— Ilha de Corey? — perguntou Kelsey. — Por que diabos você quer ir até lá?

Laire olhou para os pés descalços por um momento antes de encarar os olhos da jovem. — Eu sou de Corey.

— Não!

Laire assentiu, incapaz de conter seu sorriso. — Eu sou, eu juro.

— Eu pensei com certeza que você era uma forasteira.

— Não. Ilhéus. Nascida e criada. — Seu sorriso desapareceu. — Saí de lá cerca de seis anos atrás.

— E perdeu seu sotaque. — Kelsey lançou um olhar para Ava Grace. — História longa?

— Com direito a uma grande taça de vinho.

— Então você está indo para casa para ver seu pessoal?

— Tipo isso. Talvez. — Ela deu de ombros, seus ombros escostando em seus ouvidos e segurando por um momento enquanto considerava a pergunta de Kelsey. — Eu deixei... situações mal resolvidas. Eu quero tentar consertar as coisas antes de me mudar para Nova York neste verão.

— Espera! Você está se mudando para Nova York? — perguntou Kelsey, colocando as mãos nos quadris, os olhos cintilantes e impressionados. —

Tem espaço para mais um? Como uma babá talvez?

— O que seu avôalaria sobre isso? — perguntou Laire.

Havia apenas alguns anos de diferença entre ela e Kelsey, mas Laire tinha vivido muita dor de cabeça em vinte e quatro anos e meio, e Kelsey sentiu-se muito mais jovem do que ela. Os Leathams eram originários de Ocracoke, que não era tão conservador quanto Corey, mas muitos dos valores ainda eram iguais, e Laire não estava ansiosa que sua nova amiga experimentasse as dificuldades que teve.

Kelsey encolheu os ombros. — Não adoraria. Nem meus amigos.

— Pense bem antes de fazer uma escolha assim, hein, Kelsey?

A mulher mais nova suspirou, mas acenou com a cabeça. — Sim. É difícil sair.

— É especialmente difícil voltar — disse Laire suavemente, mais para si mesmo do que para Kelsey.

Ela já estava de volta aos Banks por três dias, e ninguém da sua família foi mais sensato. Agora que ela estava aqui, descobriu que não estava com pressa para vê-los, embora eles fossem uma grande razão por que ela tinha decidido mudar-se para ali por um tempo. Então, novamente, fazia sentido instalar Ava Grace na Escola Primária de Hatteras e mudar-se para o apartamento de Judith primeiro, certo? Sim. Não fazia sentido apressar as coisas. Uma vez que estivessem instaladas em Hatteras, ela chamaria Kyrstin e pediria seu conselho sobre como organizar uma visita.

— Mama — disse Ava Grace, olhando pela porta do banheiro —, você sabia que eu tenho um novo amigo?

Agradecida pela distração, Laire sorriu para ela. — Você tem?

— Uh-hum! Seu nome é Oscar!

Ela voltou para o banheiro e Laire riu quando ela se virou para Kelsey. — Oscar? Eu não percebi que havia outra criança na pousada.

— Oh — disse Kelsey, lambendo os lábios e dando a Laire uma expressão engraçada. — Ele não é um criança. E, na verdade, seu nome não é Oscar. É...

— Mama! — Gritou Ava Grace.

O coração de Laire acelerou enquanto atravessava a sala em três passos, entrando no banheiro. — Ava?

Ava Grace estava sentada no banheiro com suas calças de neve em torno de seus tornozelos, apontando para o chuveiro. Quando Laire olhou ao redor da cortina, viu uma aranha peluda do tamanho de sua palma descansando no azulejo branco.

— Oh, Deus — disse ela, encolhendo. — Que nojo.

Kelsey, que a seguiu até o banheiro, ofegou, depois gemeu. — Segunda, nesta semana. Eu acho que eles foram arrastados pela tempestade. Estão vindo pelos canos.

— Mama — gritou Ava Grace. — É tão nojento!

Laire recuou do aracnídeo e entregou à sua filha um papel higiênico. — Limpe-se.

— Eu vou chamar o vovô — disse Kelsey, saindo da saleta. — As aranhas me dão calafrios!

— A mim também!

Ava desceu do vaso e deu descarga, e Laire ajudou-a a tirar suas botas, calças de neve e parka, colocando-a na frente da TV com um pacote de biscoitos.

Poucas horas depois, depois que o Sr. Leatham despachou seu amigo peludo, e Ava Grace estava feliz comendo pizza na hora do jantar, Laire percebeu que não tinha obtido detalhes sobre o misterioso e novo amigo da filha, Oscar.

Erik passou a maior parte do dia em Utopia Manor com o faz-tudo local, Charles McGillicutty, avaliando os danos causados à mansão e planejando o reparo e a renovação. A doca foi quebrada por ondas e jogou-a cerca de vinte jardas no gramado, que estava coberto de detritos do mar. Partes do calçadão precisavam de reparos. A piscina tinha sido inundada, e a água vazou através das portas deslizantes para a sala de estar, destruindo os pisos, os tapetes e os móveis de piso térreo. O porão também inundou, danificando o painel elétrico. E várias janelas do terceiro andar foram quebradas por detritos voadores, causando danos ao interior e exterior da casa. Eram milhares de dólares de dano em paisagismo e estrutura, e Erik precisava de Hillary para chamar o agente de seguros de seus pais em Raleigh para vir e fazer um relatório imediatamente. Ele imaginou que levaria alguns dias para alguém chegar até Banks, então Erik provavelmente ficaria preso lá até pelo menos primeiro de janeiro.

De pé na varanda do seu quarto no sol do fim de tarde, ele puxou o telefone e enviou mensagens de texto para Hillary, aliviado ao descobrir que ele tinha um serviço de ponta.

ERIK: Ei. Você está aí? Estou em UM.

Enquanto ele esperava que ela respondesse, ele colocou seu telefone no balcão da varanda, olhando para a extensão ante ele: a piscina, o gramado, o calçadão e a doca. Ele lembrou-se da primeira vez que viu Laire Cornish, de pé ao lado dele no *deck* da piscina, seus olhos verdes tão inocentes e adoráveis enquanto ela insistia que não tinha *bichinhos*.

Pela primeira vez em muitos anos, ele riu suavemente sobre uma memória ligada à Laire, mas sua risada acabou rapidamente, e seu sorriso desapareceu. Se ele tivesse sabido naquele dia a mágoa que se seguiria, ele teria falado com ela, seguido-a como um cachorrinho, levado seus isopores para a cozinha e insistido num encontro? Ou ele teria dito olá, então voltado para dentro, para a segurança de seu quarto, e ficado lá até ela partir?

Simplificando, ele trocava todos os maravilhosos momentos desse verão pela dor que se seguiu?

Foi uma pergunta difícil, mas Erik sentiu que era o cerne do seu sucesso em avançar com sua vida.

Se ele pudesse voltar no tempo e nunca conhecer Laire Cornish, teria ele?

Seu telefone tocou na grade e ele pegou.

HILLZ: Aqui. Tudo bem? Como está a casa?

ERIK: Em mau estado. Você pode chamar Town & Country Seguradora e pedir um corretor?

HILLZ: Claro. Ligo hoje.

ERIK: Eu vou ficar até chegarem aqui. Vou ficar no Pamlico House. Diga-lhes para me ligarem lá. O serviço de telefone não é bom aqui. Só posso enviar textos.

HILLZ: Farei isso.

Ele olhou para a tela esperando que ela dissesse mais.

HILLZ: Como VOCÊ está?

Erik se encolheu.

Como regra geral, ele não era um fã do tipo de busca de alma que ele estava forçando-se a ser – um, sentia-se auto-indulgente e, dois, encarar as verdades difíceis não era tão agradável – mas ele não podia continuar vivendo sua vida como vinha fazendo. Era hora de uma mudança.

ERIK: Venho pensando.

HILLZ: E?

E?

Se você pudesse voltar no tempo e nunca conhecer Laire Cornish, você o faria?

— Não — ele disse suavemente ao vento frio e assobiando. — Eu não faria.

Eu não trocaria isso. Eu tomaria o bem e lidaria com a dor melhor do que tenho feito.

Esta foi uma revelação interessante para Erik, porque muitos dos últimos seis anos fê-lo sentir que odiava Laire, desejando que ele nunca a conhecesse, querendo puni-la por machucá-lo como ela havia feito. Mas agora? Diante da questão final de saber se ele a apagaria de sua vida? Ele não faria. Ela era a coisa mais real que já conhecera. Ela era aberta e honesta, doce e fresca. Não importava como as coisas terminaram entre eles, ela ensinou-lhe mais sobre o que ele finalmente queria de uma parceira de vida do que qualquer outra pessoa. Como ele poderia rejeitar esse conhecimento? Valeu mais do que a dor que ele sofria, não ? Usada corretamente, poderia moldar o tipo de relacionamento que, algum dia, poderia torná-lo feliz novamente. Ele sabia o que procurar e o que não procurar em uma parceira. Esse conhecimento não tinha preço e ele não teria isso sem ela.

HILLZ: Sobre o quê?

ERIK: Eu gostaria de mudar.

HILLZ: Sério?

ERIK: Sim.

HILLZ: Conte-me mais!

Ele gemeu com os rostos do *smiley* enchendo a tela. Ele podia vê-la marcando encontros para ele no segundo que ele voltasse para Raleigh.

ERIK: Calma aí. Não estou pronto para me casar ou nada assim. Estou apenas descobrindo algumas coisas.

HILLZ: Isso é bom. Muito bom. Isso é tudo que eu sempre quis que você fizesse.

ERIK: Obrigado, Hills. Obrigado por me aguentar. Eu fui horrível.

HILLZ: Ela fez um tanto em você. Mas sim, é hora de você seguir em frente.

ERIK: Se eu nunca ouvir as palavras “seguir em frente” novamente, seria muito bom.

HILLZ: LOL. SEGUIR EM FRENTE. SEGUIR EM FRENTE. SEGUIR EM FRENTE.

Os lábios de Erik se ergueram em um sorriso e, de repente, lembrou-se da pequena danadinha no café da manhã, que lhe deu um trabalhão. Ele esperava que ela não tivesse um irmão, porque ela na certa o atormentaria, tanto quanto Hillary fez com ele.

E, no entanto, não havia como negar como era grandiosa. Quatro anos e tendo seu próprio debate com um homem adulto. Ele riu novamente. Se ele pudesse ter uma criança como Ava Grace algum dia, podia valer a pena tentar encontrar a garota certa.

Erik suspirou, olhando além do telefone para o horizonte. Eram apenas quatro e trinta, mas o sol estava baixo no céu. Logo ficaria escuro.

ERIK: Moça, tenho que ir. O sol está se pondo. Não há aquecedor aqui e muito frio.

HILLZ: Pobre Erik.

ERIK: Espertinha. Te amo.

HILLZ: Liguei para a companhia de seguros e mantenho contato. Amo você também.

Ele enfiou o telefone no bolso e voltou para o quarto dele, fechando a porta deslizante e trancando-o atrás dele. Não havia luzes para desligar quando ele se dirigiu para o andar de baixo, caminhando sobre o tapete saturado e abafado e danificado pela água, juntando pisos de madeira em sua direção até a porta da frente. Ele trancou atrás dele, então dirigiu-se aos degraus para o carro.

Pela primeira vez em um longo tempo, ele se sentiu mais leve. Seu coração se sentia mais leve, ou mais quente, talvez. Ele não conseguia descrever, só sabia que estava mudando após um longo período de animação suspensa. Viver em um estado emocional congelado poderia protegê-lo de mais distúrbios, mas não lhe permitia curar-se ou crescer. A ferida furiosa e irritada que era a

rejeição inexplicável de Laire Cornish havia maltratado por tempo suficiente. Foi um alívio estranho e inesperado finalmente se dar permissão para começar a seguir em frente.

Laire puxou as cobertas até o queixo de Ava Grace e a beijou na testa enquanto dormia. Ela não tinha planos para amanhã, mas talvez ela levasse sua filha a algum lugar especial se as estradas estivessem suficientemente claras para dirigir e quente o suficiente para estar ao ar livre. Ava Grace ainda não tinha visto o farol, ou tinha corrido na praia. E elas poderiam encontrar um lugar aberto para o almoço em Hatteras, certo? Poderiam dirigir por sua nova escola e talvez olhar pelas janelas. Amanhã seria tudo sobre Ava Grace, e amanhã à noite ela trabalharia enquanto Kelsey cuidasse da criança.

Quanto a esta noite...

Uma das coisas que ela sempre gostou mais sobre Pamlico House era o terraço no quarto andar. Como garçoneiro no restaurante, há tantos anos, muitas vezes ela se demorava, olhando para o oceano por um lado e a costa, do outro, deixando o vento chicotear seus cabelos enquanto sonhava com a vida passada com Erik Rexford. Esses sonhos foram esmagados em vez de concedidos, é claro, e talvez por isso não tenha subido até lá. Era mais difícil enfrentar os lugares onde ela tinha sido mais feliz.

Mas, de repente, ela lembrou-se de que os Leathams acendiam a fogueira no andar de cima todas as noites entre às oito e às dez, e Kelsey a incentivou a subir e relaxar quando tivesse algum tempo livre. Ela disse a Laire que eles deixavam ao lado cobertores quentes na tradição européia, e ela podia olhar para as estrelas enquanto o fogo aquecia seu rosto.

Laire estava relutante em deixar Ava Grace sozinha no quarto nas primeiras noites, mas agora estava muito mais confortável na estalagem e... Laire olhou para o sono angélico da sua filha, adormecida.

Talvez esta noite ela vagasse para o andar de cima por uma hora e relaxasse – sentando-se junto ao fogo com a cabeça inclinada para trás, como Kelsey sugeriu, e olhasse para as estrelas. Respirar o ar frio e salgado com uma

manta de lã pesada aquecendo suas pernas. Apenas ser. Somente... estar.

A vida não oferecia a uma mãe solteira muitas oportunidades para relaxar e, certamente, uma vez que ela e Ava Grace estivessem em seu novo apartamento, haveria muito trabalho a ser feito. Enquanto ela estava aqui, talvez simplesmente aproveitasse uma hora para si mesma.

Cuidando para não acordar Ava Grace, ela silenciosamente saiu de suas calças de yoga e colocou um *jeans* e meias de lã grossas. A camiseta dela saiu logo, e ela escolheu uma camisa de gola alta de caxemira simples como seu top. Suas botas pretas acolchoadas em pele estavam esperando por ela no armário, e ela pegou sua elegante jaqueta de esqui preta e luvas de couro pretas aparadas em pele de coelho cinza. Ela pegou uma boina de pele de coelho cinza do topo da mesa e deslizou sobre seus cabelos rebeldes, que ela puxou para baixo em um rabo de cavalo baixo contra a parte de trás do pescoço. Verificando-se no espelho, ela percebeu que seu rosto parecia magro e cansado, mas pelo menos estava em dia com a moda.

Dando a Ava Grace um último beijinho na testa, ela saiu do quarto tão silenciosamente quanto possível, fechando a porta atrás dela.

Com uma dúzia de outros hóspedes que ficaram na pousada, Erik não esperava ter a fogueira para si mesmo, e depois de um longo dia de demônios enfrentados, ele ficou aliviado de afundar no luxuoso e confortável sofá no terraço e puxar um cobertor nas pernas e peito. O fogo aqueceu o rosto o suficiente depois de alguns minutos que ele recostou a cabeça para trás, olhando para as estrelas, e desconhecido, lembrou-se das palavras de Laire na primeira noite que ficaram em Utopia Manor: *somos apenas duas pequenas manchas de poeira em um mundo grande e amplo. Mas eu sinto tanto, Erik. Eu sinto tanto, é como se todo o universo não pudesse segurá-lo, mesmo que tentasse.*

Ele estremeceu, fechando os olhos contra o familiar, ainda que inesperado, estado de angústia.

Como ela poderia ter terminado com ele assim?

Como poderia ter virado as costas para ele? Sem aviso prévio? Sem notícia?

Como poderia ter deixado de lado alguma coisa que os fizera sentir tão profundamente?

E por quê? Por quê, diabos?

Ele teria feito qualquer coisa por ela – *ido até os confins da Terra* – para fazê-la feliz.

Feito qualquer coisa. Tentado qualquer coisa. Esperado para sempre.

Ele nem sequer teve a chance. Ela virou as costas para ele e desapareceu antes que ele soubesse que ela tinha ido embora, e foi assim. Tão. Fodidamente. Injusto.

Sua atenção foi de repente atraída para o som da porta para o telhado, e Erik abriu os olhos, respirando profundamente o ar gelado e tentando recuperar sua compostura rapidamente. Ele não estava com vontade de conversa ociosa com outro hóspede do hotel, mas ele era um cavalheiro, e trocaria amenidades por um momento antes de voltar para baixo para um copo de *bourbon* antes de dormir.

Ele limpou a garganta e sentou-se, olhando para a frente à pessoa que interrompeu seu silêncio estrelado. A vários metros de distância, ela inclinou os cotovelos contra a grade de aço inoxidável que corria ao redor do perímetro do espaço, os joelhos pressionados contra o Plexiglas que separava o balcão do chão, o rosto, de perfil, virou-se para cima enquanto olhava para o céu.

Ela tinha cerca de um metro e sessenta e cinco de altura e era magra, vestida de *jeans* e uma jaqueta preta, com uma espécie de lenço de peles em volta do pescoço.

Enquanto Erik a olhava sem palavras, seus lábios se abriram lentamente, e seu coração acelerou, cada vez mais rápido, como sempre quando via uma mulher com essa cor de cabelo. Não era bem loiro à luz da lua. De onde ele sentou, fosse um truque da luz do fogo ou real, seu cabelo parecia ser um louro avermelhado. Mantido baixo contra o pescoço com um lenço simples, era reto e longo, assim como de... Assim como de...

Sentando-se direito, Erik não sentiu o cobertor cair de seu peito, juntando-se no colo quando ele traçava as linhas de seu rosto de perfil e minúsculos pedaços pelos quais ele ansiou para, finalmente, tomarem forma - a inclinação do nariz, o arco franzido de seus lábios, a graça de seu pescoço comprido.

— Jesus. Não pode ser... — Ele murmurou sem fôlego, esfregando freneticamente seus olhos. Foi só porque ele estava aqui, onde seu fantasma estava em todos os lugares, onde ele estava tão feliz com ela. Era um truque. Não era real.

Mas suas palavras sussurradas, apenas em competição com a luz e o estalar da fogueira, haviam levado a escuridão silenciosa, e quando ele deixou cair os dedos em seu colo e se concentrou, descobriu que ela não era um truque de luz.

Ela era real.

Laire Cornish estava de frente a ele.

— Que merda — ele murmurou, seu peito subindo e descendo tão rápido, ele estava ficando tonto. Isso era uma alucinação? Uma puta piada? Sem a sua permissão, seus pés se haviam plantado firmemente no chão, e ele estava subindo, parado, atado por um olhar mútuo e incrédulo para a mulher que não estava a dez metros de distância dele. — Laire?

Sob sua jaqueta, seu peito arfava como o dele, e seus olhos – seus lindos e amados olhos verde-marinhos – olhavam para ele, abertos e chocados, enquanto ela acenava com a cabeça.

— Mas que mer... Mas que...? — Ele perguntou, suas palavras mal sonorizadas em seus ouvidos sob o golpe feroz de seu coração. Ele forçou as mãos, que estavam suando e tremendo, para pousar e ficar em seus quadris enquanto engasgava: — Você está... você está hospedada aqui?

— Sim, sim — ela sussurrou, estremeando quando ofegou, então soluçou, duas lágrimas escorreram pelas bochechas como jóias à luz da lua. — E-Erik?

Uma mão em luva se dirigiu para a grade, como se ela estivesse tendo

problemas para ficar de pé, e Erik se afastou do sofá para o lado dela, pegando o cotovelo livre com uma mão firme.

— Respire — ele falou.

Olhando para ele com olhos verdes e reluzentes, ela sugou uma respiração longa e profunda, enchendo o peito, erguendo os seios novamente.

— Agora solte — ele disse, segurando os olhos dela com os dele.

Seu corpo relaxou aos poucos enquanto soltava o ar, ignorando o fluxo de vapor cinzento que desaparecia sobre suas cabeças.

— De novo.

Ela assentiu com a cabeça e respirou profundamente de novo, e ele sentiu a força retornar. Ao preencher os pulmões, ela afastou o cotovelo de seu aperto e deu um passo para trás. Apesar da distância que ela impôs entre eles, ela nunca desviou o olhar, seus olhos incompreensíveis, invadindo muitas emoções e pouca luz para que Erik decifrasse seu significado.

— Você quer se sentar? — Ele perguntou.

— Não — ela sussurrou, cruzando os braços sobre o peito.

Perguntando-se se a sua proximidade estava realmente fazendo mais mal do que bem, ele se afastou dela como ele fosse um animal assustado. Uma vez que havia um bom espaço de quase um metro entre eles, ele deixou cair os olhos por um momento, passando a mão pelos cabelos enquanto tentava se recompor.

— Nunca pensei em te ver novamente — ele disse suavemente. Quando ele voltou a encará-la, sua mão permaneceu na parte de trás do pescoço. Ele precisava segurar algo.

— Eu sei — disse ela.

Seus olhos se estreitaram em sua resposta. — Você nunca quis me ver de novo.

Porque seus lábios ainda estavam separados, ele podia vê-la apertar os dentes, flexionando a mandíbula e abalando suas palavras. Finalmente, ela murmurou. — Não.

Seu coração apertou com dor à palavra clara e simples.

Você nunca quis me ver de novo.

Ocorreu-lhe que esta era a oportunidade tão aguardada de perguntar por que razão. *Por que você nunca quis me ver de novo?* Mas foda-se, um pedaço do tamanho do oceano tinha subido lá, tornando impossível para ele falar. E seus olhos, concentrados nos dela, queimaram-se das lágrimas, fazendo-o piscar rapidamente antes de se afastar dela, na Costa do Pamlico, que tinha os unido, uma e outra vez.

Ele limpou a garganta, trocando a dor pela raiva. — Bem, pior para você, então, porque aqui estou eu.

Um pequeno soluço fez com que ele abaixasse a cabeça para encará-la, seus olhos atraídos inexoravelmente para os dela, onde ele encontrou tais feridas de dor, fez os músculos do rosto se curvar quando seu coração pulou uma batida. Sua raiva foi afastada. Ele conhecia aquele olhar. Ele sentiu todos os dias durante os seis longos anos que esteve separado dela.

Agonia.

— Laire? — Ele sussurrou, dando um passo mais perto dela, suas mãos estendendo-se para tocar suas bochechas sem sua permissão enquanto seus olhos possuíam os dela, procurando por respostas: *o que foi, querida? Por que você está tão triste?*

Ela deu um passo para atrás, antes de suas mãos entrarem em contato, balançando a cabeça, alcançando os dedos enluvados para tirar as lágrimas de seu rosto. Ele deixou cair as mãos, deixando-as cair inútilmente, com indiferença, aos seus lados.

— Eu... Eu tenho que ir — ela gritou, afastando-se da grade e apressando-se em direção à porta.

— Espere! — Ele chamou, virando-se para segui-la. — Laire! Foram

seis anos. Por favor! Apenas espere, merda!

Mas a porta já havia se fechado atrás dela.

Ela se foi.

Novamente.



Capítulo 20

Laire correu pela escada, tropeçando em seus pés em um esforço para chegar o mais longe dele o mais rápido possível. As lágrimas escorriam pelo rosto e seu coração - *oh, Deus, meu coração* - latejava de saudade, de memórias, de amor, de ódio, de desapontamento e de solidão e com o horror de correr para ele sem qualquer preparação.

Um momento, ela estava lutando contra a lembrança de observar as estrelas com ele em Utopia Manor, e de repente, ele estava de frente a ela, olhando para ela, dizendo seu nome, segurando o cotovelo, ajudando-a a respirar.

— Oh, Deus — ela soluçou, chegando à porta de seu quarto, apenas para descobrir que ela de alguma forma a trancou por dentro antes de partir. — Não!

Ela resistiu ao desejo de chacoalhar a maçaneta por pura frustração,

sabendo que poderia acordar Ava Grace. Sem opções, exagerada e exausta, ela virou as costas para a porta e deslizou lentamente até o chão. Enquanto as soluços silenciosos prendiam os ombros, ela comprimiu o corpo, puxando os joelhos para o peito e inclinando a testa junto a eles, então suas lágrimas podiam fluir livremente.

Erik.

Erik Rexford.

Meu Erik.

O filho do governador.

Aqui.

Aqui comigo.

Aqui com... Ava Grace.

Ela sacudiu a cabeça contra a pura insanidade, aproximando-se para correr os dedos nos cabelos até encontrarem-se na parte de trás da cabeça, prendendo-o.

Deveríamos partir.

Temos que entrar no carro e ir.

Poderíamos encontrar outro lugar. Poderíamos...

Exceto que não havia outros hotéis perto de Hatteras com um gerador. Para onde ela iria? Para Nags Head ou Kitty Hawk? As estradas ainda estariam transitáveis ?

— Caralho — ela murmurou, piscando contra a queimadura em seus olhos e sentando-se. Ela podia ouvir pisadas descendo as escadas, e ela rezava que não fosse Erik.

Ela deveria ter sabido que suas preces não seriam ouvidas.

Quatro portas para baixo, na entrada do corredor que levava à escada

principal, Erik Rexford de repente apareceu, olhando primeiro para a direita e depois para a esquerda. Seus olhos pousaram facilmente em sua forma encolhida, agachada fora da porta do quarto do hotel no final do corredor.

— Por favor, vá embora — ela murmurou, meio para ele, meio para si mesma, olhando para ele com olhos borrados, enquanto ele caminhava lentamente em sua direção.

Quando ele a alcançou, ele olhou para o quarto do outro lado do corredor da dela. À porta lia-se “Materiais”, e ele se inclinou contra ela, lentamente deixando-se afundar no chão até que ele estivesse sentado de frente para ela, longas pernas espalhadas entre eles.

Seus olhos procuraram o rosto por um longo momento antes de olhar o número na porta do quarto do hotel: 208.

Ela não reparou isso, apenas desviou os olhos, encarando o *jeans* desgastado em seu joelho, pincelando com o dedo.

— Espere — disse ele. — Seu quarto é o 208?

Sua voz teve uma ligeira urgência, e ela olhou para ele, balançando a cabeça uma vez.

Seus lábios se separaram e ele piscou para ela.

— Estou exatamente acima de vocês. Você tem uma... Você está aqui com uma criança?

Todo músculo em seu corpo se fechou em reação a essas palavras, e levou cada grama de sua força para não mostrar isso externamente. Ela assentiu. — Sim.

— Ava Grace — ele murmurou.

Ela estremeceu. — Sim. Como você sabe disso?

— Eu a conheci no café da manhã. — Seu rosto ainda parecia atordoado, e seus olhos procuravam nela respostas. — Ela é sua? Sua... filha?

E sua.

Ela ouviu as palavras em sua cabeça, mas rapidamente as silenciou. Ela não tinha interesse ou desejo de compartilhar sua filha bonita, confiante e incrível com o homem sentado na frente dela; com o Filho do Governador.

— Sim.

— Você chamou-a de Ava Grace — ele disse, sua voz quase um sussurro.

— Sim — ela disse, seus olhos brilhando com lágrimas enquanto ela olhava para ele porque sabia que ele estava pensando na pequena garota dos Elizabethan Gardens, e a fazia desesperadamente triste e estupidamente feliz ao mesmo tempo.

Suas memórias com Erik não tinham fotos de acompanhamento, nem amigos que testemunharam sua relação. Durante esses longos e solitários anos, não havia ninguém com quem lembrar dias felizes ou processar a devastação ao perdê-lo. Havia um certo conforto em alguém, não importa quem fosse, lembrando com ela.

Ela viu a dor cruzar suas feições, com certeza, seguido de uma tentativa de sorrir com educada congratulação, mas perdeu a batalha em tentar parecer satisfeito por ela e deixou cair os olhos, olhando para o colo em uma infelicidade mal escondida.

— Então você é casada — ele sussurrou, as palavras apertadas e gravemente.

— Não.

O pescoço dele estalou ao levantar, seus olhos registrando surpresa, seguidos brevemente por alívio e confusão. — Divorciada?

Ela apertou a mandíbula, escolhendo as palavras com cuidado, somando seu significado: ele não percebeu que Ava Grace era dele. Ele não havia juntado. Ele não sabia.

Por um momento, quando ele sussurrou seu nome, Laire estava certa

de que ele juntava dois mais dois e percebia que ela era sua filha, mas agora viu que ele não sabia, e uma onda de alívio fez com que expirasse a respiração que ela estava segurando.

Ele assumiu que tinha estado casada com o pai de Ava Grace. Melhor. Quanto menos soubesse sobre ela e Ava Grace, melhor. Ele não podia ser confiável. Ele era o pior tipo de enganador, capaz de fazê-la acreditar que ele realmente a amava enquanto ele estava na verdade traindo-a cada momento que eles não estavam juntos.

Ele não sabe, ela se tranquilizou, então decidiu que seria melhor mudar o assunto o mais rápido possível, longe de sua filha.

— E você? — perguntou ela.

— Eu?

— Eu pensei... Quero dizer, eu ouvi, há algum tempo, que você estava noivo — disse ela, desejando que não a machucasse ao dizer essas palavras, mas a lembrança das revelações da Sra. Rexford mordida e picava como aconteceu muito mais recentemente do que há seis anos.

— Não — ele disse suavemente.

— *O quê?*

Era sua vez de olhar rapidamente, aproveitando para verificar a verdade dessas palavras.

— Nunca.

Seu coração martelava enquanto seus olhos examinavam os dele. E, tanto quanto ela podia dizer, ele não estava mentindo. Seus olhos estavam repletos pelo encontro deles, sim, mas abertos e claros, seu rosto neutro. Mas espere. Como era possível que ele nunca esteve noivo? Ela o viu com Van. Ele estava rindo, seu braço ao redor dela, uma grande pedra gorda em seu dedo. Laire tinha visto isso com seus próprios olhos. E não, ela não tinha visto nenhuma reportagem que ele tinha casado com Van, mas ela sempre assumiu que era apenas um noivado longo. Ele certamente estava envolvido. Ela tinha visto isso. Ela sabia que era verdade.

Oh, foda-se. Laire! Ele está fazendo isso. Agora mesmo. Mentindo para você. Pare de acreditar em tudo o que ele diz! Tudo o que aconteceu ou não aconteceu, é claro que ele estava noivo de Vanessa Osborn em um momento. Ele está apenas brincando com você... como sempre fez.

Seu rosto não era confiável.

Suas palavras não eram confiáveis.

Não fazia questão de se sentar aqui conversando com ele, porque ela não tinha ideia do que era verdade e o que era mentira, e ela não tinha interesse em ser sugada de volta a uma conversa tóxica, venenosa e cancerígena com alguém que já a havia quebrado pela metade uma vez.

Me engane uma vez, é uma vergonha para você; me engane duas vezes, é uma vergonha para mim.

Juntando a força dentro de si, ela se afastou do chão e deslizou de volta para a porta, mantendo o contato visual quando ela ficou completamente de pé, olhando para ele com desgosto.

— Se você me desculpar, preciso ir pegar uma cópia da minha chave.

— Tudo bem. Eu vou ficar aqui até você voltar, e então podemos continuar...

— ...e depois vou dormir.

Se ela não se enganou, suas palavras fizeram seus olhos castanhos escurecerem, e de repente, pela primeira vez desde que o encontrou, percebeu duas coisas:

Uma, embora ela sempre soubesse que havia uma semelhança estranha entre seus olhos e os de Ava Grace, agora ela estava impressionada com a total singularidade disso. Eles tinham a mesma cor incomum. O mesmo marrom profundo, sombrio que tornava-se negro quando suas emoções afloravam, e por uma fração de segundo, a fez sentir-se fraca por ver a semelhança. O homem que ela amara tão desesperadamente e a criança por quem ela morreria tinham os mesmos olhos. Ela poderia se perder em tudo de novo se não fosse cuidadosa.

E dois, Erik Rexford ficou ainda mais bonito aos vinte e sete do que ele era aos vinte e um. Ele era bem esculpido e grande, musculoso e forte, seus cabelos pretos e grossos, e o modo como ele estava olhando para ela agora fazia seu corpo traidor lembrar como ele a tocou, como ele a amou, como ela se contorceu em seus braços, implorando por mais. Ela não podia mais se concentrar nessa conversa. Ela precisava se afastar dele.

— Por favor, com licença — ela disse, embora ela não se virasse e começasse a andar pelo corredor. Seus pés permaneceram enraizados, e suas bochechas brilhavam com um calor repentino. Ela ficou ali em frente à sua porta, olhando para ele, desejando que sua atração por ele tivesse morrido com seus sonhos.

— Quanto tempo vai ficar? — Ele perguntou, sua língua umidecendo seus lábios.

Ela estendeu a mão para tocar suas bochechas, e ela deixou cair os olhos. Foda-se. Ele sabia exatamente o que estava fazendo, o que de alguma forma lhe deu força para não cair nessa. Ele a usou voluntariamente para entretenimento há seis anos. Ela não estava mais disponível para sua diversão.

— Não é da sua conta.

Ele suspirou sorrindo, balançando a cabeça. — Você é uma coisa de louco.

— Eu sou uma coisa de louco? — perguntou ela, se encrespando enquanto cruzava os braços. — Como você vive consigo mesmo?

Ele disparou do chão, subitamente se elevando sobre ela. — Como eu vivo comigo mesmo? Provavelmente porque nunca fiz nada de errado!

Ela zombou. — Isso é o que você diz a si mesmo?

— Por acaso, eu prometi-lhe algo que não cumpri, Laire?

Sim! Sua honestidade! Seu respeito! Seu amor! Você prometeu todas essas coisas para mim, e não entregou! Em vez disso, você mentiu para mim, fodeu com outra garota nas minhas costas, nunca me amou realmente, me engravidou, ficou noivo dela e quebrou meu maldito coração!

Ela ofegou, seu monólogo interno tão indescritivelmente doloroso, tirou o ar de seus pulmões e a deixou sem fôlego, olhando-o como um peixe em uma doca prestes a morrer.

Exceto que eu não vou morrer, ela lembrou a si mesma, sugando uma grande lufada de ar. *Ele não tem mais esse tipo de controle sobre mim*.

— Vá se foder — ela explodiu, odiando que seus olhos estivessem com lágrimas, odiando a maneira inconcebível que ele estava falando com ela quando ele a enganou intencionalmente e esmagou seu coração em pedaços.

Ele se encolheu, a cabeça encolhida de volta como se ela o tivesse dado uma bofetada. — Belas palavras, Laire.

— Você não... — Sua voz falhou, mas ela respirou profundamente e encontrou seus olhos, sentindo-se mais forte. — Você não *merece* palavras bonitas de mim.

Seus olhos se arregalaram quando ele passou as mãos pelos cabelos em frustração.

— Que inferno eu fiz pra você?

Atrás de Laire, ela ouviu o ruído de uma porta destravando, e quando ela se virou, Ava Grace estava parada na porta aberta com os pés descalços, uma camisola de princesa de desenho animado fina em seu corpo leve. Ela olhou para Laire com olhos sonolentos, inclinando a cabeça para o lado e franzindo o cenho para as lágrimas de sua mãe.

— Você está bem, Mama? — Ela perguntou com uma voz pequena e preocupada. — Você está chorando?

— Não é nada, querida. Apenas algo em meus olhos. — Laire inclinou-se e pegou sua filha, levantando-a em seus braços e empurrando a cabeça de Ava Grace para o ombro dela. Ela alisou o cabelo emaranhado e vermelho escuro e sussurrou: — Estou bem, querida. Desculpe, nós te acordamos.

— Nós? — Com a cabeça no ombro de Laire, Ava Grace ofegou e exclamou: — Oh! É Oscar! Oi, Oscar!

— Oi, Ava Grace — disse Erik, e Laire estava agradecida por estar de frente para o quarto, não ao seu único amor verdadeiro, porque ela não teria conseguido esconder a revolta de emoções em seu rosto enquanto ouvia a filha cumprimentar seu pai pela primeira vez.

— Você e a mama me acordaram.

— Desculpe por isso, querida — disse Erik, e Laire estremeceu por dentro, ele chamando Ava Grace de *querida*, que ela adorava tão desesperadamente, fazendo-a sentir um milhão de coisas diferentes, cada uma mais complicada e confusa do que a outra. Ela estava segurando sua filha, e Erik estava chamando-a de *querida*, da mesma maneira que ele a chamara de *querida* há uma eternidade.

Oh, meu coração.

— Eu tenho que voltar para a cama — Ava Grace disse.

— Eu acho que sim — disse Erik, sua voz gentil e calorosa, assim como costumava ser há tantos anos, quando ele estava falando com Laire. Ela fechou os olhos, quase incapaz de evitar que mais lágrimas caíssem, seu coração apertando com um anseio que ela não queria sentir.

— Quer tomar café da manhã comigo e com Mama amanhã, Oscar?

Espere, o quê?

— Não, Ava Grace! — Exclamou Laire, com os olhos muito abertos. Ela se recostou para ver o rosto de Ava Grace e virou-se ligeiramente para encarar Erik também. Ela passou os olhos brevemente por dele, depois voltou para a filha. — Não, querida. Não temos refeições com estranhos e, além disso, tenho certeza de que o senhor...

— Rexford, Mama — disse Ava Grace com naturalidade, alcançando o rosto de sua mãe com suas mãos minúsculas. — E ele não é um estranho. Eu já o conheci. O nome dele é Erik Rexford, mas o Sr. Mopples o chama Oscar porque ele é um ranzinza às vezes.

Ele é ranzinza às vezes.

A partir de algum lugar — algum lugar externo — Laire sentiu risos se levantar dentro de si enquanto olhava Ava Grace nos olhos. Era absurdo, e ainda tão perfeito, que não podia conter a risada selvagem que escapava pelos lábios. Ela estava preocupada de que Ava Grace não pudesse lidar com os Rexfords, mas aqui estava ela, com a ajuda do Sr. Mopples, colocando-o em seu lugar antes mesmo de saber quem ele era.

Ela olhou para Erik, que estava olhando para suas botas, seus lábios se viraram quando ele riu suavemente para si mesmo.

— É verdade? — perguntou à sua filha.

— Uh-huh — confirmou Ava Grace com um aceno firme. — E você conhece o Sr. Mopples, Mama. Quando ela tem uma idéia em sua cabeça, é difícil mudar.

— Eu conheço o Sr. Mopples. — Laire acenou com a cabeça para Ava Grace, beijando sua testa antes de abaixá-la no chão e pegando sua mão para levá-la de volta para a cama.

Ela poderia ter perdido se não tivesse olhado para cima, mas os olhos de Erik brilharam com humor e ternura, desejando e...e...

— Hora de dormir — murmurou Laire, engolindo o bolo na garganta.

— Boa noite, Oscar — disse Ava Grace, acenando para Erik enquanto Laire a puxava para dentro de seu quarto. — Vejo você no café da manhã.

— Boa noite, Ava Grace — disse Erik, depois acrescentou, tão suavemente que Laire poderia ter imaginado enquanto fechava a porta, — Boa noite, *querida*.

Erik estava no corredor, olhando para a porta do quarto do hotel, os pés esperando pela mensagem de que eles deveriam começar a se mexer, mas não estava acontecendo. Ele não queria ir a lugar nenhum. Ele estava com medo de que, se ele se afastasse, nunca mais a veria, nunca mais *as* veria.

Embora ela não estivesse casada — notícia que seu coração havia recebido com tão profundo alívio e alegria, ele se odiava por isso — ela certamente se afastou dele com bastante rapidez. Se Ava Grace tivesse quatro anos, como ele adivinhou, Laire ficara grávida dela cerca de um ano depois que o mandou embora no quarto do hospital de seu pai.

Doeu, desesperadamente, imaginá-la com outra pessoa. Doía mais ainda imaginá-la casada, por um tempo tão curto. Isso fez com que Erik percebesse que todos esses anos, ele ainda pensava nela como sua, apesar de ele não ter idéia de onde ela estava ou com quem.

Então, novamente, vendo Laire e Ava Grace juntas, derreteu e elevou o coração de uma maneira que ele nunca poderia adivinhar. Seu encontro com Laire no telhado e as palavras subsequentes que eles trocaram no corredor, haviam sido caras e perturbadoras, mas ele não trocaria nada nesse momento. Ele ansiava por um vislumbre dela durante anos, e não importava por que ela o afastou, nem o mal que tinha feito, alimentou sua alma vê-la novamente. E, no momento em que Ava Grace tinha aparecido, pequena endiabrada que era, ela inconscientemente havia desarmado a tensão insuperável entre eles.

Ele sorriu, pensando em seu rosto doce e sonolento quando ela contou à sua mãe que Erik era um rabugento. Cara, mas ela era uma coisa. Uma beleza destemida que deveria manipular seu pai com facilidade.

...O que o fez estremecer, seu humor mais leve, instantaneamente escurecendo.

Então, onde diabos ele *estava*? Uma criança como essa merecia ter dois pais incríveis cuidando dela, educando-a, amando-a, dando-lhe o melhor de tudo.

Pensando nisso, ele se perguntou, como Laire estava pagando por essa estadia no hotel?

Quando ele começou a caminhar de volta pelo corredor, ele pensou sobre as roupas que ela usava hoje à noite: uma jaqueta de *designer* e *jeans*, botas da moda e um desses lenços de peles que toda mulher que conhecia estava usando nesta temporada. Suas circunstâncias certamente mudaram desde seis anos atrás, mas como? Talvez seu ex pagasse uma pensão familiar decente e apoio infantil.

Bem, isso é o mínimo que o filho da puta poderia fazer por abandoná-las.

Ou talvez, ele pensou, subindo as escadas para o terceiro andar, seu marido morreu, deixando-a e Ava Grace atendidas, mas sozinhas.

Ele estremeceu ao pensar em Laire perdendo seu marido e Ava Grace perdendo seu pai. Embora seu ciúme em relação a esse homem desconhecido fosse afiado, ele não desejava esse tipo de perda e desgosto para elas.

Deslizando a chave antiquada na fechadura da sua porta, ele virou-a e entrou no quarto escuro e silencioso, instantaneamente ciente do fato de que o quarto de Laire estava diretamente abaixo dele. Ele teve um impulso repentino e ridículo de se deitar no chão e pressionar o ouvido nas tábuas, apenas para ver se podia ouvi-la, adormecer se sentindo conectado a ela da única maneira que podia.

— Perseguidor — ele sussurrou, fechando a porta, cruzando a sala até a mesa e abrindo uma garrafa de *bourbon* que ele tinha roubado de Utopia Manor. Ele encheu metade de um copo, bebendo-o, encolhendo-se na queimadura antes de encher o copo de novo.

Ele ligou a lâmpada de mesa, que banhou a sala com luz quente e tirou sua parka, colocando-a sobre a cadeira à mesa.

Levando o copo para a varanda, ele abriu as portas e saiu na varanda gelada.

Onde ela esteve todo esse tempo? E com quem?

Onde estava o pai de Ava Grace? Ele ainda estaria em cena?

Ele tinha tantas perguntas, mas, quando tomou outro gole do *bourbon*, elas desapareceram, e perguntas mais antigas retomaram seu lugar em sua mente: *por que ela terminou com ele? Será que ela o amou?*

A última pergunta era a mais importante e a que mais doía, e ele engoliu o restante do álcool em seu copo enquanto olhava para o mar, ruminando.

Ela chamou seu caso de amor épico de uma aventura de verão naquele dia no hospital. Ela praticamente implorou a ele que a deixasse em paz. E esta noite, quando ele disse: *Você nunca quis me ver de novo*, ela respondeu simplesmente, *não*.

Mas ele *sentiu* que não era tão simples.

Ele pousou o copo vazio no balcão de ferro, o frígido ar do mar sendo bem-vindo.

Não. Ele sabia que não era tão simples.

Quando ele disse a ela, *Bem, muito ruim para você, então, porque aqui estou eu*, ela soluçou. E quando ele olhou para o rosto dela, ele reconheceu a emoção em seus olhos imediatamente.

— Agonia — ele sussurrou ao vento.

Ele sabia disso porque sentiu todos os dias que estiveram separados.

E se Laire sentia agonia, ele raciocinou, então as coisas entre eles não havia terminado facilmente para ela. *Na verdade*, ele pensou, lembrando sua própria angústia ao perdê-la, *você não sentiria uma emoção tão forte, a menos que seu coração estivesse quebrado*.

— Mas eu nunca quebrei seu coração — ele disse suavemente, voltando para a sala e fechando as portas francesas atrás dele. Porra. Ele tinha muitas perguntas e nenhuma resposta suficiente.

Bem, *eu quero respostas*, ele pensou quando desligou a lâmpada da mesa e colocou o copo ao lado da garrafa de *bourbon*, imaginando como obtê-las.

Ava Grace o convidou para se juntar a elas no café da manhã, não? Bem, Erik desceria as escadas às sete e esperaria até as nove para que descessem. E quando elas o fizessem, esperava que ele e Laire pudessem ter um tempo para conversar. Porque ele merecia entender o que aconteceu entre eles há tantos anos, e esse encontro poderia ser a última chance que ele tinha para descobrir.

Suspirando com frustração e ainda se recuperando de seu encontro inesperado, tirou a roupa e subiu entre os lençóis brancos frios e frescos, puxando o edredon sobre o peito.

Por um momento — apenas um momento — ele se permitiu lembrar o rubor de suas bochechas quando ela disse que estava saindo e não foi. Ele podia sentir isso entre eles naquele instante: as trepidações e as correntes de atração que existiam entre eles desde o primeiro dia em que se conheceram. Elas ainda estavam lá agora, embora sua sugestão de que ele se fodesse deixou claro que ela não estava feliz com isso.

Erik respirou profundamente e fechou os olhos, dormiu, sonhando com os dias em que sua atração levara a amar, não a odiar, e desejando por esses dias mais uma vez.

Laire esperou até o último momento possível para descer para o café da manhã, na esperança de evitar ver Erik. Ela teve um tempo terrível tentando adormecer na noite passada, sua mente girando com lembranças e perguntas. Por que ele parecia tão aliviado quando disse que não era casada? Por que ele havia dito que ele nunca esteve noivo quando sabia que sim?

Mas, pior do que essas perguntas não respondidas, era a maneira como ele a fazia se sentir. Ela quase desmaiou ao vê-lo, mas ele estava ali, dizendo-lhe para respirar, segurando o cotovelo até que ela recuperasse a compostura. Ela nunca esperaria tal ternura dele, tão imediata preocupação.

E seu coração doía da maneira calorosa e gentil quando ele falou com Ava Grace, chamando-a de *querida* e tolerando alegremente o julgamento rápido e cáustico do Sr. Mopples. Do jeito que ele olhou para elas juntas — como se ele nunca tivesse visto nada mais bonito em sua vida... Ela lembrou-se desse olhar em seu precioso verão juntos, e isso fez com que ela desejasse coisas que não poderia ter, que não deveria querer. Não com ele, não com o Filho do Governador, que era duvidoso, que voluntariamente havia quebrado seu coração.

Finalmente, às oito e cinquenta, com Ava Grace reclamando amargamente que sua barriga estava roncando, elas desceram as escadas.

E ali, sentado numa poltrona na área de recepção, de frente para a escada, estava Erik.

Ela não ficou tão surpreendida por vê-lo nesta manhã, é claro, mas chocou-se de que seu coração se ergueu sem esforço, cantando praticamente com prazer ao ver sua cabeleira escura inclinada sobre o laptop. Seus dedos se contraíram com a memória sensorial desses fios grossos contra sua pele. E no fundo, partes de seu corpo que ela tentou ignorar por seis longos anos, despertaram de seu sono sombrio e profundo, vorazmente famintos pelo homem que a enganou e mentiu para ela.

Que vergonha, Laire, deixar um homem que te machucou fazê-la sentir essas coisas.

— Oscar! — Gritou Ava Grace, soltando a mão de Laire e correndo pelas escadas restantes. — Você nos esperou!

Quando Erik ergueu os olhos, seu rosto se partiu num sorriso, primeiro em Ava Grace, então, em Laire, cujo olhar imaginava ser um milagre vê-lo, algo que ela nunca pensou que seria concedido.

Querido Senhor, ela ainda o queria.

Deus, isso é ruim. Isso é realmente ruim.

De repente, seu rosto mudou, e em um instante ele jogou seu laptop no sofá e estava correndo em direção a elas, mas não rápido o suficiente para pegar Ava Grace, que tinha tropeçado em sua pressa para chegar até ele.

Ela perdeu os últimos três passos, voando pelo ar e aterrissando no pé da escada desajeitada. Embora Laire se encolhesse com o som, houve um certo alívio no grito impiedoso que se seguiu. Como cada mãe no mundo eventualmente aprende, o silêncio é pior.

Corrindo pelo resto da escada, ela não era rival para Erik, que já estava abaixado no chão, pegando Ava Grace em seus braços.

Chorando copiosamente, ela enterrou o rosto contra o peito dele, soluçando, toda sua camisa pressionada, azul claro e com botão, as marcas de suas lágrimas sangrando em círculos largos. Erik ergueu os olhos para Laire,

com os olhos arregalados e preocupados quando Laire agachou-se ao lado deles.

— Ava Grace, conte a Mama onde dói.

— Meu jo-e-lhoouoooo. E m-meu coto-velooooooo!

O rosto de Erik estava arrasado enquanto ele segurava Ava Grace, olhando para Laire por algum tipo de tranquilidade.

— Você está bem, anjo — ela disse, balançando a cabeça para Erik, que exalou um suspiro aliviado e assentiu de volta.

— Eu não... estoouooooooooouuuu! — ela protestou, as lágrimas ainda estavam caindo.

Laire olhou para o cotovelo de Ava Grace, que estava vermelho e riscado, mas não sangrando. E o *jeans* sobre o joelho não fora rasgado, o que significava que ela acabara de queimar a pele no tecido quando caiu.

— Você conseguiu alguns arranhões, e acho que você perdeu o fôlego — *E feriu seu orgulho na frente de “Oscar”*.

— Eu estou machucadaaaaa — Ela insistiu em um uivo.

— Venha com a Mama, querida — disse Laire, colocando as mãos sob os ombros de Ava Grace para tirá-la do colo de Erik, mas Ava Grace resistiu, afastando-se de sua mãe para se aproximar mais dele.

— Ei, queridinha — disse Erik suavemente, finalmente encontrando sua voz, —, você certamente sabe como fazer uma entrada.

— O que is-isso significa? — Ela perguntou entre resmungos.

— Significa que na próxima vez que você entrar em uma sala, eu vou ficar perto e pronto para pegar você.

Ava Grace se afastou do peito e olhou nos olhos dele. — Você v-v-vai?

— Claro que sim — disse Erik, sorrindo para ela. — Não posso deixá-la viajar assim novamente.

— Viajar? — perguntou, suspirando alto quando suas lágrimas pararam de cair.

— É um jeito de falar. Você tropeçou. . . então, fez uma viagem[5]

Um pequeno sorriso inclinou os cantos da boca de Ava Grace enquanto ela acenava com a cabeça para ele. — Eu fiz uma viagem... mas não uma boa.

— É verdade. Erik riu suavemente, estendendo a mão para tirar o cabelo de sua testa. — Você está bem agora? Consegue se levantar?

— Estou com fome — disse ela, franzindo o cenho para ele.

— Eu disse a Kelsey para guardar algumas panquecas — disse Erik, deslizando os olhos para Laire. — Apenas no caso de vocês aparecem.

Ava Grace se afastou do colo em um *flash* e levantou-se. — Obrigada, Oscar!

Laire a observou ir até a sala de jantar antes de voltar seu olhar para Erik. Ela engoliu suavemente, a palavra que ela precisava dizer presa em sua garganta.

— Obrigada — ela conseguiu dizer, suavemente.

Ele acenou com a cabeça para ela do chão, depois se levantou. — Você estava me evitando?

— O que você quer dizer? — ela perguntou, embora pudesse sentir suas malditas bochechas ficando quentes porque sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Vindo tarde para o café da manhã, então não teria que me ver? — Ele perguntou levantando as sobrancelhas, os lábios à beira de um velho e familiar sorriso.

Laire respirou fundo, olhando as botas por um momento antes de olhar para ele. — Sim.

Ele assentiu com a cabeça, o sorriso ainda lutando para sair. — Ok.

— Ok, o quê? — Ela se agitou.

Ele encolheu os ombros. — Você está hospedada aqui. Estou hospedado aqui. Sei onde encontrar você.

— O que isso significa?

— Isso significa... — Ele olhou para ela, seus olhos suaves e macios, e tão familiares, sua respiração apanhada com anseio. — Quero falar com você.

— Eu não tenho nada para dizer — ela respondeu, odiando a tremida em sua voz.

Seus olhos, tão profundos e ternos, mantinham-se nos dela sem se encolher, ignorando suas palavras. — Vai me encontrar mais tarde?

— Não.

— Sim.

— Não — ela disse, balançando a cabeça —, eu não vou te encontrar, Erik. Absolutamente não.

— Por quê? Do que você tem medo, Sardas?

Sardas. Oh, meu coração.

— Nada — *Tudo*. — Por que você quer me encontrar?

Ele suspirou, e ela pôde ver várias emoções passarem pelo rosto antes que a confissão ganhasse. Inclinando-se mais perto de sua orelha, havia uma urgência em sua voz que a obrigava a escutar.

— Eu não entendo por que você terminou comigo naquele dia no hospital. Eu me perguntei sobre isso todos os dias durante seis anos e meio. E agora, aqui está você, e aqui estou, e... Eu sinto que é a única chance para eu começar a descobrir o que aconteceu.

Ela apertou a mandíbula, lembrando aquele dia terrível, um dilúvio de emoções terríveis voltando em um instante — seu medo desesperado pela vida

de seu pai, sua tremenda culpa, como culpou Erik tanto quanto ela se culpou e queria machucá-lo, como ela barganhou com Deus para salvar seu pai em troca de sua felicidade com Erik. Havia tantas razões pelas quais o afastara — medo, despeito, imaturidade, desespero — e todos ainda eram dolorosos. Que bem faria reavivar isso agora? Além disso, ele estava traindo-a naquele verão, mesmo que não soubesse na época. Ele realmente merecia uma resposta honesta?

Balançando a cabeça, ela começou a recusar novamente, mas ele estendeu a mão e colocou sua palma no rosto, seu toque tão gentil, tão surpreendente, tão terno, familiar e inesperado, sua respiração entrecortou, e ela segurou, deixando seus olhos vibrarem fechados por um instante enquanto saboreava o contato.

— Por favor, Laire — ele sussurrou, sua respiração beijando sua orelha como tantas vezes antes. — Você escolhe a hora e o lugar. Mas, por favor, querida, estou te *implorando* por isso.

Seus olhos queimaram com lágrimas quando os abriu e acenou com a cabeça para ele.

— No terraço. Oito e meia.

— Obrigado — ele sussurrou, acariciando seu rosto quando deixou cair a mão. — Estarei lá.



Capítulo 21

Laire se olhou no espelho pela décima oitava vez antes de ouvir uma batida na porta e responder.

— Pronta para mim? — Perguntou Kelsey com um grande sorriso.

Ava Grace saltou da cama e correu para abraçar Kelsey pela cintura.
— Nós teremos uma festa esta noite!

— Nós teremos? — perguntou Kelsey.

— Sim! Mama disse que podemos assistir a um filme e comer pipoca e beber chocolate quente e passar da hora de dormir!

— Uau! — Exclamou Kelsey, dando a Ava Grace um beijo forte e estalado na bochecha. — E você escolhe o filme enquanto falo com sua mãe por dois segundos antes de irmos?

— Combinado! — Disse Ava Grace, tropeçando em sua coleção de DVDs para escolher um.

— Você parece — disse Kelsey, levantando as sobrancelhas para Laire — muito sexy para quem vai trabalhar no andar de baixo no salão.

Sexy? Ela não estava indo para parecer sexy. Ela estava indo para não estar coberta de pizza e de restos secos do corrimento nasal de Ava Grace.

— O que você quer dizer? — perguntou Laire, tirando o casaco do armário.

— *Skinny jeans*, camisa de veludo ameixa, casaco de pele — disse Kelsey, balançando a cabeça com admiração.

Laire virou-se para ela, surpreendida com o conhecimento da moda, mas minimizando suas observações. — *Skinny jeans* é moda antiga. A camisa era de um projeto final na escola. E qualquer pessoa com acesso ao Walmart.com pode ter um casaco decente de pele falsa se ela conhecer o caminho em torno de uma máquina de costura.

— Ainda assim — disse Kelsey, inclinando a cabeça com um sorriso provocante — parece mais com um encontro do que trabalho.

Laire fechou o casaco de esqui e sentou-se para puxar as botas. — Eu tenho que encontrar alguém antes de ir trabalhar.

— Quem? — perguntou Kelsey, os olhos brilhando.

Laire lançou um olhar para Ava Grace, que estava cantando *eeny, meeny, miny, moe* com as caixas de DVD de *Up-Altas Aventuras*, *Wall-E* e *Detona Ralph*, e perguntou com uma voz discreta: — O que você diria se eu dissesse que tenho um negócio inacabado com Erik Rexford?

O rosto de Kelsey registrou o choque antes de mudá-lo para despreocupação e encolher os ombros. — Eu diria que você pode arrumar coisa melhor.

— Do que o filho do governador? — perguntou incrédula.

— Ele é sexy e tudo o mais — disse Kelsey —, mas não é muito legal. Ele manda nas pessoas. Ele não é caloroso. E você é, quero dizer, você é incrível.

A mente de Laire voou perfeitamente para as fotos que ela tinha visto de Erik durante seus anos, e sua observação sobre seus olhos: frios e mortos. Kelsey estava certa — ele nunca mais foi caloroso.

— Ele nem sempre foi assim — ela disse suavemente, sentindo-se protetora em seu nome. — Um dia ele foi... — *Meu príncipe*.

— Tanto faz — disse Kelsey, encolhendo os ombros novamente. — Divirta-se fazendo isso porque ele é muito sexy, Laire. Isso com certeza.

— Não estou *fazendo* nada.

— Qualquer coisa que você diga.

Mas ele é muito sexy. Isso é certo, pensou Laire, quando Kelsey se ajoelhou ao lado de Ava Grace para decidir entre *Up* e *Wall-E*.

Mas por que seus olhos tornaram-se tão frios ao longo dos anos?, ela imaginou. Ela nunca tinha visto uma foto feliz dele depois da separação, enquanto aquele verão ele tinha sido todo sorrisos, despreocupado, feliz e caloroso...

— Bem? — perguntou Kelsey. — Vamos assistir *Wall-E*. O que você está esperando?

Laire cruzou a sala e deu a Ava Grace um beijo na bochecha. — Mama te ama.

— Eu também te amo — disse Ava Grace.

— Será boa para Kelsey?

— Eu amo a Kelsey!

— Eu sei. Mas seja boazinha. E não derrame chocolate na cama. Beba no chão, ok?

Ava Grace assentiu com a cabeça e Kelsey disse: — Você também será boazinha — antes de golpear Laire com um sorriso radiante e uma tchauzinho com suas unhas cor-de-rosas e alegres.

Depois de terminar um resumo legal esta manhã na sala de recepção da pousada e falar ao telefone com Town & Country Seguradora, que disse que teriam um representante em Buxton amanhã, ao meio-dia, Erik foi a Hatteras, embarcando na balsa para Ocracoke e passou algumas horas andando pela ilha antes de a balsa voltar para a pousada. Ele estava se coçando para conversar com Laire, sua mente se concentrou sem piedade no encontro da noite, então, ele achou que era melhor fugir por algumas horas do que acabar batendo na porta dela, esperando um encontro antecipado.

Ao caminhar na ilha silenciosa e descoberta de Ocracoke, que era, por todas as contas, semelhante à Ilha Corey, ele se perguntou onde Laire tinha ido nos últimos cinco ou seis anos. Ela tinha deixado Corey, que deve ter sido um passo incrivelmente ousado e assustador, mas onde tinha ido? E além de ter Ava Grace, o que ela tinha feito?

Ela parecia bem ontem à noite. Muito mais sofisticada do que aos dezoito anos. E, percebeu ao comprar uma garrafa de refrigerante na loja geral, ela tinha perdido a maior parte de seu sotaque. Ele mal ouviu um traço dele enquanto eles falavam no telhado e no corredor.

No passeio da balsa de volta a Hatteras, ele viu seu humor crescer estranhamente bem. O momento em que ele a veria de novo estava se aproximando, então não fazia sentido que ele estivesse se sentindo cabisbaixo quando os minutos passavam.

Exceto, pensar em Laire manteve-o conectado com ela todos esses anos, e sua conversa iminente teria o potencial de quebrar essa conexão com as respostas de uma vez por todas. Talvez tivesse medo do que ela tinha a dizer. Parecia ter tanta animosidade com ele. Teria feito inadvertidamente algo para machucá-la? Alguma coisa que ele nunca soube? Ele se odiaria se esse fosse o caso porque, perdê-la, tinha sido a maior tristeza de sua vida. Se ele causou isso,

não sabia como ele se perdoaria.

Chegando ao terraço precisamente às oito e vinte, ele tinha o telhado para si mesmo e decidiu sentar-se em uma das cadeiras individuais de frente para a fogueira em vez do sofá onde ele estava sentado ontem à noite. Ele não queria ver seus olhos escolher se sentar em uma cadeira sozinha e não ao lado dele. Pareceria estúpido se pensasse isso, mas foi assim que ele sentiu.

Às oito e trinta em ponto, a porta do terraço se abriu, e Laire entrou na escuridão silenciosa. Erik a olhou por cima do ombro, o coração inchado com tanta emoção, que não tinha certeza de como seu peito poderia conter. Até aquele momento, ele não percebeu o quão preocupado ele estava de que ela não aparecesse.

Você está aqui. Você veio.

Ela estava vestida de forma semelhante à noite passada, exceto que seu cabelo estava baixo e seu rosto parecia mais suave e brilhante de alguma forma. Ela amadureceu tanto nos seis anos que eles estiveram separados, de uma garota a uma mulher, e ele ficou quase sem palavras enquanto a contemplava, tão linda à luz da lua, sentia falta olhar para ela.

— Ei — ele sussurrou.

— Ei — ela disse, se movendo em direção a ele, sua voz suave e – se ele não estivesse enganado – um pouco mais sexy do que tinha sido ontem e esta manhã.

Ela se moveu em torno de sua cadeira, para o sofá em frente a ele e sentou-se na ponta. As chamas da fogueira, pequena e moderna, entre eles cintilavam com o movimento antes de estabilizar.

— Você ainda é linda — ele disse, soltando as palavras antes de lembrar o quão desconfortáveis elas costumavam fazê-la.

Seus lábios se contraíram, mas ela não sorriu. — Não faça isso.

Algumas coisas não mudam.

Ele acenou com a cabeça em compreensão. — Ok. Então, uh, o que

— você está fazendo agora? Quero dizer, além de ser uma mãe?

Laire relaxou um pouco, sentando e olhando para ele pelo fogo.

— Eu fui para a faculdade. Tenho um diploma em *design* de moda e *merchandising*. Trabalho para um *designer* europeu na cidade de Nova York.

Erik olhou para ela, ficando sem palavras, o orgulho fazendo com que sorrisse para ela como um idiota. Ela tinha conseguido. Ela perseguiu seu sonho e fez isso acontecer. Era onde ela tinha passado todos esses anos, e isso lhe deu uma certa satisfação por saber.

— Você mora em Nova York — disse ele, sua voz ficou cheia de admiração.

— Não — disse ela, balançando a cabeça. — Eu ainda vivo na Carolina do Norte.

— Você trabalha à distância?

Ela assentiu. — Envio meus projetos via e-mail.

— Uau. Você conseguiu. Você é um *designer* da cidade de Nova York.

Então ela sorriu, apenas um pouco, em conjunto com um modesto encolher de ombros, e mesmo com suas roupas elegantes, ele reconheceu sua menina nesse pequeno movimento, e isso o deixou feliz.

— Estou trabalhando no escritório de advocacia do meu pai — disse ele quando ela não perguntou.

— Eu sei — ela disse, então rapidamente se encolheu, desviando o olhar dele e murmurando um silencioso — Droga — em voz baixa.

— Você sabe?

Ela abriu a boca para falar, depois fechou-a, ainda olhou para a grade do oceano e piscou rapidamente os olhos.

— Você andou me vigiando? — Ele perguntou, seu coração pulsando

com essa informação.

— Na verdade não — ela sussurrou. — Só um pouco.

— Eu também te vigiaria, querida, se eu soubesse onde procurar.

Ela se virou para ele, esfregando os olhos com exasperação antes de encará-lo.

— O que é isso?

— Dois amigos se conhecendo?

— Nós não somos amigos, Erik — disse ela. — Nós nunca fomos.

— Eu não concordo — disse ele. — Nós fomos muitas coisas um para o outro, mas acredito que nós também fomos amigos.

— E isso é o que você quer agora? — Ela respondeu. — De repente reviver uma amizade antiga?

Ele apertou os dentes e engoliu as palavras que queria dizer: *não, querida. Eu quero saltar por essa barreira de fogo e puxar você para dentro de meus braços. Quero te beijar de novo do jeito que sonhei por seis longos anos. Quero que saiba que eu ainda te amo. Quero que me diga que ainda existe uma chance para nós. E, então, quero levá-la ao andar de baixo para minha cama e fazer amor com você do jeito que devíamos ter feito amor aquela noite, há muito tempo.*

Ele lambeu os lábios. — Eu te disse. Quero saber por que você terminou comigo.

Ela se recostou de volta nas almofadas, agarrando uma manta de cobertura da parte de trás do sofá e cobrindo seu corpo com ela.

— Eu fui ao hospital para encontrá-la, para confortá-la — continuou ele. — Mas você estava assim... Quero dizer, eu fiz alguma coisa? Porque num minuto passamos a noite juntos, e no próximo minuto você me odiava. Por quê?

Ela tomou seu tempo preparando o cobertor antes de olhar para ele. —

Eu não odeio você.

Ele estremeceu. — Eu não entendo.

— Quando... — Ela começou, mas sua voz falhou. Ela limpou a garganta, molhou os lábios e pressionou-os por um momento antes de continuar. — Quando eu fui para casa naquela manhã - naquela manhã depois que estivemos juntos - meu pai estava me esperando na doca em nossa casa. Minhas irmãs estavam lá. Minha irmã mais velha, Issy, tinha visitado a noite anterior para saber de mim, e quando não cheguei do trabalho, ela transmitiu rádio para o meu pai. Ele voltou cedo da pesca, despertando toda a ilha para me procurar.

Seu rosto estava contorcido enquanto compartilhava sua história, e o coração de Erik foi agarrado em um torno enquanto esperava para ouvir como as coisas aconteceram. Mesmo sem ouvir as palavras, ele sabia que tudo havia ido muito, muito mal.

Ela engoliu em seco, encarando o fogo enquanto continuava.

— Eu atraquei o barco e meu pai me seguiu dentro da casa, gritando comigo, exigindo saber com quem eu estive, onde eu estava. Eu não disse a ele. Ele estava ficando cada vez mais perturbado, dizendo que ele iria caçar você e forçá-lo a corrigir isso.

— Laire — gemeu Erik, inclinando-se para a frente, desejando poder sentar-se ao lado dela, mas sabendo que provavelmente não lhe ofereceria conforto.

— Ele estava cada vez mais chateado. E depois... então...

As lágrimas escorreram pelo rosto enquanto levantava os pés no sofá, agarrando os joelhos até o peito.

— Ele teve um ataque cardíaco — terminou Erik, todas as peças encaixando-se. — Ele teve um ataque cardíaco, e você se culpou por isso.

— E a você! — Ela gritou, levantando a cabeça para olhar para ele, seu rosto se quebrou. — Nós fizemos isso com ele! Nós fomos descuidados e egoístas. Nós causamos isso. Você! E eu! Nós quase matamos meu pai!

Ele estremeceu com suas palavras, deixando-as imbuir os fatos com seu ponto de vista. Ela não se culpou apenas. Ela também o culpou. É por isso... é por isso...

— É por isso que você me afastou — ele murmurou, olhando nos olhos dela. — Você me responsabilizou.

— Siiiiimmm — ela soluçou. — E a mim. Nós dois. Nós não merecíamos ser felizes quando ele estava às portas da morte!

— Querida, não foi...

— Nossa culpa? Sim, foi! Não há como dizer que não. Fiquei a noite toda com você, e ele teve um ataque cardíaco como resultado. Esses são os fatos.

— Laire — ele sussurrou, sentado ao lado de seu assento. —, eu não sabia. Eu sinto muito.

— Eu pensei que ele iria morrer — disse Laire. — Ele ficou em coma por duas semanas. Num certo ponto, logo antes de você me ver, eu disse a Deus que eu iria desistir de você. Eu desistiria do que mais amava se ele poupasse a vida de meu pai.

— Então você fez — disse Erik, incapaz de manter a amargura da voz dele. — Em vez de falar comigo ou me deixar consolar você, você desistiu de mim. Você me mandou embora.

— Meu pai estava morrendo e nós causamos isso — disse ela. — Eu não merecia qualquer conforto, Erik. . . especialmente de você.

Suas palavras eram duras, e ele se afastou, sentando-se em seu assento, embora ele ainda a olhasse, incapaz de desviar os olhos. Ele lembrou, com facilidade, a maneira impressionante de como ela falara sobre seu pai naquele verão, quão desesperadamente ela tentou esconder seu relacionamento com ele. Ela perdeu sua amada mãe e tinha apenas seu pai. Erik sabia a dor profunda que teria causado se ela perdesse seu único pai vivo... mas ser o motivo dessa perda? Teria sido um horror de vida para ela.

Ele se inclinou para a frente novamente. — Entendi.

Seu rosto se suavizou quando a cabeça caiu para o lado, quase descansando em seu ombro, as faixas de lágrimas brilharam em sua pele. Ela fungou. —Mesmo?

Agora ele não aguentava mais. Ele se levantou e caminhou pela fogueira, sentando-se no sofá ao lado dela, colocando o braço em volta dos ombros e puxando-a contra seu corpo. Não importa quem eles fossem um ao outro agora, eles se amaram uma vez, e fazê-la falar sobre isso estava causando dor.

Para seu alívio, ela não o afastou. Talvez estivesse muito cansada, ou talvez precisasse do conforto que ele oferecia agora, em vez de naquela época, mas ela moveu a cabeça para o ombro, descansando contra ele.

Isso, ele pensou com urgência. Por favor, deixe-me ter mais disso.

— Eu entendo — ele disse gentilmente.

E ele entendeu, mas ainda doía.

Porque ela poderia ter dito a ele. Ela poderia ter voltado no Dia de Ação de Graças, uma vez que seu pai estava bem e explicado tudo. Ela não precisava virar as costas para ele, *para eles*, para sempre. — Eu só queria que você tivesse descoberto uma maneira de me dizer.

— Você? — Perguntou, afastando-se de seu abraço e sentando seu corpo no canto do sofá. Sua voz mudou em um instante – era mais fria, suspeita e irritada.

— Claro.

— Me dá um temp...

— Você quebrou meu coração naquele dia, Laire.

— Certo — ela zombou, revirando os olhos e desviando o olhar dele com desprezo.

Antes que ele percebesse o que estava fazendo, seu braço tinha disparado e ele agarrou seu queixo, forçando-a a enfrentá-lo.

— Sim, foi — ele disse, irritado com seu desdém. — Eu estava *apaixonado* por você, Laire. Eu teria feito qualquer coisa por você.

Ela estreitou os olhos, franzindo os lábios enquanto sacudia o queixo de seu aperto. — Você é um maldito mentiroso.

Ele estremeceu como se ela o tivesse dado uma bofetada. — Não. Não sou.

Ela estava balançando a cabeça, seu rosto contorcendo-se de raiva, ainda que suas lágrimas comessem a cair de novo. — Sim você é. Eu sei sobre Van, Erik. Eu sei.

— Van? — Ele perguntou, inclinando-se para longe dela, embora ele ainda olhasse seu rosto, o seu próprio cada vez mais confuso.

— Van — ela cuspiu. — Lembra de Van? Seu amigo Van, a quem Pete estava interessado? O casal gay de quem você era amigo?

— Laire — ele disse, sentando-se mais reto e se afastando dela —, há um motivo...

— Por que razão? — Ela exigiu. — Oh! Então você pode namorar as duas naquele verão? Então você poderia perseguir-me todas as noites e atormentá-la todos os dias?

— Você está enganada — disse ele.

Ela se rebelou contra essas palavras simples.

— Não, eu não estou! — Ela disse. — Pare de mentir! Todos no mundo ocidental sabiam que você estava com ela, beijando-a em uma festa em Raleigh enquanto eu estava no casamento da minha irmã!

— Caralho — ele murmurou. Seus olhos estremeeceram, e ele inclinou a cabeça, passando os dedos nos cabelos. — Se você se acalmar, eu posso

explicar.

— Eu não quero ouvir isso — ela gritou, odiando-o por fazê-la passar por isso novamente. — Eu sei que você estava com Vanessa naquele verão! Você mentiu sobre ela ser um menino. Eu sei, Erik. Você estava me traindo o verão inteiro.

— Eu nunca te traí — ele disse suavemente, com a voz baixa, com a cabeça baixa.

— Como você pode dizer isso? Há imagens de vocês se beijando na internet, Erik! Pegue o seu telefone. Vamos vê-las juntos!

— Eu não preciso vê-las — disse ele, olhando para ela. Ele esfregou a boca com a parte de trás da mão. — Mas eu preciso que você se acalme para que eu possa explicar algumas coisas para você.

— Tipo como sua boca pousou de repente sobre a dela? — Ela gritou.

— Tipo como minha mãe teria te caçado se soubesse de você! — Ele gritou de volta.

Espere.

O quê?

Seu corpo estava encolhido em uma bola apertada, os joelhos contra os seios, os braços ao redor dos joelhos debaixo do cobertor, protegendo-se ou preparando-se para fugir.

Ela procurou seu rosto.

Ela abriu a boca para dizer algo, mas fechou-a porque as palavras dele a haviam chocado e, no mínimo, soavam como o começo de uma explicação que ela realmente poderia querer ouvir.

— Eu *usei* Van naquele verão. Eu a usei — ele disse suavemente, toda a luta desaparecendo de sua postura enquanto ele se inclinava para frente, descansando os cotovelos nos joelhos. — Eu deixei minha mãe pensar que estava transando com ela de modo que ela não me fizesse perguntas sobre você.

Eu *fingi* que era minha namorada, então minha mãe nos deixaria em paz.

— Não — disse Laire. — Não. Não é possível.

— Caralho — ele sussurrou, exalando qualquer fôlego que estivesse segurando. — Todo esse tempo. Todos esses anos. Você pensou que eu estava te traindo naquele verão?

— Você estava — ela sussurrou, mas sua voz não tinha convicção.

— Deus, você deve me odiar — ele murmurou, olhando-a com uma tristeza tão profunda, ela soluçava, afastando-se dele, incapaz de suportar sua dor.

— Eu pensei... Eu não entendo — ela sussurrou entre soluços. — Eu vi a foto.

De lado, ela o viu assentir. — Ela estava naquela festa. E sim, quando os fotógrafos começaram a clicar, ela se inclinou e me beijou. Mas eu não a beijei de volta. Eu a mantive afastada durante todo o fim de semana, enquanto ainda tentava agir de forma convincente, como se estivéssemos juntos para benefício de minha mãe.

— Não — ela mexeu, porque as ramificações profundas de suas palavras, se fossem verdadeiras, significavam que ela destruiu voluntariamente suas chances de felicidade, e dificilmente poderia respirar sob o peso do que tinha jogado fora. — Não, Erik.

— Sim, Laire — ele disse, com aço em sua voz, esperando para continuar até que ela olhou para ele com lágrimas. — Eu *nunca* fiquei com ela. *Nunca*, querida. Só existia *você* para mim.

Ele recostou-se no sofá e suspirou, longa e duramente, sua respiração gris desapareceu no céu noturno. E ela o observou atentamente seu rosto e sua linguagem corporal, e tudo isso lhe dizia o mesmo: ele estava dizendo a verdade.

— Você nunca esteve com ela?

Ele sacudiu a cabeça contra a parte de trás do sofá, depois olhou para ela, encontrando seus olhos com os dele. — Nunca.

Ela desviou o olhar rapidamente dele, lembrando-se da noite de Ação de Graças em Utopia Manor – o anel de noivado, do jeito que ele tinha o braço em volta de Vanessa. Poderia ter sido um ato para aplacar sua mãe?

— Ouvi dizer que você deu-lhe um anel em algum momento.

Ele balançou a cabeça novamente. — Não.

Ela piscou, suas sobrancelhas franzidas em confusão. Então, o que exatamente ela tinha visto naquela noite?

De repente, ele se moveu, alcançando o bolso de trás e puxando o telefone. Ela observou enquanto discava um número e colocava o telefone em sua orelha, virando-se para prendê-la com o olhar enquanto falava.

— Hills? Sim. Sou eu. Não, não. Ouça, preciso que você faça algo por mim. Eu vou colocar alguém no telefone. Ela vai fazer algumas perguntas. Apenas responda-as com sinceridade, ok? Não importa quem é. Preciso que você faça isso por mim. Respostas honestas. Não importa o quê. Ok? — Ele tirou o telefone da orelha e inclinou-o para Laire. — É a minha irmã. Ela é minha amiga mais próxima do mundo. Pergunte-lhe qualquer coisa.

— Não, Erik. Não preciso...

— Sim, Laire — ele disse, ainda segurando o telefone para ela. — Você precisa.

Engolindo em seco, ela pegou o telefone, segurando-o em suas mãos, sentindo o calor do corpo armazenado no metal. Olhando fixamente para ele com desespero, ela segurou o telefone até o ouvido. — Alô?

— *Oi. Aqui é Hillary. Quem é?* — Sua voz tinha classe, mas era acolhedora, e um pouco preocupada.

— L-Laire — disse ela. — Meu nome é Laire.

Houve um suspiro afiado e depois uma longa pausa antes de ouvir Hillary dizer: — *Oh, meu Deus.*

Ela estendeu a mão e cobriu o fone com a mão. — Ela me conhece?

Erik assentiu. — Ela foi a única com quem falei sobre você.

— *Você tem algumas perguntas para mim?* — Perguntou Hillary no seu elegante sotaque do sul.

Removendo a mão, Laire perguntou: — Erik já ficou noivo com Vanessa Osborn?

— *O quê? Com Van?* — perguntou Hillary. — *Não! Nunca! Oh, meu Deus, não.*

— Eu ouvi... Quero dizer, ouvi dizer que eles eram...

— *Oh, querida* — disse Hillary — *certamente não foi por falta de tentativa de Van. Mas não. Ela nunca conseguiu pôr suas garras em Erik. Não é assim.*

— Você... — Ela começou, então parou. — Você sabe quem eu sou?

— *Sim* — disse Hillary. — *Ele me falou sobre você. Você é a garota da ilha por quem ele era apaixonado.*

Era.

Os olhos dela se fecharam.

Era. Que palavra horrível.

— Hum — ela disse, sua voz falhando um pouco. — Ele... Ele estava com alguém o verão que estava comigo?

— *Querida* — disse Hillary —, *ele mal está com alguém **desde** você.*

— Mas...

— *Não* — disse definitivamente a irmã de Erik. — *Ele estava apenas com você.*

Oh Deus. Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus. O que eu fiz? Que bagunça. Que bagunça terrível.

— Tudo bem — ela soluçou. — Obrigada, Hillary.

— Laire!

Ela ainda não tinha devolvido o telefone a Erik, então ela colocou de volta contra sua orelha. — Mm-hm?

— *Você o destruiu.*

— De-desculpa?

— *Deve sentir mesmo* — disse Hillary suavemente, seu nível de voz direto, sem ser ameaçador. — *Não o machuque novamente. Falo sério.*

— Eu não vou — ela conseguiu prometer, entregando o telefone de volta a Erik e deixando cair a testa nos joelhos enquanto chorava.

Erik tirou o telefone de suas mãos, pressionando-o na orelha. — Hills?

— *O que diabos está acontecendo, Erik?*

— Ligo para você amanhã.

— *Erik! Ela não é boa para você!*

— Hillary, obrigado por falar com ela, mas eu preciso ir. Ligo para você amanhã.

Sua irmã começou a dizer outra coisa, mas ele puxou o telefone de sua orelha e apertou “Desligar”, e colocou-o no sofá entre ele e Laire.

Ele podia dizer, do jeito que os ombros de Laire estavam tremendo, que ela estava chorando, e isso o magoava vê-la tão torturada, mas sua mente analisava a informação que ele descobrira esta noite. Ela se sentiu responsável pelo ataque cardíaco de seu pai e o responsabilizava também. E então, provavelmente logo depois que ele partiu para a faculdade, ela encontrou essa

foto dele e Vanessa *online*. É por isso que ela não apareceu no Dia de Ação de Graças – ela pensou que ele a estava traindo. Não era de admirar que ela estivesse tão brava no momento em que a viu na noite passada. Não é de admirar que o tenha tratado com tanto desdém.

Ele suspirou. — Você pensou que eu te traí.

— Mm-hm — ela soluçou, resmungando suavemente enquanto levantava a cabeça. — Foi o que pareceu.

Ele assentiu. — Eu posso entender isso. Mas você não confiava em mim, querida?

— Eu não... Eu não sei — disse ela. — Eu era tão jovem. Você foi meu primeiro... tudo. Nós éramos de mundos tão diferentes, e você estava voltando para a faculdade. E então descobri sobre você e Vanessa...e...

— E você presumiu pelo pior.

— Você me deixou pensar que Van era um cara, Erik. De propósito.

— Eu fiz. Porque, se bem me lembro, você tinha uma série de ciúmes. Eu não queria que minha amizade com Van complicasse as coisas entre nós quando eu não sentia nada por ela.

— Bem, sim — disse ela suavemente — complicou as coisas.

— Você deve ter pensado que eu era um merda total — ele disse, esfregando o rosto, olhando para ela, encolhida como uma bola no canto do sofá, seu rosto sofrido e magoado.

Ela suspirou, soltando um de seus braços em torno de seus joelhos e estendendo a mão. Ele aceitou, é claro, porque, não importava o que ele acreditasse todos esses anos, o tipo de amor que Erik Rexford tinha por Laire Cornish não era do tipo que morria. Ainda estava lá, vivendo dentro dele, adormecido, mas seguro, esperando por todos esses anos, pela oportunidade de florescer de novo.

Ele enfiou os dedos entre os dela e puxou a mão, puxando-a do canto para o lado dele. Ela se ajoelhou ao lado dele, encarando seu perfil, olhando para

o rosto dele.

— Doeu — ela admitiu. — Horrível. Tão malditamente ruim.

— Eu só posso imaginar — disse ele.

— Principalmente porque senti tão real... você e eu. Eu... Não conseguia entender como você poderia dizer as coisas que você me dizia... agir da maneira que agia comigo... e que houvesse outra mulher em sua vida o tempo todo.

— Isso contradizia tudo que você pensou que soubesse sobre mim — disse ele, trazendo sua mão à boca e beijando a parte de trás dela com ternura.

— Não o fez — disse ela, balançando a cabeça. — Eu não deixei. Eu o separei em duas pessoas.

— O que quer dizer?

— Eu acho que... Quero dizer, houve o *você* que me amou naquele verão, e depois o *você* que me traiu. Duas pessoas separadas.

— Você quer dizer, em sua mente.

— Mm-hm.

— Quem eram eles?

Ela engoliu em seco, molhando os lábios. — Meu Erik. — Ela fez uma pausa. — E o Filho do Governador.

Ele olhou para ela, traçando as linhas do rosto com os olhos, odiando as palavras “o Filho do Governador” tanto quanto ele sempre o odiou, vezes cem.

— Me desculpe — disse ela, cobrindo suas mãos atadas com a dela.

— Quem sou eu agora? — Ele sussurrou, capturando seus olhos verdes com os dele.

— Eu não tenho certeza — ela murmurou.

— Eu sei — ele disse, usando a mão livre para cobrir sua bochecha. — Eu ainda sou seu Erik. Eu sempre serei seu Erik. Não importa o quê.

Com um suspiro e um ofego, ela soltou sua mão e envolveu seus braços ao redor de seu pescoço, puxando seu rosto para o dela, seus lábios encontrando-o infalivelmente, como sempre o fizeram.

Com um grunhido de excitação, ele a puxou para o seu colo, colocando-a em seus braços enquanto ele a beijava de volta. Sua língua procurou a dela, e ele se aproximou com a facilidade de seus lábios macios, a textura suave da língua, o gosto doce de sua boca. Tinha sua bela garota, de volta em seus braços, e seu coração trovejava com a ternura, enquanto outra parte dele se endureceu lustrosamente com desesperada vontade.

Esta mulher no colo, em seus braços, assombrou seus sonhos – adormecidos e acordados – por seis longos anos, e, de volta à sua vida, de repente sentia emoções que haviam adormecido há anos. Agora despertavam, eles estavam famintos e urgentes.

Ele nunca quis tanto alguém em toda sua vida.

Ela se afastou dele, descansando a testa contra seu ombro, ofegando suavemente contra seu pescoço.

— Como ficamos agora? — Ele perguntou, envolvendo seus braços ao redor dela enquanto sussurrava em seu ouvido.

— O que você quer dizer?

— Eu quero te ver. Quero recuperar o atraso, conhecê-la novamente. Eu quero... Eu quero sair com você. Quero outra chance de estar com você.

— Erik... Não é tão simples assim.

— É simples sim — argumentou. — Eu não segui com minha vida. Fiquei preso, esperando por você. Agora você está aqui. — Então ocorreu-lhe algo terrível, e ele se afastou dela, esperando até ela olhar para ele. Ele procurou seus olhos com algo próximo ao desespero.

— O que foi? — perguntou ela.

— Você seguiu?

— O que você quer dizer?

— Você está com alguém? — Ele perguntou, praticamente sufocando as palavras.

— Não.

— O pai de Ava?

Sua respiração falhou suavemente. — Não... Ele é... É, hum, é complicado... Mas ele não está...

— Ele está vivo?

Ela apertou a mandíbula, depois assentiu.

— Você ainda o vê?

Ela respirou profundamente, torcendo o colo, deslizando seu corpo a um pé de distância dele. — Ele não está *em cena*.... como pai de Ava.

— Mas ele está na área?

— Não da forma... Quero dizer... — Ela franziu os lábios, então suspirou. — Não estou pronta para falar sobre o pai de Ava, Erik.

A última coisa que ele queria fazer era afastá-la, mas ele podia ver que era o que estava acontecendo.

— Tudo bem — ele disse, recuperando-se rapidamente, readaptando suas expectativas. — Eu só preciso saber uma coisa.

Ela olhou para ele com expectativa, seus olhos grudados nos dele.

— Você está livre, querida? E se... se quisermos estar juntos novamente... você está livre para ficar comigo?

Se ela pretendia que isso acontecesse ou não, um sorriso cegante apareceu em seu rosto, e ela acenou com a cabeça para ele quando seus olhos se

encheram com novas lágrimas.

— Estou.

Ele alcançou seu rosto, colocando as mãos com ternura enquanto se inclinava para frente, diminuindo a distância entre elas.

— Isso é tudo o que preciso saber — disse ele, fechando os olhos enquanto seus lábios reivindicavam os dela mais uma vez.



Capítulo 22

Céu e inferno.

Laire tinha ouvido estas palavras ditas em contraste pelo menos algumas vezes em sua vida, mas nunca, antes desta manhã, ela de verdade, pessoalmente, entendera o abismo que havia entre elas.

O céu era que seu primeiro amor – seu único amor – tinha sido recuperado repentina e milagrosamente na sua última noite. Saber que Erik Rexford – o Filho do Governador – ainda era e sempre foi seu Erik, fez com que ela balançasse a cabeça em descrença, mesmo quando um sorriso de felicidade se espalhava por seu rosto e lágrimas de gratidão queimavam seus olhos.

Ele nunca a enganou.

Ele não amava ninguém além dela.

E, lendo entrelinhas do que ele e Hillary lhe disseram, apesar de tudo,

ele ainda a amava.

Essa recompensa era estranha a Laire, mas quando ela lembrou o fogo em seus olhos na noite passada, ela sabia que era verdade: ele ainda pertencia a ela se quisesse reivindicá-lo.

E ela o fez.

Ela nunca mais parou de amar o seu Erik, recusando inúmeros encontros com colegas, e até Patrick, o homem mais doce e gentil do mundo. Ela não estava pronta para desistir do sonho Erik Rexford, apesar de ter esvaziado seu coração. Uma parte dela ainda devia se perguntar, ainda esperava que algum dia, *algum dia*, ele pudesse ser dela novamente.

Ela sorriu, tomando um gole do café que ela fizera em seu quarto e saboreando a amargura enquanto descia pela garganta. Mas quando ela virou o rosto para o sol que se elevava nas janelas, seu otimismo falhou.

Céu e inferno.

O inferno era que ela tinha gerado a filha dele e manteve-a escondida por seis anos. Sua linda e incomparável Ava Grace, que dormia como um anjo na cama ao lado dela, ainda era um segredo para Erik. Um segredo que nunca deveria ter sido escondido dele.

Ela suspirou, colocando a caneca na mesa de cabeceira e virou de lado. Do lado de fora, as cores do céu iluminavam constantemente de lavanda a laranja, mas seu humor permaneceu pesado.

Ele ficaria bravo com ela por não ter falado sobre Ava Grace? Mas como ela poderia tê-lo dito? Quando ela foi a Utopia Manor para lhe dizer, sua mãe a induziu ao erro e ameaçou chamar a polícia se Laire não fosse embora. E se ela lhe dissesse o que aconteceu com sua mãe? Ele acreditaria nela? Culparia-a?

Embora ele se desse muito bem com Ava Grace, pelo que tinha visto até agora, será que ele queria uma criança? E se ele quisesse? E se ele não pudesse perdoar Laire por manter Ava Grace dele? Ele tentaria levá-la embora? Para obter a custódia dela? As circunstâncias de Laire mudaram em seis anos, mas não o suficiente para ganhar uma batalha legal contra os Rexfords da

Carolina do Norte.

Por outro lado, e se ele se sentisse sobrecarregado pela súbita responsabilidade de ter uma filha? E se ele rejeitasse a notícia de que Ava Grace era dele e lavasse suas mãos?

Obviamente, ele sabia que ela era uma mãe solteira, e ele ainda disse, *eu quero outra chance de estar com você*, na noite passada. Lágrimas brotaram em seus olhos quando ela se lembrou porque foi um dos melhores e mais fofos momentos de toda sua vida. Era exatamente o que ela queria também: outra chance. *Uma segunda chance de estarem juntos. Uma primeira chance de serem uma família.*

Se ele retirasse essas palavras, mesmo agora, quando seu encontro era tão novo, seu coração certamente se partiria novamente.

Eu tenho que lhe falar sobre Ava Grace.

Antes que as coisas avançassem muito, ela lhe devia a verdade sobre tudo: sobre descobrir que estava grávida e como a família dela a teria desrespeitado se ela fosse ter um bebê fora do casamento; sobre ir a Utopia Manor no Dia de Ação de Graças para contar-lhe; sobre sua mãe lhe dizer que ele e Van estavam noivos e ameaçar mandar prendê-la se não fosse embora; sobre não ter mais opções. Ela lhe falaria que percorreu o longo caminho de sua casa para Pamlico House para encontrar Judith aquela noite terrível, terrível, e que – pela graça de Deus – Judith tinha sido seu anjo da guarda e colocara Laire debaixo de sua asa. E que ela acabou por ser uma mãe substituta para Laire e a melhor *nana* que Ava Grace poderia ter.

E talvez – *talvez, por favor, talvez* – ele visse as coisas pelos seus olhos e entendesse por que ela mantivera segredo sobre Ava Grace e por que ela teria mantido seu segredo indefinidamente se o destino não os tivesse empurrado para os braços um do outro.

Balançando as pernas ao lado da cama, ela pegou a xícara de café ao caminhar até a janela e puxou as cortinas para ver o nascer do sol sobre o oceano, esperando desesperadamente pelo melhor.

Mordendo o lábio inferior ao pensar, ela estremeceu, lembrou que estava inchada de duas horas de beijos da noite passada. Ele colocou uma

cadeira na frente da porta do terraço para fechá-la, e quando ele voltou para o sofá, Laire jogou-se no colo dele, puxando o cobertor que cobriu ao redor deles enquanto se beijavam. Mais vezes do que ela podia contar, suas mãos errantes tinham mergulhado em seus seios sobre a camisa ou caíram nas fendas de suas coxas, tocando-a intimamente sobre seus *jeans*. Porque ela era uma mãe, sem dúvida acreditava que ela era muito mais experiente do que antes. Ela deu à luz, mas toda a sua experiência sexual, sem exceção, foi com ele. E fazia tantos anos, que estar com ele novamente ontem à noite foi assustador e novo.

Exceto.

Ela torceu o nariz e tomou um gole de café.

Exceto não foi *nem* assustador *nem* novo.

Ela não era tão inexperiente como tinha sido o verão que se conheceram. Ela adorou Erik naquele verão – aprendeu sobre seu corpo, tocou-o, foi tocada por ele e perdeu sua virgindade com ele, mesmo que eles tivessem parado o ato prematuramente. Durante o tempo separados, ela leu livros e conheceu homens diferentes e, embora nunca tivesse estado intimamente com nenhum deles, amadureceu, e seus desejos eram aqueles de uma mulher adulta, não uma adolescente da ilha.

Por um lado, ela estava com medo de ir muito rápido, mas, por outro, não podia suportar manter-se fisicamente longe depois de ter sentido tanto a falta dele. Depois de anos de uma solidão tão dolorosa, ela queria o calor, a quentura do corpo dele no dela.

Ela estendeu a mão para tocar seus lábios e suspirou com anseio, ansiando muito mais do que seus beijos profundos e apaixonados da noite passada. Durante anos, seus sonhos mais secretos e mais quentes tinham sido sobre Erik terminando o que ele havia começado na noite em que eles conceberam Ava Grace. E agora? Agora que Erik estava de volta? Ela queria tornar esses sonhos realidade.

Ela lançou uma olhada no teto, choramingando suavemente, perguntando-se por quanto tempo ela teria que esperar até que estivessem nus na cama juntos e... oh, por favor — ela esperava que não demorasse muito.

Quando o sol raiou no horizonte e fez sua brilhante subida ao céu, ela

atravessou o cômodo e abriu o laptop, colocando a caneca na mesa. Ao reiniciar o computador, ela se virou para olhar a perfeição do rosto dormindo da filha em repouso. Lábios cor-de-rosa magros, longos cílios escuros e cabelos cor de gengibre. Seu coração inchou com um amor tão puro, que lhe roubou o fôlego.

Mais do que qualquer coisa – *mais do que qualquer outra coisa no mundo* – Laire queria que Ava Grace tivesse a família que ela merecia: uma mãe e um pai que se amavam e a amavam sem medidas. E agora que esse sonho, uma vez improvável, era quase possível, ela só podia apertar os olhos e desejar, com todas as fibras de seu ser, que realmente se tornasse realidade.

Depois de sua épica sessão tórrida de ontem à noite no terraço, antes de terem se despedido, enquanto ela ainda estava aninhada em seu colo, Erik perguntou a Laire se ele poderia passar a véspera de Ano Novo, esta noite, com ela e Ava Grace. Ela aceitou com um sorriso, seus lábios cheios por suas atenções, seus olhos dilatados e escuros.

— O que voce tem em mente?

Ele riu levemente, mantendo as mãos nos quadris, sua ereção esticando seus calças de brim com desconforto. — Querida, o que tenho em mente é impossível com Ava Grace no mesmo quarto.

— E se ela estivesse dormindo... e nós estivéssemos no quarto ao lado? — ela murmurou, seus olhos pesados e focados nele.

Caramba. Esta era uma Laire diferente.

E parte dele estava fodidamente agradecido por isso, porque ele a queria – ele a queria muito, seriamente e, o mais rápido possível –, mas parte dele odiava. Com quem ela esteve que lhe deu essa nova confiança? Isso o matava só de imaginar.

— Tenho certeza de que pode ser arranjado — ele disse, inclinando-se para a frente para pressionar um beijo no peito, logo acima da borda de sua camisa, na pele macia e morna sobre seus seios.

— Então faça — ela sussurrou quando seus dedos cruzaram seus cabelos, mantendo sua cabeça inclinada e seus lábios pressionados contra sua pele.

Primeiro, esta manhã, ele ligou para a recepção e pediu o quarto 206 que estava, abençoadamente, disponível. Ele se mudou logo que ele arrumou seus pertences. Só quando Kelsey perguntou quantas noites ele precisaria do quarto que uma súbita onda de pânico o inundou. Hoje era 31 de dezembro. Ele precisava voltar ao trabalho em Raleigh em 3 de janeiro. O que significava deixar Laire em dois dias.

Ele murmurou sua resposta para Kelsey, depois desligou o telefone, as sobrancelhas franzidas, o bom humor azedando.

Em primeiro lugar, depois de anos de espera para se reconectar com Laire, ele não estava interessado em deixá-la novamente tão cedo. Para não mencionar, ele não gostou da mensagem que isso daria a ela. Durante anos, ela pensou que ele era um trapaceiro. Ele queria tempo com ela para solidificar o fato de que ele não era. Além disso, ele não gostava particularmente do trabalho dele, então, não estava exatamente retornando a uma carreira que ele amasse. Ele havia administrado o escritório de advocacia de seu pai nos últimos três anos, mas era um trabalho de política pública árduo e aborrecido que nunca o interessava. E agora? Colocado na balança contra passar tempo com Laire? Parecia quase insuportável.

Ele não queria deixá-la.

Mas ele tinha quinze funcionários – o sócio de seu pai, que principalmente procurava por Erik para executar coisas, outros três advogados menores, assistentes paralegais e funcionários do escritório – esperando que ele voltasse. Ele também não podia simplesmente ignorar esse compromisso.

Grunhindo em aborrecimento, ele escorregou da cama e esticou-se, rolando o pescoço e indo ao banheiro com os pés descalços. Primeiro, ele ia tomar banho, depois se arrumar, depois descer as escadas e depois encontrar Laire e Ava Grace para o café da manhã. Ele tinha mais dois dias com elas antes de partir. Ele não iria estragá-los ruminando sobre seu trabalho quando ele tivesse que voltar para Raleigh em breve.

Uma hora depois, ele estava sentado ao lado de Ava Grace na sala de

jantar brilhante com Laire em frente a eles.

— Ava Grace — perguntou Erik depois que Kelsey tomou seu pedido —, em que ano você está?

— Jardim de infância — ela respondeu. — Mas um diferente.

— Um diferente? O que você quer dizer? — perguntou Erik, olhando para Laire, que estava mexendo creme em seu café.

— Nós acabamos de mudar para cá — disse Ava Grace.

— O quê? — perguntou Erik. Quando ele se registrou, Shaw Leatham mencionou um par de mãe e filha que tinha um lugar em Hatteras. Era Laire e Ava Grace, certo? Ele certamente não viu outro par de mãe e filha na pousada. — Você mora em Hatteras.

— *Agora sim* — disse Ava Grace. — Ou mais ou menos nós moramos aqui. Neste hotel. Certo, mama?

Laire ergueu os olhos do café. — Acabamos de nos mudar de Boone.

— Boone? — perguntou Erik, com a boca aberta.

Boone ficava do outro lado da Carolina do Norte! Era quase tão distante quanto você pudesse ir e ainda permanecer no estado. Todo esse tempo ele achou que ela tinha morado aqui, em Hatteras, nos Banks, perto de sua família. Quando ela foi para Boone? E por quanto tempo?

— Laire, quando você...

— Boone. — Ava Grace assentiu. — Foi onde morou Nana. Antes de morrer.

— Nana — disse Erik, lutando para descobrir quem era Nana. A mãe de Laire havia morrido quando ela era criança, então Nana devia ser a mãe do pai de Ava Grace.

— Uh-huh.

— É lá onde o seu pai vive? Em Boone? — perguntou a Ava Grace, movendo-se na cadeira para encarar a menina. Desde que ele e Laire se encontraram novamente, ela estava relutante em falar sobre o pai de Ava Grace. Talvez assim ele recebesse algumas respostas.

— Não. Boone é onde tio Pat e tia Sam vivem..

Pat e Sam. Hmm. Os irmãos de seu pai, talvez?

— Meu pai é um príncipe — disse Ava Grace com toda a facilidade, puxando seu suco para a borda da mesa e bebendo do canudo.

— Um príncipe — ele repetiu tonto, deslizando os olhos para Laire e esperando até que levantasse o olhar do café. Quando ela fez, seu rosto não traiu nada. Ela apenas olhou para ele, seus olhos verde-marinhos escondendo o que estava acontecendo em sua cabeça. Frustrante.

— Que tipo de príncipe?

— De cabelos escuros — disse Ava Grace.

— O que mais?

Ela encolheu os ombros. — Não sei.

— Claro que sabe. Ele é seu pai — disse Erik.

— Já chega — disse Laire, sua voz num alerta.

— Não. — Ava Grace balançou a cabeça. — Eu nunca o vi. Mas desde que ele é um príncipe, sou uma princesa. Isso é certo. Não é, Sr. Mopples?

Espera. Ava Grace não conhecia seu pai? Então, quem era o pai dela? Um lance de uma noite? Seu coração estremeceu um pouco com o pensamento de sua menina modesta se entregando tão fácil. Ela já conhecia esse cara? Ou ele era um doador de espermatozoides desconhecido? Ele tinha sido bom para ela? Gentil? Amoroso? Ele não usou proteção, isso com certeza. Teria ficado o suficiente para ajudá-la durante a gravidez? Tinha estado lá quando ela deu à luz, segurando sua mão, dizendo a ela que tudo ficaria bem?

Porra. Se Erik conseguisse colocar suas mãos nele, ele...

— Aqui vamos nós! — Disse Kelsey, chegando com panquecas e bacon para Ava Grace, aveia para Laire e dois ovos com gemas ao ponto, para Erik.

Ele olhou para o prato, mas não podia comer. Seu apetite havia desaparecido.

— Erik — disse Laire, com a voz suave enquanto Ava Grace falava animadamente com Sr. Mopples sobre “as melhores panquecas do universo”.

Ele olhou para cima, sua expressão certamente quebrada por seu pensamento, pelo que ela passou sozinha — tudo porque acreditou que Vanessa era sua namorada. Como ele queria voltar no tempo e correr o risco de contar a verdade à sua mãe. Como ele odiava que sua decepção, destinada a proteger Laire, a tivesse prejudicado.

Ele se concentrou em seus olhos e os achou suaves e gentis, quase como se ela soubesse o que estava pensando e não o deixasse se culpar. — Tudo bem, Erik.

— Não está — ele rugiu.

Laire alcançou a mesa e pegou sua mão, encaixando os dedos entre os dela. — Está agora.

Ele podia ver em seu rosto, em sua expressão, que ela estava em paz com o que tinha acontecido. E se ela, que tinha passado por isso, poderia suportá-lo, ele também o suportaria.

— Me desculpe — ele falou.

— Não é sua culpa — disse ela. O olhar dela foi para Ava Grace, e seus olhos se suavizaram ainda mais. — Eu não mudaria nada.

Ele apertou sua mão, seu coração latejando com amor por ela.

— Sr. Mopples — disse Ava Grace com uma risadinha. —, Mama e Oscar estão segurando as mãos.

E, de repente, todo o feitiço triste que o superou estava quebrado, e ele puxou os dedos de Laire em seus lábios, beijando-os enquanto sorria para Ava Grace por trás da mão de sua mãe.

— Tudo bem pra você, pequena senhorita?

Ela empurrou um garfo de panquecas na boca e assentiu. — Sim.

Ele olhou de volta para Laire, que os observava pensativamente, com os lábios levantados, os olhos brilhando com lágrimas seguras.

— Pra mim também — ela sussurrou.

Após o café da manhã, Erik dirigiu-se a Utopia Manor para encontrar o corretor de seguro de seus pais, enquanto Laire e Ava Grace foram para o apartamento de Judith. Como estava no segundo andar, não sofreu nenhum dano de enxurrada durante a tempestade, e o último que Laire ouviu, a força de luz seria restaurada no dia três. Apenas três dias. Ela e Ava Grace poderiam se mudar para casa — em breve.

Elas levaram algumas caixas da parte de trás do Jeep subindo as escadas, colocando sua pequena pilha de pertences na sala de estar para que estivessem prontas para desempacotar uma vez que a força estivesse de volta. Enquanto Laire verificava os e-mails no Wi-Fi funcional do complexo, Ava Grace e o Sr. Mopples visitaram com outros bichos de pelúcia. Então, Laire trancou sua nova casa e levou-as de volta a Pamlico House para se preparar para a véspera de Ano Novo.

Erik se juntaria a elas às cinco horas para pizza, cupcakes, Champagne e suco de maçã, e quando chegou, batendo na porta contígua que separava seus quartos adjacentes, mãe e a filha estavam prontas para recebê-lo.

Eles sentaram-se no chão, tendo um piquenique — Erik e Ava Grace, tirando os *pepperoni* de suas fatias enquanto Laire adicionava-os a seus pedaços e os comia por conta própria. Esta manhã, quando Erik perguntou sobre o pai de Ava Grace, ela tentou, por um momento, contar-lhe. Dar um sinal pelo olhar ou deslizar-lhe uma mensagem na mesa onde simplesmente dizia *ela é sua*, mas não

importava o quão maravilhoso ele era com Ava Grace, ela ainda não sabia como ele reagiria ao descobrir que ela era dele. Não podia correr o risco de dizer a ele na frente dela. Depois que sua filha estivesse dormindo esta noite, Laire diria a ele... e ele abraçaria a idéia delas em sua vida, ou não. Seu estômago sentia como revoadas de borboletas enquanto os minutos passavam.

Finalmente, às seis e meia, depois de muita pizza e um cupcake cada um, todos se aconchegaram na cama de Laire juntos — Laire e Erik lado a lado contra a cabeceira da cama, e Ava Grace no triângulo do espaço entre as pernas, a cabeça no colo de Laire — assistindo *Up - Altas Aventuras*.

Certo de que Erik nunca tinha assistido antes, Laire observou discretamente seu rosto no começo. Ela nunca conseguiu assistir os primeiros dez minutos de *Up* sem chorar. A história de um homem e de uma mulher muito apaixonados sempre bateu com a dela, e quando a esposa, Ellie, morre, deixando o homem sozinho, não conseguia conter as lágrimas. Para sua imensa satisfação, Erik fungou uma vez, apertando o maxilar quando Ellie sofreu o aborto e, novamente, quando ela faleceu.

No meio do filme, Ava Grace ficou profundamente adormecida, roncou suavemente e Erik virou-se para Laire.

— Quer ver o resto? — Ele sussurrou.

Ela balançou a cabeça. — Já assisti um milhão de vezes.

— Você poderia ter me avisado sobre o início.

Ela sorriu. — Triste, não?

— Muito. Amar apenas uma garota e perdê-la. — Ele fez uma pausa.
— Eu sei como é se sentir assim, Laire.

— Muito horrível — ela murmurou.

— Agonia.

Ava Grace agitou-se entre eles, e ele olhou para ela. — Ela é maravilhosa. Você é uma mãe maravilhosa.

Judith e Patrick sempre estiveram presentes com palavras de apoio sobre a maternidade de Laire, mas depois de perder Judith e se afastar de Patrick e Samantha, sentiu a perda desse apoio. Ela estava agradecida por Erik.

— Obrigada.

— Você quer mais? — Perguntou ele. — Crianças?

Ela assentiu. — Algum dia.

Ele sorriu para ela, um pouco triste, talvez, então olhou de volta para Ava Grace. — Devo levá-la para a cama?

— Isso seria bom. Ela está ficando tão pesada. Temos mais Champagne. Talvez nós pudéssemos...

— Levar para o meu quarto? — ele sugeriu, seus olhos escuros se enegreceram.

Ela sentiu o calor repentino em suas bochechas e assentiu. — Gostaria disso.

— Eu também — ele disse, deslizando da cama, depois alcançando Ava Grace. Ele a pegou facilmente, colocando-a em seus braços enquanto caminhava pela cama de Laire.

Laire tirou os lençóis da cama de Ava Grace e Erik se inclinou para beijar sua testa antes de colocá-la gentilmente nos lençóis. E Laire, que observou esse gentil e lindo gesto com o coração na garganta, não podia evitar que os olhos dela se enchessem. *Queira-nos. Por favor, por favor, nos queira. Por favor, entenda por que eu a mantive de você. E por favor, nos queira de qualquer maneira.*

Ele puxou as cobertas de volta tapando-a e desligou a luz de cabeceira, virando-se para Laire. — Pronta?

Agora ou nunca.

Ela assentiu. — Estou.

Passar o tempo com Ava Grace tinha sido maravilhoso, e ver um filme, aconchegado na cama de Laire como uma pequena família, tinha sido caloroso e acolhedor... mas seu corpo estava em chamas por ela, e ele ficou aliviado quando decidiram cortar o filme e passar algum tempo sozinhos.

Assim que se aproximaram da porta de seu quarto, ela pediu por um minuto, então ele voltou para seu quarto e acendeu as velas que pegara em Utopia Manor hoje, depois sentou-se à beira da cama de estilo colonial para esperá-la.

Ele não sabia o que ia acontecer esta noite, mas ele estava com vontade e sabia o que ele esperava: um, ser sepultado no fundo do doce corpo de Laire cinco vezes antes do nascer do sol, e dois, escutá-la dizer que ainda havia uma chance para o amor crescer entre eles – ainda uma chance para eles estarem juntos.

Ele tentou moderar suas expectativas e fome com a realidade — eles acabaram de se reencontrar. Poderia demorar alguns dias, semanas e meses (*por favor, Deus, meses não*) — até que estivessem suficientemente confortáveis para estarem juntos dessa forma novamente.

Dito isto, se houvesse uma decisão para Erik, sobre se ele teria ou não de perseguir Laire a longo prazo, não havia um pinga de dúvida em sua mente agora. No espaço de dois dias, cada grama de amor que ele tinha mantido no gelo durante seis anos e meio tinha descongelado completamente até que ele ardeu por ela. Ele estava tão apaixonado por ela agora, hoje, como estava no dia em que chegou ao hospital para vê-la. Eles se feriram, sim, mas não de propósito, não com intenção maliciosa. Ela tinha sido uma menina assustada, com medo de perder seu único pai, atacando-o por sua parte na culpa. E ele tinha sido um menino tolo que mentiu para sua mãe em vez de simplesmente lhe dizer a verdade e lidar com as consequências.

Agora eram adultos. Todos cresceram e, ele esperava, estavam prontos para estarem sempre juntos porque ele não pretendia viver sua vida sem Laire nunca mais. Ele tinha tentado isso, e foi uma miséria incomparável. Havia vida com ela, ou havia um inferno.

A porta se abriu e ele olhou e viu que ela mudou o *jeans* e a camiseta em um simples vestido de algodão preto. Tinha um decote que abraçava suas curvas — as ondas de seus seios, a barriga e os quadris mais largos eram novidades para ele, provavelmente por conta de sua gravidez. Ela tinha soltado os cabelos do rabo de cavalo que usara durante o jantar, e eles desciam, retos e avermelhados, por suas costas quando ela se aproximou dele.

Ele abriu as pernas para que ela pudesse caminhar até ele, dentro dele, olho no olho, peito ao peito, sexo ao sexo. Ele estendeu os braços enquanto ela invadia seu espaço, pressionando seu corpo contra o dele, e passou seus braços ao redor dela, envolvendo-a com um forte abraço.

— Eu amo você — ele sussurrou, as palavras se precipitaram desinibidas. — Nunca deixei de amar.

O rosto dela descansava em seu peito, sobre seu coração, sob o pulso latejante em sua garganta, e ele ouviu sua respiração estremecer, sentiu-a engolir em um suave suspiro.

— Eu também te amo — ela murmurou, sua voz sem fôlego, mas certa. — Mesmo quando te odiava, ainda te amei.

Afastando-se um pouco, ela olhou nos olhos dele, então deixou cair o olhar em seus lábios, inclinando-se para a frente até suas bocas se encontrarem, com fome, mas doce, selando suas palavras com um beijo. Ele passou a língua pela suave curva de seus lábios, e ela se abriu para ele como uma flor, deixando-a prová-la, explorá-la, reivindicá-la como sua mais uma vez. Deslizando as mãos para a barra de seu vestido, deslizou as mãos para a pele nua de suas coxas, depois para sua bunda coberta em seda, levantando-a no colo. Revolvendo os braços ao redor do pescoço, ela usou como alavanca para se deslizar para a frente, indo de encontro ao seu corpo, arqueando suas costas para esmagar seus seios contra seu peito enquanto ele amava sua boca com a dele. Seus dedos continuaram sua jornada para cima, sob seu vestido, finalmente descansando em sua cintura, a pele macia e quente sob seu vestido.

— Erik — ela sussurrou, afastando-se para morder o lóbulo da orelha entre os lábios, amando a pele flácida, depois raspando com os dentes antes de soltá-lo.

— O quê, querida?

— Nós temos a noite toda — disse ela, sorrindo para ele. Seus lábios estavam sensíveis e deliciosos, e ele queria muito mais. — Não é estranho?

— Por quê? — Ele ofegou suavemente, sorrindo para ela à luz das velas. — Porque era tão difícil encontrar tempo sozinho naquele verão?

— Nós só tivemos uma noite — ela disse suavemente, a luz em seus olhos escurecendo um pouco —, e terminou em um desastre.

Ele assentiu. — Eu queria saber o que tinha acontecido com seu pai. Eu desejava... Eu queria que você tivesse vindo me ver no Ação de Graças. Eu sei que você pensou que eu estava com Vanessa. Mas... você considerou aparecer?

Ela se esticou em seus braços, pegando suas mãos e tirando-as de sua cintura, retirando-as debaixo do vestido antes de responder em um tom grave: — Precisamos conversar.

Oh, Merda. Isso não era nada bom.

Ela parou, saindo do colo e cruzando para uma pequena área de estar com duas cadeiras. Ela se sentou em uma e gesticulou para a outra, olhando para ele de forma significativa.

— Vamos sentar um pouco, ok? Há muito que você não sabe, Erik, e antes de irmos mais longe, você precisa saber de tudo.

Laire observou-o de pé atravessar a sala como um homem levado à sua execução, mas ela não o confortava nem tentava suavizar o golpe de tudo o que estava prestes a dizer. O que ele estava para ouvir poderia mudar todo o curso de sua vida no espaço de alguns minutos — seria desonesto minimizá-lo com trivialidades antes mesmo de começar a falar.

Ela apontou para uma garrafa de *bourbon* na mesa. — Você quer um copo?

Ele levantou as sobrancelhas. — Vou precisar?

— Talvez — ela respondeu honestamente, e as linhas em seu rosto ficaram mais profundas.

Ele pegou a garrafa e abriu-a. — Você quer um pouco?

— Eu não bebo *bourbon*.

— Há champanhe — ele lembrou a ela.

Ela sacudiu a cabeça, não. Se, depois de lhe ter dito tudo, ele não a jogasse fora de seu quarto e ameaçasse chamar o Serviço de Proteção à Criança, então ela teria um copo.

Ele serviu um copo de líquido âmbar, depois sentou-se em frente a ela, seus olhos preocupados, sua postura rígida.

Laire respirou fundo.

— Eu não estive com muitos homens — ela soltou.

— Hmm... — Seu copo estava a meio caminho da boca, e congelou no ar enquanto ele a encarava. Lentamente, ele baixou. — Ok.

— Quero dizer... em absoluto.

— Ótimo! Isso é bom para... Quero dizer... — As linhas de preocupação em seu rosto se iluminaram quando ele assentiu. — Não posso dizer que sinto muito por ouvir isso, querida.

Seu coração retumbava enquanto esfregava a testa com o polegar e o dedo indicador. *Diga a ele. Apenas diga a ele.*

— Então — ele disse —, apenas eu e... O pai de Ava Grace?

— Bem...

Já é hora de acariciar seu coração a cada ritmo, e ela engoliu o nó na garganta. *Faça. Diga-lhe agora.*

— Apenas você — ela disse, segurando o olhar.

— Certo. Apenas eu e o...

— Erik — ela disse suavemente, olhando para a ponta de sua cadeira e, depois, nos seus olhos com todo o amor que não havia morrido dentro dela e todo o amor que recentemente havia renascido em seu coração. — Somente. Você.

Ela observou seu rosto enquanto fazia sentido suas palavras, com ele as descobrindo e as analisando.

— Eu não... O que você está dizendo?

Foi preciso coragem — tanta coragem — para Laire compartilhar seu bebê com Erik, mas ele nunca a traiu com Vanessa. Ele tinha sido sincero com ela, e seu coração doía com saudade dele e pelos anos que perderam juntos. Erik era um homem bom, digno de seus filhos, e era hora de ele conhecer a verdade. Ela levantou o queixo.

— Eu só estive com você. Você é o único homem com quem me deitei. Sempre. — Ela se levantou abruptamente, arrancou o copo de *bourbon* de suas mãos, bebeu um longo gole e depois ofereceu-o novamente.

— Espere — ele disse, seus olhos procurando os dela de forma selvagem quando ela se sentou de volta. — Laire, você está dizendo... aquela... Ava Grace é... — Ele balançou a cabeça, cada vez mais rápido. — Não. Isso é impossível.

Mas ela podia ver isso — a maneira como ele estava juntando as peças:

A estranha coincidência de seu nome.

Que sua cor de cabelo era uma mistura perfeita deles.

Que seus olhos eram como os dele.

Que seu pai era um “príncipe de cabelos escuros”.

Que ele tinha se apaixonado para Ava Grace quando a conheceu há apenas alguns dias, quase como se seu coração reconhecesse o dela, sabendo que o sangue percorrendo em suas veias pertencia, em parte, a ele.

— Bem, na verdade — disse ela suavemente — se você fizer as contas verá que não é impossível. Ela nasceu em 10 de maio.

— Ela parece que tem cerca de quatro.

— Terá seis no próximo ano.

— Espere — ele disse, levantando o *bourbon* em seus lábios e terminando o que Laire não tinha bebido. — Não. Isso não pode ser possível.

— Ela é apenas pequena — disse Laire, sua voz quebrando. Ela não conseguia ler o rosto dele. Ela não conseguia ler sua voz. Ela não conseguia descobrir o que ele estava sentindo. Tudo o que ela podia ver era uma descrença absoluta, e ela estava começando a ter medo.

Ele passou a mão por seus cabelos grossos, segurando a parte de trás do pescoço enquanto a olhava com os olhos arregalados. — Mas nós não...

— Nós fizemos o suficiente.

— Você está dizendo... Oh, meu Deus, Laire. — Ele olhou para ela, a verdade finalmente se tornando clara para ele. — Você está dizendo que ela é minha...

— Ela é *sua*, Erik — ela ofegou, seu coração batendo tão rápido, ela se perguntou se poderia desmaiar. — Sua e minha. Nós somos seus pais. Somente... Apenas olhe para ela. Você é o pai dela.

— Eu sou o pai dela — ele sussurrou, lágrimas brilhando em seus olhos, que ele piscou, olhando para o copo vazio em suas mãos. — Eu sou seu... *pai*.

— Sim. — Laire caiu de joelhos, tirando o copo de suas mãos e cruzando os dedos entre os dele. — Eu juro que estou dizendo a verdade.

— Ava Grace é minha filha — ele disse, olhando para ela, um olhar

feroz e selvagem em seus olhos.

— Sim — ela confirmou, ignorando as lágrimas que escorriam pelo rosto dela e dele.

Ele tirou as mãos dela e recostou-se na cadeira, o rosto contorcido de raiva, o nariz inflando e os lábios apertados.

— Ela tem quase seis anos, Laire.

Laire assentiu com a cabeça, sentando-se sobre suas pernas, sentindo-se cautelosa.

— Seis. Anos — ele resmungou suavemente, seus olhos furiosos.

— Sim — ela sussurrou, seu coração em sua garganta quando ela se ajoelhou.

Ele apertou uma mão em seu peito, olhando-a através de olhos aquosos, com o rosto uma máscara de angústia. — Por que você não me disse?

— Eu tentei — ela soluçou, seus ombros começando a tremer com a força de suas lágrimas.

— O que diabos quer dizer com *tentou*? — Ele exigiu, cambaleando para frente em seu assento. — Aqui estão os fatos, Laire: eu não sabia porque você não me disse. Então, que merda, você com certeza *não* tentou muito...

— Eu estava lá! — Ela gritou. — No dia de Ação de Graças. Eu estava lá, Erik.

— Não. — Erik olhou para ela, seu peito subindo e descendo rapidamente com cada respiração superficial. Ele balançou a cabeça, segurando a mão na recusa. — Não. Não, você não estava. Você não veio. Seu barco não estava lá. Você não...

— Eu fui — ela disse, sua voz falhando quando mais lágrimas deslizaram por suas bochechas e ela se sentou no chão, levantando os joelhos e apertando-os contra seu peito. — Meu cunhado me levou. Sua mãe... — Ela soluçou, então respirou fundo. — Sua mãe me interceptou junto à piscina, e

nós... — Ela ergueu o queixo e o encarou, incapaz de manter a amargura da voz quando ela se lembrou daquela noite terrível — conversamos.

Ele estreitou os olhos, escaneando o rosto quando sua postura de ataque se relaxou e ela sabia o que estava fazendo: tentando desesperadamente descobrir se estava falando a verdade.

Finalmente, ele se encolheu, mantendo a respiração como se houvesse dificuldade em fazê-lo.

— Diga-me o que aconteceu, Laire. — Sua voz era uma mistura de rocha e trovão, seus olhos brilhantes – tão escuros e perigosos do que ela poderia se lembrar deles. — Diga-me o que minha mãe fez.



Capítulo 23

— Vou começar do princípio — ela disse, ainda sentada encolhida aos pés dele. Ela fungou, então alcançou as lágrimas e as limpou. — Mas... você pode se acalmar? E.. e me escute e não grite comigo? Porque me sinto muito emotiva e...

Dentro, ele estava em tumulto, mas ele assentiu. — Tudo bem.

— Eu vou pegar um copo d'água. Já volto — disse ela, levantando-se e caminhando até o banheiro.

Ele a ouviu pegar a água e forçou-se a respirar fundo antes de começar a falar de novo. Inclinando a cabeça na parte de trás da cadeira, fechou os olhos por um momento, juntando as mãos trêmulas no colo.

Nos últimos cinco minutos, ele descobriu que tinha uma filha — que ele e Laire tinham uma filha.

Parte dele estava em estado de choque.

Parte dele estava furiosa.

Parte dele estava tentando manter uma enorme onda de proteção e gratidão e excitação em controle até que ele tivesse todos os detalhes. Ele lutou ativamente com o impulso irresistível de correr para o quarto adjacente, pegar o corpo adormecido de Ava Grace e mantê-lo contra ele por horas, olhando seu rosto e ouvindo sua respiração.

Apenas uma emoção era completamente saliente e indivisa dentro dele: o amor puro, não adulterado, profundo, eterno, que sentiu de repente por Ava Grace. Na verdade, se ele realmente não experimentasse o amor instintivo e instantâneo que estava ultrapassando cada célula de seu corpo, ele não teria acreditado que era possível amar outro ser humano tão completa, tão profunda, tão eternamente, num espaço de alguns minutos. Mas lá estava dentro dele: tanto amor por aquela menina, ele não sabia como seu coração poderia conter.

Ela era *seu* bebê, *sua* criança, *sua* filha...

Laire limpou a garganta quando voltou para a sala, e Erik abriu os olhos, focalizando-os na mãe de sua filha.

... e eles foram *deliberadamente* separados por seis anos agonizantes.

Ele desejava desesperadamente que ela tivesse um bom motivo para isso, porque se não o fizesse, era inconcebível que ela tivesse feito tal coisa para Ava Grace... e para ele.

Ela sentou-se na cadeira e respirou fundo.

— Eu pensei que eu tivesse câncer — ela disse suavemente. — Em novembro, estava cansada o tempo todo e ganhava peso. Os cheiros que nunca me incomodaram de repente me deixavam com náuseas. Quando coloquei meus sintomas no *Google*, a gravidez não era nem mesmo um diagnóstico sugerido, mas o hipotireoidismo era.

Ela se virou para olhar para ele, seus olhos tão tristes. Ele teve que se forçar a ficar sentado e não alcançá-la e puxá-la para dentro de seus braços. — Minha mãe morreu de câncer de tireóide, então eu estava certa de que era o que eu tinha. Eu até...

Sua voz falhou por um momento, e ela mordeu o lábio inferior até que estivesse controlada o suficiente para falar. — Erik, eu estava tão confusa naquela época, pensei que poderia ser bom se eu tivesse câncer. Meu pai e minhas irmãs teriam que me perdoar por estar com você naquela noite, se eu estivesse tão doente. Eles teriam que parar de me olhar de lado, como se eu fosse uma menina suja, uma semente ruim. Eles teriam que me amar de novo.

Ela respirou profundamente e exalou um som “ohhhh”, apertando o maxilar antes de continuar. — Kyrstin me trouxe para a clínica aqui em Hatteras, e eles fizeram um teste de urina. Foi assim que descobri que estava grávida... Uma semana antes do Dia de Ação de Graças.

Erik olhou para ela, seu peito doendo enquanto tentava respirar profundamente e falhava. Ele não podia imaginar quão assustada ela tinha ficado, ou como ela sentia-se sozinha. Odiando por não estar lá para ela, ele de alguma forma conseguiu acenar com a cabeça, instando-a a continuar.

— Kyrstin disse que eu deveria escolher um garoto da ilha e seduzi-lo. — Ela riu tristemente, limpando uma lágrima. — Loucura, não? Mas você tem que entender que de onde venho, estar fora por uma noite com você fez meu pai ganhar uma coronária. Dizer-lhe que eu estava tendo um bebê fora do casamento? Teria matado ele. Kyrstin realmente pensou que estava ajudando fazendo essa sugestão. Ela disse que eu deveria escolher um dos meninos com os quais cresci, levá-lo a beber, dormir com ele, casar com ele e deixar que todos em Corey acreditassem que era seu filho.

Ela balançou a cabeça. — Eu não poderia fazer isso. Eu ainda... Ainda te amava. Eu ainda acreditava em você. Eu insisti com Kyrstin que, se eu lhe dissesse, você faria o certo. E o momento? Quase senti como um milagre. Eu sabia como encontrá-lo, exatamente onde você deveria estar. Se eu pudesse chegar a Utopia Manor no Dia de Ação de Graças e falar com você, tudo ficaria bem.

— Mas não ficou tudo bem, não é? — Ele perguntou, sua voz cheia de emoção.

Ela balançou a cabeça, lançando o olhar para o colo tristemente.

E foi esse gesto pequeno e vulnerável que o fez saltar da cadeira e ficar de pé diante dela. Sem pedir sua permissão, ele se inclinou e juntou seu corpo

em seus braços. Ela passou os braços em volta do pescoço, olhando-o com tanto pesar, entendendo que suas chances de felicidade — a chance de serem uma família há seis anos — lhes foram roubadas. E não foi culpa de Laire. E não era dele.

— Eu amo você — ele murmurou.

— Eu... Eu estava tão assustada — ela soluçou. — Tão só...

Seu rosto contorceu-se, e ela o escondeu na curva do seu pescoço, o corpo tremendo pela força de seus soluços. Lágrimas quentes e úmidas pousaram na clavícula, roçando o peito, molhando a camisa. Segurando-a com cuidado, ele cruzou a sala e colocou-a gentilmente em sua cama. Então, ele caminhou e ficou ao lado dela, atraindo-a em seus braços, como conchinha, os braços sob os seios enquanto ela chorava.

— Não importa o que tenha acontecido — ele sussurrou, pressionando seus lábios na parte de trás do pescoço —, eu amo você para sempre. Eu amo Ava Grace para sempre. Diga-me o resto quando estiver pronta, querida. Eu estou aqui agora. Estou aqui.

Depois de alguns minutos, seus soluços se transformaram em respirações profundas e esparsas, e ela virou em seus braços, o rosto sombreado pela luz das velas. Empurrando o cabelo da testa, ele olhou nos olhos dela. — Você está bem, querida?

Ela fungou, murmurou “não”, e meio riu, meio soluçou enquanto curvava o cotovelo, deslizava-o debaixo da cabeça e olhou-o pensativamente. — V-você quis mesmo dizer isso?

— O quê?

— Sobre... nos amar?

— Com cada célula do meu corpo — prometeu.

Seus olhos fecharam-se e ela assentiu com a cabeça. — Obrigada. Eu precisava *tanto* ouvir isso.

— Seis anos é tanto tempo — disse ele, tudo dentro dele doendo.

— Não foi sua culpa — ela conseguiu em uma voz fina.

— Me mata que você tenha passado por isso sozinha, que eu perdi seis anos com você, que perdi os primeiros cinco anos e meio da vida da minha filha. — Ele parou porque seu coração estava batendo tão rápido, ele se sentiu tonto. *Acalme-se. Calma, Erik.* Ele engoliu o enorme nó em sua garganta. — Eu preciso saber o que aconteceu. Diga-me o resto.

Ela exalou com cuidado, balançando a cabeça. — Ok. — Ela respirou fundo demais, como se o que ela estava prestes a dizer iria doer muito, e Erik se preparou. Ele tinha visto Fancy em ação desde que ele era pequeno – ele sabia que, quando suas garras saíam, sangue era derramado, e ela era paciente. Ele não sabia o que estava por vir, mas sabia que seria ruim.

— Ok. Vejamos... — ela disse. — Eu tive o Dia de Ação de Graças em Kyrstin e então seu marido, Remy, me levou pela costa de Corey para Utopia Manor. Estava tão assustada, mas queria ver você de novo. Quero dizer, eu sabia que era jovem para engravidar e não éramos casados, mas ainda te amava. Eu senti como se pudéssemos fazer funcionar se eu pudesse chegar até você.

— Espere — disse ele. — E quanto a Vanessa? Eu pensei que você me odiasse.

— Eu ainda não sabia — disse ela suavemente.

— Mas eu pensei que a foto...

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Ainda não a tinha visto. Eu vi isso muito mais tarde. Eu ainda não sabia... sobre você e Vanessa. Eu ainda achava que Van era apenas um amigo do sexo masculino.

— Você me amava?

Ela assentiu. — Loucamente. Eu ia pedir seu perdão pela maneira que o tratei no hospital. Meu pai estava bem. Planejado ou não, eu estava esperando seu bebê. Eu queria um novo começo com você.... Pa-para nós, você sabe, para sermos uma família.

— Oh, meu Deus — ele sussurrou, piscando para ela através de uma nova ardência de lágrimas, essas revelações cada vez mais dolorosas e

frustrantes. — Você ainda me amava e estava grávida do meu filho, e estava indo me dizer.

Ela mordeu o lábio inferior novamente, seus olhos respondendo à sua pergunta antes de dizer: — Sim.

— E minha mãe?

— Ela estava do lado de fora.

— Fumando? Ao lado da piscina?

Ela assentiu. — Sim.

— Você disse a ela que estava grávida?

— Não no início. Eu disse a ela que precisava falar com você. Disse a ela que era convidada. — Ela olhou para o pequeno espaço de lençol branco embaixo deles, traçando um pequeno círculo com o dedo. — Ela não acreditou que eu conhecesse você. Eu insisti que sim. Foi quando eu disse a ela que estava esperando.

— Ela a expulsou?

O suspiro de Laire estava fraco e trêmulo, e Erik podia dizer que a memória estava magoada.

— Ela me chamou de mentirosa e oportunista. Achou que eu queria extorquir dinheiro da sua família. Ela disse que era... um plano inteligente. E então ela ameaçou chamar a polícia.

Laire parou por um minuto, apertando seu maxilar, seu rosto uma máscara de infelicidade quando finalmente olhou para ele. — Mas isso não foi o pior.

— Vanessa — ele disse, o nome amargo em sua língua. — Ela fez você pensar que nós éramos...

Ela assentiu. — Ela me disse para olhar pelas portas de vidro deslizantes, e lá estava você, ao lado dela... com o braço ao redor de seus

ombros...

Sua voz quebrou, e uma lágrima desceu. — Eu a reconheci das fotos no seu piano. Ela estava usando um anel naquela noite – um anel realmente enorme e bonito – e sua mãe disse que você estava noivo dela, que estavam juntos todo o verão, que você estava apaixonado para sempre, e foi assim que ela soube que eu mentia sobre estar com você porque você nunca trairia Van.

— Basta.

Algo dentro de Erik rasgou-se, e ele choramingou com dor, rolando sobre suas costas e olhando para o teto enquanto as lágrimas de frustração feroz e a sanidade roubada, escorriam pelos cantos de seus olhos em seus cabelos.

Desprezível. Repreensível. E imperdoável.

Ela veio até ele. Laire voltou para ele para dizer-lhe que o amava e ia ter seu bebê, e sua mãe — sua desprezível e fodida mãe — sabotou sua felicidade. Ele havia perdido seis anos de sua vida e cinco anos e meio da vida de sua filha, por causa daquela noite. Ele perdeu sua fé nas mulheres e sua confiança no amor. Ele perdeu a esperança. Ele se perdeu. E era tão devastador saber que tinha sido nas mãos obstinadas de sua mãe, quase não conseguia respirar.

Ele jogou o braço sobre os olhos, escondendo suas lágrimas dela — de Laire, que devia ter ficado tão assustada e solitária naquela noite. Ela não tinha família, nem dinheiro, nem plano.... e sua mãe, a avó de Ava Grace, ameaçou-a com prisão, então ela fugiu. Como diabos ela havia sobrevivido? Como ela e Ava Grace conseguiram?

— Laire — ele explodiu, ainda deitado de costas. —, quem a ajudou?

— Quem você acha? — Ela perguntou suavemente.

Erik respirou fundo, pensando naqueles dias: ela tinha tido a família dela, né? Mas eles não a teriam ajudado. No momento em que descobrissem que estava grávida, eles teriam lavado suas mãos sobre ela.

Então, quem mais? Quem mais? Toda sua vida era Corey Island, exceto pelas noites que ela passava na Pamlico House.

— Pamlico House — ele murmurou, abaixando o braço. — Sua chefe... Sra... Sra...

— Sebastian — ela disse suavemente com um sorriso triste.

Boone. Era lá que morava Nana. Antes de morrer.

— Nana — ele disse, rolando em seu lado, refletindo Laire, observando seus olhos se suavizarem quando falava de sua benfeitora.

Ela assentiu. — Nana.

— Ela ajudou você?

— Ela me adotou, para todos os efeitos. Ela estava se mudando para Boone para ficar mais perto de seu filho, e me levou com ela. Ela estava ao meu lado quando Ava Grace nasceu, me ajudando com a respiração. Ela nos deu um lugar para viver. Ela tomou conta de minha filha enquanto eu ia à faculdade. Seu filho, Patrick, era um tio para Ava Grace. Fomos... Erik, estávamos rodeadas de amor. — Ela ainda estava chorando, mas seu rosto não era tão doloroso quanto era quando estava falando sobre sua mãe. — Ela salvou nossas vidas.

— O apartamento aqui?

— Era dela — disse Laire. — Ela me deixou quando morreu no verão passado.

— Sinto muito — disse ele, fazendo uma careta com sua perda. Ele alcançou seu quadril, puxando-a mais perto. Quando suas testas se tocaram, ele fechou os olhos e respirou fundo. — Sinto muito que você a tenha perdido.

— Estou tão agradecida por tê-la tido — ela sussurrou de volta.

— E a mim por tabela, querida?

— Sim — ela disse, sua doce respiração beijando seus lábios enquanto a tensão se esvanecia de seus corpos. — Espere. Não.

— Não? — Ele perguntou, abrindo um olho.

— Por acaso — ela disse suavemente — encontrei o amor da minha vida na pousada onde ela me contratou para trabalhar há tanto tempo. E eu apenas... Talvez isso pareça louco, mas eu sinto que foi o último presente de Judith – Ms. Sebastian – para mim: me dando um imóvel aqui, me fazendo voltar e encontrá-lo, a responsável por tudo.

Você não tem nenhum assunto com uma ilhéus, tem?

Ele lembrou do rosto severo de Judith Sebastian com uma onda de gratidão que quase o abateu. Ela sempre quis o melhor para Laire, e talvez, finalmente, no final de sua vida, ela decidiu que era ele. Ele sempre a respeitou – confortava-o acreditar que a Sra. Sebastian colocou Laire em condição de encontrá-lo novamente.

— Não soa loucura — disse ele, beijando ternamente a ponta do seu nariz. — Parece que queria que você fosse feliz.

— Nós ficaremos felizes se estivermos com você — ela murmurou, acariciando-o.

Erik a atraiu tão perto que seus corações ecoavam juntos e suas pernas estavam entrelaçadas. — Eu quero isso mais do que qualquer coisa, querida.

— Bom. — Ela se aconchegou mais perto, derretendo-se nele com um suspiro. — Isso é tão bom.

Ele esfregou suas costas, pressionando seus lábios contra os dela.

— Mmmm — ela suspirou, seus olhos fechados, seu corpo lânguido contra ele. — Será que podemos dormir um pouco? Sinto como se tivesse corrido durante anos. Estou tão... cansada.

— Claro, querida — ele disse, apertando seu corpo fortemente contra o dele. — Está comigo agora. Durma.

— Você também — ela murmurou.

— Claro — ele disse, beijando sua testa. — Eu também.

Levou apenas um minuto ou dois para sua respiração se tornar

profunda e uniforme, mas não havia como Erik ir dormir. Sua mente estava frenética, saltando entre as quatro mulheres mais importantes de sua vida e tentando fazer sentido de onde cada uma delas se encaixava nessa pós-épica conversa com Laire.

Hillary seria fácil. Ele estava desesperado para falar com ela — para explicar tudo e apresentá-la a Laire e Ava Grace. Imaginou que Hillary e Laire se tornariam boas amigas e que Hillary seria uma tia incrível para a sua sobrinha. Ele mal podia esperar para contar tudo a ela.

A revelação sobre a paternidade de Ava Grace finalmente entrou em sua consciência, e ele aceitou sem dúvida: ele tinha uma filha e, sim, ele tinha muito a aprender, mas seria o melhor pai que a Terra já conheceu. Haveria tempo para compensar e tempo para comemorar, e da próxima vez que ele e Laire tivessem um filho juntos, ele pretendia estar lá desde o início.

Inclinando-se para a frente um pouco, ele pressionou os lábios na testa de Laire novamente, descansando contra sua pele macia enquanto dormia.

O mais cedo possível, ele pretendia ter um anel no dedo e um data para levá-la ao altar. Era como se ele tivesse acordado, nos últimos dois dias, de um pesadelo de anos, e ele sabia, sem sombra de dúvida, que Laire era a chave para sua felicidade. Ele havia perdido tempo suficiente com ela – queria que ela fosse sua esposa, e ele queria isso já. Ela era a parte faltante de seu coração, a alegria de sua alma, a força vital de seu ser e a mãe de sua filha. Assim que ela dissesse sim, ele ligaria sua vida à dela para sempre e agradeceria a Deus pelo dom de seu amor todo dia de sua vida.

Respirando fundo, ele apertou o queixo e fechou os olhos por um momento antes de abri-los novamente.

Quanto à sua mãe.

Quanto a Ursula "Fancy" Rexford.

Ele a confrontaria apenas para rejeitá-la.

Ele faria com que ela assumisse a responsabilidade pelo que deliberadamente havia roubado dele.

E, então, ele lavaria as mãos sobre ela para sempre.

Aconchegando o amor de sua vida o mais próximo possível dele, ele puxou o edredom sobre eles. E buscando o ritmo de seu coração batendo com o dele, ele fechou os olhos e se juntou a ela no sono.

— Noite do Pijama, né? É assim que se chama quando você dorme com outra pessoa. E Mama e Oscar ainda estão dormindo, então esta é definitivamente uma noite do pijama.

Houve uma pausa no monólogo de Ava Grace quando os olhos de Laire se abriram para encontrar o quarto de Erik inundado de luz solar, seus braços ainda ao redor dela.

— Não, Sr. Mopples. Essa é uma sugestão muito impertinente. Não vamos acordá-los até... Mama! Você está acordada!

Laire piscou enquanto ela rolava sobre suas costas. Ela ainda estava com suas roupas. *Oh, senhor, pensou, revirando os olhos internamente. Nossa primeira noite juntos sem ninguém para julgar ou interromper ou interferir, e nós a desperdiçamos dormindo.*

Ava Grace se ajoelhou na cama, segurando o Sr. Mopples no colo.

— Bom dia, querida — murmurou Laire através de um bocejo.

— Mama, você e Oscar tiveram uma noite do pijama.

Mudando de ideia quanto aos pensamentos anteriores e agradecendo a Deus que ambos estivessem completamente vestidos, ela sorriu e assentiu. — Sim, nós tivemos.

— Por que vocês tiveram?

O braço de Erik estava jogado sobre o peito de Laire, mas ela moveu o suficiente para se sentar.

— Oh. Bem... — Ela e Erik não haviam discutido quando diriam a Ava Grace que ele era seu pai, mas esperava que concordassem em contar a ela hoje. Laire estava doente e cansada de segredos. Ela queria que Ava Grace soubesse que tinha um pai que a amava, que sentiu sua falta e que pretendia ficar com elas. — Tínhamos algumas coisas para falar. E acho que adormecemos.

— Que coisas?

— Bem — ela disse, sorrindo gentilmente para a filha — Eu conheci Oscar, um, Erik, há muito tempo... antes de você nascer. Ele era muito importante para mim.

— Como seu melhor amigo?

— Sim. Ainda mais do que isso.

— Você gosta muito dele, Mama?

— Sim, querida. Na verdade, eu o amo muito.

— Tanto quanto você me ama?

— Mm-hm — respondeu Laire, sorrindo para a filha. — Mas de uma maneira diferente.

— Como uma mãe ama um papai? — Sussurrou Ava Grace, como se suas palavras fossem sagradas.

— Tudo bem com isso? — perguntou Laire.

Ava Grace olhou para Erik, encarando-o por um tempo. — Eu tenho os olhos iguais ao dele, Mama.

O peito de Laire estreitou-se, mas manteve a voz calma. — Sim, querida. Você tem.

Sob as cobertas, os dedos de Erik encontraram o dela, segurando-os. Ele já não estava dormindo; ele estava ouvindo.

— Se você o ama como uma mãe ama um pai.... — Ava Grace apertou

os lábios, ainda olhando para Erik.

— O que tem, docinho?

— Ele tem cabelos escuros como um príncipe. Talvez ele possa ser meu pai.

Ela ouviu a respiração dele prender-se enquanto seus dedos apertaram os de sua mão.

— Você gostaria disso?

Ava Grace assentiu.

Ela sabia que ele não podia suportar não saber sua resposta quando ele abriu os olhos, fingindo acordar. — Bom dia, meninas.

— Bom dia — elas responderam em uníssono.

Erik esfregou os olhos e deu um bocejo, sentando-se contra a parte de trás da cama ao lado de Laire, abrindo um espaço entre eles.

— Quer vir aqui com a gente? — perguntou à sua filha.

O rosto de Ava Grace abriu um enorme sorriso, e ela assentiu alegremente, arrastando-se à cama e se aconchegando entre eles.

Erik olhou para Laire sobre a cabeça de sua filha, falando as palavras *posso dizer a ela?*

Lágrimas surgiram nos olhos de Laire enquanto ela assentia.

— Ei, Ava Grace — disse Erik. — Eu tenho que te perguntar uma coisa, querida.

— O quê?

— Bem, eu pensei ter ouvido você dizer algo sobre eu ser seu pai agora, enquanto eu estava acordando.

— Eu pensei que você estava dormindo.

— Não. — Erik colocou as mãos sob seus braços e a transferiu para o colo, de frente para ele. — E se o príncipe de cabelos escuros foi preso num plano maligno da bruxa do mar por alguns anos? E se ele tivesse demorado um pouco para escapar, para encontrar você e sua mãe?

Laire deslocou os olhos do rosto de Erik para Ava Grace, observando como absorvia esse novo capítulo da história.

Com os olhos arregalados, Ava Grace olhou para o pai. — Foi isso o que aconteceu com você?

—Mais ou menos isso.

Para a surpresa de Laire, grandes lágrimas inundaram os olhos de sua filha quando ela olhou para o pai. — Mas isso quer dizer... Isso quer dizer que você é meu pai de verdade.

— É isso aí. É exatamente o que eu sou, querida — disse ele, tentando sorrir, embora Laire pudesse vê-lo lutando contra lágrimas. — Seu pai verdadeiro. E agora que eu encontrei você e sua mãe, nunca mais vou embora.

Ava Grace lançou-se em seus braços com um soluço, e Erik agarrou-a quando ela descansava seu rostinho em seu ombro.

— Você é meu pai verdadeiro? — Ela perguntou novamente enquanto se apegava a ele, como se fosse muito incrível para ser verdade.

— Com certeza sou — disse Erik, colocando Ava Grace de um lado para puxar Laire para o abraço deles. Ela estava uma bagunça neste ponto, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto Erik e Ava Grace definiam seus lugares na vida um do outro. Laire deitou a cabeça no ombro de Erik, inclinando-se sobre ele enquanto ele segurava suas garotas.

— Então eu vou chamar você de papai em vez de Oscar — disse Ava Grace, seus braços pequenos se encaixaram firmemente em seu pescoço. — Ok?

— Melhor que ok — ele disse, sua voz tremendo de emoção enquanto ele apertava seus braços em torno de sua família. — Isso seria perfeito, *querida*.



Capítulo 24

Desde a manhã, Ava Grace provavelmente chamou Erik de *pai* cerca de cem vezes, até conseguindo inseri-lo três vezes em uma única frase. A verdade? Ele achava que nunca se cansaria de ouvir sua vozinha.

Colocando-a na cama naquela noite, eles mantiveram o dia juntos divertido: correndo na praia, comendo cachorros-quentes em um café em Hatteras, visitando o novo apartamento de Laire e Ava Grace, examinando sua nova escola primária e comendo sanduíches de queijo grelhado para o jantar, cortesia de Kelsey.

Com Laire de um lado dela e Erik do outro, eles leram uma história de dormir juntos, observando enquanto sua filha dormia. Eles deram beijo de boa noite, então, na ponta dos pés, foram para o quarto de Erik, deixando a porta de comunicação aberta o suficiente para ouvir sua voz se ela precisasse deles.

Segurando a mão de Laire, e com uma pressa que deveria tê-lo

surpreendido, mas não, ele mudou totalmente suas prioridades enquanto entrava em seu quarto discretamente iluminado e silencioso.

Tanto quanto ele amava cada minuto que passara com Laire e Ava Grace hoje como família, seu corpo agora tinha um novo foco. Ele esperou muito tempo para ficar sozinho com sua mulher novamente, sem mais mentiras e segredos entre eles, ele cansou de esperar.

Ele a queria.

Ele precisava dela.

E ele pretendia tê-la de todas as maneiras que ela o deixasse antes da manhã vir.

Ele se sentou na cama, segurando sua mão, olhando para Laire, que estava diante dele. Ela ergueu um leve sorriso em seu rosto quando levantou a mão livre. Estava fechada, mas quando ela abriu os dedos, um a um, reconheceu o colar que ele havia comprado há muito tempo nos Elizabethan Gardens.

— Você o manteve — ele disse, tirando-o de sua mão e olhando para o intrincado *design* de corações sobrepostos.

— Fiquei tentada a jogá-lo na lareira muitas vezes, mas... Não conseguia. — Seus olhos estavam escuros e lânguidos quando ela largou a mão dele, tirou o cabelo da parte de trás do pescoço e virou-se. — Coloque-o em mim?

Seu coração acelerou ao olhar seu pescoço de cisne, com a rápida imagem mental de fazer amor com ela enquanto ela não usava nada além desse colar. Levantando-se de repente, os joelhos instáveis, ele inclinou os braços sobre os ombros, cada metade do fecho entre os dedos e prendeu o colar em volta de sua garganta.

Antes que ela pudesse deixar seu cabelo cair de volta, ele inclinou a cabeça rapidamente e pôs os lábios em sua pele macia e morna, fechando os olhos enquanto arfava silenciosamente. Ela inclinou a cabeça para o lado, dando-lhe um melhor acesso, e ele envolveu seus braços ao redor dela, puxando suas costas contra seu peito e inalando seu doce cheiro feminino.

— Senti sua falta — ele murmurou, deslizando seus lábios ao longo de sua garganta, atrás da orelha, parando para beijá-la e mordiscá-la, e se divertindo com a sensação de Laire em seus braços.

— Eu também — ela suspirou, cobrindo as mãos dele.

— Ontem à noite — ele começou, parando, não querendo pôr em perigo o momento com indelicadezas. — Você disse que não ficou com mais ninguém... a não ser eu.

— Exato — ela sussurrou, seus dedos apertando os dele.

Ele beijou seu ombro, depois inclinou a cabeça, girando-a em seus braços.

Seu rosto se inclinou, seus olhos verdes claros procurando os dele.

— Só você — ela disse, lambendo seus lábios doces nervosamente, então desafiando um sorriso quando ela ergueu o queixo.

Ele acenou com a cabeça para ela, a corrente de amor por ela em seu coração tão puro e forte, que aqueceu seu corpo como um cobertor. — Só eu.

— Eu não queria estar com alguém, a menos que eu o amasse tanto quanto te amei. — Ela olhou para baixo por um segundo, então ergueu a cabeça e o encarou. — Então eu esperei.

A verdade mergulhou dentro dele como uma força desmedida. — Eu também.

A princípio, ela ofegou, então, se encolheu, sua testa enrugando enquanto o encarava com incredulidade. Ele podia dizer que ela estava segurando a respiração porque seus seios estavam contra o peito dele.

— Respire — ele sussurrou.

Grandes lágrimas brotaram em seus olhos quando ela respirou devagar, ainda olhando para ele em estado de choque. — Como?

De repente, seus olhos arderam e ele piscou para ela, cada momento

que ele tentara se forçar a dormir com outra mulher voltou-lhe à mente. Ele falhou. *Toda vez*. E parte dele se perguntava se ele seria capaz de um relacionamento íntimo novamente... ou se Laire o tinha arruinado para todas as outras mulheres criadas.

Ele encolheu os ombros, ainda segurando-a firmemente em seus braços. — Nenhuma delas era você.

— Você não esteve com.... ninguém?

Ele engoliu o nó na garganta e negou com a cabeça. — Estive perto algumas vezes, mas... não pude.

Seu rosto fechou e ela se inclinou para a frente, descansando a testa no peito, debaixo do queixo. — Você... Está mentindo?

— Não, querida — ele disse suavemente, esfregando as costas enquanto ela chorava. — Eu não te amei só como uma garota ou como uma aventura de verão ou como qualquer coisa temporária. Você não percebe? Eu amei você como um homem, em todas as épocas, para sempre. E quando eu te perdi, perdi... tudo. Havia um buraco dentro de mim do tamanho de uma cratera. E... — Ele fez uma pausa, tremendo enquanto lembrava as profundezas de sua agonia antes de lembrar que agora, aqui e agora, a mulher de seus sonhos estava de volta em seus braços. — ... e nada, nada na *Terra de Deus*, poderia preenchê-lo, a não ser você.

— Me perdoa — ela soluçou. — Me perdoa por tê-lo machucado assim, E-Erik.

— Ei, ei — ele disse, inclinando-se o suficiente para alcançar seu rosto. Ele segurou-a com ternura, virando o rosto atormentado para o dele. — Nos machucamos. Nós não amamos como crianças, mas nós éramos crianças. Nós cometemos erros.

Ela assentiu, suspirando suavemente. — Enormes.

— Ruins.

— Terríveis.

Ele riu suavemente, balançando a cabeça lentamente. Sua voz era intensa com necessidade e admiração enquanto dizia a ela: — Eu te amo.

— Eu também te amo — ela respondeu em um suspiro, seus lábios se inclinando para um brilhante e glorioso sorriso. — Eu te amo para sempre.

Inclinando a cabeça para baixo, ele levou seus lábios contra os dela, surpreendido — da melhor maneira possível — ao sentir seus dedos alcançarem os botões de sua camisa e começar a desabotoá-los. Ele seguiu em frente, enfiando as mãos debaixo de seu suéter e puxando-o de sua barriga, esgueirando as palmas das mãos sobre seus seios e se afastando de seu beijo enquanto deslizava-o sobre sua cabeça. Ele desabotoava sua camisa e puxava sua camiseta sobre sua cabeça. Laire alcançou atrás de suas costas e desabotoou o sutiã, então endireitou os braços, deixando-o deslizar no chão em um sussurro.

Seus olhos caíram em seus peitos perfeitos, e ele respirou fundo. Tão perfeitos quanto eram quando era sua namorada, eles estavam mais cheios agora, sem dúvida de sua gravidez. Olhando para a permissão, ela acenou com a cabeça, ao alcançá-los, agarrando os suaves montes de carne quente dos lados, empurrando-os e suspirando com a visão.

— Você é... linda — ele murmurou, olhando-a por um momento antes de chupar um seio forte entre seus lábios.

Ela choramingou, com um som baixo, “unh”, enquanto mergulhava as mãos nos cabelos, puxando-o mais perto e arqueando as costas quando ele retirou seus lábios entre o vale de seus seios para beijar o bico do outro.

— Erik — ela gemeu sem ar, com a necessidade.

Ele sabia que se enfiasse os dedos em sua calcinha, ficariam úmidos, e seu pênis, já duro, pulsava, inchando incrivelmente.

Fazia muito tempo que eles fizeram sexo, e mesmo assim, ele gozara no estômago de Laire, não dentro dela. Quando ele sonhava com sua noite juntos, ele imaginava amá-la devagar — com delicadeza e reverência, e pintando um quadro de todos os momentos possíveis entre eles. Mas a resposta dela a ele era tão faminta quanto a dele, e de repente ele se sentiu mudando os planos. Foda-se ir devagar. Eles poderiam ir devagar mais tarde. O que eles precisavam — o que os dois realmente precisavam agora — era estarem juntos da maneira

mais íntima que um homem e uma mulher pudessem compartilhar.

— Eu queria ir devagar — murmurou Erik, acariciando seu mamilo tenso antes de beijá-lo novamente.

— Eu não preciso devagar — disse Laire, forçando-o a olhar para ela. — Eu apenas preciso de você.

Ele assentiu, alcançando o *jeans*, desabotoando-o e tirando-o. Ele deslizou os polegares no cinto de sua calcinha e desceu, puxando cada pedaço de roupa sobre seus quadris e expondo-a a ele da maneira mais vulnerável possível.

Em resposta, ela sorriu para ele, com os olhos escuros quando se inclinou e saiu de suas calças, caminhando ao lado da cama, subindo em cima do edredom e ajoelhando-se no meio.

Os dedos trêmulos dele desabotoaram o cinto, e ele empurrou as calças sobre os quadris sem desabotoá-los, estremecendo a arranhura do *jeans* sobre a pele, mas pulando freneticamente para tirar as roupas, para que ele pudesse estar tão nu quanto ela.

Da cama, ela riu suavemente, seus ombros pequenos chacoalhando, enquanto ele amaldiçoava seu *jeans*, um lado preso no tornozelo. — Que foda!

— Essa é a idéia — disse ela. — Precisa de ajuda?

Inclinando-se, tirou a roupa ofensiva de seu corpo e a jogou pelo quarto. — Não, Senhora.

Quando ele olhou para cima, seus olhos estavam largos, concentrados, com seu pênis trepidando de desejo. Com a veia saltante e inchado, de pé majestosamente, a cabeça púrpura e molhada. Privado de uma mulher por tantos anos, estava mais do que pronto para compensar o tempo perdido.

Lambendo seus lábios, Laire ergueu seus olhos escuros para os dele enquanto ele estava ao lado da cama, suas coxas pressionadas contra o edredom.

— Eu estou... — Ela começou, lançando os olhos para o sexo novamente e piscando.

Assustada? Preocupada? Porra. Ele deveria ter certeza de que as luzes estavam apagadas. Ela queria desistir? Ela queria mais tempo? Ele não conseguiu evitar o pequeno gemido de anseio profundo que soltou de sua garganta enquanto observava seus olhos percorrerem seu corpo.

— ... pronta — ela sussurrou, prendendo os olhos aos dele.

Obrigado, caralho. Ele soltou a respiração que estava segurando.

Escalando a cama e abrindo as pernas num V, ele abriu os braços para ela. — Venha aqui, querida.

Ainda de joelhos, ela se arrastou para frente até que estivesse ajoelhada no ápice de suas pernas, o pau tenso de pé entre eles.

— Você está tomando contraceptivo?

Ela balançou a cabeça. Ele alcançou a mesa de cabeceira, pegando dentro da gaveta a caixa de preservativos que havia comprado no início do dia. Agarrando um e abrindo-o com os dentes, puxou o fim e o enrolou sobre o seu sexo palpitante antes de encontrar seus olhos.

— Você tem certeza de que quer isso?

— Eu quero isso — disse ela, lambendo os lábios, — mas não sei o que diabos eu estou fazendo.

— Eu sei — ele disse, seu rosto reverente e terno enquanto ele assentia. — Ajoelhe-se a cada lado dos meus quadris.

Ela seguiu suas instruções, nunca desviando o olhar firme, grato por sua paciência e pela maneira amorosa que ele a observava. Ajoelhada sobre sua ereção, ela podia sentir a ponta contra ela enquanto ela se posicionava e isso a fazia tremer com a enormidade do que estavam prestes a fazer. Mas nenhuma parte dela, nenhuma célula, questionava se esta era a decisão certa para ela e sua vida. Ela tinha sonhado com esse momento por seis longos anos.

— Quando você estiver pronta — ele disse, sua voz dura — Abaixese e guie-o para dentro.

— Tipo... sentar nele? — ela perguntou.

Ele assentiu, com a mandíbula apertada, como se estivesse com um pouco de dor.

— Tudo bem — ela disse, sua voz soando sem fôlego em seus ouvidos.

Ela inclinou a bunda, o que fez seus seios esfregarem contra seu peito, apertando seus mamilos já rígidos. Mordendo o lábio inferior, ela alcançou entre seus corpos, seus dedos envolvendo o aço coberto de veludo de sua ereção. Ele pulsou na palma da mão, vivo e ansioso, e fez sua boca salivar com antecipação. Seu corpo, privado do dele por tanto tempo, estava liso e molhado de vontade, enquanto ela alinhava a ponta do sexo na abertura dela.

Sua respiração era superficial e irregular enquanto ela o soltava, segurando os olhos com os dela enquanto ela descansava ambas as mãos sobre seus ombros e lentamente — tão devagar que sentiu os cumes da entrada do pau a cada centímetro dela — ela se abaixou sobre ele até sua bunda descansar na parte superior das coxas, e ele estava embaixo tão profundamente quanto possível.

— Ahhh! — Ele gritou, o som era uma mistura de um grunhido e um gemido quando ele alcançou seus quadris, suas mãos pousando sobre eles suave, mas firmemente, enquanto ele empurrava para cima.

Era sua vez de gemer, sua cabeça caindo de volta enquanto seus ombros se fechavam e seus olhos reviraram sua cabeça. Ele era tão grande, tão espesso, enchendo-a completamente, esticando partes dela que não tinham sido tocadas desde que sua filha nasceu.

— Eu estou?... Oh, querida — ele perguntou, gemendo enquanto suas mãos guiavam os movimentos de seus corpos, movendo-a para cima e para baixo. — Estou te machucando?

— Nãããoo — ela suspirou, inclinando a cabeça e abrindo os olhos. — Isso é tão gostoso.

— É sim — ele disse, tirando uma mão de seu quadril para mergulhar no peito e chupar o mamilo. Ele ficou com sua língua quente e úmida, fazendo-a choramingar de prazer, dor, seu pau ainda subindo em seu corpo com maior velocidade.

Ela pegou seu maxilar, levantando a cabeça e beijando-o, suas línguas se procuraram com urgência enquanto ele continuava deslizando para dentro dela. Uma onda havia começado em sua barriga quando ele a tocou pela primeira vez esta noite, e agora ela tinha cor e som. Era mais brilhante quando fechava os olhos, e seus batimentos cardíacos estavam cada vez mais altos quando o calor irradiava do lugar onde eles estavam unidos, convidando todo o seu corpo para experimentar o clímax que estava chegando.

Seus dedos se curvaram em seu rosto quando ela o beijou, e ele se recostou contra os travesseiros, em suas costas. Laire inclinou o corpo para a frente, ainda empalando sua espessura, as palmas das mãos se achatando sobre seus mamilos eretos enquanto ela montava-o, encontrando cada um de seus movimentos para cima. Suas mãos deslizaram de sua cintura para as costas de suas coxas, empurrando-a para a frente com movimentos mais rápidos e apertados dentro dela.

Sua respiração era tão irregular e superficial quanto a sua, quando sentiu as contrações começarem profundamente, mudando rapidamente estremeando músculos, seu corpo contraindo em torno de seu pênis enquanto a cabeça caía para trás e seu corpo se convulsionava com um grito que veio da profundidade de sua alma.

Ele contorceu-se, envolvendo seus braços ao redor dela.

— Eu te amo. Eu te amo. Teamoteamoteamoteamo... — Ela murmurou cegamente, colocando os braços em volta do pescoço dele e deixando o seu suor cair sobre o ombro quando seu corpo se quebrou e sacudiu, encaixando-se em seu abraço.

Ele empurrou para cima com um gemido gutural de prazer.

— Laire! — Ele gritou, seus braços apertando-se enquanto seu pênis se esticava, pulsando descontroladamente dentro dela. — Laire. Laire. Laire. Minha querida... você é minha...

Sua testa caiu sobre seu ombro, e assim ficaram. Entrelaçados nos braços um do outro, finalmente saciados, finalmente inteiros, seus corações batendo loucamente, amor encontrado, amor feito, amor recebido.

Foi uma tortura deixá-la.

Tortura.

Quando ele saiu da entrada de Pamlico House no início do amanhecer, ele olhou para cima para ver Laire, enrolada num lençol, acenando pela janela do segundo andar. Os olhos dela estavam suaves, e seus lábios se erguiam em um sorriso triste. Ela apertou seus dedos em seus lábios, em seguida, aplanou a palma da mão e soprou. *Eu te amo.*

Eu também te amo, ele balbuciou, abaixando a janela e soprando um beijo antes de se afastar.

Virando para a Rota 12, ele suspirou, deixando-se reviver um pouco do esplendor da noite passada. Eles fizeram amor quatro ou cinco vezes mais, satisfazendo o outro incessantemente, tomando banho nas primeiras horas da manhã, apenas para rastejar para a cama e fazer amor novamente. Finalmente, desistindo do sono, optaram por se aconchegarem na cama de Erik com Laire contando histórias sobre Ava Grace até que os primeiros raios de sol a tiraram de seus braços.

Ele ressentiu a luz solar. Ele odiava isso.

— Eu não quero te deixar — ele murmurou. — Mas eu tenho que ir agora para voltar para sempre.

— Qual é o plano?

Ele encolheu os ombros. — Desamarrar os nós.

— Seus pais? — Ela perguntou, seus olhos em conflito.

Ele assentiu. — Sim. Eu preciso enfrentá-los. Preciso deixar claro que você e Ava Grace estão fora dos limites. Para sempre.

Ele estava deitado de costas, nu, com a cabeça de Laire no peito. Segurando-a com um braço, acariciando o cabelo com a mão livre.

— E quanto ao... futuro?

— Você quer dizer nós? — Ele perguntou.

— Mm-hm.

— Bem, eu quero você e Ava Grace na minha vida, mas não gosto da idéia de você ter que ver meus pais regularmente. Eu não confio neles. Isso faz Raleigh uma má idéia para nós. Acho que vou me mudar para aqui agora.

— Para Banks? — Perguntou, apoiando-se para olhar em seu rosto. — Você tem certeza?

Ele deu um beijo rápido em seus lábios. — Precisamos estar juntos. Você está aqui. Eu não quero você lá. Assim... sim. Banks. Por enquanto.

— Você faria isso por mim?

— Querida — ele disse —, eu faria qualquer coisa por você. Ainda não sabe disso?

Ela se inclinou e beijou-o apaixonadamente, embora seus lábios estivessem feridos e inchados de tanto amor, e ela estremeceu quando se afastou.

— Quando você volta?

Ele suspirou. Ele precisava falar com seus pais, resolver tudo em seu trabalho, descobrir o que fazer com o apartamento. Mas quando ele olhou para seus olhos verdes, ele sabia que mais de três dias de distância dela seria uma angústia. — Quinta-feira.

Ela assentiu e sorriu, deitada em seu peito. — Ok. Conteí que o meu apartamento está pronto amanhã? O Sr. McGillicutty disse que a força estaria de volta até lá.

— Então é para lá que irei, querida. Irei diretamente para você.

Agora, quando ele se afastou de Laire e sua filha, levou toda a sua força para manter o curso e não voltar com o carro. Ele não queria deixá-las. Droga, mas ele desejou poder ficar.

Buscando um conselho sensato, ele discou o número de Hillary, deixando que ele soasse sete vezes antes de ela atender com um som muito grogue — ‘lô?

— Hills?

— *Erik?* — Ela ficou instantaneamente mais alerta. — *Você está bem?*

— Sim — disse ele. — Dirigindo de volta à cidade agora.

Ela suspirou baixo e longamente. — *Deixe-me ir para outro cômodo. Eu não quero acordar Pete.* — Ele ouviu algum sussurro e passos, e então a voz de Hillary novamente. — *O que aconteceu? A última vez que falei com você, você colocou aquela mulher no telefone e eu não...*

— Eu a amo, Hills. Eu a amo e ela também me ama, e ela vai estar na minha vida, então não a chame de “aquela mulher”, chame-a de Laire.

— *Bem* — ela disse, suspirando de novo. —, *acho melhor me contar tudo.*

Uma hora depois, na Rota 64 dirigindo para o oeste, ele a colocou a par da história, indo pela estrada, a oeste de Roper, abastecer o carro e tomaria uma xícara de café. Muito sexo e nenhum sono significava que seu corpo estava funcionando no piloto automático.

— *Eu não posso acreditar* — Hillary estava dizendo, como provavelmente teria dito 25 vezes durante o relatório dos últimos dias. — *Você tem uma filha, Erik?*

— Sim, tenho.

— *Você acredita nela?*

— Cem por cento positivo. Você saberá quando a vir. Ela é minha imagem cuspida, Hills. Os mesmos olhos.

— *E Fancy... Meu Deus, eu apenas... Não posso acreditar que ela simplesmente...*

— Acredite. Ela fez.

Sua irmã fez uma pausa, e Erik olhou para o para-brisa, perguntando-se sobre o que ela estava se preparando para dizer.

— *Você vai me odiar se eu bancar a advogada do diabo por um segundo?*

Erik desabotoou o cinto de segurança. — A palavra diabo soa fantástica.

— *Você mentiu para ela. Você deixou que ela acreditasse que você e Van eram um item naquele verão.*

— Ela ainda deveria ter vindo me chamar. Ela deveria ter verificado comigo antes de colocar Laire para correr.

Ele abriu a porta do carro, pegou a bomba no posto e passou o cartão de crédito.

— *Mas, Erik, pense no que você está fazendo, começando uma briga com eles. Quero dizer, papai tremendamente poderoso e...*

Ele ligou a bomba. — Você está do lado deles ?!

— *Não! Não, claro que não. Quero dizer, estou preocupada com isso. Por você.*

— Bem, não esteja — disse ele. — Não pretendo dizer muito. Apenas deixar claro que eles não são bem-vindos perto de mim ou da minha família.

— *Sua... família?*

— Laire e Ava Grace.

— *Certo, certo. Meu Deus. Eu me sinto afundando. Você é pai agora.*

— E nada vai atingir meu bebê — ele disse, abrindo a porta da loja de conveniência e entrando. Foi ao balcão de café e escolheu o copo maior.

Hillary ficou quieta por um longo tempo antes de dizer: — *Eu também não confiaria nela. Fancy.*

— Então você me entende.

— *Sim* — disse ela, embora sua voz estivesse triste. — *Me liga? Depois de tudo resolvido?*

— Ligo — disse ele. — Prometo.

— *E, Erik!* — Ela chamou, assim como ele estava prestes a pressionar “Desligar”.

— Sim?

Sua voz estava excitada. — *Mal posso esperar para encontrá-la. Ava Grace. Quero mandar alguns presentes para você entregar a ela de sua tia Hillary, está bem? Estou pensando em cinco anos de idade, como bichos de pelúcia, certo? Alguma idéia de qual seria o seu favorito?*

Uma imagem do Sr. Mopples apareceu em sua cabeça, e ele riu suavemente. — Eu acho que tenho uma boa idéia.

Ava Grace tinha um grande sorriso em seu rosto quando Laire a deixou na escola para o seu primeiro dia, recusando-se a deixar sua mãe levá-la para a aula e optando por segurar a mão da diretora.

Ela é durona, pensou Laire, sentindo-se orgulhosa de sua filha enquanto dirigia de volta a Pamlico House, onde um barco alugado esperava por ela.

O jardim de infância duraria por três horas e meia, o que significava que Laire tinha uma hora para chegar a Corey, uma hora para visitar o pai e as irmãs, e uma hora para voltar. Ela estacionou seu carro no espaço que Erik desocupara naquela manhã, e entrou na Pamlico House para pegar as chaves que o Sr. Leatham prometeu deixar para ela. Depois da escola, ela e Ava Grace empacotariam suas coisas e fechariam a conta antes de se mudarem para sua nova casa.

Vinte minutos depois, com o vento frio queimando-lhe o rosto, passou por Utopia Manor no lado do porto, um arrepio percorreu-a enquanto recordava a última vez que caminhara até a casa, apenas para ser chamada de mentirosa e oportunista, e ser mandada embora.

Era tão jovem, uma criança. Uma garota assustada com um bebê a caminho e sem plano, sem meios reais, sem apoio. Olhando ao longe a grande mansão, uma visão do rosto bondoso de Judith entrou em sua mente e acalmou seu coração. *Graças a Deus por você, Judith.*

Laire ligou para Kyrstin esta manhã e perguntou se poderia ir ver a ela, Issy e seu pai esta manhã. Kyrstin disse que, como seu pai e Issy trabalhavam no King Triton às terças-feiras, seria fácil pegá-los no mesmo lugar, e Kyrstin prometeu dar um pulo na loja às dez horas, bem na hora em que Laire estaria estacionando a lancha.

— Será uma baita reunião, pequena Laire.

— Ele ainda me odeia, Kyrst? — Ela perguntou.

Sua irmã suspirou no telefone. — Eu não sei, Laire. Nós mal falamos de você. Eu sei que você o machucou muito com aquele golpe com o filho do governador, ficando fora a noite toda. E ele sabe por que você saiu. Por causa do... bebê. — Ela suspirou de novo. — Espero que não seja um erro você vir aqui.

— Ele ainda é meu pai. E você ainda é minha irmã. Eu apenas quero ver vocês. Quero paz entre nós. Algum dia eu gostaria que vocês conhecessem minha filha.

Como sempre fez, Kyrstin ignorou a referência de Laire à sua criança ilegítima. — Você não parece mais um ilhéus, Laire.

— Te vejo às dez? — perguntou.

— Tudo bem — disse Kyrstin. — Às dez.

Laire desligou rapidamente porque precisava preparar Ava Grace para a escola, mas também porque não queria que Kyrstin mudasse de idéia.

Agora, quando ela se aproximava da doca de King Triton Seafood, seu coração apertou, e uma massa de borboletas apareceu em seu estômago do nada. Seu pai a rejeitaria? Issy se recusaria a falar com ela?

Laire tinha aprendido a viver longe de Corey e, como sempre suspeitava, preferia. Ela não tinha interesse em voltar para a vida na ilha, mas ainda assim, ali tinha sido sua casa por dezoito anos, e ela queria desesperadamente a paz com sua família, não importando o quanto doía quando eles se juntavam para criticar, uma vez ou outra.

Quando ela entrou suavemente na doca, jogou as duas bóias para o lado, desligou o motor e saltou do barco com a corda da popa na mão, segurando-a ao grampo de espera com um movimento tão conhecido de seus braços. Ela pegou a linha do arco e fez o mesmo, maravilhando-se calmamente, depois de seis anos, ela ainda tinha as habilidades.

Eu sempre vou ter, eu acho. Corey sempre será uma parte de mim.

Respirando profundamente, ela olhou para a passarela a pequena vitrine azul, de estilo barraca que dizia "KING TRITON SEAFOOD", seu coração martelando.

Respire.

Ela ouviu a voz de Erik em sua cabeça, e alcançou dentro de sua camisa o colar que usara na noite passada. Estava quente de sua pele, e a consolou enquanto caminhava lentamente para cima, mais perto de onde o pai e as irmãs esperavam.

Cada passo retumbava em seus ouvidos enquanto suas botas raspavam a passarela de metal. Quando ela chegou ao fim, olhou para o chão, com medo de avançar, assustada de que ela faria mais dano do que bem, vindo aqui. Ela congelou, repensando sua decisão, perguntando-se se deveria deixar as coisas e

dar uma volta.

De repente, ela ouviu o som tilintante de um sino e ergueu os olhos para a frente. E ali, parado fora da pequena loja, estava o pai dela. Hook Cornish. Não tão grande. Com a pele acinzentada. Um lado de seu rosto caído, mas, de outra forma, tão bronzeado e envelhecido como sempre.

Ela ergueu os olhos para ele, olhando para o pai que não via há seis longos anos.

— Bem, se não é nossa Laire, finalmente voltando para casa.

Ainda incerta, ela ficou imóvel, observando seu rosto... E foi quando ela notou: seus olhos azuis brilhavam enquanto seus lábios desiguais lutavam para sorrir. Ele acenou com a cabeça para ela em boas-vindas e abriu os braços.

Com um soluço de alívio, Laire correu para eles.

Erik pensou em ir ao seu apartamento e dormir um pouco. Verdadeiramente ele queria. Mas conforme ele se aproximava cada vez mais da cidade de Raleigh, ele sentia seu temperamento se intensificando, sua ira se elevando, e em vez disso, saiu da estrada e rumou seu carro para a mansão do governador.

Incerto se os pais dele estariam ou não, às dez horas da manhã de terça-feira, ele percebeu que realmente não se importava. Ele se sentaria no salão da frente até retornarem. Amanhã e quinta-feira ele lidaria com seu trabalho e apartamento. Hoje, ele precisava cuidar dos negócios mais importantes à frente: confrontar seus pais — *sua mãe* — sobre o que ela havia feito para Laire.

Ele pressionou o código no teclado para abrir os portões, mas, quando foi à entrada circular e desligou o motor do carro, percebeu que se sentia como um estranho na casa que ele chamou de lar por tantos anos de sua adolescência e optou por tocar a campainha em vez de usar a chave na porta da frente.

— Vejam só, Erik! — Exclamou Esme, a empregada que estava com

sua família há anos. — Você não nos disse que estava chegando!

— Bom dia, Esme — ele disse, entrando no vestíbulo da frente. — Como está?

— Bem! Seu pessoal chegou tarde na noite passada de Vermont. Tomaram café da manhã no quarto deles. Você quer café?

— Não, obrigado — disse ele. — Você disse que eles estão em seu quarto?

— Sim senhor.

— Vou encontrá-los lá — ele disse, balançando a cabeça para Esme enquanto atravessava o enorme corredor até a grande escadaria. Ele subiu os degraus de mármore dois de cada vez, virando à esquerda no corredor e subindo outra escada para o próximo andar. No corredor, virou à direita, caminhando sobre o carpete para a suíte dos pais.

O coração dele ressoava quando ele bateu na porta — não com dúvidas ou medo, mas pela ansiedade para enfrentá-los e acabar com isso, então, sua vida poderia finalmente começar a avançar novamente.

— Entre — respondeu sua mãe.

Ele entrou, fechando a porta atrás de si antes de voltar para seus pais, que se sentavam à mesa do café da manhã em frente a uma TV de tela grande sintonizada na *Fox News*.

— Querido! — Gritou sua mãe, colocando a xícara de chá em seu pires e sorrindo de felicidade para ele. — Veio para nos dar as boas-vindas? Que filho querido!

— E aí, filho? — disse o pai, olhando para o jornal. — Feliz Ano Novo.

Ele olhou para eles, o café da manhã privilegiado do meio-dia, o vapor que se elevava da caneca de café de seu pai, na laranja brilhante do suco recém-espremido em seus copos. Ele teve um pensamento fugaz de que nunca mais seria recebido tão calorosamente, sem nenhuma dúvida, na casa de seus pais.

Tudo estava prestes a mudar.

— Eu preciso falar com vocês — disse ele.

— Oh? — surpreendeu-se a mãe. Ela se virou para a mesa, encontrou o controle remoto e silenciou a TV antes de se virar para o marido. — Abaixе o jornal, Brady. Isso pode ser grave.

Seu pai resmungou, mas obedeceu, colocando o jornal ao lado do vaso de flor, na toalha de mesa branca e olhando para o filho. — Então?

Erik encarou sua mãe. — Acerca de seis anos atrás, enquanto celebrávamos Ação de Graças, apareceu uma garota que queria falar comigo. Você lembra dela?

— O quê? — Sua mãe riu suavemente, encolhendo os ombros. — Eu não tenho...

— Você. Se. Lembra. Dela? — Ele rosnou, enunciando cada palavra.

— Por quê, Erik... sobre o que você está falando?

— Uma menina, mãe. Uma menina apareceu em Utopia Manor. Há seis anos, no Ação de Graças. Ela tinha cabelos vermelhos e olhos verdes. Ela vinha falar comigo, mas encontrou você junto à piscina. Ela falou com você. Você lembra dela?

O sorriso de sua mãe estremeceu. — Bem, agora, não sei se...

— Seu nome era Laire, e ela estava grávida. — Ele olhou para ela, dentro dela, desejando que ela lhe desse uma boa desculpa pelo que fez. — Ela estava grávida do meu bebê. Você lembra dela?

Seus olhos brilharam de fúria, e ela se encolheu, afastando-se de seu filho. Pegando a xícara de chá deliberadamente, tomou um gole, depois virou-se para ele, o sorriso de plástico, no lugar. — Sim. Eu acredito que me lembro de algum lixo barato que chegou à minha casa em um feriado e afirmou que estava grávida do bastardo do meu filho. Sim, de fato. Eu lembro dela. Lembro-me de sua saída da minha propriedade quando ameacei chamar a polícia.

— Fancy! — Ofegou o governador, e pela primeira vez desde que Erik começou a falar, seus olhos se dirigiram ao pai.

— Você sabia? — Ele perguntou, procurando os olhos azuis profundos de seu pai para obter respostas.

Seu pai balançou a cabeça lentamente, como em choque. — De nada, filho.

Terminado com ele, Erik voltou a olhar para Fancy, que não parecia nem um pouco arrependida pelo que tinha feito. Ela encolheu os ombros. — Não havia como saber se ela estava falando a verdade! Se ela abriu as pernas para você, então, certamente poderia ter feito...

— Cala a boca! — Ele gritou. — Eu a *amava*! Ficou grávida, e quando veio me contar, você a chamou de mentirosa. Você a ameaçou. Você a fez partir.

— Sim, eu fiz — disse ela. — E te protegi de um escândalo que ela teria causado!

— *Me protegeu?* — Ele exigiu, sentindo-se doente.

Os lábios de Fancy estavam apertados enquanto ela olhava para Erik. Os mesmos olhos de Ava Grace.

— Você saía todas as noites agarrando uma vagabunda qualquer da ilha, e então esperava que eu a acolhesse de braços abertos para nossa família estimada?

— Espere! — Ele disse, levantando a palma da mão. Uma peça do quebra-cabeça — uma peça do quebra-cabeça muito importante — não se encaixava, e ele ia ao fundo para descobrir o que era.

— Ela teria arruinado seu futuro! Ela era um pedaço de merda que você...

— Espere. Você...você sabia que ela estava dizendo a verdade?

Fancy empinou o nariz, depois desviou o olhar, pegando um pedaço de fiapo inexistente em seu roupão de seda.

— Você a chamou de mentirosa. Você disse que ela inventou tudo. Você disse a ela que eu estava com Vanessa durante todo o verão e era impossível que a criança fosse minha.

Sua mãe ergueu o queixo. — O que fiz foi por você.

— Não diga uma coisa dessa. Não diga isso! — Grunhiu Erik, avançando em sua mãe. Um passo. Dois. Ele parou, forçando-se a parar, apertando as mãos nos lados, sem confiar de se aproximar.

— Você sabia que eu não estava com Van?

— Claro que eu sabia que você não estava com Van — ela disse, sua voz letal, seus olhos frios. — Vanessa foi para a Inglaterra por um mês naquele verão, mas você ainda saía todas as noites.

— Você usou minha própria mentira para despachá-la — ele murmurou, sua voz sem fôlego, seu cérebro finalmente entendendo a verdade: sua mãe sabia que ele e Van não estavam juntos. Ela também sabia, olhando para os olhos indefesos de Laire naquela noite, que ela provavelmente estava dizendo a verdade.

— Foi conveniente — disse Fancy, tomando seu chá, como se eles não estivessem no meio de uma conversa que estava destruindo o relacionamento deles para sempre.

— Você sabia que eu não estava com Van. Você sabia que Laire estava dizendo a verdade — ele repetiu, surpreso com o quanto as palavras doíam, surpreso de que ainda havia algo em seu coração para ser quebrado por ela.

Ele pensou que ele a odiava quando entrou naquele quarto aquela manhã, mas parte dele ainda sentia-se culpado por tê-la enganado naquele verão, e ele se perguntou sobre sua parte da culpa pelo envio de Laire para longe. Ele a deixou acreditar que ele e Van estavam juntos; Ele a induziu deliberadamente.

Exceto que ele não havia feito. Ela sabia que ele e Van eram uma farsa.

— Como você sabia que eu estava mentindo sobre Van?

— Eu sabia que você estava passando muito tempo àquele verão com

outra pessoa. Eu não sou uma idiota, Erik. Você estava fora todas as noites. Você corria para Banks quando a casa estava vazia. Você escapulia todos os domingos, e ficava por horas a fio longe. Sim, eu sabia que você tinha um pedaço de merda com você. Não seria o primeiro Rexford a encontrar alguém para preencher as suas... necessidades — Ela respirou profundamente, colocando sua xícara de volta no pires e olhando seu marido de forma significativa antes de voltar-se para o filho. — Meninos serão sempre meninos, suponho. *Seus paus precisam sair para brincar*. Mas meu filho não seria enlaçado por uma vagabunda.

— Tudo o que você se importa é com seu maldito status social. Sobre evitar um escândalo.

— E o que há de errado com isso? — Ela atirou, seus olhos estreitos e significativos. — Você me faria dar boas-vindas a um pedaço de lixo branco fedendo a peixe na nossa família só porque você a engravidou? — Ela disse. — Pense de novo! Eu não nos coloquei neste nível apenas para que seu pau nos destruísse!

— Fancy! — Gritou o pai de Erik.

Erik piscou para ela, choque e fúria misturando-se até ele sentir o estômago virar. — Você é um maldito monstro.

— Olha aqui! — Gritou seu pai, batendo a palma da mão na mesa e fazendo as porcelanas gemerem. — Você não vai falar com sua mãe desse jeito!

Ele se virou para o pai, encarando-o com toda sua raiva. — Minha namorada grávida apareceu no Ação de Graças para me dizer que estava esperando nosso filho, para pedir minha ajuda. E *ela*... — Como labaredas voaram de sua boca enquanto apontava para a mãe dele. — afastou-a. Noite adentro. Com nada! — Seu pai olhou para ele sem expressão. — Sua neta, pai!

Seu pai respirou profundamente, depois deixou cair os olhos na toalha de mesa, passando os dedos por uma costura nítida no pano.

— Bem, isso é passado agora, não? — Ele perguntou retoricamente.

— Não — disse Erik, imaginando Laire e Ava Grace em sua mente, sentindo-as em seu coração, sabendo a força de seu amor por elas e a certeza do que ele queria em sua vida. — Não é passado. Eu as encontrei. Encontrei-as —

Laire – e Ava Grace, minha filha de quase seis anos.

Fancy ofegou, seu rosto furioso. — Hah! Espero que você tenha um bom especialista em teste de DNA porque...

— Ela tem meus olhos — ele grunhiu. — *Seus* olhos, mãe.

Sua mãe piscou para ele, engolindo antes de olhar para longe.

— Estou prestes a sair desta casa, mas antes de ir, preciso ser muito claro com vocês dois, então, ouçam com atenção. Estou me demitindo da Rexford e Rexford. Vou resolver algumas pontas soltas e limpar minha mesa amanhã e quinta. Não voltarei ao trabalho. Nunca. Vou vender ou alugar meu apartamento. Vou embora de Raleigh para ficar com minha filha e a mãe. Não voltarei. Eu não as condenaria à humilhação de viver na mesma cidade que vocês.

— Agora, Erik... — começou seu pai.

— Cale a boca — disse ele, desviando os olhos para Fancy, segurando seus olhos escuros com um olhar frio e inabalável. — Você não é bem-vinda em hipótese alguma perto de minha filha ou da mãe. Você não deve entrar em contato comigo. Você não deve tentar se aproximar delas ou de mim. Enquanto nos deixar em paz, pode informar à imprensa o que quiser sobre minha renúncia e mudança, e eu não vou desmentir. Se, no entanto, você decidir entrar em contato com minha filha ou a mãe, vou publicar um relatório completo sobre o modo como minha filha e a mãe foram tratadas por Fancy Rexford. Eu direi ao mundo sobre a época em que a mãe da minha filha veio à minha mãe para pedir ajuda, e como ela foi afastada, na noite escura, com nada. Eu direi a eles que foi a razão pela qual eu fui expulso dos Devils e quase me tornei alcoólatra. Vou dizer-lhes que é por isso que pareci morto nos últimos seis anos. Eu direi a eles tudo o que você fez comigo... e a elas.

— Erik — disse Fancy, sua postura mudando de raiva para preocupada. —, eu acho que você precisa...

Ele a ignorou, voltando-se para o pai dele. — Eu fui claro, senhor?

O rosto de seu pai estava cheio de choque e arrependimento, mas ele acenou com a cabeça antes de olhar de volta à mesa.

— Senhora? — Perguntou ele. — Estamos entendidos?

As narinas de sua mãe inflavam enquanto ela se levantava, jogando seu guardanapo na mesa. — Como você ousa! Tudo o que sempre quis foi mantê-lo seguro, e é assim que você...

— ESTAMOS. ENTENDIDOS? — Ele gritou.

O lábio de Ursula "Fancy" Rexford tremeu enquanto olhava para Erik. — Filho, você não pode dizer isso. Eu só tentava te proteger! Nós somos a sua...

— Não, senhora — ele disse suavemente, sua voz mordendo, cortando como um chicote. — Vocês não são mais meus pais. Vocês não são minha família. Eu não perdoo você. — Ele fez uma pausa, deixando suas palavras se afundarem, observando enquanto sua mãe ofegava, seus olhos se enchendo de lágrimas. — Estamos entendidos?

Sem responder, ela explodiu em lágrimas, gritando para o marido “para fazer Erik voltar e ouvir a razão”, enquanto ele se virava, saía do quarto e fechava a porta atrás de si.



Capítulo 25

Estou quase em casa, pensou Erik enquanto dirigia pela Costa Croata, atravessava a ilha de Roanoke e cruzava a Washington Baum Bridge para Banks. Virando à direita na Rota 12 em Nags Head, ele sentiu uma pressa de antecipação. Ele estava a uma hora de Laire e Ava Grace agora. Graças a Deus.

Ele não falou com seus pais desde a conversa no quarto na manhã de terça-feira. Eles estavam levando sua ameaça a sério e mantendo distância.

Como prometido, ele renunciou a sua posição na Rexford & Rexford, LLC silenciosamente, sem causar qualquer tipo de agitação. Por enquanto, no futuro à vista, ele não queria nada com seus pais. Ele não confiava neles perto de Laire ou Ava Grace, especialmente à luz do fato de que sua mãe havia manipulado a situação naquela noite ainda pior do que ele imaginara. Ele sempre soube que ela era perigosa, mas uma parte dela sabia que Laire estava carregando seu neto, e, ainda assim, a afastara.

Ele não podia imaginar uma situação em que ele receberia seus pais de volta à sua vida ou se os consideraria como sua família novamente. Ele fez sua escolha: ele escolheu sua filha e a mãe desta, sem exceção.

Mas, apesar do senso de liberdade que sentia após renegar seus pais, dizer adeus à Hillary fazia-o menos vitorioso. Ela visitou seu escritório naquela tarde enquanto ele arrumava o último dos seus pertences.

— Ei, você — ela disse, batendo suavemente em sua porta aberta —, pronto para ir?

Ele assentiu. — Sim.

— Eu, uh, papai me ligou hoje.

— Mesmo?

— Ele não sabia, Erik. Eu juro para você, ele não sabia que Laire veio naquele Ação de Graças. Não sabia que estava grávida. Fancy nunca disse a ele.

Ele lembrou o choque no rosto de seu pai. — Eu acredito em você. Mas eles são um pacote, Hills, e você sabe disso. Sempre foram. O fabuloso governador e a Sra. Rexford. Se eu deixá-lo de volta na minha vida, ela descobrirá um jeito de se enfiar também, e isso eu não aceito.

— Eu entendo, Erik. Eu sei — disse ela, fechando a porta para dar-lhes alguma privacidade. — Eu entendo por que você não quer Fancy em sua vida. — Ela sentou no sofá, olhando para ele. — Mas papai? Ele não fez nada.

— Exatamente. Ele *nunca* fez nada — disse Erik. — Não importa o que ela tenha feito, ele nunca chamou sua atenção, nunca deu um basta, apenas fechou os olhos, não importando a quem doesse — Ele suspirou — Eu não sei, Hills. Talvez... talvez algum dia, papai e eu possamos conversar novamente. Eu só preciso de algum espaço agora. Preciso manter minhas garotas seguras.

— Certo — disse ela. — Mas deixar seu emprego? Sair de Raleigh? É demais, Erik. Esta é a sua casa.

— Não, Hills. — Ele olhou acima das pastas de arquivos que colocava numa caixa de papelão. — Laire e Ava Grace são minha casa.

— Eles não podem se mudar para cá? Para Raleigh?

— Você não consegue entender? — Ele falou. — Eu não *as* quero em Raleigh. Não *as* quero *perto* daqui.

— Eu entendo — ela disse triste — E o seu apartamento?

— O prédio tinha uma lista de espera imensa. Já me encontraram um inquilino.

— Precisa de ajuda para empacotar?

— Contratei gente. Tudo guardado num depósito amanhã até eu ver o que vem depois.

— O que vem depois?

— Eu conseguir um emprego uma vez que estejamos estabelecidos em algum lugar.

— Onde? Nos Outer Banks? — Ela exigiu, a voz saindo um pouco mais estridente na palavra *Banks*.

Erik parou o que estava fazendo e olhou para ela de perto — nas manchas vermelhas em suas bochechas e no brilho de seus olhos. Ele deu a volta à mesa e sentou-se ao lado dela no sofá.

— Talvez — ele disse devagar. — Ou talvez eu viva do meu fundo de pensão por um tempo.

— Não durará para sempre — disse ela.

— Sim, durará — ele disse gentilmente.

Hillary, que tinha o mesmo fundo de pensão de cinco milhões de dólares, herdados de seu avô materno, tinha assentido. — Sim. Durará.

— Laire é um *designer* — disse ele. — Ela tem um emprego em Nova York. Eu acho... Quero dizer, talvez nós iremos para o norte.

— Você não está indo para Nova York, Erik! — Ela exclamou, seu

rosto horrorizado. — Nós somos sulistas.

— As coisas mudam — disse ele. — Se é lá que ela precisa estar, é lá que eu também preciso.

— E o que exatamente você fará em Nova York?

— Sobreviver. Trabalhar na área que quero. Me casar. Ter mais filhos. Ser feliz.

— Bem desse jeito?

Ele assentiu, puxando-a para um abraço. — Assim, irmãzinha. Pare de se preocupar.

— Eu me preocupo. — Ela se afastou, olhando para ele com olhos reluzentes. — Eu me preocupo tanto. Erik... Nunca mais vamos nos ver.

— Isso não é verdade — disse ele. — Faremos tudo para que isso não aconteça. Eu quero que você conheça Laire – para amá-la tanto quanto eu. E, Hills, você é uma tia! Minha filha precisa de família, e você é tudo o que tenho para compartilhar com ela. Prometa-me que vamos fazer isso funcionar? Não importa onde estivermos.

Ela inalou profundamente, limpando suas lágrimas enquanto abraçava seu irmão novamente. — Eu prometo, Erik. Vamos fazer funcionar — Ela fungou, oferecendo-lhe uma enorme bolsa de plástico. — Há cerca de duas dúzias de pinguins aqui. Todos que eu pude pegar. Diga a ela que todos são da tia Hillary. Não vai dizer que são seus. Promete?

Ele beijou sua bochecha e sorriu. — Eu prometo.

Seu coração apertou por um breve momento quando ele pensou sobre entrar no elevador e se despedir de sua irmã. Mas uma vez que ele entrou no seu carro, que estava cheio das várias caixas e malas, e se dirigiu para Hatteras, qualquer apreensão restante sobre sua decisão de deixar sua vida em Raleigh rapidamente desapareceu.

Sua conversa com seus pais tinha sido horrível, e ele ainda não sabia se a reconciliação seria possível. Perdoar a mãe pelo que tinha feito levaria anos,

talvez uma vida inteira. E proteger sua nova família de sua família de nascimento era sua prioridade absoluta neste momento.

Deixar seu emprego, desocupar seu apartamento, e alugá-lo para um novo inquilino levantou uma montanha de papel, e dizer adeus à Hillary foi difícil.

Mas quando cruzou a ponte para Outer Banks, tudo o que ele sentia era liberdade e esperança. Liberdade para seguir seu sonho e criar a família que desejava com Laire e Ava Grace. E esperança, que depois de seis anos de frio, dor da solidão, uma vida cheia de calor e amor com suas garotas o aguardava.

Ele pisou no acelerador, abriu a janela e inalou o ar frio e salgado, mais perto, a cada quilometragem, para aqueles que mais amava no mundo.

Ava Grace adormeceu há uma hora, apesar de ter tentado ficar acordada para ver seu pai. Encolhida no sofá, com um cartão feito por ela mesma “Bem-vindo ao Lar!” no colo, ela finalmente sucumbiu ao sono, e Laire a levou para o quarto e fechou a porta. Ela colocou o cartão na mesa de cabeceira de Ava Grace. Continuará lá até manhã.

Erik enviou mensagens textuais duas horas atrás avisando que estava levando o jantar deles, para que ela não preparasse nada, mas ela tinha uma garrafa de champanhe no gelo e o apartamento estava impecável para sua chegada, com exceção dos pratos de jantar de Ava Grace, que ela decidiu limpar agora.

Seu corpo, privado do dele por três longos dias, estava com fome de seu encontro, e ela continuou olhando pela janela da cozinha sobre a pia, esperando ver seus faróis quando ele estacionasse.

Ela sabia que as coisas não tinham ido bem com os pais dele. Sua mãe admitiu usar Vanessa como uma maneira de separar Erik e Laire, e também saber que Laire provavelmente dizia a verdade sobre a gravidez. Em resposta, Erik os rejeitou, proibindo-os de se aproximarem dele ou conhecerem a neta.

Era uma coisa terrível que Fancy Rexford fizera a seu filho e neta, mas Laire, como mãe de seu próprio filho precioso, dividiu os sentimentos sobre suas ações. Ela perdoou Fancy por ameaçar e assustar uma grávida de dezoito anos de idade? Não. Mas ela entendeu essa necessidade inerente e visceral de uma mãe em proteger seu filho contra o mal ou o perigo, não importa o quê.

Ainda assim, sentiu tristeza de que Erik não tivesse um relacionamento com seus pais. Ela esperava que, ao longo do tempo, talvez ele aprendesse a perdôá-los, e talvez — se estivessem verdadeiramente arrependidos e ansiosos por conhecer sua neta de forma real e amorosa — ele poderia encontrar um lugar para seus pais, ainda que controlado, em sua vida.

A cura nas relações familiares não acontecia durante a noite. Levou seis anos para Laire retornar a Corey, afinal. Às vezes, leva-se anos. Às vezes, toda a vida. E às vezes essa cura é simplesmente impossível.

Como ela pensou em seu encontro com seu pai e irmãs na terça-feira, ela sabia que suas relações uns com os outros nunca mais seriam próximas. Seu pai recebeu-a na sua casa, mas depois de uma breve reunião cheia de abraços, beijos e lágrimas, descobriu-se que eles realmente não tinham tanto para se dizer.

Seu pai preenchia a conversa sobre a indústria da pesca, e suas irmãs se queixavam de maternidade e seus maridos. Eles tiveram seis filhos entre eles e Kyrstin estava para ter o terceiro a qualquer momento. Eles mantinham o vovô ocupado e — se os sorrisos de seu pai fossem indícios — feliz também.

O plano de Laire de viver em Nova York e passar os verões em seu apartamento em Hatteras foi recebido com olhares vazios. Qualquer referência a Ava Grace levava a olhos desviados e a um estranho silêncio. Doeu a Laire que ninguém perguntasse sobre Ava Grace, embora ela tivesse enviado suas fotos ao pai e irmãs todos os Natais. Num momento, Issy olhou significativamente para o dedo anelar vazio de Laire e perguntou se ela iria voltar para Corey. Quando ela disse que não, Issy pareceu aliviada.

Laire recebeu a mensagem em alto e bom som: *ela era uma estranha agora.*

Para todos os efeitos, ela provavelmente era pior do que um forasteiro.

Ela se transformou em alguém mundano, alguém que tinha dado as

costas aos caminhos da ilha e escolheu o mundo malvado e mais amplo ao invés de uma vida boa e simples em Corey Island. E embora ela estivesse grata pelos abraços, olás e adeus, ela finalmente sentiu uma certa sensação de paz onde seu pai, Isolda e Kyrstin estavam preocupados — também havia um sentimento inevitável de desapontamento. Ficaria passado seus sonhos das semanas de verão passadas com as irmãs e os filhos delas, seu pai balançando Ava Grace no joelho.

Não é que eles desejassem seu mal. Eles simplesmente a desejavam longe.

Quem disse “Você não pode voltar” estava certo. Mas com a sorte de Laire, a única direção real que ela estava interessada era para frente.

Quando lavou o último prato, ela foi cegada pelos faróis brilhantes de um carro, e ela piscou, enxaguando rapidamente um copo e prato de *Frozen* e arrancando as luvas de borracha de suas mãos.

Ele está aqui. Ele está aqui. Ele finalmente está em casa.

Quando ela ouviu sua chave na fechadura, seu coração palpitante explodiu de alegria. Ela abriu a porta, rindo de felicidade enquanto ele entrava e a agarrava pela cintura. Ela apertou seu rosto, puxando os lábios para os dela antes mesmo de dizerem seus “ois”.

Sua língua varreu sua boca enquanto ele a empurrava contra a porta, fechando-a com seus corpos, com os lábios colados no rosto, deslizando pelo pescoço, pousando no vale entre seus seios. Ofegante, enquanto ele olhava para ela, começou a desabotoar os botões de sua blusa, agarrando sua carne através do laço de seu sutiã enquanto ele fez uma pausa em sua ação para beijá-la novamente.

Ela pegou os botões e os terminou, encolhendo os ombros afastando a camisa, depois pegando a dele, puxando-o do cinto e deslizando as mãos embaixo. Ela suspirou enquanto tocava a pele quente e tensa de seu estômago, sua respiração entrecortada, seu coração saltando.

Seus lábios, deslizando gentilmente sobre as ondas de seus seios, pararam.

— Ava Grace? — Ele sussurrou.

Ela tirou as mãos da camisa e estendeu a mão para enfiar em seus cabelos grossos e negros, olhando para seus olhos ferozes e negros. — Dormindo.

— Caralho, senti sua falta, querida.

— Eu também.

Ela choramingou com a necessidade, puxando o rosto para o dela enquanto ele deslizava as mãos sob a bunda e a levava facilmente. Com as costas contra a porta e seu núcleo ansiando por ele, sentindo sua ereção empurrando urgentemente através da costura da sua calça, ela arqueou as costas para posicionar seu comprimento o melhor possível em seu clitóris. Mas nem chegou perto. Tudo o que ela encontrou foi frustração, e ela mordeu o lábio suavemente em retaliação.

— Leve-me para a cama — ela ofegou.

— Com prazer — ele murmurou, afastando-se da porta para caminhar pela sala de estar e pelo corredor estreito. Ele passou pelo quarto de Ava Grace e entrou no quarto principal, chutando a porta logo atrás dele.

— Shhhh! — Ela sibilou contra seus lábios. — Você vai acordá-la!

— Desculpe — ele disse, rindo quando a depositava na cama. Ele estendeu a mão por trás do pescoço, pegou suas camisas e puxou ambas pela cabeça, revelando seu abdômen ridiculamente torneado.

— Você sabe — disse Laire, levantando-se e alcançando as costas dela para abrir o sutiã enquanto se aproximava dele. Deslizou pelos braços e jogou suavemente no chão, deixando o tronco tão nu quanto o dele. Revelando-se no assvio de apreciação que surgiu nos lábios dele, ela estendeu a mão e colocou seus dedos nos músculos ante ela, rastreando os contornos lentamente, com reverência. — Eu estive cercada por homens toda a minha vida, homens com peitos nus que pescavam para ganhar a vida.

Ela se inclinou para a frente, beijando sua pele enquanto as mãos dele se abriam para cobrir seus seios, seus mamilos, apertando instantaneamente

contra suas palmas. — Eles arrastam redes completas do mar. Trabalham contra o tempo e as marés. Isso, o dia todo, todos os dias.

Ele revirou os mamilos entre o polegar e o dedo indicador, os botões sensíveis que latejavam da atenção e fazia gemer. — Ahhh... E-Erik.

Ele inclinou a cabeça para frente e substituiu os dedos pelos lábios, sugando primeiro com um barulho distendido e depois, o outro. — Mas nenhum deles — ela continuou, ofegando e gemendo — nunca foi tão bonito quanto você.

Seus dentes raspavam sua carne, e ela gritou, seus dedos pousando no botão de suas calças e puxando o zíper. A mão dela alcançou dentro do tecido quente, sob a cintura de suas *boxers*, para encontrar seu pênis inchado e rígido, em pé. Sua respiração engatou quando ele pegou suas calças e puxou-as para baixo. Colocando uma mão no peito, ela forçou-o a sentar-se na beira da cama, depois caiu de joelhos e levou-o até a boca.

— Laire! — Ele gritou, enquanto seus lábios se deslizavam sem esforço pelo pescoço sedoso do músculo latejante, sua língua girando em torno da ponta coberta de pré sémen, seus dedos curvando-se nos quadris enquanto ela segurava-o.

Ela sugou-o como, um dia, sua filha havia amamentado dela, extasiada em grunhidos e gemidos acima dela, com a mão dele atravessando seus cabelos, formando um rabo de cavalo e guiando-a como ele achava conveniente. Enquanto ele trabalhava seu impulso dentro e fora de sua boca, ela olhava para ele, observando o brilho de emoções em seu belo rosto — lábios franzidos com profundo desejo, gritos suaves de luxúria, um lampejo de prazer cheio de dor. Ela rastreou o rosto enquanto sua ereção pulsava entre seus lábios, pulsando contra sua língua lambendo e contorcendo.

— Laire... querida, fiquei um pouco cansado da viagem de carro. Eu vou... Você tem que...

Ela deslizou os lábios da base de seu eixo para a cabeça, soltando-a de seus lábios com um *pop* suave e olhando para ele.

— Caraaaaaalhoouoooo — ele gemeu, sorrindo para ela, colocando as mãos sob seus braços e puxando-a para uma posição em frente a ele. Seus dedos

rapidamente desabotoando a si e a ela, seus *jeans*, empurrando-os sobre seus quadris. Ela os afastou e ficou nua antes dele.

— Eu preciso de você — ele disse, sua voz falhando pela necessidade, enquanto ele empurrava suas próprias calças completamente, deixando-as em uma pilha no chão.

Suas mãos pousaram em sua bunda, e ele a puxou para a frente, levantando-a em seu colo. Com um suspiro de profundo prazer, ela se abaixou em seu membro liso e pulsante, apoiando os pés de cada lado de seus quadris enquanto o enredava seus braços.

Uma vez completamente empalada, ela olhou-o nos olhos, que estavam dilatados em preto.

— Eu amo você — ela sussurrou, envolvendo seus braços ao redor de seu pescoço, esfregando os seios contra seu peito. — Eu escolho você. Eu escolho a nós. Para sempre.

Suavemente, com uma reverência que fazia com que as lágrimas se derramassem de seus olhos, ele empurrou para cima, espalmado seu rosto e forçando-a a olhar para ele. — Nós fazemos nossas próprias regras.

— Sim — ela ofegou, movendo-se ritmicamente com ele, o peito dele contra os mamilos dela, aumentando as sensações entre suas pernas, onde seu pênis massageava as paredes internas de seu sexo.

— Nós pertencemos juntos — ele sussurrou perto de sua orelha, mordendo seu lóbulo, seus dedos cravando na suave carne de seus quadris enquanto dirigia seus movimentos.

— Sim — ela choramingou, sentindo a aproximação, a aceleração, a sensação de doçura de seu clímax perto, tão perto.

— Para sempre! — Ele gritou, seu pau inchado, depois soltando, dentro dela, sua espessura, o sêmen quente cobrindo seu ventre, as vibrações de seu orgasmo atraindo o seu próprio.

Ela gritou seu nome, deixando sua cabeça cair mole em seu ombro quando ela saiu das ondas de êxtase, sentindo seus músculos se contraírem e

relaxarem ao redor dele, uma e outra vez, a ação que fez as palavras reais e os unindo para sempre.

Para sempre.

Eles dormiam emaranhados nos braços um do outro, mas quando Erik acordou às seis horas, ele se recompôs e correu nu para a porta da frente, onde começaram a se despir. Ele juntou suas roupas jogadas e levou-as de volta ao quarto principal, imaginando se ele deveria colocar suas *boxers* e camiseta, apenas no caso de Ava Grace aparecer no quarto deles.

— Erik? — Murmurou Laire. — Tudo bem?

Ele deixou a cueca em sua mão cair no chão e deslizou de volta na cama ao lado dela, puxando suas costas contra seu peito e beijando seu pescoço quente. — Mm-hm.

— Onde você foi?

— Eu não queria que Ava Grace encontrasse sua blusa no chão na frente da porta.

Ela suspirou satisfeita. — Que pai bonzinho.

Sua voz profunda, rouca e sonolenta teve o efeito de voltar a excitá-lo, e ele a segurou mais perto, deixando sua crescente ereção pressionar contra suas costas apenas no caso de ela estar pronta para uma segunda rodada.

— Eu vou ser o melhor que puder.

— Eu sei — disse ela. — Falando nisso... nós fizemos sexo na noite passada. Sem proteção.

Por uma fração de segundo, ele congelou, deixando as ramificações de suas palavras se afundarem, mas tão rapidamente, seu pênis pulsou e inchou, a idéia de fazer outro bebê com Laire era melhor que qualquer pornografia.

— Tudo bem para você? — Perguntou, colocando a palma da mão no estômago plano dela. — Se você ficar... Quero dizer, se eu te...

— Mm-hm — ela murmurou, sua voz sonhando quando o sol nascente começou a levantar o cinza da noite. — Eu ficaria bem com isso.

Alcançando sua perna, ele a levantou um pouco, inclinando-se para frente para se guiar no paraíso quente e úmido de seu sexo. Enquanto ele se afastava, ela ofegou, cobrindo a mão dele com a dela, gemendo quando ele começou a se mover dentro dela.

— Eu quero ver você grávida do meu filho — disse Erik, gemendo em seu ouvido enquanto ele segurava a coxa, mantendo suas pernas abertas, seus lábios deslizando cegamente sobre a pele de seu ombro enquanto ele entrava profundamente, cada vez mais rápido. — Quero saber que fui eu que te deixei assim.

— Erik — ela gemeu, empurrando seu corpo ritmicamente contra o dele.

— Eu quero estar lá quando o bebê chegar. Eu quero estar lá... para qualquer coisa — ele ofegou, seus dentes mordendo gentilmente seu ombro.

— Sim — ela suspirou, sua voz grossa e sem fôlego.

Ele ergueu a perna um pouco mais alto. Então, retirando-se dela completamente, ele empurrou para trás dentro dela até o punho. Ela choramingou, arqueando contra ele, mas ele se acalmou, seus olhos girando em sua cabeça quando as paredes de seu sexo se apertaram como uma luva ao redor dele. — Diga... que você quer isso... também, Laire.

— Eu... oh, Deus, por favor... Eu também quero isso! — Ela gritou.

Ele avançou duas vezes mais — tão profundo, ele juraria que seu pau beijou seu útero — e quando ela se sacudiu e estremeceu, seus músculos sugaram o sêmen de seu pênis, ele rezava para que seu desejo se tornasse realidade.

Deixando a cabeça cair para a frente em seu pescoço, ele ofegou em respirações entrecortadas contra sua pele.

— Porra — ele murmurou, soltando sua coxa suavemente e envolvendo seus braços ao redor dela. — Isso foi muito bom.

Ela suspirou, virando os braços para encará-lo, os olhos dilatados, mas suaves. — Quantos você quer?

— Quantos *você* quer ter? — Ele perguntou.

— Quatro — disse ela, sorrindo para ele.

— *O quê? Quatro?* — Ele perguntou, sorrindo para ela, surpreso que ela tivesse uma resposta pronta.

Ela riu suavemente, inclinando-se para beijar-lhe os lábios. — Eu odiava ser uma de três. Sempre desejei que o número fosse par.

— Você se sentia prejudicada?

Ela balançou a cabeça. — Não exatamente. Mas eu era a que estava sobrando com certeza.

— Não mais — ele disse, acariciando o nariz com o dele. — Agora você tem a mim.

Ela assentiu. — Sim, eu tenho.

— Eu aluguei meu apartamento e desisti do meu trabalho, querida — disse ele. — Sou todo seu agora.

— Eu tenho que lhe dizer uma coisa. — Ela se esticou e despenteou seus cabelos escuros. — Eu falei com Madame Scalzo ontem. Ela não acha que meu trabalho à distância esteja funcionando bem. Ela perguntou como eu me sentiria de mudar para Nova York para trabalhar na empresa.

— O que você disse? — Ele perguntou.

— Eu disse... — Ela procurou seus olhos. — Eu quero ir, Erik.... mas não sem você.

— Por que você iria sem mim? — Ele perguntou.

Ela ofegou suavemente, seus olhos encheram-se de lágrimas. — Toda a sua vida está aqui na Carolina do Norte.

— Não — ele disse, deslizando sua mão das costas para o quadril, depois colocando-o, entre os seios, sobre o coração. — Minha vida inteira... está aqui.

Uma lágrima escorregou de seus olhos, pingando em seu braço. — Você viria comigo? Conosco? Para Nova Iorque?

— Não consigo pensar em um lugar melhor para praticar Direito Esportivo e Entretenimento, querida.

Seu sorriso era tão brilhante, ele não entendia como ela podia ainda estar chorando, mas ele provou suas lágrimas quando capturou seus lábios com os dela.

— Eu não tinha certeza — disse ela, fungando enquanto se encostava sob seu queixo, com as mãos fixas em seu peito.

— Laire, minha querida— ele disse —, onde quer que você vá, eu vou. Onde quer que você esteja, eu estou em casa. E, o que quer que aconteça, lidaremos juntos. Nossas regras. Combinado?

Ela assentiu com a cabeça, o cabelo loiro avermelhado fazendo cócegas na garganta dele quando ela apertou os lábios na pele dele e sussurrou, — Combinado.

Eles passaram a manhã na cama, planejando sua mudança para Nova York, e decidiram que iriam até a cidade no sábado para começar a procurar por apartamentos. Laire enviou um e-mail a Madame Scalzo para dizer que ela estaria disponível para começar a trabalhar em duas semanas, e sua chefe respondeu que teria uma mesa de desenho pronta para a sua mais nova *designer*.

Ava Grace entrou em seu quarto por volta das sete e trinta, saltando para a cama com eles — graças a Deus, eles tinham se vestido alguns minutos antes — e entregando o cartão “Bem-vindo ao Lar!” para Erik. E ele era perfeito

— comentando cada detalhe cuidadosamente desenhado e declarando ser o melhor cartão que ele já havia recebido.

Laire fez ovos mexidos e torradas, depois de satisfeitos, Erik colocou-se ao lado dela para secar os pratos que ela lavava, o pequeno gesto era mais caro para ela porque duvidava que ele já tivesse lavado ou secado um prato durante toda a vida.

Ela levou Ava Grace para a escola, depois voltou para casa para encontrar o apartamento vazio. Erik havia deixado uma nota que dizia: *queria pesquisar alguns escritórios de advocacia em Nova York e ficaria muito distraído por você se eu ficasse aqui. Fui até o café em Hatteras Landing. Pegarei Ava Grace na escola e voltarei mais tarde. Kelsey está vindo para cuidar dela para que eu possa levar você para jantar. Use algo sexy. Eu te amo.* —E

Ela sorriu para a nota, colocando-a ao lado de seu laptop na mesa da cozinha enquanto revisava os e-mails e fazia algumas mudanças nos esboços que ela enviara à Madame Scalzo na semana passada.

Seus pensamentos vagavam enquanto esboçava, considerando que sua vida estava mudando — encontrar Erik, compartilhar o segredo sobre ele ser o pai de Ava Grace, mudar-se para Nova York, trabalhar em um estúdio de *design* de alta costura, com matriz em Londres. Era quase demais para acreditar, e, ainda assim, era tudo dela, ao seu alcance: a pequena Laire da Corey Island, população de 886, filha de um pescador, esposa de um...

Ela piscou para o cursor à espera, afastando-se da mesa da cozinha.

Espera. Esposa?

Devagar, Laire, disse a si mesma. Erik não disse nada sobre se casar.

Ele queria estar com ela e queria ter filhos com ela, e sim, queria se mudar para Nova York e começar uma vida com ela lá, mas casamento? Ele nunca mencionou isso. E, no entanto, do barulho repentino em seu coração, ela sabia o que ela queria: *ser a esposa de Erik Rexford.*

Oh, ela não duvidava de seu amor por ela e Ava Grace — isso era claro. E sabia que queria construir um futuro com ela. Mas no fundo do coração,

onde ainda podia ouvir a voz de sua mãe, sentiu a palavra *marido* e queria Erik nesse papel em sua vida.

De pé, ela caminhou até a geladeira e tirou um jarro de chá doce, enchendo um copo e se debruçando contra o balcão enquanto o tomava.

Ele a proporia, não? Quando chegasse a hora certa? Quando ele estivesse pronto? Talvez depois de estarem em Nova York por um tempo, quando estivessem instalados e a vida retomasse um curso constante. Talvez, então, ele proposse a ela.

Ou, pensou ela, sentada de volta ao computador, *talvez não o fizesse. Talvez ele nunca fizesse.*

Eles já tinham uma filha juntos e poderiam muito bem ter outro a caminho. Eles seriam boêmios, morando em uma das maiores cidades do mundo com seus filhos, solteiros, ligados um ao outro apenas pelo amor. Isso poderia funcionar, não poderia?

— Claro que poderia funcionar — disse ela em voz alta, com falsas convicções. Mas silenciosamente, ela acrescentou: — O amor é o que importa. Nada mais.

Com a testa enrugada, ela voltou a trabalhar em seus projetos, esperando que as palavras se tornassem sua verdade mais cedo do que mais tarde, e odiando que a parte tradicional dela nunca acreditasse verdadeiramente neles.

Depois da escola, Erik levou Ava Grace para tomar sorvete, depois a Utopia Manor. A água tinha sido drenada da casa, os tapetes foram removidos para reparação e limpeza, e o trabalho já havia começado nos pisos de madeira.

Ele não sabia quando ele voltaria a pisar na casa, mas ele queria que sua filha a visse — para ver onde ele e Laire se encontraram há tantos anos, para ver onde sua história de amor nasceu. Ela olhou e deu um jeito quando eles atravessaram a mansão, sua mão bem apertada na dele, a outra mão segurando Sr. Mopples. Ele mostrou suas fotos de quando era criança e adolescente, e fotos

de sua tia Hillary, a quem ele prometeu que se encontrariam em breve.

Às quatro e trinta, ele enviou uma mensagem para Kelsey para confirmar que ele iria pegá-la às cinco, e quando ele se virou, Ava Grace olhava o grande retrato da mãe de Erik, pendido sobre a lareira na sala de estar.

— Ela é uma rainha? — perguntou Ava Grace solenemente.

Erik agachou-se ao lado dela, odiando o inferno que a mulher que segurava sua filha tão feliz na foto fosse a mesma mulher que os mantivera separados durante os primeiros cinco anos e meio de sua vida.

— Não. Essa é a minha mãe.

Ava Grace se virou para ele. — Minha vovó?

Erik respirou profundamente, inclinando a cabeça para o lado, desejando que as coisas fossem diferentes e ele tivesse uma família calorosa, amorosa e maravilhosa para compartilhar com sua pequena menina. — Acho que sim.

— E vou encontrá-la quando eu encontrar a tia *Hilnary*?

Ele sorriu. Depois de receber duas dúzias de pinguins esta manhã, Hillary alcançou status lendário, o que se refletiu na maneira como Ava Grace disse seu nome.

— Hillary — Então, lembrando sua pergunta, ele rapidamente parou de sorrir. — E não. Você não vai encontrar... Sua avó.

— Ela está morta como a Nana?

— Não, querida — ele disse, suspirando quando se levantou e olhou para o rosto régio de Fancy Rexford, que o fez fazer uma careta. — Ela apenas está... longe.

— E ela não pode ir a Nova York nunca? — Perguntou Ava Grace, enfiando a mão na dele.

— Não agora — disse ele. — Talvez... — Ele estremeceu, mas se

forçou a dizer as palavras por causa de sua filha. — Talvez algum dia.

Ela olhou para ele, sorrindo alegremente. — Um dia é bom o bastante, desde que eu tenha você e mama.

— Você definitivamente tem a mim e a mama — disse Erik, se aproximando para tomá-la nos braços, para que ele pudesse olhar nos olhos dela, maravilhando-se, como sempre fazia, com o quanto eles se pareciam com os seus. — De fato...

Inclinando-se para a frente, ele sussurrou algo em sua orelha, então se afastou para olhar seu rosto. — Isso seria bom?

Seu pequeno rosto se alargou em um sorriso de orelha a orelha, ela riu e acenou com a cabeça, agarrando-o ao redor do pescoço enquanto a apertava forte, seu coração estava cheio de felicidade.

Às cinco horas, Laire estava de banho tomado e vestida, usando seu vestido de inverno favorito: um original da Casa Scalzo em uma padronagem de zebra com um cinto de tamanho grande, mangas três-quartos e um decote profundo. De uma feira de rua em Paris, ela escolheu um colar de jato grosso, que ela apertou em torno de seu pescoço, e puxou suas botas de camurça negra, Roger Vivier, das quais ela pagou caríssimo quando Madame Scalzo lhe ofereceu o emprego. Ela escureceu os olhos com lápis e máscara marrom escuro, e iluminou seus lábios com brilho coral.

Verificando-se no espelho, ela sorriu. Modelo de passarela? Nem tanto. Mas sexy para uma menina dos Outer Banks? Claro que sim.

Ao fechar a porta do armário, Ava Grace entrou no quarto dela, contando-lhe tudo sobre o castelo na praia, chamado Utopia Manor, e ela olhou, encontrando Erik na entrada.

Ela observou seus olhos quando eles viajavam lentamente pelo seu corpo, escurecendo com desejo.

— Laire — ele respirou —, você está...

Ela sorriu para ele. — Obrigada.

— Quero dizer, droga, mulher!

— Erik! — Exclamou ela, seus olhos se alargando enquanto olhava para a filha.

Recompondo-se, ele riu. — Sua mãe parece dinamite esta noite, Ava Grace.

— Sim, ela é bonita. — Então ela pulou para cima e para baixo. — Mama! Kelsey está aqui! Ela trouxe pizza, e nós vamos assistir um filme!

Ela correu do quarto, tranças vermelhas escuras voando para trás e o Sr. Mopples segurado com força.

Erik foi até ela. — Quem é Você?

Seu coração deu cambalhota. — Laire Cornish.

Erik deu outro passo na direção dela, balançando a cabeça. — De jeito nenhum. Conheço Laire Cornish. Eu a conheci há seis anos na casa de verão dos meus pais. Ela tinha cabelos avermelhados e vestia *jeans* e botas e uma camisa preta. Ela me disse que tinha *bichinhos* e depois fugiu.

Laire riu, seu estômago revirando quando ele deu um passo mais perto. — Você não gosta desse visual?

— Você é tão sexy, querida, não quero sair desse quarto.

Ele estava tão perto agora, ela podia sentir o ar do mar em sua pele. — Você a levou à sua casa?

Suas mãos pousaram em seus quadris, e ele puxou-a contra seu peito. — Eu queria que ela visse antes de nos mudarmos.

— Você não acha que ela terá alguma chance?

Ele encolheu os ombros, seu rosto se endureceu. — Não por um tempo, querida.

Laire suspirou, colocando os braços em volta do seu pescoço e apoiando o rosto no ombro dele. Ela não queria estragar o humor perguntando sobre sua família. — Então, me diga, para onde vamos esta noite?

— Sem chance. Você verá quando chegarmos lá. Está pronta?

Ela se afastou dele e assentiu com a cabeça, feliz de que seu flerte restaurasse seu humor. Saindo de seus braços, ela agarrou sua *clutch* de seda preta. — Vou dar um oi para Kelsey.

Ele assentiu. — Apenas me dê um minuto para me trocar.

Erik parou no estacionamento da Pamlico House, como ele já tinha feito centenas de vezes antes — como ele tinha feito todo aquele verão quando ele e Laire namoravam pela primeira vez, como fez há pouco mais de uma semana, quando ele foi para Banks para verificar a casa de seus pais. Mas esta noite, suas mãos suavam e seu estômago estava revolto com borboletas. Sim, ele já obteve a permissão de Ava Grace na sala de estar em Utopia Manor, mas Laire diria sim? Ou ela pediria um tempo? Eles acabaram de se encontrar, lembrou-se. Se ela precisasse de um pouco de tempo, não era um não; Era apenas uma pausa. Certo? Certo.

Abrindo a porta do carro, ele pegou sua mão enquanto subiam os degraus para a área de recepção.

— A sala de jantar não está aberta ainda, não é? — perguntou Laire.

Erik abriu a porta. — Nós não vamos à sala de jantar. Nós vamos no andar de cima.

Laire virou-se e olhou para ele. — Ao terraço?

Ele assentiu. — Tudo bem?

— Eu pensei que íamos jantar.

— E vamos — disse ele, inclinando-se para pressionar seus lábios contra os dela. — Agora, sem mais perguntas.

Ele havia arranjado tudo com Kelsey, chamando-a de Raleigh há dois dias, depois de ter comprado o anel em Sidney Thomas e perguntado se era possível organizar um jantar privado para dois sob as estrelas na noite de sexta-feira. Depois de algumas perguntas insistentes, Kelsey concordou em montar tudo, sua emoção assumindo o controle quando ela disse a Erik para deixá-la cuidar de tudo. Agora, quando subiu as escadas com Laire, ele esperava que “tudo” estivesse perfeito.

Abrindo a porta do telhado, ele segurou para ela, observando por cima do ombro enquanto ela parou ao lado da mesa à luz de velas, sentindo a satisfação de seu suspiro surpreso e silenciosamente prometendo dar uma gorjeta de cem dólares a Kelsey quando chegassem em casa esta noite.

Uma pequena mesa, coberta com uma manta branca e longa, tinha sido colocada para dois, com pratos de porcelana e prata brilhante. A água do gelo brilhava em dois copos, e uma garrafa de champanhe descansava no balde gelado. Na mesa havia um arranjo baixo de rosas vermelhas, cercado de velas cintilantes, e em um *rechaud* ao lado da mesa, Erik sabia que encontraria vegetais grelhados e pãezinhos.

Mas a parte mais importante da noite aconteceria agora. Erik caiu de joelhos quando Laire se virou para encará-lo.

Ela ofegou novamente, as lágrimas em seus olhos se espalhando sobre seu rosto enquanto ela cobria sua boca, seus olhos verde-marinhos tão largos, que não podia deixar de sorrir.

— Querida, posso ter sua mão?

Tremendo, ela deixou cair as mãos do rosto e ofereceu uma para ele.

— Erik — ela murmurou com um soluço suave, balançando a cabeça. —, você não precisava fazer isso por mim.

— É claro que sim — disse ele, pegando a mão firmemente na dele. — Nós namoramos em segredo. Você teve nossa filha sozinha. Mas isso, querida? Desta vez vou fazer isso direito.

Ela sorriu para ele, resmungando suavemente enquanto ela enxugava as lágrimas debaixo de seus olhos.

Alcançando no bolso com a mão livre, retirou uma caixa de veludo preto e a abriu. Ela inalou bruscamente, olhando-o por um momento antes de deslocar os olhos para os dele, mais lágrimas descendo.

— Laire. Querida. Espere. Primeiro, eu quero que você saiba: esta tarde em Utopia Manor, obtive permissão de Ava Grace para pedir a sua mãe para se casar comigo, então, eu não quero que você pense que ela não está nisso. Ela está. E o Sr. Mopples também, abençoado seja seu coração.

Laire riu suavemente, seus ombros tremendo enquanto ela acenava para ele para continuar.

— Querida, eu te amei desde o primeiro momento em que te vi. O meu sentimento só cresceu mais profundo naquele verão, até que o único futuro que eu poderia imaginar incluía você. Eu fui destruído para qualquer outra mulher.

Sua mão apertou a dela.

— Mesmo quando eu perdi você, não parei de te amar, Laire. Tudo o que precisou foi um simples vislumbre do seu rosto para cada sentimento que eu já tive voltar tão rápido, eu dificilmente poderia suportar deixá-la fora da minha vista.

As lágrimas caíam em cascata em seu rosto, e ela acenou com a cabeça para ele, seu sorriso tão verdadeiro e tão encantador, que tirou-lhe o fôlego.

— Eu não quero viver outro dia sem você. Eu não quero essa vida se você não estiver nela. Quero acordar ao seu lado todos os dias e fazer amor com você todas as noites. E cada momento no meio, eu quero saber que você é minha e eu sou seu, e nós somos a única família que precisaremos.

Um pequeno soluço saiu de seus lábios enquanto ela assentia.

— E se você precisar de tempo, querida, está tudo bem. Porque sempre seguimos nossas próprias regras. E não vou a nenhum lugar outra vez, a menos que você esteja comigo.

Sua mão estava tremendo, mas maldição, ela parecia tão linda, uma parte dele desejava ter mais a dizer, apenas para que ele pudesse se ajoelhar um pouco mais, olhando para a sereia, a garota sardenta e ruiva que tinha capturado seu coração há tanto tempo.

— Você está pronta? — Ele perguntou, sorrindo para ela, com esperança de que seu final feliz estivesse ao seu alcance.

Ela assentiu e continuou acenando quando ele perguntou: — Você vai se casar comigo, querida?

Ela começou a acenar com a cabeça no meio da sua proposta, até que ela conseguiu, através das lágrimas e das risadas, responder: — Sim.

Sorrindo para ela, Erik tirou o anel da caixinha e o colocou no dedo, o diamante de dois quilates, ladeado por duas safiras de cor esmeralda, pegando a luz da lua enquanto movia seus dedos. — Ahhh, Erik. É tão bonito.

Alcançando a outra mão, ele se levantou, olhando para o rosto dela, iluminado pela lua e as estrelas, sim, mas também iluminado pelo espírito desta incrível mulher que era a mãe de sua filha e sua futura noiva, na Terra e para a eternidade.

— Sim — ele disse, segurando seu doce rosto e se inclinando para reivindicar seus lábios com os dele —, é.



EPÍLOGO

Dia dos namorados

Encontrar um apartamento na cidade de Nova York não era tão simples quanto planejava Laire.

Ela sempre imaginou que ela e Ava Grace viveriam a uma simples caminhada, não muito longe dos escritórios da Sra. Scalzo, e ela deixaria Ava Grace na escola todos os dias, a caminho do trabalho. Mas Erik estava acostumado a um modo de vida diferente, e seu fundo fiduciário, combinado com o salário que ele faria na Dryer & Wolverton, LLC, o principal escritório de advocacia de entretenimento de Nova York, significava que eles poderiam ter um pouco mais de luxo.

Embora sentisse como uma extravagância indevida para Laire, eles finalmente concordaram em um apartamento de três quartos, três banheiros, dois andares no Atria, um prédio com porteiro de luxo no bairro de Murray Hill. Erik gostava do centro de *fitness*, Ava Grace gostava do parque infantil *in-door*, e

Laire gostava do jardim no telhado, onde poderia ver o East River quando sentisse saudade do mar. Quando Erik tentou insistir na escola particular, no entanto, Laire fincou pé, dizendo-lhe que a escola pública local — uma das mais novas da cidade de Nova York — era a escolha certa para Ava Grace. Seria bastante difícil convencer sua filha de que ela *não* era uma princesa depois do jeito que Erik e Hillary a encheram de presentes. Laire precisava tomar *algumas* decisões para manter Ava Grace realista.

Então, novamente, ela pensou, cobrindo o estômago com amor com a palma da mão, havia outros fatores que garantiriam que Ava Grace não fosse tão mimada — compartilhar seus pais, por exemplo, seria bom para ela.

Mas, por enquanto, apenas até esta noite, quando ela compartilharia suas boas notícias com Erik como um presente de casamento, o doce segredo de sua gravidez era dela e dela somente, e ela o saboreava.

A porta abriu, e Laire olhou para cima quando a esposa de Patrick, Samantha, entrou na pequena sala da noiva da igreja com dois copos de champanhe, entregando-lhe um deles.

— Como estão os nativos? — Perguntou Laire, colocando o copo na penteadeira sem tomar um gole.

— Inquieto — disse Samantha com um sorriso. — Mas, graças a Deus, Jude ainda está dormindo. Patrick parece terrificado que ele vai acordar a qualquer segundo fazendo o caos.

— Algum sinal de Hillary e Pete?

Samantha balançou a cabeça. — Não. Eu perguntei a Erik, e ele disse que seu avião chegou meia hora atrás. Acho que eles estão em um táxi?

— Provavelmente no trânsito — disse Laire, entregando o colar dos Elizabethan Gardens para sua amiga. — Pode colocá-lo em volta do meu pescoço?

— Mm-hm — disse Samantha, sorrindo para Laire no espelho. — Eu queria que Judith pudesse estar aqui hoje.

Laire pensou melancolicamente sobre suas duas mães — a mãe que ela

havia perdido quando criança — e a querida Judith, que tinha sido tão boa para ela como uma adolescente perdida e uma jovem mãe. Ela também desejava que estivesse aqui hoje.

Samantha encarou Laire através do espelho. — Eu não sabia se eu deveria perguntar ou não, mas... sua família não vem?

A verdade? Laire tinha dito a seu pai e irmãs sobre o casamento dela, mas eles não se ofereceram para presenciar e ela não havia pedido. Não por qualquer maldade, mas porque teriam que descobrir uma maneira de dizer não. Para as pessoas que não queriam mais do que viver e morrer na mesma pequena ilha, uma viagem a Nova York não era uma coisa excitante ou uma aventura, mas terror. E pedir-lhes não seria um ato de inclusão, mas egoísmo.

Laire sempre amaria seu pai e suas irmãs, e todo verão, quando ela voltasse para Banks com seu marido e filhos, ela os visitaria. Mas ela escolheu um caminho muito diferente para sua vida, e parte de respeitar sua educação única era não forçar sua família a abraçar as mudanças que ela decidiu fazer na sua própria jornada.

— Você é minha família — disse Laire. — Você e Pat. Jude. Erik e Ava Grace. E Hillary e Pete, se conseguirem chegar aqui!

Logo, a porta da pequena sala abriu-se, e Hillary entrou correndo, parecendo agitada. — Desculpe, estamos atrasados! Eu trouxe meu vestido!

Laire levantou para abraçar a irmã de Erik e apresentou Hillary e Samantha antes que esta se apressasse a encontrar outro copo de champanhe para acalmar os nervos de Hillary e pegar Ava Grace para o cortejo.

— Taxista desgraçado! — vociferou Hillary, jogando a blusa no chão e soltando a saia. — Pegou o trajeto mais longe possível!

No mês e meio desde que Laire e Erik se reuniram, Hillary tornou-se uma de suas amigas mais queridas. Elas se falavam por telefone ou por e-mail todos os dias, e quando Pete finalmente havia proposto a Hillary, duas semanas atrás, Erik e Laire foram as primeiras pessoas que ela chamou. Ela entendeu por que Erik adorava tanto a sua irmã de fala direta, e Laire estava aliviada por ter uma aliada no campo dos Rexford.

Por insistência de Erik, eles não haviam convidado seus pais para o casamento, mas Laire ainda esperava que, ao longo do tempo, ele cedesse. Eles nunca estariam perto dos Rexfords pais, mas por causa de seus filhos, Laire sempre trabalharia para alcançar a paz.

— Estou feliz que você esteja aqui, Hills.

— Eu também! — Ela disse, puxando seu vestido de dama de honra e virando-se para que Laire pudesse fechá-lo.

— Agora mostre-me o anel! — Insistiu Laire, pegando a mão de Hillary para olhar o gigantesco anel de noivado que Pete tinha dado a ela: um solitário de diamante de corte duplo e quadrado de cinco quilates. Ela suspirou em apreciação. — É lindo.

— Tão lindo quanto o seu — disse Hillary com um sorriso, abraçando Laire. — Você o faz tão feliz.

— Ele me faz feliz — disse Laire, piscando as lágrimas enquanto segurava Hillary.

A porta se abriu novamente, e Samantha entrou, entregando a Hillary um copo de champanhe quando Ava Grace correu para sua mãe.

— Você está pronta, Mama?

Vestida com o vestido da “meninas das flores”, de cetim rosa e uma coroa que combinava com as fitas que seguiam por suas costas, Ava Grace estava absolutamente linda.

— Sim, querida.

— Papai está realmente nervoso — disse ela. — Então eu o deixei ficar com Sr. Mopples.

Ela mostrou-se surpresa. — Você fez isso?

Ava Grace assentiu. — Ela está sentada nos degraus da igreja, ao lado dos pés de papai.

— Isso é perfeito, querida.

— Você está linda, mama.

— Você também, Ava Grace. Diga oi à tia Hillary.

— Oi, tia Hillary! Você me trouxe um presente?

— Sim, eu trouxe, estrelinha, mas vamos deixar sua mãe e seu pai casarem primeiro, hein?

Samantha pegou a mão de Ava Grace na dela e sorriu para a antiga estudante de balé. — Estamos prontas, pequena senhorita?

— Uh-huh.

Laire alcançou seu buquê — uma mistura de rosas brancas e frêcias — e assentiu. — Estamos prontas.

Samantha, Ava Grace e Hillary a precederam no vestíbulo da igreja.

O cerimonialista, que havia trabalhado na velocidade máxima desde sua mudança para Nova York na segunda semana de janeiro, abriu as portas para o pequeno santuário, assim como o organista começou a tocar o Canon de Pachelbel em D.

Ava Grace e Samantha começaram a descer a nave primeiro, depois Hillary, que deixou Laire sozinha, levantando os olhos para o altar, onde o seu belo príncipe esperava, seus olhos escuros focados, com profundas ondas de amor, sobre os dela.

Ao dar seu primeiro passo em direção a ele, ela sentiu isso em seus ossos e em seu sangue, em todos os cantos do coração dela, como se Deus lhe desse um *preview* de sua vida, uma promessa para o futuro dela: haveria mais bebês para amar e mais dias na praia para compartilhar, uma vida em Nova York e verões em Banks. Haveria bons e maus dias, claro, momentos de alegria e momentos de desespero. A vida era uma abundância, nada menos que isso.

Mas ao longo de tudo, os altos e baixos, até o final de seus dias, Laire e Erik nunca mais se separariam. Havia um presente raro ao ter experimentado a

solidão selvagem da separação: durante o tempo que vivessem, jamais tomariam como garantido seu tempo juntos.

— Oi — ela sussurrou quando alcançou o altar.

Ele ofereceu sua mão e ela pegou.

— Oi — ele disse, entrelaçando os dedos com os dela enquanto ela se aproximava ao lado dele.

Havia muito mais a dizer, é claro, mas havia uma vida à frente para fazer isso. Unidos pelas mãos, eles olharam para frente quando o ministro se dirigiu a eles, começando a cerimônia que os uniria oficialmente... embora já fossem uma família.

Nós somos cada um nascido de uma família, é verdade, mas Laire, que nasceu do mar, e Erik, que nasceu da terra, levaram seus destinos por suas próprias mãos e, com suas próprias regras, garantiram um ao outro para sempre.

E assim viveram. . .

Felizes para sempre.

FIM

CARTA PARA MEUS LEITORES

Querido leitor,

Obrigada por ler meu último conto moderno, *Do not Speak*. Espero que tenha gostado de ler a história de Laire e Erik tanto quanto amei escrever.

Eu sou mãe de dois filhos, e eles são as luzes da minha vida, mas não consigo imaginar o trabalho que seria tê-los sozinha ou criá-los sozinha. Admiro as mães solteiras mais do que posso dizer porque sei quanto trabalho é necessário para criar uma criança, e eu tenho um ótimo parceiro.

Em *Do not Speak*, Laire luta por um plano para ter e criar Ava Grace sozinha depois que ela se encontra grávida e abandonada. Felizmente, Judith Sebastian se torna uma espécie de mãe substituta e anjo da guarda, ajudando com um local, direção e cuidados infantis, enquanto Laire perseguia uma educação universitária, que mudaria sua vida. Este é um exemplo maravilhoso de uma mulher que ajuda desinteressadamente outra mulher a tornar seus sonhos realidade — uma missão próxima e querida ao meu coração.

Tenho a honra de ajudar* outras mulheres a alcançar seus objetivos educacionais e espero que você fique orgulhoso de sua compra deste moderno conto de fadas, tendo sua participação na capacitação das mulheres para serem o melhor que podem ser.

Com amor,

Katy

(*De fevereiro a março de 2017, no lançamento do livro em inglês, a autora doou 15% das vendas deste título a uma organização que ajuda mulheres abandonadas a alcançarem seus sonhos).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu devo tanto a Mia, que segurou minha mão a cada passo do caminho com esse romance. Com mensagens escritas e de voz de encorajamento mútuo, escrevemos *Do not Speak* e *Preston's Honor* juntos, e sempre pensarei nesses dois livros como espíritos afins no meu coração. Eu te amo muito, doce Mia, e eu estou muito grata por sua amizade.

Amy, Heidi, Leylah, Toni, Amy, Karen, Mikey, Laura, Robyn, Ilsa, Beth, Becca, Penny, Pam, Kelly, Melody, Aleatha, Aly, Corinne, Tia, Jennie, Molly, Christi, Carey, Kristen, Kirby, Vi, P, Skye, Marquita, Kally, Annika, Violet e todas as meninas que participam do KWK17 e do IT'S INDIE/This is ROMANCE, **vocês** são minha tribo. Estou maravilhada com vocês e grata, e amo ver como cada uma de vocês faz seus sonhos serem realidade neste mundo às vezes louco na publicação *indie*.

Para Chris, Nik, Tanner e Tyler, obrigada. Vocês quatro são os melhores treinadores do mundo, e tenho muita sorte em trabalhar com vocês quatro vezes por semana. Um agradecimento especial a Tanner, que me treinou em um dia em que eu perdi uma quantidade significativa de escrita neste livro. Ele ouviu enquanto passava uma hora recriando a trama, oferecendo sugestões úteis para substituir o trabalho que eu havia perdido.

Para Samantha Shafer e o Patrick dela, obrigada por me deixarem usar seus nomes para a nora e o filho de Judith e para ser meu #FBBFF (Facebook Best Friend Forever). E para minhas leitoras, Madelyn e Karen, que me deram nomes (Kyrstin e Remy) para usar em *Do not Speak*, agradeço suas contribuições.

Para as minhas amigas das *Katy's Ladies*, muitas das quais estão me animando desde o início, sou incrivelmente abençoada por ter todas vocês na minha vida e na minha equipe. Obrigada por amarem meus livros e serem o público mais incrível que um autor poderia desejar. Eu aprecio cada uma de vocês.

Para a minha equipe de produção: Chris e Melissa (edições), Tessa (edições de desenvolvimento), Marianne (design de capa e gráficos), Tanya (gráficos), Tina (trailer), Cassie Mae (formatação), Julie (revisão) e Heather (RP) — Não apenas digo que tenho a melhor equipe em todo o mundo. Eu *tenho* de verdade. Sou grata por cada um de vocês. Seus talentos são imensuráveis, e eu dependo de vocês mais do que vocês imaginam. Obrigada por me encontrarem uma e outra vez. Espero que vocês estejam orgulhosos do trabalho que fazemos juntos. Eu sei que estou!

Para os meus pais, Diane e George, por serem as luzes orientadoras da minha vida. Vocês encorajam e inspiram, apoiam e celebram. Obrigada do fundo do meu coração por seu amor incondicional. Eu sou a filha mais sortuda do mundo inteiro.

E finalmente... para George, Henry e Callie. Vocês são meu bem amado, meu coração, minha alma, minha vida inteira e tudo o que vale a pena viver. O mais importante é a bondade, e eu amo muito a cada um de vocês.

SOBRE A AUTORA

A autora de best-sellers do *New York Times* e *USA Today*, Katy Regnery, iniciou sua carreira de escritora ao se inscrever em uma aula básica de história em janeiro de 2012. Um ano depois, ela assinou seu primeiro contrato e o primeiro romance foi publicado em setembro de 2013.

Vinte e cinco livros mais tarde, Katy reivindica a autoria no *New York Times* e dos *Today USA*, dos mais vendidos, a série *Blueberry Lane*, que segue as famílias inglesas, Winslow, Rousseau, Story e Ambler da Filadélfia; os seis livros da série *Contos de Fada Modernos*; e vários outros romances autônomos e novelas.

Katy vive nas relativas selvas do norte do Condado de Fairfield, Connecticut, onde seu quarto de escrita dá para o bosque, e seu marido, duas crianças pequenas, dois cachorros e uma gatinha Blue Tonkinese criam apenas um caos alegre suficiente para lembrá-la de que as melhores histórias de amor começam em casa.

Inscreva-se no boletim informativo da Katy hoje:
www.katyregnery.com

NOTAS

N1 = Rhose Island School of Design

N2 = No original em inglês, a personagem diz “I’ve got crabs”. A palavra crabs tanto signifca caranguejo quanto piolho-caranguejo, também conhecido como chato.

N3 = Bar do mijo

N4 = Anel de cocktail é uma joia com pedra grande para chamar atenção. Normalmente suas pedras não são verdadeiras.

N5 = Take a trip = fazer uma viagem/tripped = tropeçou

be22
EDITORA

NOS
BRAÇOS DO
ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

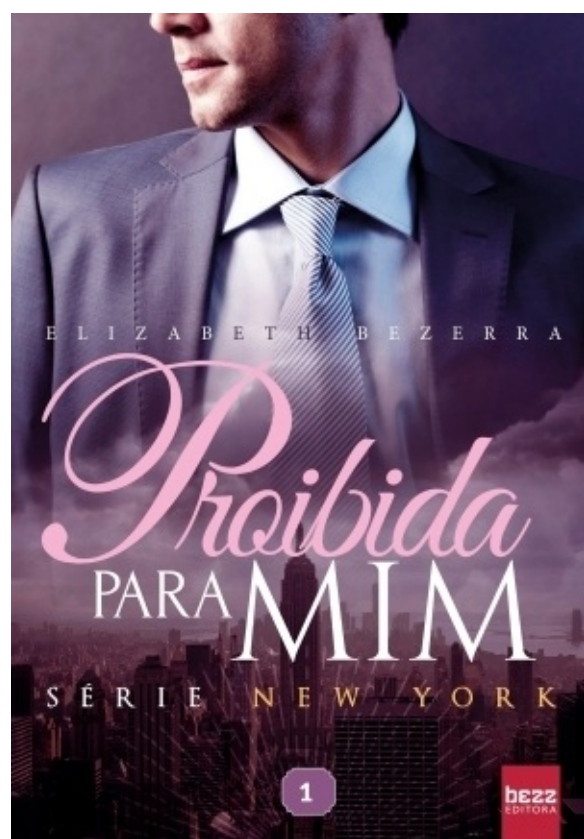
9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

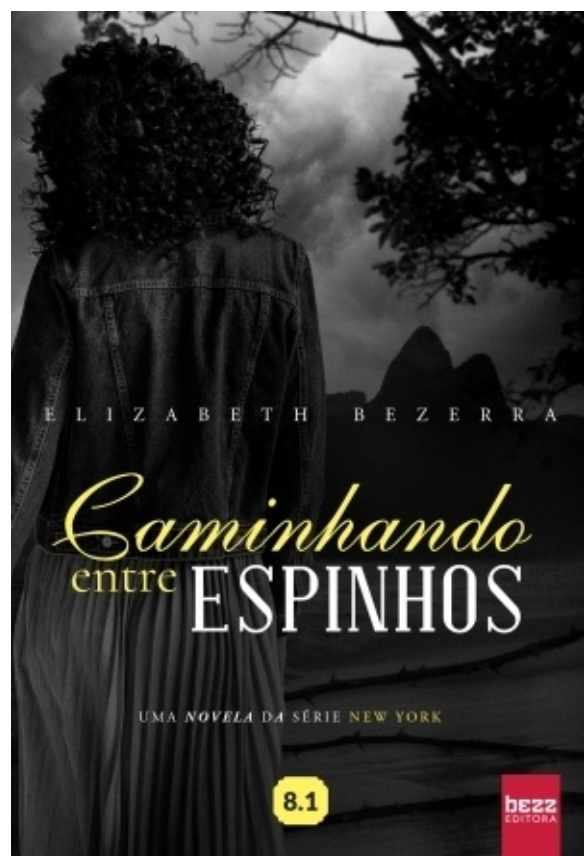
9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)



Caminhando entre espinhos

Bezerra, Elizabeth

9788568695821

184 páginas

[Compre agora e leia](#)

Era uma vez uma garota... Que acreditava nas pessoas, na beleza da vida e em um amor puro e bonito. Era uma vez uma garota... Que descobriu que pessoas são ruins. Que o mundo em que vive é cheio de maldade e de dor. Era uma vez uma garota... Presa em uma torre alta, por um homem horrível e cruel. Era uma vez uma garota... Que deixou de acreditar em sonhos, contos de fadas e que príncipes encantados existem. Era uma vez uma garota... Que pulava entre as nuvens. Agora... essa garota caminha entre espinhos. Aviso: O livro é uma introdução do romance entre Peter e Fabiana. Contém cenas de violência e linguagem indevido. Aborda temas polêmicos como preconceito, abuso, escravidão sexual e tortura. Não recomendado para menores de 16 anos.

[Compre agora e leia](#)

bezz
EDITORA

HIGH DEFINITION

O AMOR NÃO TEM GÊNERO



J.V.LEITE

High Definition

Leite, J.V.

9788568695784

383 páginas

[Compre agora e leia](#)

Daniel, 18 anos, criado como filho legítimo dos seus avós, vive na completa ignorância sobre sua verdadeira paternidade. Henrique, 19 anos, após a morte de seu pai, assume os negócios da família junto com a irmã. Ambos heteros. Daniel e Henrique, melhores amigos de infância, após uma viagem a um paraíso nordestino, descobrem o inesperado, o quase impossível. Descubrem o amor um no outro. Um amor secreto e incondicional, regado ao medo e ao preconceito, mas que traz à tona o segredo de família, mudanças de paradigma, aceitação e entrega.

[Compre agora e leia](#)



Rosto bonito

Hunter, Sable
9788568695623
154 páginas

[Compre agora e leia](#)

A vida de Cody é definida por duas grandes verdades: Ela está apaixonada... e ela cometeu um grande pecado. Cody foi brincar com o fogo e ela está prestes a se queimar. Faminta por atenção, ela permitiu que um homem maravilhoso se apaixonasse por ela. Seu único contato tem sido as conversas via internet e telefone. Cody quer mudar sua vida, dizendo meias verdades e enviando fotos de uma mulher com um belo corpo e um rosto bonito, mas essa mulher não é ela. Marcada no rosto por um abuso, ela se esconde dos olhares indiscretos. Cody ama Hunter o suficiente para deixá-lo ir. Ela está disposta a desaparecer da sua vida. Hunter quer encontrá-la, mas ela se recusa. Mas se Cody não for até ele, Hunter irá até Cody. Então, em plena Mardi Gras, um momento de amor e risos, máscaras são usadas e Cody usa-a para esconder mais do que um rosto bonito.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

PRIMEIRA PARTE

Capítulo1

Capítulo2

Capítulo3

Capítulo4

Capítulo5

Capítulo6

Capítulo7

Capítulo8

Capítulo9

Capítulo10

Capítulo11

Capítulo12

Capítulo13

Capítulo14

Capítulo15

Capítulo16

INTERLÚDIO

SEGUNDA PARTE

A tempestade pós-natal atinge OBX

Capítulo17

Capítulo18

Capítulo19

Capítulo20

Capítulo21

Capítulo22

Capítulo23

Capítulo24

Capítulo25

EPÍLOGO

CARTA PARA MEUS LEITORES

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

NOTAS